



Aura Negra

Richelle Mead

Academia de Vampiros

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Aura
negra

Aura negra

Richelle Mead

Tradução
Inês Cardoso



Título original: FROSTBITE

Copyright © 2008 by Richelle Mead

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A.
Rua Nova Jerusalém, 345 – Bonsucesso – 21042-235
Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Tel.: (21) 3882-8200 – Fax: (21) 3882-8212/8313

Texto revisto pelo novo Acordo Ortográfico

CIP-Brasil. Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

M431a
Mead, Richelle
 Aura negra / Richelle Mead ; tradução Inês Cardoso. – Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2010.

Tradução de: Frostbite
ISBN 978-85-209-2444-0

1. Ficção americana. I. Cardoso, Inês. II. Título. III. Série.

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Sumário

Prólogo	
Um	
Dois	
Três	
Quatro	
Cinco	
Seis	
Sete	
Oito	
Nove	
Dez	
Onze	
Doze	
Treze	
Catorze	
Quinze	
Dezesseis	
Dezessete	
Dezoito	
Dezenove	
Vinte	
Vinte e um	
Vinte e dois	
Vinte e três	
Agradecimentos	

Prólogo

As coisas morrem. Mas nem sempre elas permanecem mortas. Acredite em mim, eu sei do que estou falando.

Existe uma raça de vampiros nesta terra que é literalmente a dos mortos-vivos que vagam pelo mundo. Chamam-se Strigoi, e, se você ainda não tem pesadelos com eles, deveria ter. Eles são fortes, são rápidos e matam sem piedade e sem qualquer hesitação. Eles são imortais, também, o que faz com que sejam difíceis de destruir. Há apenas três maneiras de fazer isso: atravessando uma estaca de prata no coração, decapitando-os ou tacando fogo neles. Nenhuma dessas opções é de fácil execução, mas ainda é melhor do que se não houvesse maneira alguma de destruí-los.

Existem também vampiros bons andando pela Terra. Chamam-se Moroi. Estão vivos e possuem o poder incrivelmente formidável de fazer magia com um dos elementos da natureza — terra, ar, água ou fogo. (Bem, quase todos os Moroi podem fazer magia — mas vou explicar melhor as exceções mais tarde.) Eles não usam mais a magia para grandes feitos, o que é um pouco triste. Seria uma poderosa arma, mas os Moroi acreditam fortemente que a magia só pode ser usada com fins pacíficos. Esta é uma das grandes leis que regem a sociedade deles. Os Moroi também são, em geral, altos e longilíneos, e não toleram uma exposição prolongada ao sol. Mas eles compensam esta fraqueza com visão, olfato e audição sobre-humanos.

Os dois tipos de vampiros precisam de sangue. Deve ser isso que os define como vampiros, não? Os Moroi, no entanto, não matam para obter seu sangue. Em vez disso, eles mantêm humanos por perto que, por livre e espontânea vontade, doam pequenas doses do seu sangue a eles. Eles se voluntariam para essa função porque as mordidas de vampiros contêm endorfina, que produz uma sensação muito, muito boa e que pode, inclusive, viciar. Sei disso por experiência própria. Esses doadores humanos são chamados de fornecedores e são irremediavelmente viciados em mordidas de vampiros.

Cercar-se de fornecedores é, ainda assim, um jeito melhor do que o encontrado pelos Strigoi para saciar sua fome, pois, como você já deve ter imaginado, eles simplesmente matam para obter o sangue dos humanos. Acho que é disso que eles gostam. Se um Moroi mata uma vítima ao beber seu sangue, ele se transforma num Strigoi. Al-guns Moroi fazem isso por vontade própria, abdicando de sua magia e de seus princípios em troca da imortalidade. Os Strigoi também podem ser gerados à força. Se um Strigoi bebe o sangue de uma vítima e depois a obriga a beber o sangue desse Strigoi de volta, bem... aí você tem um novo Strigoi. Isso vale para qualquer um: Moroi, humano ou... dampiro.

Dampiro.

Isso é o que eu sou. Dampiros são meio humanos, meio Moroi. Eu gosto de pensar que fomos contemplados com as melhores características das duas raças. Sou forte e resistente como os humanos. Também posso ficar exposta ao sol o quanto quiser, mas, assim como os Moroi, eu tenho os sentidos bastante aguçados e reflexos rápidos. Conclusão: os dampiros são excelentes guarda-costas — que é o que a maioria de nós faz. Somos chamados de guardiões.

Passei toda a minha vida sendo treinada para proteger os Moroi dos Strigoi. Eu cumpro toda uma série de aulas e práticas especiais na Escola São Vladimir, um colégio particular para estudantes Moroi e dampiros. Sei usar todos os tipos de armas e consigo aplicar alguns golpes bastante certos. Já dei surras em sujeitos duas vezes maiores do que eu — tanto dentro quanto fora da escola. E é só em garotos mesmo que eu bato, já que há muito poucas garotas nas minhas aulas.

Isso acontece porque se, por um lado, os dampiros herdam as melhores características de ambas as raças, por outro, existe uma coisa que nós não podemos fazer. Dampiros não podem ter filhos com outros dampiros. Não me pergunte por quê. Eu não sou especialista em genética nem nada. Humanos e Moroi, se fi carem juntos, vão sempre produzir mais dampiros; é essa a nossa origem. Mas isso não acontece tanto hoje em dia; os Moroi tendem a manter distância dos humanos. Por conta de um outro golpe de sorte genético, no entanto, a mistura de Moroi com dampiros produz crianças dampiras. Eu sei, eu sei: é uma coisa doida. Imagina-se que, nesse caso, nasceria um bebê que fosse três quartos vampiro, não é? Nada disso. É meio humano, meio Moroi.

A maioria desses dampiros são filhos de homens Moroi com dampiras. As mulheres Moroi preferem ter filhos da mesma espécie. E o que geralmente acontece é que os homens Moroi têm casos com as mulheres dampiras e depois as abandonam. Isso gera uma grande quantidade de mães solteiras entre as dampiras, e por isso poucas delas se tornam guardiãs. Elas preferem se dedicar a criar seus filhos.

Assim, apenas os garotos e algumas garotas são encaminhados para serem guardiões. Mas aqueles que escolhem esse caminho levam seu trabalho muito a sério. Os dampiros precisam dos Moroi para continuar gerando crianças. Nós *temos* que protegê-los. E, além do mais, essa é... é a coisa certa a fazer. Os Strigoi são demoníacos, são criaturas desnaturadas. Não é certo caçar inocentes. Os dampiros treinados para serem guardiões aprendem estes valores desde o dia em que dão os primeiros passos. Os Strigoi são maus. Os Moroi precisam ser protegidos. Os guardiões acreditam nisso. Eu acredito.

E tem um Moroi que eu quero proteger mais do que qualquer outro no mundo: minha melhor amiga, Lissa. Ela é uma princesa Moroi. Existem doze famílias reais Moroi, e ela é o único membro que sobrou de sua família, os Dragomir. Mas tem outra coisa que torna Lissa especial, além do fato de ela ser minha melhor amiga.

Lembra quando eu disse que cada Moroi é capaz de fazer magia com um dos quatro elementos? Bem, acontece que Lissa maneja um elemento que até bem pouco tempo ninguém sabia que existia: o espírito. Durante anos, nós pensamos que ela não ia desenvolver suas habilidades mágicas. Então, coisas estranhas começaram a acontecer com ela. Por exemplo, todos os vampiros possuem uma habilidade chamada compulsão, que os permite impor a sua vontade aos outros. Nos Strigoi esta habilidade é extremamente forte. Nos Moroi é mais fraca, e é também proibida para eles. Lissa, no entanto, possui uma capacidade de compulsão quase tão forte quanto a dos Strigoi. Num piscar de olhos, ela consegue que os outros façam o que ela quer.

E isso nem é o mais extraordinário de que ela é capaz.

Eu disse antes que coisas mortas nem sempre permanecem mortas. Bem, eu sou uma delas. Não se

preocupem — não sou como os Strigoi. Mas eu já morri uma vez. (E não recomendo a ninguém.) Aconteceu quando o carro em que eu estava derrapou e saiu da estrada. Eu morri no acidente. Os pais de Lissa e o irmão dela também. No entanto, em algum lugar no meio do caos — sem nem se dar conta do que estava fazendo — Lissa usou o espírito para me trazer de volta à vida. Depois do acidente, ficamos um longo tempo sem saber como isso acontecera. Na verdade nós mal sabíamos que existia o espírito.

Infelizmente, uma pessoa descobriu isso antes de nós. Victor Dashkov, um príncipe Moroi à beira da morte, percebeu os poderes de Lissa e pensou em aprisioná-la e torná-la sua fonte particular de cura — pelo resto da vida dela. Quando vi que alguém a estava perseguindo, decidi tratar o assunto com minhas próprias mãos. Fugi da escola com ela e fomos viver no meio dos humanos. Foi divertido, mas também um pouco tenso, por estarmos sempre fugindo. Nós conseguimos viver assim durante dois anos, até que as autoridades da escola São Vladimir nos encontraram e nos arrastaram de volta alguns meses atrás.

Foi nessa época, depois de nossa volta à escola, que Victor aplicou esse golpe traiçoeiro, raptando e torturando Lissa até que ela se visse obrigada a obedecer a suas ordens. Para tanto ele usou de meios bastante radicais, como enlaçar a mim e a Dimitri, meu mentor, com um feitiço de luxúria (falo *dele* mais tarde). Victor também explorou o fato de o dom do espírito estar começando a deixar a mente de Lissa instável. Mas isso não foi pior do que o que ele fez com a própria filha, Natalie. Ele a encorajou a se tornar uma Strigoi apenas para ajudá-lo a fugir. Ela acabou morrendo com uma estaca cravada no coração. Mesmo depois de vê-la transformada em Strigoi, Victor não demonstrou nenhuma culpa pelo que a levava a fazer. Isso me fez pensar que eu talvez não tivesse perdido grande coisa por ter sido criada sem a presença de um pai.

Então, agora eu preciso proteger Lissa tanto dos Strigoi quanto dos próprios Moroi. Apenas alguns poucos guardiões sabem dos poderes de Lissa, mas tenho certeza de que existem outros Victors por aí prontos para tentar fazer uso deles. Felizmente, eu tenho uma arma a mais que me ajuda a mantê-la a salvo. Em algum momento, durante a cura que ela operava em mim depois do acidente de carro, o espírito criou um forte laço psíquico entre nós duas. Eu posso ver e sentir o que ela vive (mas é uma via de mão única: ela não pode “sentir” o que se passa comigo). O laço me ajuda a mantê-la sempre sob minha vigilância e a saber quando ela está com problemas, embora, às vezes, seja estranho ter uma outra pessoa dentro da sua cabeça. Nós temos plena certeza de que há outras coisas de que o espírito deve ser capaz, mas ainda não as conhecemos.

Enquanto isso venho tentando ser a melhor guardiã possível. O tempo que passamos fora da escola, quando fugimos, me deixou atrasada com os treinamentos, então agora preciso de aulas extras para recuperar o tempo perdido. Não há nada no mundo que eu deseje mais do que manter Lissa a salvo. Infelizmente há duas coisas que, de vez em quando, complicam o meu treinamento. Uma delas é que eu, às vezes, ajo antes de pensar. Estou me esforçando para evitar isso e tenho melhorado, mas, quando alguma coisa me tira do sério, meu impulso imediato é o de socar primeiro e só depois ver em quem foi que eu bati. Quer dizer: quando vejo quem eu gosto em perigo... a obediência às regras me parece opcional.

Outro problema na minha vida é o Dimitri. Foi ele que matou Natalie e é um cara incrível. E também muito lindo. Está bem, mais até do que lindo. Ele é sedutor — o tipo de pessoa que faz você parar no meio da rua e ser atropelada pelos carros. Mas, como eu disse, ele é meu instrutor. E ele tem vinte e quatro anos. Esses são dois dos motivos pelos quais eu não deveria ter me apaixonado por ele. Mas, sinceramente, o motivo mais importante é que ele e eu vamos ser os guardiões de Lissa quando ela se formar. Se nos envolvermos, nossa atenção não estará mais focada inteiramente em Lissa.

Não tive muita sorte ao tentar esquecê-lo, e estou quase certa de que ele sente o mesmo por mim. O que

torna, em parte, tão difícil a gente esquecer um do outro é que o nosso encontro, quando fomos atingidos pelo feitiço da luxúria, foi muito intenso e marcado por uma atração física fortíssima. A intenção de Victor era nos distrair enquanto ele raptava Lissa, e isso funcionou. Eu estava pronta para dar a ele a minha virgindade, e ele, pronto para tomá-la. No último minuto, no entanto, nós quebramos o feitiço, mas as lembranças daqueles momentos estão sempre comigo, e às vezes chegam a dificultar a minha concentração nos movimentos de combate.

A propósito, meu nome é Rose Hathaway. Eu tenho dezessete anos, estou treinando para proteger e matar vampiros, sou apaixonada por um cara totalmente inadequado, e a minha melhor amiga possui estranhos poderes mágicos que podem levá-la à loucura.

Mas, espere aí, ninguém disse que a vida é fácil para uma aluna do ensino médio.

Um

Eu não podia imaginar que o meu dia pudesse ficar pior do que já estava até a minha melhor amiga me dizer que talvez estivesse enlouquecendo. Outra vez.

— Eu... O que foi que você disse?

Eu estava na antessala do dormitório dela, com o corpo inclinado, calçando uma de minhas botas. Virei rapidamente a cabeça para cima e olhei para ela em meio às mechas de cabelo escuro que cobriam metade do meu rosto. Eu caíra no sono logo depois das aulas e nem penteara o cabelo para não sair atrasada do quarto. Os cabelos loiros claros de Lissa estavam perfeitamente penteados, é claro, e caíam-lhe suavemente por sobre os ombros, como um véu de noiva, enquanto ela me observava, divertindo-se com a minha reação.

— Eu disse que acho que os meus comprimidos talvez não estejam mais funcionando tão bem.

Ergui o corpo e tirei o cabelo do rosto com um gesto de cabeça.

— O que isso significa? — perguntei. Em volta de nós, os Moroi passavam com pressa a caminho do jantar ou indo encontrar-se com amigos. — Você voltou a... — Baixei o volume da minha voz. — Você voltou a usar seus poderes?

Ela fez que não com a cabeça, e percebi uma pontinha de tristeza em seu olhar.

— Não... eu me sinto mais próxima da magia, mas ainda não posso usá-la. O que eu tenho notado, especialmente nos últimos tempos, é um pouquinho daquela outra coisa, sabe... Tenho ficado meio deprimida de vez em quando. Nada nem de longe *parecido* com o que eu costumava sentir antes — acrescentou imediatamente, ao ver a minha expressão ansiosa. Antes de começar a tomar os comprimidos, o moral de Lissa chegava a ficar tão baixo que ela sentia necessidade de se ferir e cortava a própria pele. — Mas sinto que aquele sentimento está lá e um pouco mais presente do que estava antes.

— E as outras coisas que você tinha? Ansiedade? Delírios? Lissa riu. Não estava levando nada daquilo tão a sério quanto eu.

— Parece até que você andou estudando livros de psiquiatria. Eu *de fato* andara lendo alguns estudos psiquiátricos.

— Só estou preocupada com você. Se acha que os comprimidos não estão mais funcionando, nós temos que falar sobre isso com alguém.

— Não, não — disse ela de maneira resoluta. — Eu estou bem, de verdade. Os medicamentos estão funcionando... só um pouco menos do que no começo. Acho que não devemos entrar em pânico ainda.

Principalmente você, pelo menos não hoje.

A mudança de assunto funcionou. Eu descobrira uma hora antes que o meu teste de qualificação seria hoje. É um exame, ou melhor, uma entrevista pela qual todos os guardiões aprendizes tinham que passar durante o primeiro ano do ensino médio na Escola São Vladimir. Como eu estivera fora da escola, fugindo e me escondendo com Lissa no ano passado, perdi o exame. Hoje, portanto, serei levada para algum lugar fora do campus por um guardião que deve me aplicar o exame. Obrigada pela lembrança, rapazes.

— Não se preocupe comigo — repetiu Lissa, sorrindo. — Eu aviso se piorar.

— Está bem — disse eu, ainda relutante.

Só para me certificar, no entanto, exercitei uma abertura dos meus sentidos e me permiti senti-la através do nosso laço psíquico. Ela dis-sera a verdade. Estava calma e alegre nesta manhã, não havia nada com que se preocupar. Mas, lá no fundo da sua mente, eu percebi um nó de sentimentos desconfortáveis e pesados. Não a estavam consumindo nem nada, mas tinham o mesmo tipo de vibração que os ataques de depressão e raiva que ela costumava ter antes. Era apenas uma gota no oceano, mas não gostei nada daquilo. Eu não queria que ela se sentisse assim. Tentei entrar mais fundo na cabeça dela, para sentir melhor o que eram aquelas emoções, quando subitamente tive a estranha experiência de ser tocada. Um sentimento de enjoo tomou conta de mim, e eu me expulsei da mente dela. Um pequeno arrepio me percorreu todo o corpo.

— Você está bem? — perguntou Lissa, franzindo as sobrancelhas.

— Pareceu enjoada de repente.

— Estou só nervosa com o teste — menti. Hesitante, eu me concentrei no nosso laço e entrei novamente na cabeça dela. A sombra negra desaparecera completamente. Sem deixar nenhum rastro. Talvez não houvesse mesmo nada de errado com os comprimidos que ela estava tomando. — Eu estou bem — reafirmei.

Ela apontou para um relógio.

— Não vai se dar nada bem no exame se não começar a andar rápido logo.

— Droga — xinguei. Ela tinha razão. Dei-lhe um abraço rápido. — Até mais tarde!

— Boa sorte! — gritou ela.

Atravessei o campus com pressa e encontrei meu instrutor, Dimitri Belikov, esperando ao lado de um Honda Pilot. Que coisa mais sem graça. É claro que eu não podia esperar que nós fôssemos nos aventurar pelas estradas das montanhas de Montana num Porsche, mas seria legal se tivéssemos um carro mais bacana.

— Eu sei, eu sei — disse, ao ver a expressão dele. — Desculpe pelo atraso.

Lembrei, então, que um dos testes mais importantes da minha vida iria acontecer dali a pouco, e subitamente esqueci tudo sobre Lissa e a possibilidade de seus comprimidos não estarem mais funcionando. Eu queria protegê-la, mas para isso tinha que terminar o ensino médio e me tornar de fato a sua guardiã.

Dimitri estava ali em pé, lindo como sempre. O prédio massivo de tijolos lançava sombras compridas sobre nós, surgindo como o vulto de uma enorme besta em meio à luminosidade crepuscular da madrugada. À nossa volta começava a nevar. Olhei os flocos de neve leves e cristalinos caírem gentilmente. Muitos pousaram sobre a cabeça dele e prontamente se dissolveram naqueles cabelos negros.

— Quem mais vai? — perguntei. Ele deu de ombros.

— Só eu e você.

Meu humor mudou imediatamente. De “animada” passei para “em êxtase”. Eu e Dimitri. Sozinhos. Num carro. Isso podia muito bem servir como um teste surpresa.

— É muito longe daqui? — Secretamente implorei para que fosse um longo passeio de carro. Um passeio de carro que levasse uma semana. E que durante a viagem nós passássemos as noites em hotéis de luxo. Podíamos, quem sabe, atolar o carro num banco de neve, e apenas o calor dos nossos corpos nos manteria vivos.

— Cinco horas.

— Ah.

Um pouco menos do que eu queria. Mesmo assim, cinco horas eram melhores do que nada. E tampouco eliminavam a possibilidade de ficarmos atolados na neve.

Seria difícil, para um humano, dirigir pelas estradas escuras e enevoadas, mas, para os nossos olhos de vampiros, elas não impuseram qualquer obstáculo. Fixei o olhar à frente, tentando não pensar em como o perfume da loção de barba de Dimitri enchia o carro de um aroma límpido e vigoroso que me derretia inteira. Tentei me concentrar no exame novamente.

Não era um destes testes para os quais basta estudar para passar. Não. Ou você passa no exame, ou não passa. Durante o primeiro ano do ensino médio, guardiões experientes visitavam e encontravam-se individualmente com os aprendizes para discutir o comprometimento dos alunos com a profissão de guardião. Eu não sabia exatamente quais eram as perguntas que eles faziam, mas, ao longo dos anos, os boatos iam se espalhando. Os guardiões mais velhos avaliavam a personalidade e a dedicação dos candidatos, e alguns aprendizes não eram considerados capacitados para seguir a profissão.

— Geralmente não são eles que vêm à Escola? — perguntei a Dimitri. — Quer dizer, estou adorando a pesquisa de campo, mas por que nós é que estamos indo até eles?

— Na verdade você só vai se encontrar com *uma* pessoa. Não com várias. — Um suave sotaque russo soou nas palavras de Dimitri, a única coisa que revelava onde ele crescera. Afora isso, eu tinha certeza absoluta de que ele falava um inglês melhor do que o meu. — Como este é um caso excepcional e ele está nos fazendo um favor, somos nós que estamos indo ao encontro dele.

— Quem é ele?

— Arthur Schoenberg. Meu olhar desviou rapidamente da estrada e se voltou para Dimitri.

— O quê? — disse eu, num sopro de voz.

Arthur Schoenberg era uma lenda. Foi um dos grandes exterminadores de Strigoi da história contemporânea dos guardiões e ainda o chefe do Conselho dos Guardiões — o grupo de pessoas que decidia por qual Moroi cada guardião ficaria responsável e que, além disso, estava encarregado de tomar decisões que afetavam todos nós. Ele acabou se aposentando e voltou a se dedicar à proteção de uma das famílias reais, os Badica. Mesmo aposentado, eu sabia que ele ainda era letal. As façanhas dele eram parte dos meus estudos curriculares.

— Não tinha... não tinha mais ninguém disponível? — perguntei com uma voz acanhada. Percebi que Dimitri escondia um sorriso.

— Você vai se sair bem. E, além do mais, se Art aprovar você, será uma excelente recomendação no seu histórico.

Art. Dimitri estava chamando o guardião mais poderoso de todos pelo primeiro nome. É claro que o próprio Dimitri era bem poderoso, então eu não devia ter me surpreendido.

O silêncio tomou conta do ambiente no carro. Eu mordi o lábio, imaginando se estaria à altura das exigências de Arthur Schoenberg. As minhas notas eram boas, mas alguns detalhes, como fugir da escola e me meter em brigas, podiam lançar uma sombra sobre a seriedade com que eu encarava a minha futura profissão.

— Você vai se sair bem — repetiu Dimitri. — No seu histórico, as coisas boas superam as ruins.

Era como se ele às vezes pudesse ler a minha mente. Sorri de leve e ousei olhar de relance para ele. Foi um erro. Mesmo sentado, evidenciava-se um corpo esguio e altivo. Olhos negros profundos. Cabelos castanhos na altura dos ombros amarrados atrás da nuca. Aquele cabelo parecia seda. Eu sabia por que correra meus dedos por entre aquelas mechas quando Victor Dashkov nos capturara com o feitiço da luxúria. Precisei de muito controle para voltar a respirar novamente e desviar o olhar.

— Obrigada, Treinador — provoqueei, acomodando-me novamente na poltrona.

— Estou aqui para ajudar — respondeu ele. Seu tom de voz estava suave e relaxado, o que era raro. Geralmente ele estava tenso e pronto para qualquer ataque. Ele provavelmente se sentiu seguro dentro de um Honda, ou pelo menos o mais seguro que ele podia estar ao meu lado. Não era só eu que enfrentava dificuldades para ignorar a tensão romântica que havia entre nós.

— Sabe o que seria de grande ajuda? — perguntei sem olhar para ele.

— Hum?

— Se você desligasse essa música horrível e colocasse para tocar alguma coisa que tenha sido lançada depois da queda do muro de Berlim. Dimitri riu.

— A sua pior nota é em história, e no entanto, não sei como, você sabe tudo sobre a Europa Oriental.

— Ora, eu preciso de material para minhas piadas, camarada.

Ainda sorrindo, ele mudou a estação do rádio. Para uma estação de música *country*.

— Ei! Não era bem isso que eu tinha em mente! — exclamei. Deu para perceber que ele estava prestes a rir novamente.

— Escolha. Ou uma, ou outra. Suspirei.

— Então volte para aquela música dos anos oitenta.

Ele girou o botão, e eu cruzei os braços quando começou a tocar uma música de alguma banda com um som vagamente europeu e que cantava sobre como a tecnologia do vídeo tinha acabado com uma estrela do rádio. Eu queria era que alguém acabasse com aquele rádio.

De repente, cinco horas pareceram um tempo mais longo do que eu imaginara.

Arthur e a família que ele protegia viviam numa pequena cidade ao longo da estrada I-90, não muito longe de Billings. As opiniões se dividiam sobre onde os Moroi deviam morar. Alguns argumentavam que grandes cidades eram melhores, pois permitiam que os vampiros se misturassem à multidão e as atividades noturnas não levantariam muitas suspeitas. Outros Moroi, como esta família, aparentemente, optavam por cidades menos populosas, acreditando que, se há menos pessoas para perceber a sua presença, então seria menos provável que a sua presença fosse notada.

Eu convenci Dimitri a parar para comermos num restaurante desses de beira de estrada, abertos vinte e quatro horas, e depois paramos para colocar gasolina. Por conta dessas paradas, chegamos por volta do meio-dia ao nosso destino. O estilo arquitetônico da casa era simples, toda de um andar só, com madeiras laterais pintadas de cinza e enormes janelas salientes — com vidros pintados para bloquear a entrada do sol, é claro. Parecia nova e cara, e, mesmo estando fora da cidade e no meio do nada, era uma casa que se encaixava mais ou menos no tipo de moradia que eu imaginava para os membros das famílias reais.

Eu saltei do Pilot, minhas botas afundaram na neve branca e macia e rangeram no atrito com o piso de cascalho da entrada da garagem. O dia estava calmo e silencioso, exceto pelas ocasionais rajadas de vento. Dimitri e eu subimos até a casa por uma calçada, pavimentada com pedras de rio, que atravessava o jardim da frente. Eu observei que ele foi assumindo a sua postura profissional, mas, de modo geral, a atitude era tão

animada quanto a minha. Ambos passáramos por uma espécie de satisfação culpada no prazeroso passeio de carro.

Meu pé escorregou na calçada coberta de gelo, e Dimitri imediatamente esticou o braço para me impedir de cair. Tive um momento estranho de *déjà vu*, voltando para o dia em que nos encontramos pela primeira vez e ele também me salvara de uma queda parecida. Se as temperaturas estavam congelantes ou não, não sei; o que sei é que senti o toque quente da mão dele no meu braço, mesmo apesar das camadas de penas do meu casaco parca.

— Você está bem? — Para a minha decepção, ele soltou meu braço.

— Estou — respondi, lançando um olhar de acusação para a calçada congelada. — Será que estas pessoas nunca ouviram dizer que se deve colocar sal no gelo?

Meu comentário tinha um tom de brincadeira, mas Dimitri parou de repente de andar. Eu instantaneamente dei uma freada também. A expressão do rosto dele ficou tensa e alerta. Ele virou a cabeça, seus olhos perscrutaram a vasta e branca planície que nos circundava e depois passaram a estudar a casa. Eu quis fazer perguntas, mas alguma coisa na sua postura me dizia para ficar em silêncio. Ele estudou a construção durante quase um minuto inteiro, olhou para baixo, para a calçada coberta de gelo, depois concentrou-se na entrada da garagem, coberta por um lençol de neve marcado apenas pelas nossas pegadas.

Cautelosamente, ele se aproximou da entrada da frente, e eu o segui. Ele parou mais uma vez, agora para estudar a porta. Não estava aberta, mas também não estava bem fechada. Parecia ter sido fechada com pressa, e não devidamente trancada. Examinando com mais afínco, vimos marcas de atrito ao longo da beirada da porta, como se ela houvesse sido forçada em algum momento. Um pequeno empurrão a abria. Dimitri correu os dedos cuidadosamente pela porta, pelo espaço onde ela se encontra com o batente, e sua respiração formava pequenas nuvens no ar. Quando ele tocou a maçaneta da porta, ela balançou um pouco, como se estivesse quebrada.

Finalmente, ele disse com calma:

— Rose, vá esperar no carro.

— Mas por...

— Vá.

Uma palavra apenas, mas uma palavra carregada de autoridade. Naquela única sílaba me recordei do homem que eu vira atirar pessoas longe e encravar uma estaca num Strigoi. Eu recuei e preferi sair andando pela grama coberta de neve do que me arriscar pela calçada. Dimitri continuou parado onde estava, até eu entrar de volta no carro e fechar a porta o mais silenciosamente possível. Então, com o mais suave dos movimentos, ele empurrou a porta malfechada e entrou, desaparecendo no interior da casa.

Fervendo de curiosidade, contei até dez e saltei do carro.

Eu conhecia por experiência própria os riscos de ir atrás dele, mas precisava saber o que estava acontecendo naquela casa. A falta de cuidados com a calçada e a entrada da garagem indicavam que não havia ninguém na casa já há alguns dias, embora isso talvez também pudesse indicar que os Badica simplesmente não saíam nunca da casa. Era possível, imaginei, que eles tivessem sido vítimas de uma invasão qualquer por humanos. Era também possível que algo os tivesse assustado e os tivesse feito sair da casa — como um Strigoi, por exemplo. Eu sabia que era esta última possibilidade que fizera a expressão de Dimitri se tornar tão tensa, mas parecia improvável com Arthur Schoenberg como o responsável pela segurança do local.

De pé, na entrada da garagem, levantei os olhos para o céu. A luz era sombria e carregada, mas lá estava ela. Era meio-dia. O sol estava a pino. Os Strigoi não podem se expor à luz do sol. Eu não precisava ter

medo deles, só da raiva de Dimitri.

Circundei o lado direito da casa, caminhando por uma camada bem mais profunda de neve — de quase trinta centímetros. Não notei mais nada de estranho na casa. Pingentes de gelo pendurados do telhado e as janelas pintadas não revelaram nenhum segredo. Meu pé subitamente bateu em algo, e eu olhei para baixo. Ali estava, meio enterrada na neve, uma estaca de prata. Estava largada no chão. Eu a apanhei e tirei a neve que a cobria, preocupada. O que uma estaca estaria fazendo ali fora? Estacas de prata são valiosas. São a arma mais letal disponível para um guardião, capaz de matar um Strigoi com um único golpe em seu coração. Quando foram forjadas, quatro Moroi as enfeitiçaram com a magia dos quatro elementos. Eu ainda não aprendera a usar uma, mas ao segurar aquela estaca me senti mais segura para continuar minha inspeção.

Nos fundos da casa, uma grande porta interna dava para um deque de madeira, provavelmente o lugar de grandes momentos de diversão a céu aberto, durante o verão. Mas o vidro da porta do pátio estava quebrado, com um buraco tão grande que uma pessoa passaria facilmente por ele. Subi as escadas do deque, tomando cuidado com o gelo, sabendo que eu levaria uma bronca terrível quando Dimitri descobrisse o que eu estava fazendo. Apesar do frio, o suor escorria pelo meu pescoço.

“Luz do dia, luz do dia”, eu lembrava a mim mesma. “Não preciso me preocupar com nada.”

Atravessei o pátio de madeira e examinei o vidro escuro da porta. Não pude distinguir de que maneira ele fora quebrado. A neve entrara com o vento e corraera sobre o tapete azul-claro, deixando uma pequena mancha nele. Meti a mão na maçaneta, mas estava trancada. Claro que isso não seria um problema, com um buraco tão grande como aquele na porta. Tomando cuidado com as pontas afiadas do vidro, alcancei a fechadura pelo lado de dentro e a destranquei. Tirei a mão cuidadosamente e abri a porta de correr. Ela rangeu levemente sobre os trilhos, um barulho suave que, no entanto, soou alto, quebrando o silêncio pavoroso que reinava ali.

Entrei e fiquei de pé sob a luz do sol que passava pela porta aberta. Meus olhos, acostumados com a luz do dia lá fora, se adaptavam à fraca iluminação daquele ambiente. O vento redemoinhava no pátio aberto, fazendo dançarem as cortinas à minha volta. Eu estava numa sala de estar. Tinha todos os móveis que se espera encontrar numa sala comum. Sofás, televisão, uma cadeira de balanço.

E um corpo.

Era uma mulher. Estava deitada de costas na frente da televisão, e seus cabelos negros se espalhavam pelo chão. Seus olhos arregalados fitavam o teto, fixos, inexpressivos. O rosto estava pálido, pálido demais, até mesmo para um Moroi. Pensei por um instante que seu cabelo cobria-lhe o pescoço também, mas logo vi que a mancha escura que atravessava sua pele era sangue, sangue coagulado. Sua garganta fora cortada.

A cena hedionda era tão surreal que eu nem pude acreditar, de cara, no que eu estava vendo. Pelo jeito como estava deitada, a mulher podia muito bem estar dormindo. Então me deparei com o outro corpo: um homem deitado de lado a apenas alguns passos da mulher. Seu sangue escuro manchava o tapete ao redor. Um outro corpo estava caído ao lado do sofá: pequeno, um corpo de criança. Do outro lado da sala, havia mais um. E mais outro. Havia corpos em toda parte, corpos e sangue.

Subitamente me dei conta da escalada de mortes à minha volta, e meu coração começou a bater forte. Não, não. Não era possível. Era dia claro. Coisas ruins não podiam acontecer à luz do dia. Um grito começou a nascer na minha garganta, um grito subitamente impedido por uma mão coberta por uma luva que me tapou a boca por detrás de mim. Comecei a lutar, até que senti o cheiro da loção de barba de Dimitri.

— Por que você não obedece nunca? — perguntou ele. — Você estaria morta se *eles* ainda estivessem

aqui.

Não consegui responder. Não só por causa da mão dele me tapando a boca, mas também porque estava em estado de choque. Eu já vira uma pessoa morrer, mas nunca vira a morte nesta magnitude. Depois de passado quase um minuto, Dimitri finalmente retirou a mão, mas continuou bem perto, atrás de mim. Eu não queria mais olhar, mas não conseguia tirar os olhos daquela cena que se apresentava diante de mim. Corpos por toda a parte. Corpos e sangue.

Finalmente, eu me virei para ele.

— É dia claro — sussurrei. — Coisas ruins não acontecem de dia.

— Percebi o desespero na minha voz, a súplica de uma garotinha para que alguém lhe dissesse que tudo aquilo fora apenas um sonho ruim.

— Coisas ruins podem acontecer a qualquer hora — disse ele. — E não foi durante o dia. Provavelmente aconteceu umas duas noites atrás.

Eu ousei dar uma nova olhada nos corpos e senti o estômago revirar. Dois dias. Morto há dois dias, com a sua existência sugada de você, sem que ninguém no mundo soubesse que você se foi. Meus olhos deram com o corpo de um homem perto de uma entrada da sala que dava num corredor. Ele era alto, corpulento demais para ser um Moroi. Dimitri deve ter percebido para onde eu estava olhando.

— Arthur Schoenberg — disse ele. Fixei o olhar na garganta ensanguentada de Arthur.

— Ele está morto — informei, como se isso não fosse completamente óbvio. — Como é que ele pode estar morto? Como um Strigoi pôde matar Arthur Schoenberg? — Não parecia possível. Não se pode matar uma lenda.

Dimitri não respondeu. A mão dele foi descendo até se aproximar da minha, que segurava a estaca. Eu estremeci.

— Onde você encontrou isso? — perguntou ele. Eu abri a mão e o deixei pegar a estaca.

— Lá fora. No chão.

Ele ergueu a estaca e a examinou enquanto ela brilhava sob a luz do sol.

— Ela quebrou o escudo.

Minha mente, ainda tonta, demorou algum tempo para compreender o que ele dissesse. E então eu entendi. Escudos eram anéis mágicos forjados pelos Moroi. Como as estacas, eles eram feitos com o uso das magias de todos os quatro elementos. Apenas os Moroi muito bons com a magia podiam forjar um escudo. Eram necessários geralmente dois de cada elemento. O escudo pode bloquear os Strigoi porque o combustível da magia é a energia vital, e os Strigoi não possuem nenhuma. Mas os escudos se desfazem rapidamente e exigem constante manutenção. Muitos Moroi não usam escudos, mas alguns lugares os mantêm ativos. A Escola São Vladimir é protegida por muitos escudos.

Havia um escudo aqui, mas ele fora quebrado quando alguém lançou a estaca contra ele. As duas magias entraram em conflito uma com a outra; a estaca venceu.

— Os Strigoi não podem tocar em estacas — contrapus. E me dei conta de que eu estava usando várias expressões de negação, como *não podem*, *não é possível*. Não era fácil ver suas crenças mais enraizadas serem desafiadas. — E nenhum Moroi ou dampiro faria uma coisa dessas.

— Um humano poderia fazer. Olhei-o nos olhos.

— Humanos não ajudam Strigoi... — E me interrompi. Lá estava eu novamente usando uma expressão de negação. Não. Mas eu não conseguia evitar. Se havia uma coisa com a qual nós podíamos contar em nossa luta contra os Strigoi eram as suas limitações: a intolerância à luz solar, a impenetrabilidade dos escudos, a magia das estacas etc. Nós usamos a fraqueza deles como arma. Se eles tinham outros...

humanos... que os estavam ajudando e que não eram sensíveis a estas limitações...

A expressão do rosto de Dimitri estava inflexível, ainda parecendo pronto para qualquer coisa, mas uma pequena luz de compaixão iluminou-lhe os olhos negros enquanto ele me observava travar uma batalha interna comigo mesma.

— Isso muda tudo, não é? — perguntei.

— Muda, sim — disse ele. — Muda tudo.

Dois

Dimitri deu um telefonema e, de repente, apareceu uma verdadeira equipe da SWAT.

Demoraram umas duas horas, no entanto, e cada minuto de espera pareceu um ano. Finalmente, eu não aguentei mais e fui esperar no carro. Dimitri inspecionou mais acuradamente a casa e depois veio sentar-se comigo no carro. Nenhum de nós disse uma palavra sequer enquanto esperávamos. Na minha mente, passavam seguidamente as imagens repugnantes a que eu estivera exposta na casa. Eu me senti sozinha e apavorada e desejei que ele me abraçasse ou me confortasse de alguma maneira.

Imediatamente me condenei por desejar aquilo. Lembrei a mim mesma, pela milésima vez, que ele era o meu instrutor e não tinha por que me abraçar, em ocasião alguma. Além do mais, eu queria ser forte. Não precisava sair correndo para perto de algum cara toda vez que as coisas ficassem difíceis.

Quando o primeiro grupo de guardiões apareceu, Dimitri abriu a porta do carro e virou-se para mim.

— Você deveria ver como se faz isso.

Eu, honestamente, não queria ver mais nada naquela casa, mas o segui mesmo assim. Eu não conhecia nenhum daqueles guardiões, mas Dimitri sim. Parece que ele sempre conhece todo mundo. O grupo demonstrou surpresa de ver uma aprendiz na cena do crime, mas ninguém chegou a protestar quanto à minha presença.

Caminhei atrás deles enquanto inspecionavam a casa. Ninguém tocou em nada, mas ajoelharam-se perto dos corpos e estudaram as manchas de sangue e os vidros quebrados. Parece que os Strigoi entraram na casa por outros lugares além da porta da frente e do pátio dos fundos.

Os guardiões falavam num tom brusco, não demonstrando nem um pouco da repulsa e do medo que eu senti. Eles trabalhavam como máquinas. Um deles, a única mulher do grupo, se agachou ao lado de Arthur Schoenberg. Eu estava intrigada para saber quem ela era, pois é muito raro encontrar uma guardiã. Ouvi Dimitri chamá-la de Tamara, e ela parecia ter uns vinte e cinco anos. Seus cabelos negros mal chegavam à altura dos ombros, o que era comum para as guardiãs.

A tristeza cintilou nos olhos acinzentados dela enquanto analisava o corpo do guardião morto.

— Ah, Arthur — suspirou. Assim como Dimitri, ela era capaz de dizer uma porção de coisas com apenas duas palavras. — Nunca imaginei que eu fosse viver para ver isso. Ele foi o meu mentor. — Tamara suspirou mais uma vez e se levantou.

Seu rosto voltou à expressão profissional anterior, como se o homem que a treinara não estivesse ali deitado no chão, diante dela. Eu não estava acreditando naquilo. Ele tinha sido o *mentor* dela. Como ela

conseguia se manter tão controlada? Por meio segundo eu me imaginei vendo Dimitri morto no chão. Não. Eu nunca teria mantido a calma se estivesse no lugar dela. Eu teria surtado de raiva. Teria gritado e chutado coisas. Teria socado qualquer um que tentasse me dizer que tudo ia fi car bem.

Felizmente, eu não acreditei que alguém pudesse de fato derrubar Dimitri. Eu o vi matar um Strigoi sem derramar uma gota de suor. Ele era invencível. Era impressionante. Um deus.

É claro que Arthur Schoenberg um dia fora assim também.

— Como eles conseguiram fazer isso? — desabafei de repente. Seis pares de olhos se voltaram para mim. Eu esperava um olhar de desaprovação de Dimitri por eu ter explodido, mas ele pareceu apenas curioso.

— Como eles conseguiram matar justo *ele*? Tamara fez um gesto de ombros mantendo a feição ainda composta.

— Do mesmo modo que eles matam todos os outros. Ele é mortal como todos nós.

— É, mas ele é... você sabe, Arthur Schoenberg.

— Tente nos explicar, Rose — disse Dimitri. — Você viu a casa. Conte-nos como foi que eles fizeram isso.

Enquanto todos me observavam, eu subitamente me dei conta de que talvez eu estivesse sendo testada hoje mesmo, no final das contas. Pensei no que eu tinha observado e escutado. Engoli a seco, tentando compreender como o impossível se tornara possível.

— Havia quatro pontos de entrada, o que significa que foram, no mínimo, quatro Strigoi. Havia sete Moroi... — A família que morava aqui estava recebendo pessoas em casa, o que fez com que o massacre ganhasse novas proporções. Três das vítimas eram crianças. — ...e três guardiões. Assassinatos demais. Quatro Strigoi não teriam conseguido matar tanta gente. Seis provavelmente sim, caso fossem primeiro atrás dos guardiões e os pegassem de surpresa. A família, dominada pelo pânico, não teria conseguido manter a frieza necessária para lutar.

— E como eles pegaram os guardiões de surpresa? — perguntou Dimitri. Eu hesitei. Guardiões, via de regra, não são pegos de surpresa.

— Porque os escudos foram quebrados. Em uma casa sem escudos, o guardião provavelmente faria a ronda pelo jardim durante a noite. Mas eles não precisavam fazer isso aqui.

Eu esperei pela pergunta seguinte, que era óbvia: de que maneira os escudos foram anulados? Mas Dimitri não perguntou. Não era preciso. Todos nós sabíamos. Todos tínhamos visto a estaca. Mais uma vez um arrepio subiu pela minha espinha. Humanos trabalhando com os Strigoi — com um grupo grande de Strigoi.

Dimitri simplesmente fez um sinal afirmativo de aprovação com a cabeça, e o grupo continuou a investigação. Quando chegamos num dos banheiros, comecei a evitar olhar naquela direção. Eu já vira aquele ambiente com Dimitri mais cedo e não tinha a menor vontade de repetir a experiência. Havia um homem morto lá, e o sangue coagulado dele sobressaía em extremo contraste com o ladrilho branco do banheiro. Além disso, uma vez que este cômodo era menos arejado do que os demais, estava menos frio ali do que na sala próxima ao pátio aberto. Ou seja, nenhuma preservação. O corpo ainda não estava exatamente fedendo, mas também já não tinha mais um cheiro comum.

Quando comecei a me virar, entretanto, vislumbrei algo de um vermelho-escuro, mais para o marrom, na verdade, que ficara marcado no espelho. Eu não notara aquilo antes porque o resto da cena tomara inteiramente a minha atenção. Havia algo escrito no espelho, escrito com sangue.

Pobres, pobres Badica. Restam tão poucos. Uma família real quase extinta. Outras a seguirão.

Tamara resfolegou de nojo e virou as costas para o espelho, estudando outros detalhes do banheiro.

Enquanto saíamos de lá, no entanto, aquelas palavras se repetiam na minha mente. *Uma família real quase extinta. Outras a seguirão.*

Os Badica eram um dos menores clãs da realeza, isso era verdade. Mas era bastante improvável que aqueles que haviam sido mortos aqui fossem os últimos. Restavam ainda, provavelmente, quase duzentos Badica vivos. Não eram tantos quanto uma família como, digamos, os Ivashkov. Esta família real era especialmente grande e espalhava-se pelo mundo. Havia, no entanto, muito mais Badica do que algumas outras famílias reais.

Como os Dragomir.

Lissa era a única Dragomir viva.

Se os Strigoi queriam extinguir as linhagens reais, o caminho mais fácil seria ir atrás dela. O sangue Moroi fortalecia os Strigoi, então eu podia compreender o desejo que eles tinham deste sangue. Imaginei que tentar eliminar especificamente as famílias reais era simples parte da crueldade deles e da sua natureza sádica. Era irônico o fato de os Strigoi quererem destruir a alta sociedade Moroi, já que muitos fizeram parte dela antes.

O espelho e o aviso que estava escrito nele me consumiram durante o resto do tempo em que permanecemos na casa, e vi o meu medo e o meu estado de choque transformarem-se em raiva. Como podiam fazer isso? Como uma criatura pode ter a mente tão distorcida e maligna a ponto de fazer isso com uma família, a ponto de querer extirpar toda uma casta? Como pode uma criatura fazer isso, quando, antes de se tornarem quem são, tinham sido pessoas como Lissa e eu?

E pensar em Lissa, pensar na hipótese de os Strigoi quererem extinguir a família dela também, isso ativou em mim um sentimento de raiva violento. A intensidade desse sentimento quase me nocauteou. Era uma sombra negra e asfi xiante, que crescia e se agitava dentro de mim. Uma nuvem tempestuosa pronta para explodir. Subitamente eu quis destruir todo Strigoi em que eu pudesse pôr as mãos.

Quando finalmente entrei no carro com Dimitri para a viagem de volta para a escola São Vladimir, bati a porta com tanta força que não sei como ela não quebrou.

Ele olhou surpreso para mim.

— Qual é o problema?

— Você está falando sério?! — exclamei, incrédula. — Como você pode me fazer uma pergunta dessas? Você estava lá. Você viu aquilo.

— Eu vi — concordou ele. — Mas não estou descontando no carro. Eu apertei o cinto de segurança e disse, furiosa:

— Eu odeio eles. Odeio todos eles! Queria estar lá quando entraram. Eu teria rasgado as gargantas de *todos* eles!

Eu estava quase berrando. Dimitri me olhava fixamente, com a fisionomia calma, mas evidentemente pasmo com o meu desabafo.

— Você acha mesmo que faria isso? — me perguntou ele. — Acha que teria se saído melhor do que Art Schoenberg depois de ver o que os Strigoi fizeram ali? Depois de ver o que Natalie fez com você?

Eu titubeei. Eu lutara brevemente com a prima de Lissa, Natalie, quando ela se transformou numa Strigoi, pouco antes de Dimitri aparecer para salvar o dia. Mesmo sendo uma Strigoi novata — fraca e ainda um pouco desajeitada —, ela literalmente me lançou para todos os lados contra as paredes do lugar.

Fechei os olhos e respirei fundo. Senti-me estúpida de repente. Eu vira o que um Strigoi era capaz de fazer. Se eu tivesse entrado impetuosamente ali e tentado salvar a todos, só teria conseguido uma morte rápida para mim mesma. Eu estava me transformando numa guardiã dura, mas ainda tinha muito o que

aprender — e uma garota de dezessete anos de idade não poderia enfrentar seis Strigoi.

Abri os olhos.

— Desculpe — disse, recuperando a razão.

A raiva que explodira dentro de mim se dissolveu. Eu não sabia de onde ela viera. Eu tinha pavio curto e frequentemente agia de maneira impulsiva, mas aquilo fora intenso e pavoroso, mesmo para uma pessoa como eu. Estranho.

— Está tudo bem — disse Dimitri. Ele esticou o braço e colocou a mão sobre a minha um pouco. Depois a retirou e ligou o carro. — Está sendo um dia longo. Para todos nós.

Quando voltamos à Escola São Vladimir, por volta da meia-noite, todos já sabiam do massacre. O dia escolar vampiresco acabara de terminar, e eu não dormia há mais de vinte e quatro horas. Eu estava com os olhos turvos e sem nenhuma energia, e Dimitri ordenou que eu fosse imediatamente para o dormitório descansar. Ele, evidentemente, parecia estar alerta e pronto para o que desse e viesse. Às vezes eu tinha sérias dúvidas se ele chegava mesmo a dormir. Ele foi direto se reunir com outros guardiões para discutir o ataque, e eu prometi que iria dire-to para a cama. Em vez disso, quando ele já não estava mais por perto, desviei-me do caminho e fui para a biblioteca. Eu precisava ver Lissa, e nosso laço me dizia que era lá que eu a encontraria.

Estava escuro como nunca quando atravessei o caminho de pedras que cruzava a quadra do meu dormitório até o prédio principal da escola de ensino médio. A neve cobria completamente a grama, mas haviam retirado meticulosamente todo o gelo e a neve da trilha de pedras. Isso me fez lembrar a calçada da casa dos infelizes Badica.

O prédio comunitário era grande e tinha uma arquitetura gótica, parecendo mais um cenário de fi lme medieval do que uma escola. Lá dentro, o ar de mistério e de história antiga seguia permeando o prédio: paredes de pedra trabalhadas e pinturas antigas contrastavam com os computadores e a iluminação fluorescente. A tecnologia moderna possuía uma presença forte, mas nunca seria o traço dominante ali.

Passei pela porta eletrônica da biblioteca e me dirigi imediatamente para um dos cantos no fundo da sala, para a seção onde fi cavam os livros de geografia e de viagem. Como eu pensava, encontrei Lissa sentada no chão, encostada numa prateleira de livros.

— Oi — disse ela, levantando os olhos do livro aberto que apoiava sobre um dos joelhos. Ela afastou uma mecha do cabelo claro do rosto. Seu namorado, Christian, estava deitado no chão perto dela, com a cabeça repousada sobre seu outro joelho. Ele me cumprimentou com um aceno de cabeça. Considerando o antagonismo que volta e meia faiscava entre nós, aquele cumprimento equivalia a um abraço apertado. Apesar do pequeno sorriso que ela abriu, pude sentir a tensão e o medo dentro dela; os sentimentos gritavam através do laço.

— Você já soube — disse eu, sentando-me com as pernas cruzadas.

O sorriso desapareceu de seu rosto, e o desconforto e o medo se intensificaram dentro dela. Eu gostava do fato de que a nossa conexão psíquica me ajudava a protegê-la, mas não achei a menor graça em ver amplificados os meus próprios sentimentos complexos.

— É horrível — disse ela com um tremor. Christian mudou de posição e entrelaçou os seus dedos nos dela. Ele apertou-lhe a mão. Ela apertou a mão dele de volta. Aqueles dois estavam tão apaixonados e eram tão doces um com o outro que me dava vontade de escovar os dentes depois de estar com eles. Eles estavam mais contidos agora, graças às notícias sobre o massacre. — Estão dizendo... estão dizendo que foram seis ou sete Strigoi. E que humanos os ajudaram a anular os escudos.

Eu recostei a cabeça contra uma estante. As notícias realmente voam. De repente me senti tonta.

— É verdade.

— Mesmo? — perguntou Christian. — Eu achei que fosse só uma paranoia geral.

— Não... — Então me dei conta de que ninguém sabia onde eu estivera durante o dia inteiro. — Eu... eu estava lá.

Os olhos de Lissa se arregalaram, o choque passou dela para mim pelo laço. Até Christian — o estereótipo do garoto metido a inteligente — pareceu chocado. Não fosse pelo horror daquilo tudo, eu teria me divertido com o fato de tê-lo surpreendido.

— Você está brincando — disse ele com um tom de incerteza na voz.

— Eu pensei que você tinha ido fazer o seu exame de qualificação...

— As palavras de Lissa se dissiparam.

— Era o que eu ia fazer — expliquei. — Foi só uma questão de estar no lugar errado na hora errada. Os guardiões que iam me passar o teste viviam lá. Dimitri e eu entramos na casa e...

Não consegui terminar a frase. As imagens de sangue e morte que encheram a casa dos Badica voltaram, mais uma vez, como flashes à minha mente. As feições de Lissa e o nosso laço ficaram tomados de preocupação.

— Rose, você está bem? — perguntou ela suavemente. Lissa era minha melhor amiga, mas eu não queria que ela soubesse o quanto aquilo tudo me amedrontara e me perturbara. Eu queria me manter firme.

— Estou bem — respondi com os dentes trincados.

— Como foi? — perguntou Christian. Sua voz estava cheia de curiosidade, mas também de culpa, como se ele soubesse que era errado querer saber mais sobre algo tão horrível. Mas ele não pôde conter a pergunta. A impulsividade era uma das coisas que nós tínhamos em comum.

— Foi... — Eu balancei a cabeça em sinal negativo. — Não quero falar sobre isso.

Christian começou a protestar, mas Lissa correu a mão pelos seus cabelos negros e macios. A gentil advertência o silenciou. Um instante de constrangimento se instalou entre nós. Li a mente de Lissa e vi que ela procurava desesperadamente por um novo assunto.

— Estão dizendo que isso vai atrapalhar todas as visitas de feriados — me disse ela depois de alguns instantes. — A tia de Christian vem visitá-lo, mas a maioria das pessoas prefere não viajar, e quer que seus filhos fi quem aqui a salvo. Estão apavorados com a possibilidade de este grupo de Strigoi estar preparando um novo ataque.

Eu não pensara nas consequências de um ataque como este. Estávamos a quase uma semana do Natal. Geralmente nesta ocasião há um grande número de viagens no mundo dos Moroi. Os alunos iam para casa visitar os pais; os pais vinham ficar no campus para visitar os filhos.

— Isso vai separar muitas famílias — murmurei.

— E atrapalhar muitos encontros de membros da realeza — disse Christian. O breve tom sério desapareceu da sua voz; a atitude sarcástica estava de volta. — Você sabe como eles ficam nesta época do ano. Competindo uns com os outros para ver quem dá as melhores festas. Não vão saber o que fazer desta vez.

Eu acreditava nisso. A minha vida era dedicada inteiramente a lutar, mas os Moroi certamente tinham suas disputas internas — especialmente os nobres e a realeza. Eles travavam suas próprias batalhas com palavras e alianças políticas, e, honestamente, eu preferia o confronto pelo método mais direto de bater e socar. Lissa e Christian, principalmente, tinham que navegar por águas turbulentas. Eram ambos de famílias reais, o que significava que eles eram bastante visados tanto dentro como fora da Escola.

As coisas eram piores para eles do que para a maior parte dos Moroi reais. A família de Christian vivia sob a sombra lançada por seus pais. Eles tinham se transformado em Strigoi de propósito, trocando a magia e a moral pela imortalidade e por uma vida baseada em matar os outros. Seus pais estavam mortos agora, mas isso não impedia as pessoas de não confiarem nele. Pareciam achar que Christian também se tornaria um Strigoi a qualquer momento e levaria todos junto com ele. Seu senso de humor abrasivo e negro também não ajudava muito.

Lissa chamava atenção por ser a última que restou de sua família. Nenhum outro Moroi tinha sangue Dragomir suficiente para merecer este nome. Seu futuro marido teria provavelmente nobreza suficiente em sua árvore genealógica para que os filhos dela fossem dos Dragomir, mas, por ora, ser a única desta linhagem fazia dela uma espécie de celebridade.

Isso me fez lembrar subitamente do aviso rabiscado no espelho. A náusea me subiu pelo corpo. Aquela raiva e desespero fortes foram ressurgindo, mas eu os afastei com uma piada.

— Vocês que são da realeza deveriam tentar resolver os seus problemas como nós fazemos. Uma briga e alguns socos de vez em quando fariam bem a vocês.

Tanto Lissa quanto Christian riram disso. Ele levantou os olhos para ela, com um sorriso astuto, mostrando os caninos.

— O que você acha? Eu aposto que ganharia de você se encarássemos um corpo a corpo.

— É o que você pensa — provocou ela. Sua aflição diminuiu um pouco.

— Eu penso mesmo — disse ele, prendendo o olhar dela.

Havia uma nota de sensualidade na voz dele que fez o coração dela disparar. Fui tomada pelo ciúme. Ela e eu fomos melhores amigas durante a nossa vida inteira. Eu podia ler a mente dela. Mas o fato era que Christian ocupava uma enorme parte do mundo dela agora, e ele tinha um papel que eu nunca poderia assumir, assim como ele nunca poderia participar da conexão que existia entre ela e eu. Nós dois meio que aceitávamos, mas não gostávamos do fato de ter que dividir a atenção dela, e, às vezes, parecia que a trégua que nós mantínhamos por sua causa era fina como papel.

Lissa passou a mão no queixo dele.

— Comporte-se.

— Eu me comporto — disse ele a Lissa, com a voz ainda um pouco sensual —, às vezes. Mas tem horas em que você não quer que eu me comporte...

Levantei com um protesto.

— Deus do céu. Vou deixar vocês ficarem sozinhos agora.

Lissa piscou e arrastou o olhar para longe do de Christian, subitamente constrangida.

— Desculpe — murmurou. Um delicado tom rosado se espalhou pelas bochechas dela. Como era bem branca, como todos os Moroi, o rubor na verdade acabou embelezando-a, não que ela precisasse de ajuda nesse departamento. — Você não precisa ir...

— Não, tudo bem. Estou exausta — certifiquei-a. Christian não pareceu tão desapontado com a minha retirada. — A gente se vê amanhã. Comecei a me virar, mas Lissa me chamou.

— Rose? Você está... Você tem certeza de que está bem? Depois de tudo o que aconteceu?

Eu olhei para os olhos cor de jade dela. Sua preocupação era tão forte e profunda que fez o meu peito doer. Eu podia ser mais íntima dela do que qualquer outra pessoa no mundo, mas não queria que ela se preocupasse *comigo*. O meu trabalho era mantê-la a salvo. Não era ela que tinha que se ocupar em me proteger, principalmente agora que os Strigoi resolveram fazer uma lista negra de membros da realeza.

Lancei-lhe um sorriso malicioso.

— Eu estou bem. Não precisa se preocupar com nada. Só tomem cuidado para não começar a tirar as roupas um do outro antes de eu ter a oportunidade de sair.

— Então é melhor você ir agora — disse Christian secamente. Ela deu uma cotovelada nele, e eu revirei os olhos.

— Boa noite — desejei a eles.

Assim que me virei de costas, porém, meu sorriso desapareceu. Caminhei de volta para o meu dormitório com o coração pesado, rezando para não sonhar com os Badica essa noite.

Três

Havia um burburinho danado quando eu desci correndo as escadas do dormitório para o meu treinamento diário antes das aulas. A comoção não me surpreendeu. Uma boa noite de sono me ajudara a afastar da cabeça as imagens da noite anterior, mas eu sabia que nem eu, nem meus colegas de turma esqueceríamos facilmente o que acontecera perto de Billings.

E, no entanto, enquanto eu estudava os rostos e os grupos de aprendizes, percebi algo estranho. O medo e a tensão do dia anterior ainda estavam presentes, certamente, mas havia uma coisa nova também: excitação. Dois aprendizes calouros praticamente davam gritinhos animados ao sussurrarem entre si. Ali perto, um grupo de rapazes da minha idade fazia gestos largos e abria sorrisos entusiasmados.

Eu devia estar por fora de alguma coisa ali — a não ser que tudo o que acontecera no dia anterior tivesse sido um sonho. Precisei usar cada grama do autocontrole que eu não tinha para não me aproximar de alguém e perguntar. Se eu demorasse mais, chegaria atrasada ao treinamento. Mas a curiosidade estava me matando. Será que os Strigoi e os humanos que estavam trabalhando com eles foram mortos? Seria com certeza uma ótima notícia, mas alguma coisa me dizia que não era esse o caso. Abri a porta do dormitório lamentando ter que esperar até o café da manhã para descobrir o que estava acontecendo.

— Hathaway, não fuja de mim — me chamou uma voz cantarolante.

Olhei para trás e abri um largo sorriso. Mason Ashford, outro aprendiz e um bom amigo meu, veio correndo e alcançou rápido o meu passo.

— Quantos anos você tem? Doze? — perguntei, sem parar de andar em direção ao ginásio.

— Quase isso — disse ele. — Senti falta do seu rosto sorridente ontem. Onde você estava?

Percebi que a minha presença na casa dos Badica ainda não era do conhecimento de todos. Não era nenhum segredo nem nada, mas eu não estava com vontade de discutir detalhes sangrentos.

— Tive um treinamento extra com Dimitri.

— Caramba — resmungou Mason. — Esse cara está sempre fazendo você trabalhar. Será que ele não percebe que está nos privando da sua beleza e encanto?

— Rosto sorridente? Beleza e encanto? Você está pegando um pouco pesado nas cantadas essa manhã, não está, não? — Eu ri.

— Ei, estou apenas dizendo a verdade sobre as coisas. Olha, você tem sorte de ter alguém tão gentil e inteligente como eu prestando tanta atenção em você.

Eu continuei sorrindo. Mason era um grande paquerador e gostava especialmente de flertar comigo. Em

parte porque eu era boa nisso e gostava de flertar de volta. Mas eu sabia que os sentimentos dele com relação a mim iam além da amizade, e eu ainda não sabia bem como devia lidar com isso. Ele e eu tínhamos o mesmo senso de humor abobado, e frequentemente a atenção dos outros colegas nas aulas, ou quando estávamos entre amigos, se voltava para nós. Ele tinha belos olhos azuis e cabelos ruivos que pareciam nunca estar alinhados. Era um cara bonitinho.

Mas namorar alguém agora ia ser um pouco difícil, pois eu ainda pensava nos momentos em que estivera quase nua na cama com Dimitri.

— Gentil e inteligente, é? — Balancei a cabeça. — Eu acho que você presta muito mais atenção no seu ego do que em mim. Alguém precisa diminuí-lo um pouco.

— Ah, é? — perguntou ele. — Bom, você pode dar o melhor de si e tentar fazer isso nos declives. Eu parei de andar.

— Nos o quê?

— Nos declives. — Ele balançou a cabeça. — Você sabe do que eu estou falando. A viagem para a estação de esqui.

— Que viagem para estação de esqui? — Percebi que estava realmente por fora de alguma coisa.

— Onde você esteve esta manhã? — perguntou ele, olhando para mim como se eu fosse uma maluca.

— Na cama! Só acordei uns cinco minutos atrás. Agora comece do início e me conte tudo o que sabe. — Estremeci por causa da falta de movimento. — E vamos continuar andando. — Seguimos, então, em frente.

— Bem, você sabe que todos estão com medo de levar os filhos para passar o Natal em casa, não é? E há uma *enorme* estação de esqui em Idaho que é usada exclusivamente pelos membros da realeza e pelos Moroi ricos. Os donos da estação estão abrindo as portas para os alunos da Escola e suas famílias, e para qualquer outro Moroi que queira ir. Estando todos no mesmo lugar, milhares de guardiões estarão lá para proteger a estação, e o ambiente ficará inteiramente seguro.

— Você não pode estar falando sério — disse. Chegamos ao ginásio e entramos logo, fugindo do frio. Mason fez um frenético gesto afirmativo com a cabeça.

— É verdade. Parece que o lugar é o máximo. — Ele me lançou o sorriso largo que sempre me fazia sorrir de volta. — Nós vamos levar uma vida de reis, Rose. Ao menos durante pouco mais de uma semana. Partimos no dia seguinte ao Natal.

Fiquei parada ali, ao mesmo tempo excitada e chocada. Por essa eu não esperava. Era realmente uma ideia brilhante. Isso ia permitir que as famílias se reunissem num ambiente seguro. E que lugar para se reunir! Uma estação de esqui da realeza. Eu pensava que iria passar a maior parte do feriado andando por aqui mesmo e vendo televisão com Lissa e Christian. E agora eu ia curtir a vida em acomodações cinco estrelas. Jantares de lagosta. Massagens. Instrutores de esqui bonitões...

O entusiasmo de Mason era contagiante. Eu pude sentir a sensação subir pelo meu corpo, e, de repente, o entusiasmo esbarrou numa preocupação.

Observando o meu rosto, ele viu a mudança imediatamente.

— Qual é o problema? Isso é muito legal!

— É. Eu sei — admiti. — E eu entendo por que todos estão animados, mas o motivo pelo qual estamos indo para este lugar é que, bem, pessoas morreram. Quer dizer, isso tudo não parece estranho?

A expressão de felicidade de Mason ficou mais sóbria.

— É, mas nós estamos vivos, Rose. Não podemos parar de viver porque outras pessoas estão mortas. E nós temos que nos certificar de que *mais* pessoas não morram. É por isso que esse lugar é uma ideia tão incrível. É um lugar seguro. — O olhar dele ficou tempestuoso. — Meu Deus, eu mal posso esperar para

estar fora daqui realizando trabalho de campo. Depois que eu soube do que aconteceu, só penso em partir ao meio esses Strigoi. Eu queria que pudéssemos sair agora, sabe? Não tem por que não trabalharmos. Eles podem precisar de uma ajuda extra, e nós já sabemos quase tudo o que precisamos saber.

A ferocidade no tom de voz dele me lembrou do meu surto de raiva do dia anterior, embora ele não estivesse tão agitado quanto eu. A vontade dele de agir era impetuosa e ingênua; a minha, por sua vez, nascera de um estranho e sombrio impulso irracional que eu ainda não compreendia inteiramente.

Eu não respondi, e Mason me lançou um olhar intrigado.

— Você não quer?

— Não sei, Mase. — Olhei fixamente para o chão, evitando o olhar dele enquanto examinava a ponta do meu sapato. — Quer dizer, eu também não quero que os Strigoi continuem andando por aí, atacando as pessoas. E teoricamente eu quero impedi-los... mas, bem, nós não estamos nem perto de estarmos prontos para isso. Eu vi o que eles são capazes de fazer... Não sei, não. Nos precipitarmos não é a solução. — Eu balancei a cabeça e levantei o olhar. Credo! Meu raciocínio era tão lógico e cauteloso. Parecia ser Dimitri falando por mim. — Isso não é importante, já que não vai acontecer mesmo. Acho que devemos ficar animados apenas com a viagem, não é?

O humor de Mason mudou rapidamente e ele ficou leve de novo.

— Claro! E é melhor você lembrar como esquiar, porque estou convocando você a nocautear o meu ego nas montanhas. Não que eu ache que isso vá acontecer.

Sorri novamente.

— Cara, com certeza vai ser muito triste quando eu fizer você chorar. Já estou até me sentindo culpada.

Ele abriu a boca, sem dúvida para mandar de volta alguma resposta espertinha, e de repente viu alguma coisa — ou melhor, alguém — atrás de mim. Eu olhei para trás e vi a silhueta alta de Dimitri chegando do outro lado do ginásio.

Mason fez uma reverência galante para mim.

— Seu amo e senhor. Vejo você mais tarde, Hathaway. Comece a planejar as estratégias de esqui. — Ele abriu a porta e desapareceu na escuridão gelada. Eu me virei e fui de encontro a Dimitri.

Como outros aprendizes dâmpiros, metade do meu dia escolar era dedicado ao treinamento para ser guardião, fosse no combate físico real, fosse aprendendo sobre os Strigoi e sobre como se defender deles. Os aprendizes algumas vezes também praticavam depois do horário das aulas. Eu, porém, vivia uma situação única.

Eu ainda defendia a minha decisão de ter fugido da Escola São Vladimir quando foi necessário. Victor Dashkov fora uma enorme ameaça para Lissa. Mas as nossas férias prolongadas tiveram consequências. Por ter ficado dois anos fora, eu me atrasei nas aulas para guardião, então a escola determinou que eu compensasse o período perdido tomando aulas extras antes e depois do horário escolar.

Com Dimitri. Mal sabiam eles que estavam me dando lições também sobre como evitar a tentação. Fora a minha atração por ele, porém, eu era uma aprendiz rápida, e, com a ajuda dele, já quase alcançara o nível dos alunos mais avançados.

Como ele não estava usando casaco, vi que íamos trabalhar dentro do ginásio hoje, o que era uma boa notícia. Estava gelado do lado de fora. Mas a alegria que eu senti por conta disso não foi nada comparada ao que senti quando vi exatamente o que ele preparara numa das salas de treinamento.

Havia bonecos de treinamento posicionados contra a parede do fundo, bonecos que pareciam impressionantemente vivos. Nada de sacos com enchimento de palha. Eram homens e mulheres, vestindo roupas comuns, com pele de borracha e cabelos e olhos de cores diferentes. As expressões deles variavam.

lam da alegria a expressões de medo e de raiva. Eu já trabalhara com estes bonecos antes, em outros treinamentos, usando-os para socá-los e chutá-los. Mas eu nunca trabalhara com eles usando como arma o que Dimitri trazia em sua mão: uma estaca de prata.

— Maravilha — suspirei.

Era idêntica à que eu encontrara na casa dos Badica. Tinha um cabo para a mão, quase um punho sem as pequenas reentrâncias nos lados. Era aí que acabava a sua semelhança com um punhal. Em vez de uma lâmina chata, a estaca tinha um formato redondo e grosso que finalizava numa ponta afiada, um pouco parecida com um pingente de gelo. A estaca inteira era um pouco menor do que o meu antebraço.

Dimitri se recostou casualmente contra a parede, numa postura de descanso que ele assumia com uma graciosidade admirável, apesar de ter quase um metro e noventa e cinco de altura. Com uma só mão, ele lançou a estaca para o alto. Ela girou em piruetas no ar umas duas vezes e depois caiu. Ele a apanhou pelo punho.

— Por favor, me diz que eu vou aprender a fazer *isso aí* hoje — disse eu.

Os olhos negros e fundos dele brilharam, divertidos com o que eu dissera. Acho que ele às vezes passa por maus momentos tentando manter a expressão séria quando está comigo.

— Sorte sua se eu deixar você *tocar* nela hoje — disse ele. E jogou a estaca para cima novamente. Meus olhos a seguiram ansiosos. Comecei a alegar que eu já tivera uma em minhas mãos, mas eu sabia que esse argumento não me levaria a lugar algum.

Deixei de lado a discussão, joguei minha mochila no chão, tirei o casaco, cruzei os braços e fiquei na expectativa. Estava vestindo uma calça larga amarrada na cintura e uma camiseta sem manga com um casaco moletom com capuz por cima. Meus cabelos escuros estavam fortemente amarrados num rabo de cavalo. Eu estava pronta para qualquer coisa.

— Você quer me falar sobre como se deve usá-las e os motivos pelos quais eu devo ser sempre cautelosa quando estiver com uma dessas por perto — anunciei.

Dimitri parou de jogar a estaca para o alto e me encarou espantado.

— Qual é! — Eu ri. — Você acha que a esta altura já não saquei como é que você gosta de trabalhar? Estou treinando com você há qua-se três meses. Você sempre fala sobre segurança e responsabilidade antes de fazermos qualquer coisa mais divertida.

— Ah, sim — disse ele. — Bom, estou vendo que você já sabe tudo. Sendo assim, pode dar prosseguimento à aula. Eu vou apenas esperar aqui, caso você precise de mim novamente.

Ele guardou a estaca numa bainha de couro do seu cinto e se recostou confortavelmente contra a parede, com as mãos dentro dos bolsos. Eu esperei, imaginando que ele estivesse de brincadeira, mas ele não disse mais nada, e eu então percebi que ele falara a sério. Dei de ombros e comecei a disparar tudo o que eu sabia.

— A prata tem sempre forte eficiência quando usada contra ou a favor de qualquer criatura mágica; ela pode ajudá-las ou machucá-las se for revestida de bastante magia. Estas estacas são muito resistentes e poderosas porque é preciso quatro Moroi para fazê-las, e eles usam cada um dos elementos quando as estão forjando. — Franzi as sobrancelhas, resolvendo levar em consideração uma outra coisa. — Bem, com exceção do espírito. Então, estas coisas são hiperturbinadas e são a única arma capaz de causar sérios danos a um Strigoi sem decapitá-los. Mas, para matá-los, elas têm que atravessar o coração deles.

— Elas podem ferir *você*? Eu fiz que não com a cabeça.

— Não. Quer dizer: bom, se você lançar uma direto no meu coração, vai me ferir, mas não vai me ferir como a um Moroi. Um pequeno corte com uma estaca de prata num Moroi causaria um ferimento fundo, mas não tanto quanto o que ela poderia fazer num Strigoi. E elas também não ferem humanos.

Eu parei por um instante e, com a mente ausente, fixei o olhar na janela atrás de Dimitri. O gelo cobria o vidro formando cristalinos desenhos cintilantes, mas eu mal notei. Quando falei em humanos e estacas, fui transportada de volta à casa dos Badica. Flashes de sangue e morte tomaram o meu pensamento.

Ao ver que Dimitri me observava, eu afastei as lembranças e continuei a aula. Dimitri ocasionalmente fazia um sinal afirmativo com a cabeça ou me pedia para esclarecer alguma coisa. Conforme o tempo passava, eu fui ficando na expectativa de que ele me pedisse para finalizar a fala para que eu pudesse começar a atacar os bonecos. Mas ele me deixou falar até quase chegarmos aos últimos dez minutos da nossa sessão e só então me levou para perto de um dos bonecos. Era um homem com cabelos louros e um cavanhaque. Dimitri desembainhou a estaca, mas não a entregou a mim.

— Onde você vai enfiar isso? — perguntou.

— No coração — respondi irritadiça. — Eu já disse isso a você umas cem vezes. Posso pegar a estaca agora? Ele se permitiu abrir um sorriso.

— Onde fica o coração? Eu olhei para ele como quem diz: está falando sério? Ele simplesmente deu de ombros.

Com uma ênfase hiperdramática, eu apontei para o lado esquerdo do peito do boneco. Dimitri balançou a cabeça em sinal negativo.

— Não é aí que fica o coração — disse.

— É claro que é. As pessoas colocam a mão no coração quando fazem o juramento à bandeira ou quando cantam o hino nacional.

Ele continuou me olhando, na expectativa.

Eu me virei para o boneco e o observei bem. Bem do fundo da minha mente, veio a lembrança da aula de RCP e de onde tínhamos que colocar as mãos. Dei um tapinha no centro do peito do boneco.

— É aqui?

Ele arqueou uma sobrancelha. Geralmente eu achava aquilo legal. Mas hoje o gesto apenas me irritou.

— Não sei — disse ele. — É aí?

— É isso que eu estou perguntando a você!

— Você não deveria precisar me perguntar. Vocês todos não têm que fazer aula de fisiologia?

— Temos. No primeiro ano. Eu estava de “férias”, lembra? — Apontei para a estaca brilhante. — Eu posso, por favor, tocar nela agora?

Ele lançou a estaca para o alto novamente, deixando-a brilhar contra a luz, e depois ela desapareceu na bainha.

— Eu quero que você *me diga* onde fica o coração no nosso próximo treino. O lugar exato. E quero saber também que partes do corpo devem ser atravessadas para se chegar a ele.

Eu lancei em sua direção o olhar mais feroz que eu pude, o que, a julgar pela expressão do seu rosto, não deve ter sido feroz o suficiente. Noventa por cento das vezes eu achava Dimitri a pessoa mais sexy que existia no mundo. Mas em momentos como estes...

Fui direto para a minha primeira aula do dia, a aula de combate, de mau humor. Eu não gostava de parecer incompetente na frente do Dimitri, e eu queria muito, *muito mesmo*, usar uma daquelas estacas. Então, na aula, eu descontei o meu aborrecimento em todos os que eu pude socar ou chutar. No final da aula, ninguém queria fazer dupla comigo. Sem querer, bati com tanta força em Meredith — uma das poucas garotas, além de mim, que estudavam na minha sala — que ela sentiu o queixo, apesar da proteção que usávamos nas aulas de luta. Ela ia ficar com uma mancha roxa horrível e me olhou como se eu tivesse feito de propósito. Pedi desculpas, mas foi em vão.

Depois da aula, esbarrei com Mason novamente.

— Caramba — disse ele, estudando a expressão do meu rosto. — Quem foi que aborreceu você tanto assim?

Imediatamente contei a ele a história da minha decepção por conta do coração e da estaca de prata.

Para me deixar ainda mais irritada, ele riu.

— Como é que você não sabe onde fica o coração? Principalmente levando em conta a quantidade deles que você partiu?

Lancei-lhe o mesmo olhar feroz que eu lançara a Dimitri. Mas desta vez funcionou. Mason empalideceu.

— Belikov é um homem mau e doente que deveria ser jogado num buraco cheio de víboras raivosas pela grande ofensa que ele cometeu contra você esta manhã.

— Muito obrigada — disse eu prontamente. Depois pensei um pouco. — Víboras podem contrair raiva?

— Não vejo por que não. Todos podem. Eu acho. — Ele abriu a porta do corredor para mim. — Mas gansos canadenses podem ser piores do que víboras.

Eu dei uma longa olhada de canto de olho para ele.

— Gansos canadenses são mais letais do que víboras?

— Você já tentou alimentar aqueles desgraçados? — perguntou ele, tentando manter a seriedade, mas sem conseguir. — Eles são selvagens. Se você é jogado às víboras, morre rápido. Mas aos gansos? Morte lenta, pode levar dias. O sofrimento é maior.

— Uau. Não sei se devo ficar impressionada ou amedrontada com o fato de você ter pensado em tudo isso — comentei.

— Estava só tentando imaginar modos criativos de vingar a sua honra, só isso.

— Você nunca me pareceu fazer o tipo criativo, Mase.

Estávamos parados na porta da sala onde teríamos a segunda aula do dia. A expressão no rosto de Mason era ainda leve e divertida, mas havia um tom malicioso na sua voz quando ele voltou a falar.

— Rose, quando estou perto de você, a minha criatividade vai longe. Penso em milhares de coisas criativas para fazer.

Eu, que estava ainda dando risadinhas por conta da história das víboras, parei imediatamente e fiquei olhando para ele, surpresa. Sempre achei Mason uma graça, mas, com aquele olhar sério e nebuloso, subitamente me ocorreu, pela primeira vez, que ele era, de verdade, bem atraente.

— Ih! Olha isso! — Ele riu, percebendo que me apanhara de surpresa. — Rose fi cou sem palavras. Um ponto para Ashford, zero para Hathaway.

— Nada disso. É que eu não quero fazer você chorar antes da via-gem. Não ia ter graça nenhuma se eu acabasse com você antes mesmo de chegarmos aos declives.

Ele riu, e nós entramos na sala. Era uma aula teórica de guarda-costas. A matéria era ministrada numa sala de aula tradicional e não num ginásio de treinamento. Era uma boa forma de descanso para todo o esforço físico despendido até aquele momento. Hoje havia três guardiões, de pé na frente da sala, que não pertenciam ao regimento da escola. Visitas de feriado, pensei. Os pais e seus guardiões tinham começado a chegar ao campus para acompanhar os filhos até a estação de esqui. Fiquei imediatamente interessada.

Um dos convidados era uma sujeito alto que devia ter uns cem anos de idade, mas que ainda parecia capaz de nocautear muita gente. O outro tinha mais ou menos a idade de Dimitri. Tinha a pele bastante queimada de sol e o corpo bem-trabalhado. Algumas das garotas na sala quase desmaiaram ao vê-lo.

A última guardiã era uma mulher. Tinha os cabelos castanho-avermelhados e encaracolados curtos, e seus olhos castanhos estavam neste momento concentrados em seus pensamentos. Como eu já disse,

muitas mulheres dampirãs escolhiam ter filhos em vez de seguir a carreira de guardiãs. Uma vez que eu também era uma das poucas mulheres na profissão, sempre ficava animada quando conhecia outras — como Tamara.

Mas esta não era Tamara. Esta era uma pessoa que eu conhecia há anos, alguém que me inspirava tudo menos orgulho e animação. Ao invés disso, era ressentimento o que eu sentia. Ressentimento, raiva e uma violência que me queimava por dentro.

A mulher que estava de pé na frente da sala era a minha mãe.

Quatro

Eu não podia acreditar. Janine Hathaway. Minha mãe. Uma mãe incrivelmente famosa e absurdamente ausente. Ela não era nenhum Arthur Schoenberg, mas tinha de fato uma reputação estelar no mundo dos guardiões. Eu não a via há anos porque ela estava sempre fora, ocupada com alguma missão impossível. E no entanto... ali estava ela, na Escola São Vladimir, naquele exato momento — bem na minha frente — e nem se dera ao trabalho de me avisar que viria. Onde é que foi parar o amor materno?

Mas que diabos ela estava fazendo ali, afinal? A resposta logo me veio à mente. Todos os Moroi que vieram para o campus da escola trouxeram, com eles, seus guardiões a reboque. Minha mãe protegia um nobre do clã dos Szelsky, e vários membros desta família estavam na escola para as festas. É claro que ela viria com ele.

Sentei e me afundei na cadeira sentindo que dentro de mim alguma coisa parecia encolher. Eu tive quase certeza de que ela me vira entrar, mas sua atenção estava concentrada em outra coisa. Ela vestia calças jeans e uma camiseta bege coberta pela jaqueta de brim mais sem graça que eu já vira. Com apenas pouco mais de um metro e meio de altura, ela parecia uma anã perto dos outros guardiões, mas tinha uma presença e uma postura tão firmes que isso a fazia parecer mais alta.

Nosso instrutor, Stan, apresentou os convidados e explicou que eles nos iriam relatar experiências reais pelas quais tinham passado enquanto guardiões. Ele caminhava pela frente da sala, mexendo as sobrancelhas grossas enquanto falava.

— Sei que isso não é comum — explicou. — Guardiões que vem à escola acompanhando visitantes geralmente não têm tempo de passar pelas nossas salas de aula. Nossos três convidados, no entanto, abriram espaço em suas agendas para virem até aqui hoje conversar com vocês por conta do que aconteceu recentemente... — Fez então uma pausa, e ninguém precisou nos dizer sobre o que ele estava falando. O ataque aos Badica. Ele limpou a garganta e retomou a fala interrompida. — Por conta do que aconteceu, nós achamos que vocês aprenderiam mais com a experiência daqueles que estão trabalhando em campo.

A turma ficou tensa, tomada pela expectativa. Ouvir histórias — principalmente histórias cheias de sangue e ação — era mil vezes mais interessante do que analisar teorias em livros escolares. E percebi que os guardiões da escola estavam igualmente interessados. Muitas vezes eles assistiam às nossas aulas, mas hoje havia uma presença maior do que a normal de guardiões. Dimitri estava entre eles no fundo da sala.

O sujeito mais velho falou primeiro. Contou sua história e me prendeu a atenção. Descreveu uma ocasião em que o filho mais jovem da família que ele protegia saiu andando a esmo, afastando-se do grupo,

num lugar público onde os Strigoi estavam de tocaia.

— O sol estava prestes a se pôr — nos contou com um tom de voz grave. E fez um gesto com as mãos de cima para baixo, demonstrando possivelmente o modo como o sol se punha. — Éramos apenas dois guardiões e precisávamos tomar uma decisão rápida sobre como devíamos proceder naquela situação.

Eu me debrucei na carteira com os cotovelos sobre a mesa. Guardiões trabalhavam quase sempre em duplas. Um — o guardião próximo — geralmente ficava mais perto de quem estava protegendo, enquanto o outro — o guardião distante — voltava sua atenção para o que se passava ao redor. O guardião distante, ainda assim, mantinha contato visual com o parceiro, então eu logo entendi qual era o dilema vivido pelos dois naquele momento. Pensei um pouco e decidi que se estivesse numa situação como aquela, eu diria ao guardião próximo que levasse o resto da família para um lugar seguro enquanto eu ficaria encarregada de procurar pelo garoto.

— Mantivemos a família dentro de um restaurante com o meu parceiro, enquanto eu vasculhava toda a região — continuou o velho guardião. Ele fez um gesto largo com os braços, como quem varre o ar, e eu me senti orgulhosa de mim mesma por ter antecipado a solução correta. A história terminou com um final feliz: o garoto foi encontrado e não esbarrou com nenhum Strigoi.

O caso contado pelo segundo guardião tratava de uma situação em que ele se vira inesperadamente em meio à perseguição de um grupo de Strigoi a alguns Moroi.

— Tecnicamente, eu não estava nem trabalhando — contou. Ele era realmente muito bonito, e uma garota sentada perto de mim olhava para ele com os olhos apaixonados. — Eu estava visitando um amigo e a família que ele protegia. Quando estava saindo do apartamento deles, vi um Strigoi se escondendo nas sombras. Ele não esperava que um guardião aparecesse por ali. Eu dei a volta no quarteirão, apanhei-o por trás e... — O sujeito fez um gesto de esfaquear, muito mais dramático do que aquele usado pelo guardião mais velho. O cara chegou a imitar a estaca girando até chegar no coração do Strigoi.

E então foi a vez da minha mãe. Franzi o cenho antes mesmo de ela começar a falar. Fechei a cara para valer quando ela deu início ao seu relato. Juro que, se eu não conhecesse a falta de imaginação dela — e as suas roupas sem graça provavam que ela realmente não tinha nenhuma —, eu teria achado que ela estava mentindo. Era mais do que uma história. Era um épico, do tipo que se adapta para o cinema e acaba ganhando Oscars.

Ela falou sobre quando o seu protegido, o lorde Szelsky, e sua mulher foram a um baile oferecido por um outro membro importante da família real. Vários Strigoi estavam disfarçados, à espreita. Minha mãe descobriu um deles e imediatamente o matou com a estaca. Depois alertou os outros guardiões presentes na festa. Com a ajuda deles, ela caçou os outros Strigoi que estavam de tocaia e ela mesma matou quase todos.

— Não foi fácil — explicou. Se esta história tivesse sido contada por qualquer outra pessoa, pareceria arrogância. Mas ela não se gabava. Falava de maneira seca e sem floreios. Apenas descrevia os fatos. Ela fora criada em Glasgow, e em algumas de suas palavras ainda se podia reconhecer o sotaque escocês. — Havia três outros nas redondezas. Naquele tempo, este número de Strigoi trabalhando juntos era considerado grande demais. Agora não é mais tão incomum, se pensarmos no ataque aos Badica. — Algumas pessoas estremeceram diante da casualidade com que ela mencionara o ataque. As imagens dos corpos me vieram mais uma vez à mente. — Nós tínhamos que nos livrar dos últimos Strigoi o mais rápida e silenciosamente possível, para não chamar a atenção dos outros. Se você tem a possibilidade de surpreendê-los, a melhor maneira de destruir um Strigoi é atacá-los por trás, quebrar o pescoço deles e depois enfiar a estaca no coração. Quebrar o pescoço deles não irá matá-los, evidentemente, mas os deixa tontos e permite que você

os acerte antes que eles possam fazer algum barulho. A parte mais difícil é, na verdade, conseguir se aproximar deles sorrateiramente e atacá-los de surpresa, porque eles têm uma audição hiperaguçada. Como eu sou menor e mais leve do que a maioria dos guardiões, consigo me mover sem fazer quase nenhum barulho. Então acabei matando, eu mesma, dois dos três que ainda restavam.

Mais uma vez ela usou um tom seco para descrever a própria capacidade de agir eficientemente e com discrição. Ela era irritante. Mais irritante até do que se estivesse anunciando, com orgulho, o quanto era espetacular. Os rostos dos meus colegas de classe brilhavam admirados; eles estavam com certeza mais interessados na ideia de quebrar o pescoço de um Strigoi do que em analisar as qualidades narrativas da minha mãe.

Ela deu sequência à história. Depois que ela e os outros guardiões mataram os três últimos Strigoi, descobriram que dois Moroi tinham sido raptados da festa. Isto não era incomum. Às vezes, os Strigoi gostavam de guardar algum Moroi para usar como lanchinho; outras vezes, os Strigoi mais poderosos mandavam os mais fracos buscarem a presa.

De todo modo, dois Moroi estavam desaparecidos, e seus guardiões foram encontrados feridos.

— Naturalmente nós não podíamos deixar aqueles Moroi nas garras dos Strigoi — disse ela. — Seguimos os rastros dos Strigoi até o esconderijo deles e encontramos vários vivendo juntos. Vocês bem sabem como isso é raro.

E era raro mesmo. A natureza egoísta e demoníaca dos Strigoi fazia com que se voltassem uns contra os outros com a mesma facilidade com que atacavam suas vítimas. O máximo que eles faziam em colaboração era se organizarem para ataques em conjunto quando tinham em mente um objetivo imediato e sanguinolento. Mas viverem juntos? Não. Isso era algo quase impossível de imaginar.

— Conseguimos libertar dois Moroi em cativeiro. E foi então que descobrimos que havia outros aprisionados ali — contou minha mãe.

— Não podíamos deixar os que nós tínhamos acabado de salvar voltarem sozinhos para a festa, então os guardiões que estavam comigo os escoltaram e eu fiquei por lá para resgatar os outros Moroi.

Ah, sim, claro, pensei. Minha mãe encarou tudo sozinha bravamente. Em meio à aventura ela foi capturada, mas conseguiu escapar e resgatar os prisioneiros. Para tanto, ela conseguiu a façanha do século, matou Strigoi de três maneiras diferentes: enfiando a estaca no coração, decapitando e tacando fogo neles.

— Eu acabara de matar um deles com a estaca quando apareceram mais dois atacando — explicou. — Não deu tempo de tirar a estaca do corpo do Strigoi morto quando os outros saltaram na minha direção. Felizmente havia uma lareira bem perto, e eu joguei um deles dentro dela e corri. O outro me perseguiu até um galpão velho. Tinha um machado lá dentro e eu o usei para cortar-lhe a cabeça fora. Depois peguei um galão de gasolina e voltei para a casa. O que eu jogara dentro da lareira ainda não fora inteiramente consumido pelo fogo, mas, depois que eu o ensopei de gasolina, ele se extinguiu rapidamente.

A turma ficou boquiaberta enquanto a ouvia falar. Estavam de queixo caído. E olhos esbugalhados. Não se podia ouvir um som sequer. Olhei em volta e senti como se o tempo tivesse congelado para todos — menos para mim. Parecia que eu era a única a não se deixar impressionar pelo relato estarrecedor que acabáramos de ouvir. E a admiração nos rostos de todos me deu uma raiva tremenda. Quando ela terminou, uma dúzia de mãos se ergueram metralhando-a com as perguntas mais variadas: que técnicas ela usara, se ela sentira medo etc.

Depois da décima pergunta, eu não aguentei mais. Levantei a mão. Ela demorou um tempo para perceber e me dar a voz. Pareceu um pouco surpresa de me ver na sala. Achei até curioso ela ter me reconhecido.

— Então, guardiã Hathaway — comecei. — Por que vocês não se certificaram de que o lugar era seguro?

Ela franziu o cenho. Acho que assumiu uma atitude defensiva desde o momento em que me passou a palavra.

— O que você está querendo dizer?

Dei de ombros e me recostei na cadeira, tentando manter um ar de conversa casual.

— Não sei, não. Está parecendo que vocês deram uma mancada. Por que não examinaram minuciosamente o lugar logo de início para se certificarem de que não havia nenhum Strigoi à espreita? Acho que isso os teria poupado de todo esse trabalho.

Todos os olhos se voltaram para mim. Minha mãe ficou momentaneamente sem palavras.

— Se nós não tivéssemos tido “todo esse trabalho”, teríamos sete Strigoi a mais vagando pelo mundo, e os outros Moroi que haviam sido sequestrados por eles ou estariam mortos, ou, a esta altura, teriam sido transformados em novos Strigoi.

— Claro, claro, eu entendi que vocês foram heróis e salvaram a todos e tudo o mais, mas o que estou tentando fazer aqui é voltar aos princípios. Quer dizer, esta é uma aula de teoria, certo? — Dei uma olhada para Stan, que me observava com um olhar violento. Ele e eu tínhamos um longo e desagradável histórico de conflitos em sala de aula, e eu suspeitei naquele momento que estávamos prestes a enveredar por mais um. — Então, eu só quero entender o que deu errado no início disso tudo.

Vou falar agora por ela — a minha mãe tinha um autocontrole muito maior do que o meu. Se os papéis estivessem invertidos, eu teria saído da frente da sala e dado um soco em mim naquele exato instante. O rosto dela, no entanto, manteve a mesma expressão calma. Ela apenas apertou um pouco os lábios. Esse foi o único sinal de que eu a estava deixando irritada.

— Não é tão simples — respondeu. — O lugar tinha uma arquitetura interior extremamente complexa. Nós o inspecionamos de cima a baixo, e não encontramos nada. Provavelmente os Strigoi se infiltraram quando a festa já tinha começado. Ou então havia passagens e quartos secretos que nós desconhecíamos.

A turma toda soltou exclamações de surpresa e excitação com a ideia de passagens secretas, mas eu, mais uma vez, não me deixei impressionar.

— Então, o que você está dizendo é que ou vocês falharam em não descobrir as passagens secretas durante a primeira inspeção do lugar, ou eles quebraram a segurança que vocês armaram durante a festa. Está me parecendo que vocês deram mancada de um jeito ou de outro.

Os lábios dela se apertaram ainda mais, e o seu tom de voz ficou gélido.

— Nós fizemos o melhor que podíamos numa situação inteiramente fora do comum. Eu posso compreender que uma pessoa no seu nível de aprendizagem talvez encontre dificuldades em ver as complicações por trás de tudo o que eu estou descrevendo, mas, quando tiver aprendido o suficiente para ir além da teoria, você verá como as coisas são diferentes quando se está trabalhando lá fora e há vidas em suas mãos.

— Sem dúvida — concordei. — Quem sou eu para questionar os seus métodos? Ou melhor, o que proporcionou a você a oportunidade de ganhar suas marcas *molnija*, não é mesmo?

— Senhorita Hathaway. — O timbre profundo da voz de Stan trovejou pela sala. — Por favor, apanhe suas coisas e espere lá fora até a aula terminar.

Eu o encarei espantada.

— Está falando sério? Desde quando não é mais permitido fazer perguntas?

— O que não é permitido é uma atitude como a sua. — Ele apontou para a porta. — Saia.

Fez-se um silêncio ainda mais pesado e profundo do que o que se abatera na sala quando minha mãe contou sua história. Eu fiz o que pude para não me acovardar sob os olhares dos guardiões e aprendizes.

Essa não era a primeira vez que eu era expulsa da aula de Stan. Também não era a primeira vez que eu era expulsa da aula de Stan na frente de Dimitri. Joguei a mochila no ombro, atravessei o curto caminho entre a minha carteira e a porta — que pareceu ter quilômetros de distância — e evitei o olhar da minha mãe ao sair da sala.

Mais ou menos cinco minutos antes de a aula terminar, ela saiu da sala e veio até o lugar onde eu estava sentada no corredor. Ela colocou as mãos na cintura e me olhou de cima daquele jeito irritante que fazia com que ela parecesse mais alta do que de fato era. Não era justo que alguém quase quinze centímetros mais baixa do que eu conseguisse fazer com que eu me sentisse tão pequena.

— Bom, estou vendo que os seus modos não melhoraram nada com o passar dos anos. Eu me levantei e me senti mais forte.

— Foi bom ver você também. Fiquei surpresa de você ter me reconhecido. Na verdade, quando vi que você estava no campus e nem se dera ao trabalho de me avisar, fiquei achando que você nem se lembrava mais da minha existência.

Ela tirou as mãos da cintura e cruzou os braços no peito, assumindo, se é que isso era possível, uma postura ainda mais impassível.

— Eu não podia negligenciar meu trabalho para vir dar colo a você.

— Dar colo? — perguntei. Aquela mulher, em toda a sua vida, jamais me dera colo. Eu não imaginava que ela sequer conhecesse essa expressão.

— Eu não podia mesmo esperar que você pudesse entender. Pelo que eu ouvi, você nem sabe bem o que significa “trabalho”.

— Eu sei exatamente o que significa — rebati com uma voz intencionalmente arrogante. — Bem melhor do que a maioria das pessoas.

Ela arregalou os olhos com deboche, fingindo surpresa. Eu lançava esse olhar sarcástico para várias pessoas e não gostei nem um pouco que ele estivesse direcionado para mim agora.

— Ah, é mesmo? Onde você esteve durante os últimos dois anos?

— E onde você esteve durante os últimos cinco anos? — perguntei.

— Se ninguém tivesse avisado, você saberia que eu tinha fugido?

— Não vire o assunto para mim. Estive longe porque tive que estar. Você fugiu para fazer compras e ficar acordada até tarde.

Minha mágoa e constrangimento se transformaram em pura fúria. Parecia que eu jamais me livraria das consequências de ter fugido com Lissa.

— Você não faz a menor ideia dos motivos que me levaram a ir embora — disse eu. Meu tom de voz começou a se elevar. — E você não tem o direito de fazer suposições sobre a minha vida quando você não sabe nada dela.

— Eu li relatórios sobre o que aconteceu. Você tinha motivos para se preocupar, mas agiu de forma incorreta. — As palavras dela eram formais e ríspidas. Parecia estar dando uma das minhas aulas. — Você deveria ter recorrido à ajuda dos outros.

— Não havia ninguém a quem eu pudesse recorrer. Ninguém em quem eu pudesse confiar inteiramente. Além do mais, nós aqui aprendemos que devemos pensar com independência.

— Isso — respondeu ela. — Coloque a ênfase no aprendizado. Algo que você perdeu durante dois anos. Você não está em condições de me dar lições sobre protocolos de guardião.

Eu tinha a capacidade de manter sempre uma argumentação violenta; era algo que a minha própria natureza me impelia a fazer. De modo que eu estava acostumada a me defender e a ser insultada. Eu era dura

na queda. Mas, por alguma razão, perto dela — nos breves momentos em que eu a tive por perto — sempre me senti como se tivesse três anos de idade. A atitude dela me humilhava, e quando mencionou os treinamentos que eu perdi — um assunto que ainda me incomodava — eu me senti ainda pior. Cruzei os braços, imitando a postura assumida por ela, e tentei armar um olhar convencido.

— Ah, é? Mas não é isso o que os meus professores pensam. Mesmo tendo perdido todo esse tempo, ainda assim eu consegui alcançar o nível dos meus colegas de turma.

Ela demorou um pouco a responder. Finalmente, com uma vez seca, ela disse:

— Se você não tivesse fugido, já os teria superado.

Virando-se como uma militar, ela seguiu pelo corredor. No minuto seguinte, o sinal tocou e a turma toda saiu da sala de Stan, enchendo o corredor.

Nem Mason conseguiu me animar depois daquilo. Passei o resto do dia chateada e com raiva, certa de que todos estavam comentando baixinho sobre minha mãe e eu. Não almocei e fui para a biblioteca ler um livro sobre fisiologia e anatomia.

Quando chegou a hora do meu treinamento diário com Dimitri depois do horário escolar, eu praticamente me lancei para cima dos bonecos de treinamento. Com o punho fechado, dei um soco no peito de um deles, bem perto do centro e só um pouco para a esquerda.

— Aqui — disse a ele. — O coração fica aqui, e antes dele tem o esterno e as costelas. Pode me dar a estaca agora?

Cruzei os braços e levantei triunfante o olhar para ele, esperando que me cobrisse de elogios pela minha sabedoria. Em vez disso, ele fez apenas um sinal afirmativo com a cabeça em reconhecimento, como se eu já devesse saber aquilo tudo. E realmente, eu devia saber.

— E como você faz para passar pelo esterno e pelas costelas? — perguntou.

Suspirei. Eu descobrira a resposta para uma pergunta e agora ele me fazia outra? Isso era típico.

Passamos a maior parte do treino trabalhando esta questão. Ele fez demonstrações de várias técnicas que levariam a mortes mais rápidas. Todos os movimentos eram ao mesmo tempo graciosos e mortais. Ele os fazia de um jeito que não parecia exigir quase nenhum esforço, mas eu sabia que não era bem assim.

Quando ele subitamente estendeu a mão e me ofereceu a estaca, eu, a princípio, não entendi.

— Você está me dando a estaca? Os olhos dele faiscaram.

— Não posso acreditar que você está recuando. Imaginei que você fosse apanhá-la e sair correndo imediatamente.

— Você não está sempre me ensinando a recuar? — perguntei.

— Não diante de tudo.

— Mas diante de *algumas* coisas.

Percebi o duplo sentido que eu tinha dado às palavras e me perguntei de onde viera aquilo. Eu aceitara já há algum tempo o fato de que havia muitos motivos para que eu nem pudesse mais pensar nele amorosamente. Mas, de vez em quando, eu resvalava um pouco por este caminho e ansiava que ele correspondesse. Teria sido bom saber que ele ainda me queria. Mas estudando a expressão do rosto dele neste momento, percebi que talvez ele nunca mais caísse em tentação porque eu não o tirava mais do sério. Isso, no entanto, era triste.

— É claro — disse ele, deixando bem claro que estávamos falando estritamente de questões de aprendizado. — É como tudo o mais. Equilíbrio. Saber para que coisas devemos nos lançar e *quais* devemos deixar quietas. — Ele enfatizou bem a última alternativa.

Nossos olhos se cruzaram brevemente, e eu senti uma eletricidade correr pelo meu corpo. Ele sabia do

que eu estava falando. E, como sempre, ignorava e se portava apenas como professor — exatamente o que ele de fato tinha que fazer. Com um suspiro, arranquei da cabeça os meus sentimentos por ele e tentei me lembrar que estava prestes a tocar na arma na qual eu ansiara tocar desde criança. A lembrança da casa dos Badica me veio de repente à cabeça mais uma vez. Os Strigoi rondavam lá fora. Eu precisava manter o foco.

Com hesitação, quase reverencialmente, eu estiquei o braço e abracei o punho da arma com os dedos. Senti o metal frio formigar minha pele. O punho tinha entalhes para que se pudesse segurá-lo com maior firmeza, mas, ao passar os dedos pelo resto dele, achei a superfície tão lisa quanto vidro. Tirei a estaca da mão de Dimitri e a trouxe para perto de mim. Passei um bom tempo estudando-a e me acostumando com o seu peso. A ansiedade me instigava a me virar e atravessar cada um dos bonecos com ela, mas em vez disso, levantei o olhar para ele e perguntei:

— O que eu devo fazer primeiro? Como era típico de seu jeito de fazer as coisas, Dimitri me ensinou o básico antes, lapidando o jeito como eu segurava e movimentava a estaca. Mais tarde, ele finalmente me deixou atacar um dos bonecos, e eu de fato descobri que exigia mesmo muito esforço para atingir o coração. A evolução humana tinha feito um bom trabalho ao proteger o coração com o esterno e as costelas. No entanto, durante todo o treinamento, Dimitri se manteve diligente e paciente, guiando-me por cada passo e me corrigindo nos mínimos detalhes.

— Escorregue-a para cima, entre as costelas — explicou ele, vendo que eu tentava encaixar a ponta da estaca em um buraco em meio aos ossos. — Assim é mais fácil, já que você é mais baixa do que a maioria dos seus atacantes. E você pode também deixá-la entrar por debaixo da ponta da última costela.

Quando terminou o treino, ele pegou a estaca de volta e fez um sinal de aprovação com a cabeça.

— Bom. Muito bom. Olhei para ele surpresa. Ele não costumava fazer muitos elogios.

— Mesmo?

— Parece até que você vem trabalhando com a estaca há anos.

Senti um sorriso largo de prazer se espalhar pelo meu rosto enquanto nós dois nos encaminhávamos para a saída do ginásio. Quando nos aproximamos da porta, vi que havia um boneco com cabelos cacheados avermelhados. Subitamente, tudo o que acontecera na aula de Stan me veio de volta à mente. Eu fechei a cara.

— Posso apunhalar aquele ali na próxima vez?

Ele apanhou seu casaco e vestiu. Era um casaco marrom e comprido, feito de couro batido. Parecia muito com um guarda-pó de caubói, embora ele nunca o admitisse. Ele tinha um fascínio secreto pelo Velho Oeste. Eu não entendia muito bem aquilo, na verdade, mas não era só isso que eu não entendia sobre ele. Seu estranho gosto musical era para mim algo incompreensível.

— Acho que não seria saudável — disse.

— Seria melhor do que se eu fizesse isso no corpo dela — grunhi, jogando minha mochila nas costas. Saímos do ginásio.

— A violência não é a solução para os seus problemas — disse ele sabiamente.

— É ela quem tem problemas. E eu achava que o ponto central de toda a minha educação estava no fato de que a violência era, sim, a solução.

— Apenas com aqueles que são violentos com você primeiro. A sua mãe não está atacando você. Vocês duas são só muito parecidas, é isso. Eu parei de andar.

— Eu não sou nem um pouco parecida com ela! Quer dizer... os olhos são. Mas eu sou bem mais alta. E meu cabelo é completamente diferente. — Apontei para o meu rabo de cavalo, para o caso de ele não ter percebido que o meu cabelo cheio e castanho não se parecia em nada com os cachos ruivos dela.

Ele ainda estava com uma expressão divertida no rosto, mas havia uma preocupação no seu olhar também.

— Eu não estou falando da aparência física, você sabe.

Desviei então os olhos daquele olhar familiar. Minha atração por Dimitri começara quase quando nos conhecemos — e não foi só porque ele era um homem tão bonito. Eu sentia que ele compreendia uma parte de mim que nem eu mesma compreendia, e às vezes eu tinha certeza de que eu compreendia partes dele que ele mesmo também não entendia.

O único problema era que ele tinha a tendência irritante de ressaltar coisas sobre mim que eu não queria compreender.

— Você acha que eu tenho ciúmes?

— Você tem? — perguntou ele. Eu odiava quando ele respondia minhas perguntas com outra pergunta.

— Se tem, do que exatamente você tem ciúmes?

Olhei para Dimitri.

— Não sei. Talvez eu sinta ciúmes porque ela dedica mais tempo para cuidar da sua reputação do que de mim. Não sei.

— Você não acha que o que ela fez foi incrível?

— Acho. Não. Eu não sei. É que soou um pouco... Não sei... Um pouco como se ela estivesse se vangloriando. Como se tivesse feito tudo aquilo só pela glória. — Dei um sorriso sarcástico. — Pelas marcas. — As marcas *molnija* eram tatuagens que os guardiões ganhavam quando matavam um Strigoi. Cada uma parecia um pequeno X feito de raios. Eram tatuados nas nossas nuças e mostravam o nível de experiência que um guardião tinha.

— Você acha que vale a pena encarar um Strigoi só para ganhar uma marca? Eu achei que você tinha aprendido alguma coisa na casa dos Badica.

Me senti uma idiota.

— Não é isso que eu estou...

— Venha. Parei de andar.

— O quê?

Estávamos indo para o meu dormitório, mas, de repente, ele fez um sinal com a cabeça em direção ao lado oposto do campus.

— Quero mostrar uma coisa a você.

— O que é?

— Quero que você veja que nem todas as marcas são medalhas de honra.

Çinco

Eu não fazia a menor ideia do que Dimitri estava falando, mas obedientemente o segui.

Para minha surpresa, ele me levou para fora dos limites do campus, para o bosque que circundava a escola. A Escola era proprietária de muitas terras, mas nem toda a sua extensão era de fato usada com objetivos educacionais. Estávamos numa região remota de Montana, e, de vez em quando, eu tinha a impressão de que a escola se mantinha isolada no meio de um mundo selvagem que parecia querer ultrapassar as fronteiras que os separavam.

Caminhamos em silêncio por um tempo, e nossos pés rangiam no contato com a neve grossa e inquebrável. Alguns pássaros atravessaram o caminho voando, e saudando, com seu canto, o sol nascente, mas o que mais vi foram principalmente árvores tortas, daquelas que não perdem as folhas no inverno, carregadas de neve. Tive que fazer esforço para acompanhar os passos largos de Dimitri, especialmente porque a neve atrapalhava um pouco o meu ritmo habitual. Vi, logo adiante, uma espécie de construção grande e escura.

— O que é aquilo? — perguntei. Antes que ele pudesse responder eu distingi uma pequena choupana, feita de troncos de árvore e tudo. Observando mais de perto, vi que os troncos pareciam velhos e podres em algumas partes. O telhado cederá um pouco.

— Antigos postos de vigia — disse ele. — Alguns guardiões moravam nas fronteiras do campus e mantinham a vigilância contra os Strigoi.

— Por que não fazem mais isso?

— Não temos um número suficiente de guardiões para isso. E, além do mais, os Moroi forjaram anéis de escudo para o campus com proteção mágica tão intensa que a maioria não julga necessário manter postos de vigília. — “Desde que não apareçam humanos dispostos a quebrar a magia com estacas”, pensei.

Por um breve instante, me diverti com a esperança de que Dimitri estivesse me levando para algum refúgio romântico da Escola. Então ouvi vozes do lado oposto à choupana. Um zumbido familiar de sentimentos se infiltrou na minha mente. Lissa estava lá.

Dimitri e eu demos a volta ao redor da casa, e nos deparamos com uma cena surpreendente. Havia um pequeno lago congelado ali, e Christian e Lissa estavam patinando nele. Uma mulher que eu não conhecia os acompanhava, mas estava de costas para mim. Só pude ver uma onda de cabelos negros que arqueavam ao seu redor enquanto ela deslizava pelo gelo, evoluindo para uma parada graciosa.

Lissa abriu um sorriso largo quando me viu.

— Rose!

Christian deu uma olhada para mim quando ela me cumprimentou, e eu tive a nítida impressão de que ele sentiu como se eu estivesse me intrometendo no momento romântico deles.

Lissa veio caminhando em passos meio desequilibrados até a beira do lago. Ela não era muito adepta da patinação no gelo. Eu só pude olhar espantada — e com ciúmes.

— Obrigada por me convidar para a festa — reclamei.

— Imaginei que você estaria ocupada — disse ela. — E isso aqui é se gredo. Nós não devíamos estar aqui. — Eu poderia ter dito isso a eles. Christian veio patinando para perto dela, e a mulher desconhecida o seguiu.

— Você está trazendo penetras para a festa, Dimka? — perguntou ela.

Não entendi com quem ela estava falando até ouvir a risada de Dimitri, e aí fiquei ainda mais surpresa.

— É impossível manter Rose longe dos lugares onde ela não deveria estar. Ela sempre acaba encontrando-os.

A mulher sorriu e se virou, jogando os cabelos longos sobre um dos ombros, de modo que eu pude ver, subitamente, o seu rosto inteiro. Precisei usar cada grama do meu já duvidoso autocontrole para não reagir. Seu rosto em forma de coração ostentava olhos grandes da mesma cor dos de Christian, um azul pálido invernos. Os lábios que sorriam para mim eram delicados e gentis, e, pintados com um batom cor-de-rosa, eles se destacavam do resto de seu semblante.

Mas, atravessando o lado esquerdo do seu rosto, desfigurando a pele que um dia fora lisa e branca, se espalhavam cicatrizes arroxeadas. O formato delas dava a impressão de que alguém mordera-lhe o rosto e arrancara parte da bochecha. O que foi, como eu me descobriria em seguida, exatamente o que acontecera com ela.

Engoli em seco. Percebi subitamente quem era aquela mulher. Era a tia de Christian. Quando os pais dele transformaram-se em Strigoi, voltaram para buscá-lo, com a intenção de escondê-lo até que crescesse e pudesse ser também transformado em Strigoi. Eu não conhecia todos os detalhes da história, mas sabia que sua tia os afastara dele. Como eu disse antes, no entanto, os Strigoi são letais. Ela serviu para distraí-los o suficiente até que os guardiões aparecessem, mas ela não saiu total mente ilesa. Ela esticou a mão coberta por uma luva para mim.

— Tasha Ozero — disse. — Ouvi falar muito de você, Rose. Lancei um olhar ameaçador para Christian, e Tasha riu.

— Não se preocupe — disse. — Só ouvi coisas boas.

— Não foram só coisas boas, não — se opôs ele. Ela balançou a cabeça demonstrando exasperação.

— Sinceramente, eu não sei onde ele aprendeu a se comportar socialmente de maneira tão horrível. Não foi comigo. — “Isso estava evidente”, pensei.

— O que vocês estão fazendo aqui fora? — perguntei.

— Eu queria passar algum tempo com estes dois. Mas não gosto muito de ficar dentro da escola. Acho que o ambiente nem sempre é muito hospitaleiro...

De início, eu não entendi o que ela quis dizer. Os funcionários da escola eram sempre reverentes quando os membros da realeza visitavam a instituição. Então eu entendi.

— Por causa... por causa do que aconteceu...

Levando em conta a maneira como Christian era tratado por todos por causa de seus pais, eu não devia ter me surpreendido ao ver que sua tia enfrentava o mesmo tipo de discriminação.

Tasha deu de ombros.

— As coisas são desse jeito mesmo. — Ela esfregou as mãos uma na outra e suspirou, formando com a sua respiração uma nuvem gelada no ar. — Mas não vamos ficar aqui fora no frio, se podemos acender uma lareira lá dentro.

Lancei um último olhar pensativo para o lago congelado e segui os outros para dentro. A choupana estava vazia, coberta com camadas de poeira e sujeira. Tinha um único cômodo apenas. Havia uma cama estreita sem cobertas num canto e algumas prateleiras, usadas provavelmente para estocar comida. Havia, porém, uma lareira, e nós logo fizemos uma chama que aqueceu o pequeno ambiente. Nós cinco nos sentamos, amontoados perto do calor, e Tasha trouxe um saco de *marshmallows*, que cozinhamos na lareira.

Enquanto nos deleitávamos com aquelas guloseimas grudentas, Lissa e Christian conversavam bem à vontade e descontraídos como sempre. Para minha surpresa, Tasha e Dimitri também conversavam com familiaridade e leveza. Eles certamente se conheciam há muito tempo. Na verdade, eu nunca o vira tão animado antes. Mesmo quando ficava carinhoso comigo, ele sempre mantinha um ar sério. Com Tasha, ele gracejava e dava risadas.

Quanto mais eu a ouvia falar, mais gostava dela. Finalmente, sem conseguir me manter fora da conversa, eu perguntei:

— Então, você também vai para a estação de esqui?

Ela fez que sim com a cabeça. Reprimindo um bocejo, ela se espreguiçou como um gato.

— Eu não esquio há anos. Não tenho tempo. Guardei todas as minhas férias para esse passeio.

— Férias? — Olhei para ela com surpresa. — Você tem... um emprego?

— Infelizmente sim — disse Tasha, embora não parecesse triste com isso. — Dou aulas de artes marciais.

Encarei-a espantada. Eu teria ficado menos surpresa se ela tivesse dito que era astronauta ou uma vidente daquelas que dão consultas por telefone.

Muitos membros da realeza simplesmente não trabalham, e os que trabalham geralmente se dedicam a algum tipo de investimento ou de negócio especulativo ou a alguma forma de aumentar a fortuna de suas famílias. E os que trabalham de fato certamente não fazem artes marciais nem nada que exija muita atividade física. Os Moroi possuem qualidades incríveis: sentidos extremamente acurados — olfato, visão e audição — e a capacidade de manejar a magia. Mas, fisicamente, eles são altos e esguios e em geral apresentam ossatura leve. Eles também enfraquecem se expostos à luz solar. Bem, essas coisas não impediriam necessariamente uma pessoa de se tornar um lutador, mas dificultavam essa tarefa, tornando-a um desafio. Ao longo dos anos, os Moroi foram alimentando a ideia de que o melhor ataque era uma boa defesa, e a maioria se esquivou da perspectiva de enfrentar conflitos físicos. Eles se escondiam em lugares bem-protegidos como a Escola, sempre confiando em vampiros mais fortes e mais resistentes para mantê-los a salvo.

— E então, Rose? — Christian parecia estar se divertindo demais com a minha surpresa.

— Você acha que conseguiria vencê-la numa luta?

— É difícil dizer — respondi. Tasha abriu um largo sorriso para mim.

— Você está sendo modesta. Eu já vi vocês em ação. A luta para mim é apenas um hobby.

Dimitri riu discretamente.

— Agora quem está sendo modesta é você. Você poderia ensinar muita coisa para os alunos daqui.

— Pouco provável — disse ela. — Seria bastante constrangedor para mim apanhar de um bando de adolescentes.

— Não acho que isso aconteceria — disse ele. — Eu me lembro bem dos estragos que você fez em Neil

Szelsky. Tasha revirou os olhos.

— Não cheguei a causar grande estrago quando lancei meu copo de bebida no rosto dele. A não ser que você considere estrago o que a bebida fez com seu terno. E nós bem sabemos como ele se preocupa com os trajes.

Os dois riram da piada interna que nós não pudemos acompanhar, mas eu estava com a minha atenção dividida. O que ainda me intrigava era como ela tinha lutado com os Strigoi.

O autocontrole, que eu tentara manter até aquele momento, finalmente acabou.

— Você começou a aprender a lutar antes ou depois do que aconteceu com o seu rosto?

— Rose! — me censurou Lissa rispidamente.

Mas Tasha não pareceu se incomodar. Tampouco Christian, e ele geralmente sentia-se bastante desconfortável quando o assunto se virava para o ataque que envolvera seus pais. Ela me observou com um olhar pensativo e equilibrado. Lembrou-me o olhar com que Dimitri às vezes me encarava quando eu o surpreendia com alguma coisa que ele aprovava.

— Depois — disse ela. Ela não baixou o olhar, nem se mostrou constrangida, mas eu senti uma tristeza nela. — O que você sabe sobre esta história?

Olhei para Christian.

— O básico. Ela fez que sim com a cabeça.

— Eu sabia... Eu sabia no que Lucas e Moira tinham se transformado, mas mesmo assim eu não estava preparada. Nem psicológica, nem física, nem emocionalmente. Eu acho que, se tivesse que passar por tudo aquilo novamente, ainda não estaria preparada. Mas, depois daquela noite, eu olhei para mim mesma, metaforicamente falando, e me apercebi do quanto era indefesa. Passara toda a minha vida esperando que os guardiões me protegessem e tomassem conta de mim. E não estou querendo dizer com isso que os guardiões são incapazes de cumprir essa função. Como eu já disse, você provavelmente conseguiria me vencer numa luta. Mas eles, Lucas e Moira, destruíram nossos dois guardiões antes mesmo que pudéssemos perceber o que tinha acontecido. Eu os mantive longe de Christian, mas com muita dificuldade. Se outros guardiões não tivessem aparecido, eu estaria morta, e ele teria sido... — Ela se interrompeu, franziu o rosto e depois retomou a fala.

— Eu decidi que não iria morrer daquele jeito, não sem lutar para valer e fazer tudo o que estivesse ao meu alcance para proteger a mim e aqueles que amo. Então me dediquei a aprender todo o tipo de autodefesa. E, depois de algum tempo, eu não consegui mais me ajustar muito bem ao convívio com a alta sociedade daqui. Então me mudei para Minneapolis e passei a me sustentar como professora.

Eu não tive dúvidas de que havia outros Moroi vivendo em Minneapolis, mas, não sei por quê, consegui ler as palavras não ditas por ela. Estava claro que ela se mudara para lá e passara a viver no mundo dos humanos, mantendo-se afastada dos outros vampiros, como Lissa e eu tínhamos feito durante dois anos. Comecei a me perguntar se não haveria mais coisas não ditas que eu não pescara ainda. Ela disse que aprendera “todo o tipo de autodefesa”, então não foram só artes marciais. Assim como os Moroi acreditavam que a melhor arma é a defesa, também não achavam que a magia devesse ser usada como arma. Há muito tempo ela fora usada assim, e alguns Moroi ainda o faziam secretamente, mesmo nos dias de hoje. Christian, eu bem sabia, era um deles. Subitamente eu tive um palpite certo sobre com quem ele aprendera a trabalhar daquele jeito com a magia.

Um silêncio se abateu sobre nós. É difícil dar prosseguimento a uma conversa depois de ouvir uma história tão triste como aquela. Mas Tasha, eu logo percebi, era uma dessas pessoas que conseguem sempre levantar o humor de um grupo. Isso fez com que eu gostasse dela ainda mais, e ela passou o resto do tempo

nos contando histórias divertidas. Ela não armava uma atitude de superioridade, como a maioria dos membros da realeza fazia, e sabia os podres de muita gente. Dimitri conhecia muitas das pessoas que ela mencionou — sinceramente, como uma pessoa tão antissocial podia conhecer todo mundo tanto entre os Moroi quanto entre os guardiões? — e ocasionalmente acrescentava algum detalhe às histórias de Tasha. Eles estavam nos fazendo rir às gargalhadas até Tasha finalmente olhar as horas em seu relógio.

— Qual é o melhor lugar para uma garota fazer compras por aqui?

— perguntou ela. Lissa e eu trocamos olhares.

— Missoula — dissemos juntas. Tasha suspirou.

— Fica a umas duas horas daqui, mas, se eu sair cedo, provavelmente ainda chego a tempo de fazer algumas compras antes de as lojas fecharem. Estou desesperadamente atrasada com as compras de Natal.

— Seria capaz de matar alguém só para ir fazer compras — resmunguei.

— Eu também — disse Lissa.

— Quem sabe nós não podemos dar uma escapadinha e irmos juntas? — Lancei um olhar esperançoso para Dimitri.

— Não — disse ele sem demora. Desta vez fui eu quem deu um profundo suspiro. Tasha bocejou novamente.

— Vou precisar de uma xícara de café para não dormir ao volante.

— Um dos seus guardiões não pode dirigir por você? Ela fez que não com a cabeça.

— Eu não tenho guardiões.

— Não tem... — Franzi o cenho, digerindo as palavras dela. — Você não tem nenhum guardião?

— Não. Não pude acreditar.

— Mas isso não é possível! Você é da realeza. Deveria ter pelo me-nos um. Deveria ter dois, na verdade.

Os guardiões eram distribuídos entre os Moroi de maneira obscura e supercontrolada pelo Conselho de Guardiões. Era um sistema um pouco injusto, considerando o desequilíbrio entre os guardiões a que diferentes Moroi tinham direito. Os que não eram da realeza normalmente conseguiam obter guardiões segundo um sistema de loteria. Já aos membros da realeza sempre era concedido ao menos um. Membros da alta realeza frequentemente angariavam mais de um, mas mesmo os menos favorecidos em títulos recebiam pelo menos um guardião.

— Os Oзера não são exatamente os primeiros da fila quando se trata de destinar guardiões familiares — disse Christian com mágoa.

— Desde que meus pais morreram... houve uma espécie de corte no número de guardiões para nós. A raiva me subiu à cabeça.

— Mas isso não é justo. Eles não podem punir você pelo que os seus pais fizeram.

— Não é uma punição, Rose. — Tasha não demonstrou nem de longe a mesma raiva que eu achava que ela deveria ter. — É apenas... uma reorganização de prioridades.

— Estão deixando-os indefesos. Vocês não podem ir lá fora sozinhos!

— Eu não estou indefesa, Rose. Já disse isso a você. E, se eu realmente quisesse ter um guardião, poderia reivindicar e me tornar um incômodo para eles, mas essa é uma chateação que não vale a pena. Estou muito bem assim.

Dimitri olhou para ela.

— Quer que eu vá com você?

— E manter você acordado a noite inteira? — Tasha fez que não com a cabeça. — Eu não faria isso com você, Dimka.

— Ele não se importa — disse eu rapidamente, excitada com aquela solução.

Dimitri pareceu se divertir com o fato de eu ter falado por ele, mas não me contradisse.

— Não me importo mesmo. Ela hesitou.

— Está bem, mas então devemos sair logo.

Nossa festinha ilícita se dispersou. Os Moroi caminharam numa direção; Dimitri e eu tomamos outro caminho. Ele e Tasha combinaram de se encontrar em meia hora.

— Então, o que você achou dela? — me perguntou ele quando ficamos sozinhos.

— Gostei dela. Ela é muito legal. — Pensei um pouco a respeito. — E entendi o que você quis me dizer sobre as marcas.

— Ah, é?

Fiz um sinal afirmativo com a cabeça, olhando para os meus próprios passos enquanto caminhávamos pela trilha. Mesmo a neve tendo sido removida e o caminho, coberto de sal, meus pés ainda apanhavam camadas ocultas de gelo.

— Ela não fez o que fez para alcançar glória alguma. Ela o fez porque precisou. Assim como... assim como a minha mãe. — Detestei ter que admitir, mas era verdade. Janine Hathaway podia ser a pior mãe do mundo, mas era uma excelente guardiã. — As marcas não são importantes. Sejam elas *molnija* ou cicatrizes.

— Você aprende rápido — aprovou ele. Deliciei-me com o elogio.

— Por que ela chama você de Dimka?

Ele deu uma risada suave. Eu ouvira muito essa risada durante a reunião desta noite e achei que gostaria de ouvi-la mais vezes.

— É um apelido para Dimitri.

— Isso não faz nenhum sentido. Não soa nem um pouco parecido com Dimitri. Um bom apelido para você seria, talvez, Dimi, ou algo assim.

— Mas em russo os apelidos são assim — disse ele.

— O russo é uma língua estranha. — Em russo, o apelido de Vasilisa era Vasya, o que para mim não fazia o menor sentido.

— A língua inglesa também é.

Lancei um olhar matreiro para ele.

— Se você me ensinasse alguns palavrões em russo, eu apreciaria melhor a língua.

— Você já usa palavrões demais.

— Estou apenas expressando meus sentimentos.

— Ah, Roza... — suspirou ele, e eu senti uma excitação me fazer cócegas. “Roza” era o meu nome em russo. Ele raramente me chamava assim. — Você expressa os seus sentimentos mais do que qualquer pessoa que eu conheço.

Eu sorri e continuei andando um pouco sem dizer mais nada. Meu coração se acelerou um pouco — eu estava tão feliz de caminhar ao lado dele. Nós dois juntos era algo aconchegante e que parecia se encaixar perfeitamente.

Mesmo flutuando de alegria, minha mente se agitava com algo que eu andara matutando.

— Sabe de uma coisa? Tem algo estranho com as cicatrizes de Tasha.

— O quê? — perguntou ele.

— As cicatrizes... Elas modificaram o rosto dela — comecei calmamente. Estava com dificuldades de colocar meus pensamentos em palavras. — Quer dizer, é evidente que ela devia ser muito bonita antes. Mas, mesmo agora, com as cicatrizes... Não sei. Ela continua bonita, só que de um jeito diferente. É como se...

como se as marcas fizessem parte dela. Como se a completassem. — Pareceu uma observação tola, mas era verdade.

Dimitri não disse nada, mas me lançou um longo olhar com o canto dos olhos. Eu devolvi o olhar, e, quando nossos olhos se encontraram, vi um breve relance daquela velha atração que sentíamos um pelo outro. Foi efêmero e logo terminou, mas eu o registrei. O orgulho e a aprovação o substituíram, e isso era quase tão bom quanto.

Quando ele falou novamente foi para ecoar a afirmação anterior.

— Você aprende rápido, Roza.

Seis

No dia seguinte eu caminhei, de bem com a vida, em direção ao ginásio para o meu treino diário antes das aulas. O encontro secreto na noite anterior fora superdivertido, e eu me senti orgulhosamente responsável por ter reagido contra o sistema e encorajado Dimitri a ir com Tasha. E, o que era melhor ainda, eu tivera o meu primeiro treino com a estaca de prata e me saíra muito bem. Feliz da vida, eu mal podia esperar para usá-la novamente.

Depois de vestir as roupas de treinamento, fui praticamente saltitando para o ginásio. Mas, quando meti a cabeça no interior da sala de treinamento que usáramos no dia anterior, encontrei-a escura e silenciosa. Acendi a luz e inspecionei todo o local, imaginando que talvez Dimitri tivesse preparado algum tipo estranho de treinamento para trabalhar sob disfarce. Nada. A sala estava vazia. Nada de estacas hoje.

— Merda — resmunguei.

— Ele não está aqui.

Soltei um grito de susto e saltei quase três metros para trás. Ao me virar, dei de cara com os olhos castanhos e intensos de minha mãe.

— O que você está fazendo aqui? — Assim que as palavras saíram da minha boca, percebi qual seria a resposta pelas roupas que ela estava vestindo. Uma camiseta de elastano de mangas curtas. Calças largas de ginástica amarradas na cintura por um cordão, semelhantes às que eu estava usando. — Merda — disse novamente.

— Veja lá como fala — disse ela rispidamente. — Se você se comporta como se não tivesse educação alguma, ao menos tente não usar um vocabulário tão chulo.

— Onde está Dimitri?

— O guardião Belikov está no quarto. Voltou há apenas duas horas e precisa dormir.

Outro xingamento me veio aos lábios, mas eu o reprimi. É claro que Dimitri estava dormindo. Ele teve que dirigir o carro de Tasha até Missoula ao longo do dia para chegar lá ainda durante o horário de compras dos humanos. Basicamente ele ficou acordado durante toda a noite escolar e provavelmente acabara de chegar de volta. Droga. Eu não o teria encorajado a ajudá-la com tanta presteza se soubesse que o resultado seria *este*.

— Bem — disse eu imediatamente. — Imagino que o treinamento tenha sido cancelado, então...

— Pare de falar e ponha isso. — Ela me entregou umas luvas de luta. Mas eram parecidas com luvas de boxe, só que menos grossas e menos gordas. Mas eram usadas com o

mesmo objetivo: proteger as mãos e impedir você de cravar as unhas em seu oponente.

— Nós estávamos trabalhando com estacas de prata — disse eu, mal-humorada, enquanto enfiava as luvas nas mãos.

— Pois hoje nós vamos trabalhar com outra coisa. Vamos.

Desejei que um ônibus tivesse me atropelado no meio do caminho até o ginásio, mas a segui até o centro da sala. Os cabelos cacheados dela estavam presos para cima, para não atrapalhar os movimentos, revelando a parte de trás do seu pescoço. Ela tinha a nuca coberta de tatuagens. A primeira, no alto, era uma linha serpenteada: a marca do juramento, tatuada quando os guardiões se formavam em escolas como a São Vladimir e concordavam em cumprir sua função. Abaixo desta se viam as marcas *molnija* que os guardiões ganhavam a cada vez que matavam um Strigoi. Tinham o formato de raios, de onde vinha seu nome.

Não consegui contar o número exato de marcas, mas posso afirmar que era incrível ela ter tanto espaço no pescoço para aquela quantidade de tatuagens. Ela matara muitos quando estava no auge da forma.

Quando ela chegou ao lugar que queria, virou-se para mim e se colocou em postura de ataque. Meio esperando que ela saltasse em mim por um lado ou por outro, eu rapidamente imitei sua postura.

— O que você está fazendo? — perguntei.

— Exercícios básicos de defesa e ataque em dupla. Mantenha-se entre as linhas vermelhas.

— Só isso? — perguntei.

Ela saltou na minha direção. Eu me esquivei — mas foi por pouco — e tropecei nos meus próprios pés. Endireitei a postura rapidamente.

— Bem — disse ela, com um tom quase sarcástico —, como você parece gostar tanto de me lembrar, eu não a vejo há cinco anos. Não tenho ideia do que você sabe fazer.

Ela fez um movimento de ataque para cima de mim novamente, e mais uma vez eu mal pude me manter dentro dos limites das linhas vermelhas na tentativa de escapar dela. E foi assim durante todo o exercício. Ela não me deu nem uma chance de atacar. Ou talvez eu simplesmente não fosse hábil o suficiente para criar espaço para ataque. Passei todo o tempo me defendendo — pelo menos fisicamente. Tive que reconhecer para mim mesma, com má vontade, que ela era boa. *Muito* boa. Mas eu com certeza não iria lhe dizer isso.

— Quer dizer, então, que este é o seu jeito de compensar a negligência maternal? — perguntei.

— Este é o meu jeito de fazer com que você pare com essa atitude agressiva. Desde que eu cheguei, você só foi arrogante comigo. Você quer briga? — Ela fechou o punho e me atingiu no braço. — Então vamos brigar. Ponto.

— Ponto — reconheci, recuando para o meu lado do ringue. — Não quero brigar. Estava apenas tentando conversar com você.

— Fazer grosserias em sala de aula não é bem o que eu chamaria de conversar. Ponto.

Eu gemi ao ser atingida. Quando comecei os treinamentos com Dimitri, eu reclamava que não era justo eu ter que lutar com alguém trinta centímetros alto. Ele argumentou que eu teria que enfrentar muitos Strigoi mais altos do que eu e me disse ainda que o velho ditado era verdadeiro: tamanho não é documento. Às vezes eu pensava que ele estava me dando falsas esperanças, mas, a julgar pela performance da minha mãe ali no ringue comigo, eu estava começando a acreditar nele.

Eu nunca tinha lutado contra alguém menor que eu. Como não havia muitas meninas na minha classe, eu já tinha me conformado em ser mais baixa e mais frágil que meus oponentes. Mas minha mãe era ainda me-nor e parecia não ter nada além de músculos naquele corpo pequeno.

— Eu tenho um estilo de comunicação incomum, só isso — disse eu.

— Você tem a pequena ilusão adolescente de que de algum modo foi tratada com negligência durante os

últimos dezessete anos. — Seu pé me atingiu a coxa. — Ponto. Quando, na verdade, você recebeu o mesmo tratamento que qualquer outro dampiro recebe. Melhor, até, pensando bem. Eu poderia ter mandado você ir viver com as minhas primas. Você quer ser uma prostituta de sangue? Era isso que você queria?

O termo “prostituta de sangue” sempre me fazia estremecer. Era uma expressão frequentemente usada para as mães solteiras dampiras que decidiam criar seus filhos em vez de se tornarem guardiãs. Estas mulheres frequentemente tinham breves relações amorosas com os Moroi e por isso eram malvistas — embora elas não pudessem realmente fazer nada quanto a isso, uma vez que os homens Moroi geralmente acabavam se casando com mulheres de sua raça. O termo “prostituta de sangue” vinha do fato de algumas mulheres dampiras deixarem os homens beberem o sangue delas durante o ato sexual. No nosso mundo, apenas humanos doavam sangue. Uma dampira fazer isso é considerado uma perversão — especialmente durante o sexo. Eu suspeitava que apenas algumas mulheres dampiras faziam isso de fato, mas, injustamente, o termo era aplicado a todas elas. Eu fornecera sangue para Lissa quando nós fugimos da escola, e, embora tivesse sido um gesto necessário, o estigma ainda ficara comigo.

— Não. É claro que eu não queria ser uma prostituta de sangue. — Minha respiração estava ficando pesada. — E nem todas elas são assim. Apenas algumas são de fato o que esse nome sugere.

— Elas criaram essa reputação para si mesmas — rosnou ela. Eu me desviei do ataque. — Elas deviam estar cumprindo o seu dever como guardiãs, e não continuar se envolvendo em casos amorosos com os Moroi.

— Elas estão criando seus filhos — grunhi. Eu queria gritar, mas não podia gastar o fôlego. — Uma coisa que você desconhece inteiramente. E, além do mais, você também não é igual a elas? Não estou vendo aliança no seu dedo. Meu pai não teve apenas um caso com você?

Ela enrijeceu a expressão do rosto, o que não significava muita coisa, quando já se estava dando uma surra na própria filha.

— Você — disse ela, trincando os dentes — não sabe *nada* sobre isso. Ponto.

Eu estremeci com o golpe, mas fiquei feliz de ter tocado num ponto fraco dela. Eu não tinha ideia de quem era meu pai. A única informação que eu tinha era a de que ele era turco. Eu posso ter herdado de minha mãe as formas curvilíneas do corpo e o rosto bonito — embora eu possa dizer com presunção que hoje em dia o meu era bem mais bonito do que o dela —, mas o resto do meu colorido eu herdara dele. A pele levemente bronzeada e cabelos e olhos escuros.

— Como foi que aconteceu? — perguntei. — Você estava em alguma missão na Turquia? O conheceu em algum mercado de rua local? Ou foi algo ainda mais baixo do que isso? Você o escolheu segundo a lógica da evolução, selecionando o cara que mais provavelmente passaria para o seu filho os genes de um guerreiro? Quer dizer, eu sei que você só me teve para cumprir o seu dever, então imagino que precisasse ter certeza de que estaria gerando o melhor espécime possível para os guardiões.

— Rosemarie — me alertou ela entre dentes trincados —, ao me-nos uma vez na sua vida, cale a boca.

— Por quê? Estou manchando a sua reputação? É como você tinha me dito: você também não é nem um pouco diferente das outras dampiras. Você dormiu com ele e...

Existe um motivo pelo qual dizem: “O orgulho precede a queda.” Eu estava tão exaltada e convencida com o meu próprio triunfo que parei de prestar atenção nos meus pés. Estava próxima demais da linha vermelha. Se a ultrapassasse, daria a ela mais um ponto, então eu me contorci para ficar dentro do limite e para, ao mesmo tempo, me esquivar do golpe dela. Infelizmente, só consegui fazer uma dessas duas coisas. E o soco dela veio voando para mim, rápido e forte — e, o que talvez seja o mais importante, um pouco acima do permitido de acordo com as regras daquele tipo de exercício. Explodiu na minha cara com o poder

de um caminhão pequeno, e eu voei para trás, batendo com as costas e depois com a cabeça no chão do ginásio. E estava fora das linhas vermelhas. Droga.

A dor me invadiu por trás da cabeça, e a minha visão ficou embaçada e cheia de pontos luminosos. Segundos depois, minha mãe estava debruçada sobre mim.

— Rose? Rose? Você está bem? — A voz dela estava rouca e apavorada. O mundo desapareceu por alguns instantes.

Em algum momento depois disso, surgiram outras pessoas e eu fui levada para a enfermaria da Escola. Lá alguém acendeu uma luz direcionada aos meus olhos e começou a me fazer perguntas incrivelmente idiotas.

— Qual é o seu nome?

— O quê? — perguntei, apertando os olhos contra a luz.

— O seu nome. — Reconheci a doutora Olendzki me examinando.

— Você sabe qual é o meu nome.

— Eu quero que você me diga.

— Rose. Rose Hathaway.

— Sabe qual é o dia do seu aniversário?

— É claro que eu sei. Por que você está me fazendo perguntas tão estúpidas? Perdeu a minha ficha? A doutora Olendzki deu um suspiro de exasperação e se afastou levando consigo aquela luz irritante.

— Eu acho que ela está bem — ouvi-a comentar com alguém. — Vou mantê-la aqui durante o horário escolar, só para me certificar de que não sofreu nenhuma concussão. Eu certamente não quero vê-la nem perto de suas aulas de guardiã.

Passei o dia dormindo e acordando, porque a doutora Olendzki me chamava o tempo todo para fazer testes. Ela também me deu um saco de gelo e pediu que eu o mantivesse próximo ao rosto. Quando as aulas na escola terminaram, ela concluiu que eu estava bem o suficiente para sair da enfermaria.

— Juro, Rose, que você devia receber uma espécie de cartão ambulatorial como paciente constante. — Ela tinha um pequeno sorriso no rosto. — Um cartão destes que as pessoas com problemas crônicos como alergias e asma possuem. Eu acho que nunca vi nenhum outro aluno aqui dentro tantas vezes e em tão pouco tempo quanto você.

— Obrigada — respondi, sem saber ao certo se queria ter aquele recorde. — Então, nenhuma concussão? Ela fez que não com a cabeça.

— Não. Mas você vai sentir um pouco de dor. Vou lhe dar um remédio para isso antes de você sair. — Então o sorriso dela se desmanchou, e ela pareceu subitamente nervosa. — Para ser honesta, Rose, acho que o estrago maior foi, bem... no seu rosto. Eu levantei depressa da cama.

— O que você quer dizer com “o estrago maior foi no meu rosto”?

Ela fez um gesto em direção ao espelho sobre a pia que havia do outro lado da sala. Corri até ele e vi meu reflexo.

— Filha da mãe!

Manchas roxas avermelhadas cobriam o lado esquerdo superior do meu rosto, principalmente perto do olho. Virei-me para ela, desesperada.

— Isso vai sair logo, não vai? Se eu ficar colocando gelo o tem po todo? Ela fez um sinal negativo com a cabeça novamente.

— O gelo pode ajudar... mas eu acho que você vai ficar com um olho bem roxo. Vai estar provavelmente pior amanhã, mas depois deve ir melhorando. Acredito que em mais ou menos uma semana você voltará ao normal.

Saí da clínica com uma tonteira que não tinha nada a ver com o machucado na cabeça. Ficar boa em uma semana, mais ou menos? Como é que a doutora Olendzki podia falar uma coisa dessas de maneira tão casual? Será que ela não percebia o que estava acontecendo? Eu passaria todo o Natal e a viagem para a estação de esqui parecendo uma mutante. Estava com um olho roxo. Uma droga de olho roxo.

Um olho roxo feito pela minha mãe.

Sete

Empurrei com raiva as portas duplas que levavam até o dormitório dos Moroi. A neve redemoinhava atrás de mim, e algumas das pessoas que estavam ali no primeiro andar se viraram para a entrada. Muitos precisaram olhar duas vezes para mim, o que não foi de surpreender. Engoli em seco e me esforcei para não reagir. Tudo ficaria bem. Eu não precisava me desesperar. Aprendizes se machucam o tempo todo. Era, na verdade, raro não estar com algum machucado. Eu tinha que admitir que este era um ferimento mais evidente do que a maioria, mas eu podia sobreviver com aquilo até sarar, não é mesmo? E ao menos não era de conhecimento público como eu ganhara aquele olho roxo.

— Ei, Rose, é verdade que a sua própria mãe esmurrou você?

Eu congelei. Conhecia aquela voz fininha de algum lugar. Virei-me lentamente e olhei bem dentro dos profundos olhos azuis de Mia Rinaldi. Os cachinhos louros do seu cabelo emolduravam um rosto que até poderia ser bonito, não fosse pelo sorriso maldoso que o atravessava.

Um ano mais nova do que nós, Mia resolvera disputar com Lissa, e comigo, por tabela, para ver quem conseguia destruir mais rapidamente a vida da outra — uma guerra, devo acrescentar, que *ela* começou. Tinha a ver com o fato de ela ter roubado o ex-namorado de Lissa — apesar de Lissa ter decidido, no final das contas, que não o queria mais — e de ter espalhado todo o tipo de boato maldoso.

É bem verdade que o ódio de Mia não era inteiramente injustificado. O irmão mais velho de Lissa, Andre — que morrera no mesmo acidente de carro que tecnicamente me “matou” —, usara Mia de maneira bastante feia, quando ela ainda era uma caloura. Se ela não fosse a idiota que é agora, eu sentiria pena dela. Ele agira errado com ela, e, ao mesmo tempo que eu entendia sua raiva, não achava correto ela descontar em Lissa como ela fez.

Lissa e eu tínhamos vencido a guerra no final, mas Mia inexplicavelmente conseguira se reerguer. Não frequentava a mesma elite de antes, mas conseguira reunir um pequeno grupo de amigos que a cercava. Maldosos ou não, fortes líderes sempre conseguem atrair seguidores.

Eu descobrira que noventa por cento das vezes o melhor a fazer era apenas ignorá-la. Mas nós acabáramos de cruzar os outros dez por cento, porque era impossível simplesmente ignorar alguém que está anunciando ao mundo que a sua mãe socou você no rosto — mesmo sendo verdade. Eu parei de andar e me virei. Mia estava de pé, perto de uma máquina de lanches, sabendo que me tirara do sério. Eu nem me dei ao trabalho de perguntar como ela descobrira que fora a minha mãe que me dera um olho roxo. As coisas raramente ficavam em segredo por ali.

Quando ela pôde ver meu rosto inteiro, arregalou os olhos sentindo um prazer descarado.

— Uau. Está aí um rosto que só uma mãe pode amar.

Rá. Que engraçado. Se tivesse vindo de qualquer outra pessoa, eu teria aplaudido a piadinha.

— Bom, você é mesmo versada em ferimentos faciais — disse eu.

— Como vai o seu nariz?

O sorriso gélido de Mia desmanchou um pouco, mas ela não se deixou abater. Eu quebrara o nariz dela um mês atrás, mais ou menos — num baile organizado pela escola, se podia haver melhor lugar —, e ele agora estava curado, mas permanecia levemente torto em seu rosto. Uma cirurgia plástica provavelmente o consertaria, mas conhecendo a situação financeira dos pais dela, eu sabia que ela não poderia fazer qualquer operação naquele momento.

— Está melhor — respondeu ela de imediato. — Felizmente quem o quebrou foi uma vagabunda psicopata e não algum parente meu. Eu lancei em sua direção meu melhor sorriso de psicopata.

— Que pena. Familiares batem na gente por acidente. Vagabundas psicopatas costumam voltar para bater mais.

Ameaçá-la com violência física era geralmente uma boa tática, mas havia gente demais à nossa volta para que ela pudesse se preocupar com essa possibilidade. E Mia bem que sabia disso. Não que eu não fosse capaz de atacar alguém num ambiente como aquele — eu já fizera isso milhares de vezes —, mas ultimamente eu estava tentando controlar os meus impulsos.

— Não está parecendo que foi um acidente — disse ela. — Vocês não obedecem a regras quando se trata de socos na cara? Quer dizer, isso daí está parecendo ter ultrapassado de longe os limites prescritos.

Abri a boca para dar um fora nela, mas não consegui dizer nada. Ela tinha razão. Meu ferimento ultrapassara *de longe* os limites; neste tipo de combate, não se deve bater acima do pescoço. Isso estava *muito* acima do permitido.

Mia percebeu a minha hesitação, e foi como se a manhã de Natal tivesse chegado mais cedo para ela. Até aquele momento, em nossa relação de antagonismo, eu não me lembrava de ela ter me deixado sem palavras.

— Senhoritas — ouvimos uma severa voz feminina. A inspetora Moroi que ficava na mesa em frente à sala se inclinou e nos lançou um olhar reprovador. — Isto aqui é uma recepção, não uma sala de estar. Das duas uma: ou vocês sobem, ou vão lá para fora.

Por um momento a possibilidade de quebrar o nariz de Mia novamente me pareceu a melhor ideia do mundo — que se dane a detenção ou a suspensão. Mas, depois de respirar fundo, decidi que recuar seria a ação mais digna agora. Segui em direção às escadas que levavam até o dormitório das meninas. Ainda ouvi atrás de mim o chamado de Mia:

— Não se preocupe, Rose. Vai sarar. E, além do mais, não é no seu rosto que os rapazes estão interessados.

Trinta segundos depois, eu estava batendo na porta de Lissa com tanta força que não sei como o meu punho não atravessou a madeira. Ela abriu a porta devagar e olhou em volta.

— É só você que está aí fora? Pensei que fosse um exército inteiro batendo na minha... Ai, meu Deus. — Ela franziu as sobrancelhas quando viu o lado esquerdo do meu rosto. — O que houve?

— Você ainda não sabe? Você é provavelmente a única pessoa da escola que ainda não sabe — resmunguei. — Me deixe entrar.

Joguei-me na cama dela e contei os acontecimentos do dia. Ela ficou devidamente horrorizada.

— Ouvi dizer que você tinha se machucado, mas imaginei que fosse mais um ferimento normal — disse

ela.

Olhei fixo para o teto, que me pareceu cheio de pontos luminosos, sentindo-me péssima.

— O pior de tudo era que Mia estava certa. Não foi um acidente.

— Como assim? Você está dizendo que a sua mãe fez isso de propósito? — Eu não respondi, e Lissa ficou incrédula. — Imagine, ela não faria uma coisa dessas. De jeito nenhum.

— Por que não? Porque ela é a perfeita Janine Hathaway, que sabe controlar o seu temperamento como ninguém? O negócio é o seguinte: ela é também a perfeita Janine Hathaway, que sabe lutar e controlar as próprias ações. De um jeito ou de outro, ela errou feio.

— Então está bem — disse Lissa. — Eu acho que a hipótese de ela ter escorregado e errado o soco é mais provável do que ela ter feito isso de propósito. Só se ela tivesse perdido completamente a calma.

— Bom, ela estava falando comigo. Isso é o suficiente para que qualquer um perca a calma. E eu a acusei de dormir com o meu pai porque ele parecia a melhor escolha para gerar um filho com bons genes.

— Rose — rosnou Lissa. — Você deixou essa parte de fora quando recapitulou tudo para mim. Por que você disse uma coisa dessas para ela?

— Porque provavelmente é a verdade.

— Mas você sabia que isso a chatearia. Por que você continua provocando sua mãe? Por que você não pode simplesmente fazer as pazes com ela?

Eu sentei na cama.

— Fazer as pazes com ela? *Ela me deixou com um olho roxo*. Provavelmente de propósito! Como é que eu posso fazer as pazes com uma pessoa que faz isso?

Lissa apenas balançou a cabeça em sinal de reprovação e foi até o espelho para verificar como estava sua maquiagem. Os sentimentos que passavam dela para mim através do nosso laço eram de frustração e exasperação. Lá no fundo dava para sentir um pouco de expectativa também. Tive a paciência de observá-la com cuidado, agora que eu terminara de desabafar. Ela estava vestindo uma blusa de seda cor de alfazema e uma saia preta na altura dos joelhos. Os cabelos estavam tão perfeitamente lisos que ela devia ter perdido pelo menos uma hora de sua vida escovando-o com um secador e uma chapinha para conseguir um resultado daqueles.

— Você está bonita. Qual é o programa da noite?

Os sentimentos dela mudaram levemente, e sua irritação comigo diminuiu um pouco.

— Vou me encontrar com Christian daqui a pouco.

Durante alguns minutos no quarto, pareceu que tínhamos voltado no tempo, Lissa e eu. Só nós duas juntas, conversando. Quando ela mencionou Christian e eu me dei conta de que ela teria que me deixar para ir ficar com *ele*, essa lembrança incitou sentimentos ruins no meu peito... sentimentos que eu relutantemente tive que admitir como ciúmes. Naturalmente, eu não revelei o que estava sentindo.

— Uau. O que ele precisa fazer para merecer tudo isso? Resgatar órfãos de um prédio em chamas? Se for isso, você precisa averiguar se não foi ele mesmo que tacou fogo no prédio para sair de herói. — Pois o elemento que Christian manejava era exatamente o fogo. Cabia-lhe bem, já que era o elemento mais destrutivo.

Rindo, ela se virou de costas para o espelho e me viu apalpando o inchaço em meu rosto. Seu sorriso ficou doce.

— Não está tão ruim.

— Tudo bem. Você sabe que eu percebo quando está mentindo. E a doutora Olendzki disse que amanhã vai estar ainda pior. — Eu me deitei de costas na cama. — Provavelmente nem existe corretivo

suficiente no mundo que esconda isso, existe? Tasha e eu precisamos investir em algum tipo de máscara, como em *O fantasma da ópera*.

Ela suspirou e sentou na cama ao meu lado.

— É pena que eu não possa simplesmente curar o seu olho. Eu sorri.

— Isso seria muito bom.

A compulsão e o carisma que o espírito proporcionava a ela eram incríveis, mas a cura era a sua habilidade mais bacana. A gama de coisas que ela podia fazer era de assustar.

Lissa também estava pensando nas coisas que o espírito podia fazer.

— Eu queria que houvesse uma outra maneira de controlar o espírito... de modo que eu pudesse usar a magia...

— É mesmo — disse eu. Eu compreendia o enorme desejo dela de fazer grandes coisas e ajudar os outros. Isso irradiava dela. E, nossa, eu também adoraria que ela pudesse curar o meu olho em alguns segundos, sem ter que enfrentar os dias de recuperação. — Eu também que-ria que houvesse outro jeito de controlar o espírito.

Ela suspirou novamente.

— E o que eu sinto não é só desejo de poder curar e fazer outras coisas com o espírito. Eu também, bom, sinto falta da magia. Ela está aqui; está apenas bloqueada pelos comprimidos. Mas queima dentro de mim. Ela me quer, e eu a quero. Mas tem um muro entre nós. Você nem pode imaginar como é.

— Na verdade, eu posso.

E podia mesmo. Além de conseguir ter uma visão geral dos sentimentos dela, eu podia de vez em quando “escorregar para dentro dela”. Era difícil explicar e mais difícil ainda suportar. Quando acontecia, eu conseguia literalmente ver pelos olhos dela e sentir o que ela estava vivendo. Durante estes momentos, eu *era ela*. Estive em sua cabeça muitas vezes enquanto ela ansiava pelo exercício da magia, e eu sentira a necessidade ardente de que ela falava. Com frequência ela acordava durante a noite, desejando dolorosamente o poder que ela não estava mais conseguindo alcançar.

— Ah, sim — disse ela num tom de lamento. — Esqueço disso às vezes.

Uma sensação de amargor tomou conta dela. Não era direcionada a mim, mas sim à situação insolúvel que ela vivia. Ela, assim como eu, também não gostava de se sentir impotente. A raiva e a frustração se intensificaram, transformando-se em algo mais pesado e negro dentro dela, e eu não gostei daquilo.

— Ei — disse eu, tocando o braço dela. — Você está bem? Ela fechou os olhos brevemente, e depois os abriu.

— Eu odeio isso.

A intensidade dos sentimentos dela me lembrou da conversa que tivéramos pouco antes de eu ir para a casa dos Badica.

— Você ainda está achando que o efeito dos comprimidos talvez esteja enfraquecendo?

— Eu não sei. Um pouco.

— Está piorando? Ela fez que não com a cabeça.

— Não. Eu ainda não posso usar a magia. Sinto-me mais próxima dela... mas ela ainda está bloqueada.

— Mas você ainda... O seu humor...

— Tudo bem... O meu humor está irregular. Mas não se preocupe — disse ela, ao ver a expressão do meu rosto. — Não estou vendo coisas, nem estou tentando me ferir.

— Bom. — Fiquei feliz de ouvir isso, mas continuei preocupada. Mesmo ela não conseguindo alcançar a magia, eu não gostava da ideia de sua mente ficar instável de novo. Desesperada, desejei que a situação

simplesmente se estabilizasse por conta própria. — Eu estou aqui — disse com calma a ela, prendendo seu olhar ao meu. — Se alguma coisa estranha acontecer... conte para mim, está bem?

Os sentimentos sombrios desapareceram subitamente de dentro dela. Ao se esvanecerem, senti uma estranha ondulação atravessar o laço. Não sei explicar o que foi, mas meu corpo se arrepiou sob a força da onda. Lissa não percebeu. Ela recuperou o bom humor novamente e sorriu para mim.

— Obrigada — disse ela. — Se acontecer eu aviso.

Sorri, então, feliz de ver que ela voltara ao normal. Ficamos em silêncio, e, por um breve momento, quis contar a ela tudo o que se passava no meu coração. Tanta coisa me ocupava a cabeça ultimamente: minha mãe, Dimitri e a casa dos Badica. Eu vinha mantendo aqueles sentimentos todos trancafiados, e eles estavam me consumindo. Eu estava me sentindo tão confortável com Lissa pela primeira vez, depois de tanto tempo, que achei que podia afinal deixá-la entrar nos meus sentimentos, para variar.

Antes que eu pudesse abrir a boca, no entanto, senti os pensamentos dela mudarem de repente. Ficaram ansiosos e nervosos. Havia alguma coisa que ela queria me contar, alguma coisa sobre a qual ela estivera ponderando intensamente. Não dava mais para abrir o meu coração. Se ela queria falar, eu não a sobrecarregaria com os meus problemas, então deixei-os de lado e esperei que ela comesse a falar.

— Eu descobri uma coisa nas minhas pesquisas com a professora Carmack. Uma coisa estranha...

— Mesmo? — perguntei, com a minha curiosidade instantaneamente atizada.

Os Moroi geralmente desenvolvem o elemento em que irão se especializar durante a adolescência. Depois disso, eles são direcionados para cursos de magia específicos do seu elemento. Mas como, até aquele momento, Lissa era a única pessoa que conhecíamos capaz de manejar o espírito, não havia um curso que ela pudesse frequentar. A maioria das pessoas acreditava que ela apenas não se especializara em nenhum elemento, mas ela e a senhora Carmack — professora de magia da Escola São Vladimir — estavam mantendo reuniões particulares para estudar o que pudessem sobre o espírito. Elas pesquisavam em fontes atuais e antigas, procurando pistas que pudessem levar a outros usuários do espírito, agora que elas conheciam alguns dos sinais reveladores: uma incapacidade de se especializar, a instabilidade psíquica etc.

— Eu não encontrei nenhum usuário confirmado do espírito, mas achei... registros de, hum... de um fenômeno inexplicável.

Eu pisquei surpresa.

— Que tipo de coisa? — perguntei, tentando imaginar o que poderia ser considerado “fenômeno inexplicável” para os vampiros. Quando nós duas vivemos entre os humanos, *nós* teríamos sido consideradas fenômenos inexplicáveis, se tivéssemos sido descobertas.

— São registros dispersos... mas eu achei um sobre um cara que consegue fazer com que os outros vejam coisas que não existem. Ele pode fazê-los acreditar que estão vendo monstros ou outras pessoas, ou qualquer outra coisa.

— Isso pode ser compulsão.

— Compulsão muito poderosa. Eu não conseguiria fazer isso, e eu tenho a habilidade da compulsão mais forte, ou tinha, do que qualquer outra pessoa que eu conheço. E é o espírito que me dá este poder...

— Então — completei —, você acha que esse cara ilusionista deve ser um usuário do espírito também. — Ela fez um sinal afirmativo com a cabeça. — Não seria o caso de entrar em contato com ele e descobrir?

— Não podemos. Os relatórios não nos dão informações de contato! É secreto. E existem outros casos tão estranhos quanto esse. Como o caso de uma pessoa que consegue enfraquecer os outros. As pessoas que estão por perto vão ficando fracas e perdem toda a sua força até desmaiarem. E encontramos um outro que consegue fazer os objetos pararem no ar quando são lançados contra ele. — Seu rosto se iluminou de

excitação.

— Este pode ser um usuário do elemento ar — alertei.

— Pode ser — disse ela. Pude sentir a curiosidade e a excitação redemoinhando dentro dela. Ela queria desesperadamente acreditar que havia outros Moroi iguais a ela por aí.

Eu sorri.

— Quem sabe? Os Moroi também têm suas teorias e folclores sobre objetos não identificados, este tipo de coisas. É surpreendente que eu não esteja sendo estudada em algum lugar para ver se eles conseguem compreender o nosso laço.

A disposição especulativa de Lissa transformou-se. Ela agora passou a me provocar.

— Eu queria poder ver dentro da *sua* cabeça de vez em quando. Queria saber o que você sente por Mason.

— Ele é meu amigo — disse eu com firmeza, surpreendendo-me com a mudança ab-rupta de assunto.

— Só isso. Ela não acreditou.

— Você gostava de flertar, e de outras coisas mais, com qualquer garoto no qual pudesse colocar as mãos.

— Ei! — disse eu, ofendida. — Eu não era assim tão safada.

— Está bem... talvez não. Mas não vejo mais você interessada nos caras. Eu tenho interesse nos garotos. Bem, em um cara.

— Mason é um cara muito bacana — continuou ela. — E é louco por você.

— Ele é — concordei. Pensei em Mason e me lembrei daquele breve momento, antes da aula de Stan, em que me dei conta de como ele era atraente. Além do mais, Mason era superdivertido, e a gente se dava muito bem. Ele daria um bom namorado.

— Vocês dois são muito parecidos. Estão sempre fazendo coisas que não deveriam.

Eu dei uma risada. Isso era verdade. Lembrei da ânsia de Mason de sair matando todos os Strigoi do mundo. Eu posso não estar pronta para fazer isso — apesar da minha explosão de desabafo no carro com Dimitri — mas sou tão imprudente quanto ele. Talvez fosse o momento de dar uma chance a ele, pensei. Era divertido ficar provocando-o, e já fazia muito tempo que eu não beijava ninguém. Dimitri fazia meu coração doer... mas, bem, ele não era o único homem no mundo, e eu estava viva.

Lissa me observou atentamente, como se ela estivesse lendo os meus pensamentos — bem, com exceção da parte que envolvia Dimitri.

— Ouvi Meredith dizer que você é uma idiota de não aceitar sair com ele. Ela disse que é porque você se acha boa demais para ele.

— O quê!? Isso não é verdade.

— Ei, não sou eu que estou dizendo isso. Bem, ela disse que está pensando em investir nele.

— Mason e Meredith? — caçoei. — Essa dupla seria um desastre. Eles não têm nada em comum.

Era egoísmo da minha parte, mas eu me acostumara a ter Mason me idolatrando. Subitamente, a possibilidade de mais alguém me roubar a atenção dele me irritou.

— Você é possessiva — disse Lissa, adivinhando meus pensamentos mais uma vez. Eu entendia por que ela ficava tão aborrecida comigo de eu poder ler os pensamentos dela.

— Só um pouquinho. Ela riu.

— Rose, mesmo se não for com Mason, você devia voltar a namorar. Tem um monte de garotos que dariam tudo para sair com você. Garotos que na verdade são bem legais.

Eu nem sempre fizera as melhores escolhas neste setor. Mais uma vez fui tomada pelo desejo de me abrir

com ela, de contar todas as minhas preocupações. Eu hesitara durante muito tempo em contar a ela sobre Dimitri. E esse segredo me queimava por dentro. Agora, sentada ali com ela, me lembrei de que era a minha melhor amiga. Eu podia dizer tudo a Lissa, que ela não iria me julgar. Mas, exatamente como acontecera mais cedo, eu perdi a chance de me abrir.

Ela deu uma olhada para o relógio e levantou-se da cama num pulo.

— Estou atrasada! Tenho que ir encontrar o Christian!

A alegria tomou conta dela por inteiro, e, no fundo, ainda havia um pouco de nervosismo e expectativa. Amor. O que se podia fazer? Engoli o ciúme que ressurgira de maneira sombria. Mais uma vez Christian a estava roubando de mim. Eu não ia poder dividir os meus segredos com ela esta noite.

Lissa e eu saímos do dormitório, e ela praticamente correu para fora, prometendo que conversaríamos no dia seguinte. Fui caminhando devagar para o meu próprio dormitório. Quando entrei no quarto, passei em frente ao espelho e rosnei ao ver meu reflexo. Uma mancha roxo-escura rodeava o meu olho. Na conversa com Lissa eu quase esquecera de todo o incidente com minha mãe. Parei para olhar mais de perto e encarei meu próprio rosto no espelho. Talvez fosse narcisismo, mas eu sabia que era bonita. Vestia um sutiã tamanho 42 e tinha um corpo com curvas que chamavam a atenção numa escola onde a maioria das meninas era magra como uma modelo de passarela. E, como eu observara mais cedo, meu rosto era bonito também. Num dia comum eu daria para mim mesma nota 9 — até 10, num dia mais favorável.

Mas hoje? Bom, hoje a minha nota estava abaixo de zero. Uma aparência na temperatura adequada para a estação de esqui.

— A minha mãe me deu uma surra — informei ao meu próprio reflexo. Ele me devolveu piedosamente o olhar.

Suspirei decidindo que o melhor mesmo era me preparar para dormir. Não havia mais nada que eu quisesse fazer esta noite, e talvez dormir algumas horas a mais ajudasse a acelerar a cura. Caminhei pelo corredor até o banheiro para lavar o rosto e pentear o cabelo. Quando voltei para o quarto, vesti meu pijama favorito, e o toque da flanela macia me alegrou um pouco.

Estava arrumando a mochila para o dia seguinte quando uma onda de emoção ab-ruptamente invadiu o meu laço com Lissa. Pegou-me desprevenida e não me deu chance de reagir. Foi como ser nocauteada por um vento com a força de um furacão, e, de repente, eu não estava mais olhando para a minha mochila. Eu estava “dentro” de Lissa, vivendo em primeira mão o mundo dela.

E foi aí que as coisas ficaram constrangedoras. Porque Lissa estava com Christian. E as coisas entre eles estavam ficando... quentes.

Oito

Christian a estava beijando, e caramba, que beijo. Ele não estava de brincadeira. Era um beijo daqueles que deviam ser proibidos para menores. Caramba, era um beijo daqueles que *qualquer um* devia ser proibido de ver — e ainda mais vivenciá-lo através de um laço psíquico.

Como eu já disse antes, os sentimentos fortes que tomavam conta de Lissa podiam provocar este fenômeno — isso de eu ser sugada para dentro da cabeça dela. Mas acontecia sempre, *sempre*, em função de algum sentimento ruim. Se ela ficasse chateada, deprimida ou com raiva, estes sentimentos me alcançavam e me traziam para dentro dela. Mas desta vez? Ela decididamente não estava chateada.

Ela estava feliz. Muito, muito feliz.

Ai, caramba. Eu precisava sair dali logo.

Eles estavam no sótão da capela da escola, um lugar que eu diria ser o ninho de amor dos dois. Eles costumavam frequentá-lo regularmente antes, quando se sentiam avessos aos ambientes sociais ou quando queriam escapar de alguma coisa. Acabaram decidindo ser antissociais juntos, e uma coisa levou à outra. Desde que assumiram publicamente o namoro, eu não tivera mais notícias de ainda frequentarem muito o sótão. Talvez tenham voltado para relembrar os velhos tempos.

E parecia mesmo que eles estavam celebrando alguma coisa. Pequenas velas, que enchiam o ar com perfume de alfazema, foram espalhadas por todo o lugar empoeirado e antigo. Eu teria ficado um pouco nervosa de manter todas essas velas acesas em um espaço fechado e cheio de caixas e livros inflamáveis, mas Christian certamente se certificara da possibilidade de controlar qualquer incêndio acidental.

Eles interromperam, afinal, aquele beijo insanamente longo e se afastaram um pouco para olharem um para o outro. Estavam deitados de lado, no chão, sobre vários cobertores arrumados ali.

O rosto de Christian exibia uma expressão de sinceridade e doçura enquanto ele olhava para Lissa. Seus olhos azul-claros estavam incandescentes com uma emoção profunda. Era diferente de como Mason olhava para mim. Havia certamente uma espécie de adoração em seu olhar. Mas nos de Mason o que havia era uma adoração dessas de quem entra em uma igreja e cai de joelhos tomado pela maravilha e pelo temor de algo que adora, mas ao mesmo tempo não compreende inteiramente. Christian visivelmente adorava Lissa do seu jeito, mas havia em seus olhos um brilho que indicava familiaridade, uma noção de que os dois compartilhavam uma compreensão mútua tão perfeita e intensa que eles nem precisavam de palavras para expressá-la.

— Você não acha que nós vamos para o inferno por causa disso? — perguntou Lissa.

Ele esticou a mão e tocou-lhe no rosto, percorrendo, com os dedos, o queixo e o pescoço dela, e descendo um pouco mais até a ponta da blusa de seda que Lissa usava. A respiração dela ficou pesada ao sentir aquele toque gentil e singelo e, ao mesmo tempo, capaz de evocar dentro dela uma paixão tão forte.

— Por causa disso? — Ele brincou com o decote da blusa dela, escorregando os dedos só um pouco para dentro da roupa.

— Não. — Ela riu. — Por causa *disso*. — Ela fez um gesto mostrando o sótão. — Estamos numa igreja. Não deveríamos estar fazendo, hum... esse tipo de coisa aqui em cima.

— Não é verdade — argumentou ele, delicadamente fazendo-a deitar de costas e se debruçando sobre ela. — A igreja é lá embaixo. Isso aqui é só um depósito. Deus não vai se importar.

— Você não acredita em Deus — censurou ela. Suas mãos passeavam agora pelo peito dele dirigindo-se para baixo. Os gestos dela eram tão suaves e determinados quanto os dele, e nele estimulavam a mesma reação intensa.

Christian deixou escapar um suspiro de prazer enquanto as mãos dela escorregavam para dentro da camisa dele, descendo até a barriga.

— Estou brincando com você.

— Você diria qualquer coisa neste momento — acusou ela. Seus dedos agarraram a beirada da camisa dele e a puxaram para cima. Ele mudou de posição para que Lissa pudesse ajudá-lo a tirar a camisa e depois se deitou novamente sobre o corpo dela, agora com o peito nu.

— Você está certa — concordou ele. Cuidadosamente, ele desabotoou, então, um dos botões da blusa dela. Só um. Depois se aproximou uma vez mais e deu-lhe outro daqueles beijos intensos e profundos. Quando se afastou para tomar ar, continuou a conversa como se nada tivesse acontecido. — Me fala o que você quer ouvir de mim agora que eu digo. — Ele desabotoou outro botão.

— Não há nada que eu queira que você diga. — Ela riu. Outro botão se soltou na blusa. — Pode me falar o que você quiser, só vou gostar se for algo verdadeiro.

— A verdade, hein? Ninguém gosta de ouvir a verdade. A verdade nunca é prazerosa. Mas você... — O último botão foi desabotoado, e ele abriu inteiramente a blusa dela. — Você é sedutora demais para ser de verdade.

Nas palavras dele, podia-se ouvir o tom sarcástico que lhe era habitual, mas os olhos expressavam algo bem diferente. Eu estava testemunhando essa cena pelos olhos de Lissa, mas podia imaginar o que ele via. A pele macia, branca e aveludada dela. A cintura e os quadris delicados. Um sutiã branco rendado. Através do laço eu podia sentir que a renda do sutiã pinicava, mas ela não parecia se importar.

Sentimentos de afeto e desejo se espalhavam na expressão do rosto dele. Pude sentir o coração e a respiração de Lissa acelerarem. Emoções semelhantes às de Christian obscureciam todos os pensamentos dela.

Ele se deitou pressionando o corpo contra o dela. A boca dele procurou a dela novamente e, quando seus lábios e línguas se tocaram, percebi que eu *tinha* que sair dali.

Entendi tudo naquele momento. Entendi por que Lissa se arrumara tanto e por que o ninho de amor dos dois fora todo decorado como a vitrine de uma loja de velas e incensos. Aquele era o dia. O momento. Depois de um mês de namoro, eles iam transar. Eu sabia que Lissa já tivera experiências sexuais antes com um ex-namorado. Não conhecia o passado amoroso de Christian, mas, sinceramente, eu duvidava de que muitas garotas tivessem caído nas garras do seu charme abrasivo.

Como eu estava sentindo o que Lissa sentia, posso dizer que nada disso importava para ela. Não naquele momento. Naquele exato momento havia apenas os dois e o sentimento que nutriam um pelo outro. E, em

meio a uma vida carregada de mais preocupações do que qualquer pessoa da sua idade deveria ter, Lissa sentia-se inteiramente segura sobre o que estava fazendo. Era isso o que ela queria. Era o que ela queria fazer com ele já há muito tempo.

E eu não tinha *nenhum* direito de estar testemunhando aquele encontro. Não sentia prazer algum em ver outras pessoas transando, e certamente não queria vivenciar qualquer experiência sexual com Christian. Seria como perder a minha virgindade virtualmente.

Mas, Jesus Cristo, Lissa não estava facilitando as coisas para que eu conseguisse sair da cabeça dela. Ela não manifestava o menor desejo de se desapegar de seus sentimentos e emoções, e, quanto mais fortes eles ficavam, com mais força me prendiam a ela. Tentei me distanciar dela, empreguei minhas energias para voltar para dentro de mim, me concentrando o máximo que eu podia.

Mais roupas foram tiradas...

“Vamos lá, vamos lá”, eu disse a mim mesma severamente.

Apareceu uma camisinha... eca.

“Você é senhora de si mesma, Rose. Volte para a sua própria cabeça.”

Seus membros se entrelaçaram, os corpos se moviam juntos...

“Mas que droga...”

Saí, então, da cabeça dela e voltei a mim. Estava de novo no meu quarto, mas perdera o interesse em arrumar a mochila. Todo o meu mundo estava de cabeça para baixo. Me senti estranha e violentada. Quase sem saber se eu era mesmo Rose ou se eu era Lissa. E também senti de novo certa raiva de Christian. Eu, com certeza, não queria transar com Lissa, mas senti aquela mesma aflição súbita dentro de mim, aquele sentimento frustrante de não ser mais o centro do Universo para ela.

Larguei a mochila desarrumada mesmo e fui direto para a cama. Enrosquei-me toda, formando uma bola com o meu corpo para tentar inibir a dor que ardia dentro do meu peito.

Caí no sono bem rápido e acabei acordando cedo no dia seguinte. Geralmente eu tinha que me arrastar da cama para ir encontrar Dimitri, mas hoje me adiantei de tal forma que cheguei ao ginásio antes dele. Enquanto esperava, vi Mason passar em direção a um dos prédios do colégio.

— Olá — chamei. — Desde quando você acorda tão cedo?

— Desde que fui obrigado a refazer uma prova de matemática — disse ele, caminhando na minha direção. E abriu um sorriso malicioso para mim. — Mas talvez valha a pena perder a prova para ficar por aqui com você.

Eu ri, lembrando da conversa com Lissa. Sim, definitivamente eu podia fazer coisas bem piores do que paquerar e começar um romance com Mason.

— Que nada. Isso pode dar problemas para você, e aí eu não vou ter ninguém para me desafiar nos declives. Ele revirou os olhos, ainda sorrindo.

— Sou *eu* que não tenho ninguém para me desafiar, lembra?

— Quer apostar desde já? Ou está com medo?

— Preste atenção — avisou ele —, ou não vai ganhar seu presente de Natal.

— Você tem um presente para mim? — Por essa eu não esperava.

— Tenho. Mas se você continuar me respondendo desse jeito, pode ser que eu decida dá-lo à outra pessoa.

— À Meredith? — provoquei.

— Ela não chega aos seus pés, e você sabe disso.

— Nem eu estando com um olho roxo? — perguntei com um sorriso largo.

— Nem com dois olhos roxos.

O olhar que ele me lançou neste momento não foi de provocação e nem de segundas intenções. Foi apenas gentil. Gentil, simpático e interessado. Como se ele realmente se importasse comigo. Depois de todo o estresse pelo qual eu passara nos últimos dias, pensei que era bom ter alguém que se importasse. E, como estava começando a me sentir negligenciada por Lissa, eu me dei conta de como seria agradável ter alguém prestando tanta atenção assim em mim.

— O que você vai fazer no Natal? — perguntei. Ele deu de ombros.

— Nada. Minha mãe quase veio me ver, mas teve que cancelar a via-gem no último minuto... sabe como é, com tudo o que aconteceu.

A mãe de Mason não era guardiã. Ela era uma vampira que optara pela vida doméstica e por ter filhos. Por isso eu sabia que ele a via bastante. Era irônico, pensei, que minha mãe estivesse *de fato* na escola, quando na realidade ela também poderia estar em qualquer outro lugar.

— Venha passar o Natal comigo — disse eu num impulso. — Vou passar com Lissa, Christian e a tia dele. Vai ser divertido.

— Mesmo?

— Muito divertido.

— Não era isso que eu estava perguntando. Eu sorri.

— Eu sei. Não deixe de ir, está bem?

Ele fez, então, uma daquelas reverências galantes que ele gostava de fazer.

— Com certeza. Mason saiu andando bem na hora em que Dimitri apareceu para o treinamento. Conversar com Mason me alegrou e me deixou mais leve; com ele eu nem me importara com a minha aparência, mas, diante de Dimitri, fiquei de repente hiperconsciente do olho roxo estampado na minha cara. Eu queria estar sempre perfeita na presença dele, e, enquanto entrávamos no ginásio, fiz um caminho diferente para me desviar, de modo que ele não pudesse ver todo o meu rosto. Por conta desta preocupação, meu humor piorou, e, junto com ela, todas as outras coisas que vinham me chateando nos últimos tempos voltaram com força total para a minha cabeça.

Fomos para a sala de treinamento onde estavam os bonecos, e ele simplesmente me disse que queria que eu praticasse as manobras aprendidas dois dias antes. Feliz por ele não ter mencionado a briga, eu me lancei na tarefa com ardente entusiasmo, mostrando àqueles bonecos exatamente o que aconteceria se eles resolvessem se meter com Rose Hathaway. Eu sabia que a minha fúria na luta fora incentivada por mais do que o simples desejo de me sair bem. Meus sentimentos estavam descontrolados naquela manhã, intensos e brutais depois da briga com minha mãe e de testemunhar o encontro de Lissa e Christian na noite passada. Dimitri se sentou e ficou me observando, criticando ocasionalmente minha técnica de combate e oferecendo sugestões de novas táticas.

— O cabelo está atrapalhando — disse ele a certa altura. — Não só está bloqueando a sua visão periférica, como você também está correndo o risco de o seu inimigo agarrar você pelos cabelos.

— Se eu estivesse numa luta de verdade, estaria com o cabelo pre-so — resmunguei, enquanto tentava cravar a estaca bem no meio das “costelas” do boneco. Eu não sabia de que eram feitos aqueles ossos artificiais, mas estava difícil contorná-los. Pensei em minha mãe novamente e acrescentei uma forcinha extra ao golpe. — Só estou usando o cabelo solto hoje, não tem nada de mais nisso.

— Rose — disse ele, com um tom de advertência. Ignorando-o, eu continuei golpeando. Quando ele falou novamente, foi com um tom mais ríspido. — *Rose*. Pare.

Eu me afastei do boneco, surpresa ao sentir que a minha respiração revelava cansaço. Não me dera conta

de que estivera trabalhando com tanto afincio. Minhas costas se apoiaram na parede. Sem ter para onde ir, desviei o olhar do dele e mirei o chão.

— Olhe para mim — ordenou ele.

— Dimitri...

— Olhe para mim.

Por mais que houvesse uma história de intimidade entre nós, ele ainda era o meu instrutor. Eu não podia ignorar uma ordem direta. Lenta e relutantemente, eu me virei para ele, deixando a cabeça ainda meio inclinada para baixo para que o cabelo tapasse as laterais do meu rosto. Ele se levantou da cadeira, caminhou e se pôs de pé na minha frente.

Eu evitei olhar direto em seus olhos, mas vi o gesto que ele esboçou com a mão para afastar meu cabelo da frente. Logo interrompeu o gesto. E a minha respiração também se interrompeu. Nossa atração mútua era cheia de dúvidas e reservas, mas de uma coisa eu tinha certeza: Dimitri adorava o meu cabelo. Talvez ele ainda o adorasse. Era um cabelo bonito, eu admito. Longo, sedoso e castanho-escuro. Ele costumava encontrar sempre desculpas para mexer nele e me aconselhara a não cortá-lo como muitas guardiãs fazem.

A mão dele parou no ar, e o mundo ficou paralisado enquanto eu esperava seu próximo movimento. Depois de alguns segundos que pareceram uma eternidade, ele deixou a mão cair gradualmente para baixo. Uma decepção tremenda me tomou por inteiro, mas, ao mesmo tempo, percebi uma coisa. Ele hesitara. Tivera medo de me tocar, o que talvez significasse apenas que ele ainda queria muito essa aproximação. Ele teve que censurar o próprio gesto.

Eu levantei a cabeça devagar para que nos olhássemos nos olhos. Meu cabelo caiu quase todo para trás, mas algumas mechas ainda resistiram e permaneceram sobre o rosto. A mão dele ameaçou se mover novamente, e eu tive esperanças de que ela ainda se aproximasse do meu rosto. Mas a mão se aquietou. Minha excitação diminuiu.

— Está doendo? — perguntou ele. O perfume daquela loção pós-barba, misturado com o suor dele, entrou por dentro de mim. Caramba, como eu queria que ele tivesse me tocado.

— Não — menti.

— Não está tão feio — me disse ele. — Vai ficar bom.

— Eu a odeio — disse, assustada com a quantidade de veneno que aquelas três palavras continham. Mesmo estando subitamente excitada de desejo por Dimitri, eu não conseguia esquecer o ressentimento que sentia pela minha mãe.

— Claro que não odeia — disse ele gentilmente.

— Odeio, sim.

— Você não tem tempo para odiar ninguém — me advertiu com a voz ainda suave. — Não na nossa profissão. Você devia fazer as pazes com ela.

Lissa dissera exatamente a mesma coisa. O ultraje se juntou às minhas outras emoções. Os sentimentos sombrios dentro de mim começaram a se mostrar mais fortes.

— Fazer as pazes com ela? Depois de ela me deixar com um olho roxo de propósito? Por que só eu vejo como isso é absurdo?

— Ela não fez isso de propósito de jeito *nenhum* — disse ele, com um tom de voz duro. — Apesar de todo o ressentimento que você sente por ela, você tem que acreditar nisso. Ela não faria isso, e além do mais, eu a vi mais tarde naquele dia. Ela se mostrou preocupada com você.

— Mais preocupada, provavelmente, que alguém a acusasse de violência contra menores — rugi.

— Você não acha que esta é a época do ano para perdoar as pessoas? Eu soltei um suspiro bem alto.

— Isso não é um especial de Natal! É a minha vida. No mundo real, os milagres e as boas ações simplesmente não acontecem assim. Ele ainda me olhava calmamente.

— No mundo real, você pode fazer seus próprios milagres.

Minha frustração de repente chegou a um limite, e eu desisti de tentar manter o controle. Estava tão cansada de ouvir coisas razoáveis e práticas toda vez que alguma coisa dava errado na minha vida... Em algum lugar dentro de mim, eu sabia que Dimitri só queria ajudar, mas eu não estava com paciência para conversas com boas intenções. Eu queria consolo para os meus problemas. Não queria ficar pensando no que faria eu me tornar uma pessoa melhor. Queria que ele apenas me abraçasse e me dissesse que eu não precisava me preocupar.

— Está bem, você pode parar com isso agora? — ordenei com as mãos na cintura.

— Parar com o quê?

— Com toda essa baboseira zen profunda. Você não conversa comigo como uma pessoa de verdade. Você só fica falando coisas sábias e me dando lições de vida sem sentido. Você está mesmo parecendo ter saído de algum programa natalino de televisão. — Eu sabia que não era justo descontar minha raiva nele, mas, de repente, me vi praticamente aos berros. — Eu juro, às vezes parece que você só quer ouvir o som da sua própria voz! E eu *sei* que você não é sempre assim. Conversou normalmente com Tasha. Mas comigo? Comigo você só repete os movimentos do treino, como uma máquina. Não se importa comigo. Está preso a este papel estúpido de mentor.

Ele me encarou, surpreso, com uma expressão nada característica dele.

— Eu não me importo com você?

— Não. — Eu estava sendo mesquinha, muito, muito mesquinha. E eu sabia a verdade. Sabia que ele se importava, sim, e que era muito mais do que um mentor. Mas eu não consegui me controlar. As palavras continuavam saindo e saindo de dentro de mim. Cutuquei o peito dele com o dedo. — Eu sou só mais uma aluna para você. E você continua dando as suas estúpidas lições de vida para que...

A mão que eu desejara que tivesse tocado o meu cabelo subitamente agarrou a minha mão que apontava para ele e a prendeu na parede. Fiquei surpresa de ver uma chama de emoção nos olhos dele. Não era exatamente raiva... era uma frustração de outra ordem.

— Não venha me dizer quais são os meus sentimentos — rugiu ele.

Eu vi então que parte de tudo o que eu dissera era verdade. Ele estava quase sempre calmo, sempre sob controle, mesmo quando lutava. Mas ele também me contara sobre o dia em que dera um fora e uma surra no seu pai Moroi. Na verdade, ele já fora como eu um dia, quase à beira de agir sem pensar, de fazer coisas que ele sabia que não podia.

— É isso, não é? — perguntei.

— O quê?

— Você está sempre lutando para manter o controle. Você é igual a mim.

— Não — respondeu ele, obviamente ainda irritado. — Eu aprendi a me controlar. Alguma coisa nesta nova afirmação me encorajou.

— Não — informei a ele. — Não aprendeu. Você faz cara de bonzinho e, na maior parte das vezes, realmente mantém o controle. Mas às vezes você não consegue. E às vezes... — Me inclinei para frente e abaixei o volume da voz. — Às vezes você não quer.

— Rose...

Eu senti a respiração pesada dele e sabia que seu coração estava batendo tão acelerado quanto o meu. E ele não estava se afastando. Eu sabia que isso era errado. Conhecia todos os motivos lógicos pelos quais nós

devíamos nos manter afastados. Mas naquele momento eu não estava me importando. Eu não queria me controlar. Não queria ser boazinha.

Antes que ele se desse conta do que estava acontecendo, eu o beijei. Nossos lábios se encontraram, e quando eu senti que ele retribuía o meu beijo, vi que estava certa. Ele se aproximou, prendendo o meu corpo entre o dele e a parede. Continuou segurando a minha mão, mas a outra mão dele serpenteou para trás da minha cabeça, e escorregou entrelaçada ao meu cabelo. O beijo era cheio de intensidade; havia raiva, paixão, alívio...

Foi ele quem interrompeu o beijo. Afastou-se bruscamente de mim e recuou vários passos para trás. Parecia perturbado.

— Não faça isso de novo — disse ele com firmeza.

— Então não me beije de volta — retorqui. Ele ficou me encarando por um tempo que pareceu eterno.

— Eu não dou “lições zen” para ouvir a minha própria voz. Eu não dou lições porque você é apenas mais uma aluna. Eu faço isso para ensinar você a se controlar.

— Está fazendo um excelente trabalho — revidei, com amargura.

Ele fechou os olhos por meio segundo, soltou o ar, e resmungou algo em russo. Sem me lançar mais nenhum olhar, virou-se e saiu da sala.

Nove

Não vi Dimitri durante algum tempo depois disso. Ele me mandou uma mensagem naquele mesmo dia, mais tarde, dizendo que achava que devíamos cancelar as duas próximas sessões de exercícios por conta dos preparativos para a saída do campus. As aulas estavam terminando de todo modo, disse ele; fazer um intervalo nos treinamentos lhe parecia a coisa mais sensata a fazer.

Era uma desculpa esfarrapada, e eu sabia que não era por isso que ele estava cancelando. Se ele queria mesmo me evitar, eu preferia que ele tivesse inventado que ele e os outros guardiões tinham sido obrigados a aumentar a segurança para os Moroi, ou a praticar movimentos ninja ultrassecretos.

Apesar daquela história, eu sabia que ele estava me evitando por causa do beijo. O maldito beijo. Eu não me arrependia, não exatamente. Só Deus sabe o quanto eu esperara para beijá-lo. Mas o fi zera pelas razões erradas. Eu o beijara porque estava chateada e frustrada e simplesmente queria provar que eu *podia*. Estava tão cansada de fazer sempre a coisa certa, de tomar a decisão inteligente. Estava tentando me manter mais sob controle ultimamente, mas acho que não me saí muito bem.

Eu não esquecera a advertência que ele certa vez me fizera, de que o problema de nós dois ficarmos juntos não era a diferença de idade. Era porque isso interferiria no nosso trabalho. Ao levá-lo a me beijar... bem, eu reacendera as chamas de um problema que podia eventualmente prejudicar Lissa. Eu não devia ter feito isso. Ontem eu não tinha conseguido me conter. Hoje eu podia ver com mais clareza e não conseguia acreditar no que fizera.

Mason encontrou-se comigo na manhã do Natal, e nós fomos nos reunir com os outros. Seria uma boa oportunidade para tirar Dimitri da cabeça. Eu gostava de Mason. Gostava muito. E não era como se eu tivesse que fugir e casar logo. Como Lissa dissera, seria saudável voltar a namorar alguém.

Tasha organizara nosso *brunch* de Natal num salão do alojamento dos visitantes. Muitas festinhas e reuniões estavam acontecendo na escola, mas eu logo percebi que a presença de Tasha sempre criava uma perturbação. As pessoas reagiam olhando discretamente ou desviavam o caminho para evitar cruzar com ela. Às vezes ela os desafiava. Às vezes ela apenas os ignorava. Hoje ela decidira ficar longe dos membros da realeza e simplesmente aproveitar aquela festinha particular com aqueles que não se esquivavam dela.

Dimitri fora convidado para a reunião, e um pouco da minha resolução falhou quando eu o vi. Ele se arrumara todo para a ocasião. Está bem, “se arrumara todo” pode ser exagero meu, mas aquilo era o mais perto que eu o vira chegar disso. Geralmente ele se vestia de maneira um pouco rústica... como se estivesse pronto para uma batalha a qualquer momento. Hoje, seu cabelo preto estava preso na altura da nuca, como

se ele tivesse realmente tentado arrumá-lo. Ele vestia a calça jeans habitual e botas de couro, mas, em vez de uma camiseta ou de uma blusa térmica, ele vestira um suéter de tricô preto. Era apenas um suéter comum, não era de marca nem feito por nenhum estilista, mas dava um toque chique que eu não costumava ver. E, céus, como caía bem nele.

Dimitri não foi desagradável nem nada comigo, mas certamente não se deslocou de onde estava para vir conversar. Mas conversou com Tasha, e eu os observei fascinada enquanto papeavam com aquela descontração que eu já notara antes entre os dois. Eu descobrira que ele tinha um amigo muito próximo, um primo distante da família de Tasha, e que fora assim que eles se conheceram.

— Cinco? — perguntou Dimitri, surpreso. Estavam conversando sobre os filhos do tal amigo. — Eu não sabia disso. Tasha fez um sinal afirmativo com a cabeça.

— É uma loucura. Eu juro, acho que a esposa dele não teve nem seis meses de folga entre o nascimento de um filho e a gravidez de outro. Além disso, ela é baixinha e está ficando cada vez mais larga.

— Quando eu o conheci, ele jurava que nunca teria filhos. Os olhos dela se arregalaram de animação.

— *Eu sei!* Não consigo acreditar nisso. Você devia vê-lo agora. Ele se mistura com as crianças. Na maior parte do tempo eu nem consigo entender o que ele diz. Fala mais tatibitate do que a nossa língua.

Dimitri abriu um sorriso como ele raramente fazia.

— Bem... crianças transformam as pessoas.

— Eu não consigo imaginar isso acontecendo *com você*. — Ela riu.

— Você é sempre tão cheio de pose. A não ser, é claro... que você ande falando tatibitate em russo, de modo que ninguém nunca saberá.

Os dois deram gargalhadas, e eu me virei, grata por ter Mason ali para conversar comigo. Ele era uma boa distração para aquilo tudo, porque, além de Dimitri estar me ignorando, Lissa e Christian também conversavam isolados no mundinho deles. Parecia que o sexo os aproximara e os deixara ainda mais apaixonados, e eu me perguntei se conseguiria desfrutar da companhia dela em algum momento na tal estação de esqui. Ela se afastou um pouco dele quando veio me dar meu presente de Natal.

Abri a caixa e olhei lá dentro. Vi um cordão de contas marrons, e um perfume de rosas exalou da caixa.

— Mas o que...

Levantei as contas e um crucifixo pesado de ouro balançou na ponta do cordão. Ela me presenteara com um *chotki*. Era semelhante a um rosário, só que menor. Do tamanho de um bracelete.

— Você está tentando me converter? — perguntei, de maneira irônica. Lissa não era nenhuma fanática religiosa, mas acreditava em Deus e frequentava a igreja regularmente. Como muitas famílias Moroi vindas da Rússia e do Leste Europeu, ela era cristã ortodoxa.

Eu? Quanto às minhas crenças, eu era o que se poderia chamar de uma agnóstica ortodoxa. Imaginava que Deus provavelmente existia, mas não tinha tempo nem energia para investigar a respeito. Lissa respeitava isso e nunca tentara me forçar a ter qualquer crença, o que tornava o presente ainda mais estranho.

— Vire a cruz — disse ela, claramente divertindo-se com o meu espanto.

Eu virei. Nas costas da cruz havia, gravado no ouro, um dragão decorado com flores. O emblema dos Dragomir. Levantei o olhar para ela, sem entender.

— É uma herança de família — disse ela. — Um dos grandes amigos do meu pai guardou caixas cheias de coisas dele. Isto estava dentro de uma delas. Pertenceu ao guardião da minha bisavó.

— Liss... — disse eu. O *chotki* ganhou um significado inteiramente novo. — Eu não posso... Você não pode me dar uma coisa dessas.

— Bom, eu certamente não posso ficar com ele para mim. É feito para um guardião. Para a minha guardiã.

Coloquei as contas em volta de um dos meus pulsos. O contato da cruz contra a minha pele era agradável.

— Sabe — provoquei —, há uma boa chance de eu ser expulsa da escola antes de conseguir me tornar guardiã. Ela abriu um sorriso largo.

— Bom, se isso acontecer, você pode me devolver o presente.

Todos gargalharam. Tasha começou a dizer alguma coisa, mas parou quando olhou em direção à porta.

— Janine! Minha mãe estava lá, mais dura e impassível do que nunca.

— Desculpe-me pelo atraso — disse ela. — Tive que resolver um assunto de trabalho.

Trabalho. Como sempre. Até no Natal.

Senti um embrulho e uma queimação no estômago que subiu para o meu rosto quando lembrei dos detalhes da nossa briga. Ela não mandara qualquer mensagem para mim, não estabelecera qualquer contato desde o ocorrido entre nós dois dias antes. Nem mesmo quando eu estava na enfermaria. Nenhum pedido de desculpas. Nada. Rangi os dentes.

Ela sentou conosco e logo se integrou à conversa. Há muito tempo eu descobrira que ela só sabia falar sobre um assunto: coisas de guardião. Eu me perguntava se ela tinha algum outro interesse, algum hobby. O ataque aos Badica era um assunto que pairava no ar, e isso a levou a uma conversa sobre alguma luta semelhante em que ela estivera envolvida. Para o meu horror, Mason ficou fascinado por cada palavra que ela dizia.

— Bem, decapitar não é uma coisa tão fácil quanto parece — dis-se ela, como quem fala sobre uma coisa qualquer, banal, como era seu estilo. Eu jamais imaginara que decapitar alguém fosse algo fácil, mas o tom de voz adotado por ela dava a entender que ela acreditava que todos pensassem que fosse mole. — Você precisa cortar a medula espinhal e os tendões.

Através do laço, senti que Lissa começava a ficar enjoada. Ela não era muito chegada a conversas horripilantes como aquela. Os olhos de Mason se acenderam.

— Qual é a melhor arma para se fazer isso? Minha mãe pensou um pouco.

— Um machado. Você pode usar o peso dele a seu favor. — Ela fez um movimento para ilustrar o que queria dizer.

— Legal — disse ele. — Cara, espero que me deixem andar sempre com um machado.

— Era uma hipótese cômica e ridícula, uma vez que os machados não eram armas lá muito convenientes para se sair carregando por aí. Durante meio segundo, imaginar Mason andando pela rua com um machado apoiado no ombro me divertiu um pouco. Mas o momento passou logo.

Eu sinceramente não podia acreditar que estávamos tendo uma conversa como aquela no Natal. A presença dela deixara tudo com gosto azedo. Felizmente, o grupo logo se dispersou. Christian e Lissa saíram juntos para fazer as coisas deles, e Dimitri e Tasha aparentemente tinham mais assuntos para colocar em dia. Mason e eu estávamos a caminho do nosso dormitório de vampiros quando minha mãe se juntou a nós.

Não dissemos nada. As estrelas se aglomeravam no céu negro, brilhantes e pontiagudas, e o brilho delas combinava com o gelo e a neve ao nosso redor. Eu estava vestindo minha parca cor de marfim com uma borda de pele falsa. Ela mantinha meu corpo bem aquecido, mas não era nada eficiente contra o vento gelado que me ardia no rosto. Durante todo o tempo em que andávamos, eu torcia para que minha mãe desse meia-volta e se dirigisse para as outras áreas onde costumavam ficar os guardiões, mas ela entrou

conosco dentro do dormitório.

— Estou querendo conversar com você — disse ela afinal. Meus alarmes internos dispararam na mesma hora. *O que eu fizera desta vez?*

Ela disse só isso, e Mason entendeu a deixa imediatamente. Ele não era nem burro, nem distraído quando se tratava de regras sociais, embora, naquele momento, eu meio que tivesse desejado o contrário. E achei irônico também ele querer destruir todos os Strigoi da face da Terra e ter, no entanto, medo da minha mãe.

Ele me lançou um olhar de desculpas, encolheu os ombros e disse:

— Bom, eu tenho que ir... a um lugar. Vejo você depois.

Observei-o com pesar enquanto se afastava, desejando poder correr atrás dele. Minha mãe provavelmente me derrubaria no chão e me socaria o outro olho se eu tentasse fugir dela. Era melhor fazer o que ela queria e me livrar logo daquilo. Fiquei me movimentando desconfortavelmente, olhando para todos os lados, menos para ela, e esperei que dissesse alguma coisa. Com o canto dos olhos, notei que algumas pessoas nos observavam. Lembrei que todos sabiam que fora ela que me deixara com um olho roxo e resolvi, de repente, que não queria ninguém testemunhando mais uma bronca ou sermão que minha mãe resolvesse me dar.

— Você quer... ir até o meu quarto? — perguntei. Ela pareceu surpresa, quase indecisa.

— Claro.

Levei-a até o andar de cima, mantendo uma distância segura dela enquanto caminhávamos. Criou-se uma tensão constrangedora entre nós. Ela não disse nada quando chegamos lá, mas reparei que examinou cada detalhe cuidadosamente, como se um Strigoi pudesse estar escondido ali dentro. Sentei-me na cama e esperei que ela terminasse a inspeção, sem saber ao certo o que fazer. Ela correu o dedo ao longo de uma prateleira de livros sobre comportamento e evolução dos animais.

— Estes livros são para algum trabalho de escola? — perguntou ela.

— Não. Eu me interessei pelo assunto.

Ela levantou as sobrancelhas. Não conhecia os meus interesses. Mas como ela podia conhecer? Ela não sabia nada sobre mim. Continuou avaliando tudo, parando para estudar melhor pequenas coisas que aparentemente a faziam se surpreender comigo. Uma foto minha e de Lissa fantasiadas de fadas numa festa de Dia das Bruxas. Um saco de bala. Era como se minha mãe estivesse me encontrando pela primeira vez.

De repente ela virou e estendeu a mão na minha direção.

— Está aqui.

Surpresa, eu me aproximei e abri a palma da minha mão sob a mão dela. Uma coisa pequena e fria caiu na minha mão. Era um pingente redondo, pequeno, pouco maior do que uma moeda de dez centavos. Tinha uma base de prata com um disco chato de pequenos círculos de vidro colorido. Franzi as sobrancelhas e corri os dedos pela sua superfície. Era estranho, mas os círculos quase faziam o pingente se parecer com um olho. O círculo de dentro era mínimo, como uma pupila. Era de um azul tão escuro que parecia preto. Um círculo azul bem claro circundava o menor, e um círculo branco circundava, por sua vez, este azul-claro. Na borda havia um anel bem fino da mesma cor azul-escuro do círculo de dentro.

— Obrigada — disse eu. Não esperava que ela fosse me dar nada. O presente era estranho. Por que diabos ela me daria um olho? Mas *era* um presente. — Eu... Eu não tenho nenhum presente para você.

Minha mãe fez um sinal afirmativo com a cabeça, com o rosto inexpressivo e indiferente como sempre.

— Não tem problema. Não estou precisando de nada.

Ela se virou mais uma vez e começou a andar pelo quarto. Não tinha muito espaço para andar ali dentro, mas, por ser baixa, seus passos eram curtos. Cada vez que ela passava na frente da janela sobre a minha

cama, a luz batia em seu cabelo ruivo e o iluminava. Eu a observei com curiosidade e vi que ela estava tão nervosa quanto eu.

Ela interrompeu, a certa altura, a caminhada pelo quarto e olhou novamente para mim.

— Como está o seu olho?

— Melhorando.

— Bom. — Ela abriu a boca, e eu tive a impressão de que estava prestes a pedir desculpas. Mas não o fez.

Quando retomou a caminhada, não aguentei mais continuar parada. Comecei a guardar os meus presentes. Ganhara uma boa quantidade de coisas naquela manhã. Uma delas era um vestido vermelho, de seda, bordado de flores, presenteado por Tasha. Minha mãe me observava enquanto eu o pendurava no pequeno armário do quarto.

— Foi muito bacana Tasha ter dado este presente a você.

— Foi, sim — concordei. — Eu não sabia que ela ia comprar um presente para mim. Eu gosto muito dela.

— Eu também.

Virei de costas para o armário, surpresa, e olhei para minha mãe. O espanto dela se parecia com o meu. Se eu não soubesse onde estava pisando, teria dito que nós concordávamos ao menos em uma coisa. Talvez milagres de Natal realmente existam.

— O guardião Belikov vai ser um bom companheiro para ela.

— Eu... — pestanejei sem entender completamente do que ela estava falando. — Dimitri?

— Guardião Belikov — me corrigiu severamente, ainda desaprovando a maneira íntima como eu me referia a ele.

— Que... que tipo de companheiro? — perguntei. Ela levantou uma das sobrancelhas.

— Você não soube? Ela pediu a ele para ser o guardião dela, já que ela não tem nenhum.

Senti como se tivessem me socado novamente.

— Mas ele... já está trabalhando aqui. E já foi designado para Lissa.

— Essas coisas podem ser rearranjadas. E apesar da reputação dos Oзера... ela ainda faz parte da realeza. Se insistir um pouco, pode conseguir o que quer.

Eu olhei de maneira vaga para o nada.

— Bom, eu acho que eles *são* amigos e tudo.

— Mais do que isso. Ou melhor, podem vir a ser. *Bum!* Outro soco na cara.

— O quê?

— Ah, sim. Ela está... *interessada* nele. — Pelo tom de voz da minha mãe, ficou claro que assuntos amorosos não a atraíam em nada. — Ela quer ter filhos dampiros, então é bem possível que eles façam um... al-gum acordo, caso ele venha a se tornar o guardião dela.

Ai. Meu Deus. O tempo congelou. Meu coração parou de bater. Percebi que minha mãe esperava alguma reação da minha parte. Recostada na minha mesa, ela me observava. Ela podia até ser capaz de caçar Strigoi por aí, mas era inteiramente incapaz de perceber os meus sentimentos.

— Ele... Ele vai aceitar isso? Isso de ser o guardião dela? — perguntei com um fio de voz. Minha mãe deu de ombros.

— Eu não sei se ele já aceitou, mas é claro que vai. É uma excelente oportunidade.

— Claro — ecoei as palavras dela. Por que Dimitri recusaria a oportunidade de ser guardião de uma amiga e ainda por cima ter um filho?

Acho que minha mãe disse mais alguma coisa depois disso, mas não cheguei a ouvi-la. Eu não ouvi nada.

Fiquei pensando em Dimitri abandonando a Escola. *Me* abandonando. Pensei em como ele e Tasha se davam bem. E, então, depois dessas lembranças, minha imaginação começou a projetar imagens do futuro. Tasha e Dimitri juntos. Fazendo carinho um no outro. Beijando-se. Nus. E outras coisas...

Fechei os olhos bem apertados por meio segundo e os abri novamente.

— Estou muito cansada.

Minha mãe se deteve no meio de uma frase. Eu não fazia a menor ideia do que ela estava falando antes de interrompê-la.

— Estou muito cansada — repeti. Pude ouvir minha voz soando oca. Vazia. Sem emoção. — Obrigada pelo olho... hum... pelo pingente, mas se você não se importar...

Minha mãe me encarou surpresa. Tinha baixado a guarda e parecia confusa agora. E, de repente, sem mais nem menos, vestiu o escudo habitual de profissionalismo frio. Até aquele momento, eu não me dera conta do quanto ela relaxara ali comigo. Mas ela de fato conseguira. Por um breve momento, ela se deixara ficar vulnerável ali. Essa vulnerabilidade, no entanto, sumiu subitamente.

— É claro — disse com dureza. — Não quero incomodar você.

Eu quis dizer a ela que não era isso. Quis dizer a ela que eu não a estava expulsando do quarto por algum motivo pessoal. E quis dizer também que eu queria muito que ela fosse aquele tipo de mãe gentil, amorosa, compreensiva de que a gente sempre ouve falar, uma mãe em quem eu pudesse confiar. Talvez até uma mãe com quem eu pudesse discutir minha vida amorosa tão conturbada.

Caramba. Como eu queria, na verdade, poder contar para *qualquer* pessoa o que estava se passando comigo. Principalmente agora.

Mas eu estava presa demais ao meu drama pessoal para dizer uma palavra sequer. Senti como se alguém tivesse arrancado o meu coração e o lançado do outro lado do quarto. Senti uma dor lancinante me queimar o peito e não tinha a menor ideia do que fazer para aplacá-la. Uma coisa era aceitar que eu não podia ter Dimitri. Outra coisa bem diferente era admitir que outra pessoa *podia* tê-lo.

Não disse mais nada a ela porque perdi a capacidade de falar. A fúria brilhava em seus olhos, e os lábios estavam apertados, exibindo aquela expressão de desagrado que ela usava com frequência. Sem mais palavras, ela se virou e saiu, batendo com força a porta atrás de si. Sair batendo a porta era uma coisa que eu teria feito também, na verdade. Acho que nós realmente tínhamos algumas coisas em comum.

Mas esqueci dela quase imediatamente. Fiquei só sentada ali, pensando. Pensando e imaginando.

Passei o resto do dia fazendo pouco mais do que isso. Não fui jantar e derramei algumas lágrimas. Mas a maior parte do tempo eu passei sentada na cama pensando, pensando, e ficando cada vez mais deprimida. Também descobri que a única coisa pior do que imaginar Dimitri e Tasha juntos era lembrar de quando ele e *eu* estivéramos juntos. Ele nunca mais tocaria em mim daquele jeito, nunca mais me beijaria...

Aquele, definitivamente, estava sendo o pior Natal da minha vida.

Dez

A viagem para a estação de esqui não podia ter chegado em melhor hora. Era impossível tirar a história de Dimitri e Tasha da cabeça, mas, pelo menos, enquanto eu fazia a mala e me preparava para a viagem, não estava dedicando 100% da minha atividade cerebral a ele. Só uns 95%.

Eu tinha outras coisas para me distrair também. A Escola pode ser, com razão, superprotetora com seus alunos, mas às vezes o resultado era que tínhamos acesso a algumas coisas muito bacanas. Por exemplo: a Escola possuía dois jatinhos particulares. Isso significava que nenhum Strigoi podia nos atacar nos aeroportos, e significava também que viajávamos com estilo. Cada jato era menor do que um avião comercial, mas os assentos eram confortáveis e havia muito espaço para esticar as pernas. As cadeiras recostavam tanto para trás que dava praticamente para deitar na hora de dormir. Nos voos de longa distância nós tínhamos pequenos painéis de controle na frente das poltronas que nos davam opções de filmes para ver. Às vezes eles até serviam refeições chiques. Mas eu estava apostando que este voo seria curto demais para termos direito a televisão e a comida bacana.

Sáímos tarde no dia vinte e seis. Quando embarquei no avião, procurei por Lissa, queria conversar com ela. Não tínhamos nos falado mais depois do *brunch* de Natal. Não me surpreendi ao ver que ela estava sentada com Christian, e parecia que eles não queriam ser interrompidos. Não pude ouvir a conversa dos dois, mas ele passara o braço em volta dela e exibia aquela expressão relaxada e amorosa que só se via em seu rosto quando ele estava perto dela. Eu continuava totalmente convencida de que ele nunca tomaria conta dela tão bem quanto eu, mas estava claro que ele a fazia feliz. Coloquei um sorriso na cara e fiz um cumprimento de cabeça para os dois enquanto atravessava o corredor, rumo à poltrona ao lado de Mason, que acenava para mim. No caminho, passei também por Dimitri e Tasha, que estavam sentados juntos. Ignorei-os solenemente.

— Oi — disse eu, escorregando na poltrona ao lado de Mason. Ele sorriu para mim.

— Oi. Está pronta para o desafio nos declives?

— Mais pronta do que nunca.

— Não se preocupe — disse ele. — Vou pegar leve com você. Fiz uma cara de superioridade e recostei a cabeça na cadeira.

— Você delira.

— Sujeitos que não deliram são muito chatos.

Para minha surpresa, ele deixou a mão dele escorregar sobre a minha. Sua pele estava quente, e eu senti

minha própria pele formigar de excitação com aquele contato. Aquilo me surpreendeu. Eu me convencera de que meu corpo não reagiria ao toque de mais ninguém que não fosse Dimitri.

“Está na hora de passar para outra”, pensei. “Dimitri evidentemente já fez isso. Você devia ter feito o mesmo há muito tempo.” Entrelacei os dedos nos de Mason, pegando-o de surpresa.

— Estou pronta. Vai ser muito divertido.

E foi.

Tentei lembrar a mim mesma de que estávamos ali porque acontecera uma tragédia, porque havia Strigoi e humanos lá fora que podiam atacar novamente. Mas ninguém parecia se lembrar, e devo confessar que eu mesma estava sentindo enorme dificuldade em me concentrar nisso.

O hotel era lindo. Fora construído ao estilo de uma choupana de madeira, mas nenhuma das choupanas que serviram de abrigo para os desbravadores poderia comportar centenas de pessoas, nem tinha acomodações tão luxuosas quanto as daquele hotel. A construção de três andares de madeira dourada e radiante se elevava entre pinheiros altivos. As janelas eram altas e graciosamente arqueadas, com vidros tingidos, como era conveniente para os Moroi. Luminárias de cristal, elétricas, mas com o formato de tochas, penduradas em cada entrada, conferiam ao prédio inteiro um visual brilhante, quase como o de uma joia.

Toda a região era circundada de montanhas, cujo contorno, à noite, minha visão aguçada mal conseguia vislumbrar. E eu aposto que à luz do dia a vista devia ser de tirar o fôlego de tão bonita. Um lado do terreno ia dar na área de esqui, onde se viam ladeiras inclinadas e rampas de moguls, assim como teleféricos e cordas para se apoiar ao subir as ladeiras com os esquis nos pés. Do outro lado, havia uma pista de patinação no gelo, o que me agradou, já que naquele outro dia eu perdera a oportunidade de patinar no lago próximo à choupana. Perto dali havia declives suaves, próprios para se deslizar com um trenó.

E isso tudo só do lado de fora.

Dentro do hotel, tudo se achava bem-preparado para atender as necessidades dos Moroi. Fornecedores de sangue estavam à mão, prontos para servi-los vinte e quatro horas por dia. Os declives funcionavam em horário noturno. Escudos mágicos e guardiões circundavam todo o lugar. Tudo o que um vampiro vivo podia querer.

O saguão principal do hotel tinha um teto de catedral e um enorme lustre pendurado nele. O chão era todo de mármore, e o balcão de atendimento funcionava dia e noite, pronto para atender a qualquer necessidade que tivéssemos. Todo o resto do hotel, corredores e salas de estar, eram decorados com um esquema de cores que combinava vermelho, preto e dourado. O tom vermelho-escuro dominava as outras tonalidades, e eu me perguntei se a semelhança com sangue seria uma simples coincidência. Espelhos e obras de arte enfeitavam as paredes, e havia mesinhas trabalhadas por todo o lugar. Sobre elas, vasos verde-água, com orquídeas de cor arroxeadas, enchiam o ar com um perfume forte.

O quarto que eu dividia com Lissa era maior do que os nossos dois quartos nos dormitórios da escola juntos e era decorado com as mesmas cores vibrantes do resto do hotel. O tapete era tão fofo e macio que eu imediatamente tirei os sapatos e entrei descalça, afundando os pés na maciez do carpete. Tínhamos camas *king-size*, cobertas com edredons de pena e arrumadas com tantos travesseiros que estou certa de que alguém podia perfeitamente se perder no meio deles e nunca mais ser encontrada. Uma porta dupla de vidro se abria para um balcão espaçoso, que, levando em conta o fato de estarmos no último andar, era muito bacana, não fosse o frio intenso que fazia lá fora. Suspeitei que a banheira de água quente, na qual cabiam duas pessoas, do outro lado do quarto ainda seria de grande utilidade para nos aquecer do frio.

Imersa em tanto luxo, cheguei a um tal ponto de deslumbramento que tudo mais nas acomodações começou a se misturar. A banheira de mármore preto. A televisão com tela de plasma. A cesta de chocolates e outras guloseimas. Quando finalmente decidimos sair para esquiar, eu tive praticamente que me arrastar do quarto. Poderia ter passado o resto das minhas férias jogada ali e me dar por satisfeita.

Afinal nos aventuramos para fora do quarto, e, depois que eu consegui arrancar Dimitri e a minha mãe da cabeça, comecei a me divertir. O fato de o hotel ser tão grande ajudou também. Era improvável que nos esbarrássemos por lá. Pela primeira vez, depois de semanas, eu pude finalmente prestar atenção em Mason e ver como ele era divertido. Também pude aproveitar mais a companhia de Lissa, o que melhorou ainda mais o meu humor.

Como éramos quatro — Lissa, Christian, Mason e eu —, podíamos fazer programas em duplas. Nós quatro passamos o primeiro dia qua-se inteiro esquiando, embora os dois Moroi não tenham conseguido acompanhar o nosso ritmo. Considerando as coisas que Mason e eu tínhamos que fazer nas aulas de treinamento, não tínhamos medo de enfrentar descidas desafiadoras. Nossa natureza competitiva nos levava a uma ânsia de nos superar para ver quem era o melhor.

— Vocês dois são suicidas — comentou Christian a certa altura. Estava escuro lá fora, e postes altos de luz iluminavam o rosto dele, que parecia se divertir conosco.

Ele e Lissa estavam esperando no pé da rampa de moguls, e observavam a mim e Mason deslizando montanha abaixo. Estávamos nos aventurando em velocidades insanas. A parte de mim que estivera tentando conquistar autocontrole e sabedoria com Dimitri sabia que aquilo era perigoso, mas todo o restante adorava abraçar aquele comportamento inconsequente. A marca negra da rebeldia ainda soava forte em mim.

Mason abriu um largo sorriso enquanto freávamos com os esquis, levantando uma nuvem de neve.

— Que nada, isso aqui é só para esquentar. Rose conseguiu me acompanhar o tempo todo. Brincadeira de criança. Lissa balançou a cabeça em sinal de desaprovação.

— Vocês não estão levando essa história longe demais? Mason e eu nos entreolhamos.

— Não. Ela balançou novamente a cabeça.

— Bom, nós vamos entrar. Tentem se manter vivos.

Ela e Christian foram embora abraçados. Eu os observei enquanto se afastavam, depois me virei para Mason.

— Eu ainda aguento ficar mais um pouco. E você?

— Com certeza.

Pegamos o teleférico de volta para o alto da montanha. Quando estávamos quase chegando ao topo, Mason apontou para baixo.

— Muito bem. O que você acha disso? Descemos aquelas rampas de moguls ali, depois saltamos aquele cume, depois fazemos uma curva radical, driblamos aquelas árvores e paramos ali.

Segui o dedo dele com os olhos enquanto ele traçava um caminho todo recortado ao longo da descida de um dos maiores declives. Eu franzi o cenho.

— Esse é mesmo um percurso insano, Mase.

— Ah — disse ele, triunfante. — Ela finalmente amarelou.

Senti o rosto vermelho com o desafio.

— Ela não amarelou, não. — Depois de mapear mais uma vez a rota maluca que ele traçara, eu concordei. — Está bem. Vamos lá. Ele fez um gesto de cavalheiro.

— Você primeiro.

Respirei fundo e dei o impulso inicial. Meus esquis deslizavam suavemente pela neve, e um vento cortante batia no meu rosto. O primeiro salto, eu o executei com precisão e facilidade, mas quando a parte seguinte do percurso me fez aumentar a velocidade, me dei conta de como aquilo era perigoso. Naquele milésimo de segundo, tive que tomar uma decisão. Se eu recuasse, Mason debocharia de mim para sempre, e eu *realmente* queria mostrar para ele que eu era capaz. Se eu conseguisse, me sentiria bastante segura e poderosa. Mas se eu tentasse e desse tudo errado... podia até quebrar o pescoço.

Em algum lugar dentro da minha cabeça, uma voz que soou suspeitosamente como os discursos de Dimitri começou a falar sobre escolhas sábias e sobre aprender quando se deve recuar.

Resolvi ignorar aquela voz e segui em frente.

O trecho era tão difícil quanto eu temera, mas consegui passar por ele sem uma falha sequer, executando uma manobra insana atrás da outra. A neve voava em volta de mim ao passar de uma curva fechada e perigosa à outra. Quando eu cheguei a salvo no final, olhei para cima e vi Mason fazer gestos largos. Não consegui entender o que ele dizia nem pude distinguir a expressão de seu rosto, mas pude imaginar a torcida dele. Gesticulei de volta e esperei que ele viesse ao meu encontro.

Mas ele não veio. Porque, quando Mason chegou no meio da descida, não conseguiu ultrapassar um dos saltos. Os seus esquis fi caram presos, e suas pernas se torceram. Ele caiu.

Cheguei até onde ele estava quase na mesma hora em que alguns dos funcionários do hotel apareceram. Para o alívio de todos, Mason não quebrara o pescoço nem outra parte qualquer do corpo. Mas parecia ter torcido feio o tornozelo, e isso provavelmente o impediria de esquiar com a mesma inconsequência durante todo o resto da viagem.

Uma das instrutoras que monitorava as rampas correu para perto de nós, furiosa.

— O que vocês estavam pensando? — exclamou ela. E virou-se para mim. — Mal pude acreditar quando você fez aquelas malditas mano-bras! — O olhar dela, então, se fixou em Mason. — E você *tinha* que ir atrás, imitando!

Quis argumentar que a ideia tinha sido dele, mas não era o caso de culpar alguém, àquela altura. Eu já estava feliz de ele ter saído sem nenhum ferimento grave. Mas, quando nós entramos, a culpa começou a me corroer. Eu *tinha* que agir de modo irresponsável... E se ele tivesse se machucado de verdade? Visões horripilantes atravessaram a minha mente. Mason com uma perna quebrada... com o pescoço quebrado...

O que eu estava pensando da vida? Ninguém me obrigara a fazer aquele percurso. Mason sugerira... mas eu não argumentara com ele. Deus sabe que eu provavelmente poderia ter tirado a ideia da cabeça dele. Talvez tivesse que aguentar algum deboche, mas Mason era apaixonado demais por mim e um pouco de manha teria impedido aquela loucura. Fui fisgada pela excitação e pelo risco, como quando beijara Dimitri, e não pensei nas consequências porque, secretamente, dentro de mim, ainda se ocultava aquele desejo impulsivo de ser rebelde. Mason também tinha isso, e o destemor dele atçou o meu.

Aquela voz de Dimitri dentro da minha cabeça começou a me castigar mais uma vez.

Depois que Mason voltou a salvo para o alojamento e colocou gelo no tornozelo, fui levar o equipamento de volta ao depósito. Quando voltei para o hotel, entrei por uma porta diferente da que eu costumava usar. Nesta entrada havia uma grande varanda aberta com um corrimão de madeira trabalhada. A varanda fora construída na encosta da montanha e tinha uma vista de tirar o fôlego para outros picos e vales à nossa volta. Alguém que não se importasse de ficar parado durante algum tempo sob temperaturas geladas poderia admirar a paisagem. Mas a maioria não tinha essa resistência.

Subi a escada que dava na varanda, tirando a neve das botas enquanto pisava nos degraus. Um cheiro forte, doce e apimentado, pairava no ar. Havia algo familiar nele, mas, antes que eu pudesse identificá-lo,

uma voz vinda das sombras falou comigo de repente.

— Ei, dampirinha.

Admirada, vi que alguém estava de fato em pé na varanda. Um cara, um Moroi, recostado contra a parede não muito longe da porta. Levou um cigarro à boca, deu um longo trago e depois o deixou cair no chão. Apagou a ponta com o sapato e me abriu um sorriso torto. Era dali que vinha o cheiro, percebi. Cigarro de cravo.

Cuidadosamente, eu parei e cruzei os braços, enquanto o examinava. Ele era um pouco mais baixo do que Dimitri, mas não tão magrelo quanto alguns homens Moroi acabam ficando. Um longo casaco cinza-escuro, talvez feito de algum tipo de caxemira absurdamente cara, caía excepcionalmente bem nele, e os elegantes sapatos de couro que ele usava também pareciam anunciar que tinha dinheiro. Seu cabelo era castanho e estava propositalmente arrumado para parecer desalinhado, seus olhos eram azuis ou verdes, não havia luz suficiente para que eu pudesse distinguir. O rosto era bonito, acho, e deduzi que ele tivesse uns dois anos a mais do que eu. Ele parecia ter acabado de sair de algum jantar formal.

— Quê? — perguntei.

Os olhos dele escanearam o meu corpo. Eu estava acostumada a chamar a atenção dos garotos Moroi. Mas em geral eles não eram tão escancarados. E eu, em geral, não estava embrulhada em roupas de inverno nem exibia um olho roxo.

Ele encolheu os ombros.

— Estou só dando um alô, só isso.

Esperei que ele dissesse mais alguma coisa, mas ele apenas enfiou as mãos nos bolsos do casaco. Eu mesma dei de ombros e subi mais alguns degraus.

— Você tem um cheiro bom, sabia? — disse ele, de repente.

Parei de andar mais uma vez e olhei para ele como quem não entende o comentário, o que fez o sorriso dele se abrir um pouco mais.

— Eu... o quê?

— Tem um cheiro bom — repetiu ele.

— Você está fazendo alguma piada? Passei o dia inteiro suando. Estou um nojo. — Eu queria sair andando, mas havia alguma coisa extraordinariamente irresistível naquele cara. Como um desastre de trem. Eu não o achei exatamente atraente; mas de repente fiquei interessada em conversar com ele.

— Suor não é uma coisa ruim — disse ele, recostando a cabeça contra a parede e olhando para cima, pensativo. — Algumas das melhores coisas da vida acontecem enquanto estamos suando. É verdade que, se você sua muito e o suor fi ca velho e passado, aí é realmente nojento. Mas em uma mulher bonita? É intoxicante. Se você tivesse o olfato tão aguçado quanto o de um vampiro, saberia do que estou falando. A maioria das pessoas erra tudo e se perfuma demais. Perfumes podem ser bons... especialmente se você encontrar um que combine com a sua química. Mas você precisa de uma única gota. Misture 20% de perfume com 80% da sua própria transpiração e... hummm. — Ele jogou a cabeça para o lado e olhou para mim. — É de matar de tão sensual.

Lembrei de repente de Dimitri e da loção pós-barba que ele usava. É. *Aquilo* sim era fatal de tão sensual, mas eu certamente não contaria isso para aquele cara.

— Bom, obrigada pela lição de higiene — disse. — Mas eu não tenho nenhum perfume, e vou tomar uma chuveirada para tirar de mim todo esse suor do exercício que fiz. Com licença.

Ele tirou do bolso um maço de cigarros e ofereceu para mim. Aproximou-se apenas um passo, mas foi o suficiente para que eu pudesse sentir um outro cheiro vindo dele. Álcool. Recusei o cigarro, e ele tirou um

para si.

— Mau hábito — disse eu, vendo-o acender o cigarro.

— Um de muitos — respondeu. E deu uma longa tragada. — Você veio com a São Vlad?

— Vim.

— Então vai ser uma guardiã quando crescer.

— É óbvio.

Ele soprou a fumaça para fora, e eu a observei passear pelo ar para dentro da noite. Tendo ou não os sentidos aguçados de vampiro, era um milagre ele conseguir sentir qualquer outro odor com todo aquele cravo ao seu redor.

— Quanto tempo falta para você crescer? — perguntou. — Eu posso precisar de uma guardiã.

— Eu me formo na primavera. Mas já estou prometida para outra pessoa. Sinto muito. Seus olhos brilharam de surpresa.

— Ah, é? E quem é ele?

— *Ela* é Vasilisa Dragomir.

— Ah. — Ele abriu um largo sorriso debochado. — Eu sabia que você era uma encrenca assim que a vi. É a filha de Janine Hathaway.

— Eu sou Rose Hathaway — corrigi. Não queria ser definida como a filha da minha mãe.

— Prazer em conhecê-la, Rose Hathaway. — Ele estendeu para mim a mão coberta por uma luva, e eu a apertei hesitante. — Adrian Ivashkov.

— E você acha que *eu* sou uma encrenca — murmurei. Os Ivashkov eram uma família real, uma das mais ricas e mais poderosas. Eram o tipo de gente que achava que podia conseguir tudo o que queria e passar por cima de quem quer que estivesse na frente deles. Não era de admirar que ele fosse tão arrogante.

Ele riu. Tinha uma gargalhada agradável, um som cheio e quase melódico. Fazia pensar num caramelo quente, pingando de uma colher.

— Veio bem a calhar, não? Nossas reputações nos precedem. Balancei a cabeça.

— Você não sabe nada sobre mim. E eu só conheço a sua *família*. Não sei nada sobre você.

— Quer aprender? — me provocou ele.

— Desculpe. Não gosto de caras mais velhos.

— Tenho vinte e um anos. Não sou tão mais velho.

— Eu tenho namorado. — Era uma pequena mentira. Mason certamente ainda não era meu namorado, mas eu esperava que Adrian me deixasse em paz se soubesse que eu era comprometida.

— Engraçado. Você não mencionou isso logo de início — ponderou Adrian. — Não foi ele que deixou você com um olho roxo, foi?

Senti o rosto enrubescer, mesmo naquele frio. Eu tive esperança de que ele não notasse o olho roxo, o que era uma tolice da minha parte. Com sua visão de vampiro, ele provavelmente notara assim que eu pisara na varanda.

— Ele não estaria vivo agora se tivesse feito isso. Foi durante um... treinamento. Quer dizer, estou treinando para ser guardiã. Nós sempre pegamos pesado nas aulas.

— Isso é muito excitante — disse ele. Deixou o segundo cigarro cair no chão e o apagou com o pé.

— Socar o meu olho?

— Bom, não isso. É claro que não. Estou falando da ideia de pegar pesado com você. Sou um grande fã de esportes que exigem contato físico intenso.

— Tenho certeza de que você é mesmo fã disso — disse eu secamente. Ele era arrogante e presunçoso,

no entanto eu não conseguia me forçar a ir embora dali.

O barulho de passos atrás de mim fez com que eu me virasse. Mia apareceu na trilha e subiu os degraus. Quando nos viu, parou subitamente.

— Oi, Mia. Ela olhou para mim e para ele.

— Está com *outro* cara? — perguntou. Pelo tom de voz que ela usou, parecia que eu tinha um harém masculino particular.

Adrian me lançou um olhar inquisidor e gozador. Rangi os dentes e decidi não sustentar o comentário dela, dando qualquer resposta que fosse. Optei por uma elegância nada usual.

— Mia, este é Adrian Ivashkov.

Adrian lançou para ela o mesmo charme que usara comigo. Apertou-lhe a mão.

— É sempre um prazer conhecer uma amiga de Rose, especialmente uma amiga bonita. — Ele falou como se nos conhecêssemos desde a infância.

— Não somos amigas — disse eu. Lá se foi a elegância.

— Rose só se dá com homens ou com psicopatas — disse Mia. Em seu tom de voz havia o desdém de sempre que ela nutria por mim, mas uma expressão em seu olhar me dizia que Adrian lhe cativara o interesse.

— Bom — disse ele alegremente —, uma vez que sou homem e também um psicopata, isso explica por que somos tão bons amigos.

— Você e eu também não somos amigos — disse eu a ele. Ele riu.

— Sempre bancando a difícil, hein?

— Ela não é assim tão difícil — disse Mia, claramente aborrecida por Adrian estar dando mais atenção a mim do que a ela. — Basta perguntar para a metade dos garotos da nossa escola.

— É — rebati —, e você pode perguntar à outra metade sobre Mia. Se puder fazer algum favor para ela, em troca ela fará *muitos* favores para você. — Quando ela declarou guerra a mim e a Lissa, Mia conseguira convencer alguns garotos a contarem para a escola inteira que eu fizera coisas bem cabeludas com eles. O irônico foi que, para fazer com que mentissem, ela dormiu com todos eles.

Um lampejo de constrangimento atravessou as feições dela, mas ela se manteve firme.

— Bom — disse Mia —, pelo menos eu não durmo com eles de graça. Adrian fez barulhos imitando uma briga de gatos.

— Terminou? — perguntei. — Já passou da sua hora de dormir, e os adultos gostariam de poder conversar agora. — A aparência de menina que Mia sempre trazia foi um ponto fraco para ela, um ponto que eu frequentemente gostava de explorar.

— Claro — disse ela rispidamente. Suas bochechas ficaram cor-de-rosa, intensificando ainda mais sua carinha de boneca de porcelana. — Eu tenho mesmo coisas melhores para fazer. — Ela se virou para a porta, depois fez uma parada, com a mão pousada na maçaneta.

Olhou para Adrian. — Foi a mãe dela que a deixou com esse olho roxo, sabia?

Ela entrou. A porta bonita de vidro bateu atrás dela.

Adrian e eu ficamos um instante parados em silêncio. Finalmente ele tornou a apanhar o maço de cigarros e acendeu mais um.

— Sua mãe?

— Não enche.

— Você é uma dessas pessoas que ou têm amigos que são como al-mas gêmeas, ou inimigos mortais, não é? Não tem meio-termo para você. Você e Vasilisa são provavelmente como irmãs, certo?

— Acho que sim.

— Ela está bem?

— Hã? Como assim?

Ele deu de ombros, e se eu não soubesse do que ele estava falando, diria que ele estava tentando parecer casual demais.

— Não sei. Quer dizer, eu sei que vocês fugiram da escola... e que houve também aquilo tudo com a família dela e Victor Dashkov... Eu enrijei o corpo quando ele mencionou Victor.

— E daí?

— Sei lá. Só imaginei que talvez fosse uma carga pesada demais para ela aguentar, sabe?

Eu o estudei com cautela, me perguntando onde ele queria chegar. Houvera um pequeno vazamento de informações quanto à frágil saúde mental de Lissa, mas devidamente controlado. A maioria das pessoas já se esquecera disso ou pensava que era mentira.

— Preciso ir. — Resolvi que evitar conversa seria a melhor tática naquele momento.

— Tem certeza? — Ele parecia pouco desapontado. Havia em sua voz o mesmo tom petulante e divertido de antes. Alguma coisa nele ainda me intrigava, mas, o que quer que fosse, não era o suficiente para enfrentar tudo o mais que eu sentia, nem para arriscar entrar numa con-versa sobre Lissa. — Pensei que fosse hora de os adultos conversarem. Tanta coisa de adulto que eu queria conversar com você...

— Está tarde, eu estou cansada, e seus cigarros estão me dando dor de cabeça — rugi.

— É justo. — Ele afastou o cigarro e espantou a fumaça com a mão.

— Algumas mulheres acham que o cigarro me dá charme.

— Eu acho que você fuma para ter alguma coisa para fazer enquanto pensa na sua próxima gracinha. Ele engasgou com um misto de trago no cigarro e de vontade de rir.

— Rose Hathaway, mal posso esperar para ver você novamente. Se é charmosa assim quando está cansada e zangada, e *linda* mesmo com um olho roxo e metida em roupas de esqui, deve ser devastadora quando está no auge.

— Se por “devastadora” você quer dizer que deveria temer pela sua vida, então é isso mesmo. Tem razão.

— Abri a porta com vontade. — Boa noite, Adrian.

— Nos vemos em breve.

— Pouco provável. Já disse a você. Não gosto de caras mais velhos.

Entrei no saguão. Quando a porta se fechou, eu ainda consegui ouvir a voz dele atrás de mim:

— É claro que você não gosta.

Onze

Na manhã seguinte, Lissa já se levantara e saíra do quarto antes mesmo de eu começar a me mexer na cama. E isso significava que o banheiro ia ser só meu para eu me arrumar para o resto do dia. Adorei aquele banheiro. Era enorme. Minha cama *king-size* caberia tranquilamente ali dentro. Uma chuveirada escaldante com três saídas de água diferentes me acordou, embora os meus músculos estivessem doloridos por conta do exercício do dia anterior. Quando me observei de corpo inteiro no espelho do banheiro para pentear o cabelo, fiquei decepcionada ao ver que o olho continuava roxo. Mas já melhorara bastante, e agora estava meio amarelado. Um pouco de corretivo e pó compacto esconderiam facilmente o machucado.

Desci correndo atrás de algo para comer. O restaurante já estava encerrando o café da manhã, mas uma das garçonetes me deu alguns pãezinhos recheados com marzipã de pêssego para levar. Mastigando um deles enquanto caminhava, ativei os sentidos para perceber onde estava Lissa. Alguns minutos depois, senti a presença dela do outro lado do saguão, longe da ala onde os alunos estavam alojados. Segui a trilha até chegar a um quarto no terceiro andar. Bati na porta.

Christian a abriu.

— Chegou a Bela Adormecida. Seja bem-vinda.

Ele me fez entrar de maneira apressada. Lissa estava sentada de pernas cruzadas na cama e sorriu quando me viu. O quarto era tão suntuoso quanto o meu, mas quase toda a mobília fora arrastada para um canto, abrindo um espaço vazio. E nesta área estava Tasha, de pé.

— Bom dia — disse ela.

— Oi — retruquei. De nada adiantara tentar evitá-la.

Lissa deu um tapinha na cama, convidando-me a sentar-me ao seu lado.

— Você tem que ver isso.

— O que está acontecendo? — Sentei ao lado dela e terminei de comer o último pãozinho.

— Coisas proibidas — disse ela com um ar travesso. — Você vai aprovar.

Christian caminhou até o espaço vazio e se pôs frente a frente com Tasha. Eles se olharam nos olhos, esquecidos de mim e de Lissa. Eu aparentemente interrompera algo.

— Então, por que é que eu não posso simplesmente usar o feitiço da combustão? — perguntou Christian.

— Porque consome muita energia — disse ela. Mesmo de jeans e com um rabo de cavalo, e as cicatrizes, ela conseguia ser absurdamente bonita. — E, além do mais, é bem provável que a combustão mate o seu

oponente.

Ele debochou:

— Ah, e por que eu não ia querer matar um Strigoi?

— Você pode não estar lutando contra um Strigoi. Ou talvez você precise arrancar alguma informação dele. De todo modo, você deve estar preparado para tudo.

Eles estavam praticando magia ofensiva, percebi. Animação e interesse tomaram o lugar do humor sombrio que me tomara ao ver Tasha. Lissa não estava brincando quando disse que eles estavam fazendo “coisas proibidas”. Eu sempre suspeitei que eles praticassem magia ofensiva, mas... caramba. Imaginar era uma coisa, ver isso acontecer de verdade era outra bem diferente. Usar magia como arma era proibido. Um aluno experimentar algo assim podia ser perdoado e ele podia ser simplesmente educado a não fazer mais aquilo; mas um adulto ensinar isso a um menor de idade... uau. Isso podia colocar Tasha em maus lençóis. Por um milésimo de segundo, eu brinquei com a ideia de entregá-la. Logo descartei a hipótese. Eu podia até odiá-la por estar paquerando Dimitri, mas uma parte de mim acreditava que o que Christian e ela estavam fazendo era importante. E além do mais, era bem legal de ver.

— Um feitiço que distraia seu inimigo pode vir a ser tão útil quanto um outro que o mate de cara — continuou ela.

Seus olhos azuis se concentraram intensamente como eu já vira acontecer com frequência com os Moroi ao usarem a magia. Ela virou o pulso para a frente, e um raio de fogo saiu dele e serpenteou passando perto do rosto de Christian. Não o tocou, mas, pelo jeito como ele estremeceu, suspeitei que o raio tivesse passado perto o suficiente para que ele pudesse sentir o calor do fogo.

— Tente fazer isso — sugeriu ela.

Christian hesitou por um instante e depois repetiu com as mãos o mesmo gesto que ela fizera. Um raio de fogo escapou-lhe do pulso, mas ele não tinha o controle tão certo quanto o dela. Ele também não se saiu bem na pontaria. O raio se encaminhou direto para o rosto dela, mas antes que pudesse tocá-lo dividiu-se em dois e contornou a cabeça de Tasha, quase como se tivesse batido em um escudo invisível. Ela o desviara com a sua magia.

— Nada mal. Com exceção do fato de você ter queimado o meu rosto inteiro.

Nem eu iria querer que ela tivesse o rosto queimado. Mas o cabelo... ah, sim. Aí veríamos se ela ainda ficaria bonita sem aquela juba preta como as asas da graúna.

Ela e Christian treinaram por mais algum tempo. Ele melhorou ao longo da aula, embora tivesse que trabalhar muito ainda para chegar ao nível de Tasha. Meu interesse crescia cada vez mais à medida que eles treinavam, e eu me vi ponderando sobre todas as possibilidades que aquela magia poderia oferecer.

Eles terminaram a lição do dia quando Tasha anunciou que tinha que sair. Christian suspirou, visivelmente frustrado por não ter conseguido dominar o feitiço em apenas uma hora. A natureza competitiva dele era quase tão forte quanto a minha.

— Eu ainda acho que seria mais fácil simplesmente tacar fogo neles e encerrar o assunto — argumentou.

Tasha sorriu enquanto penteava o cabelo para fazer um rabo de cavalo mais apertado. Ah, sim. Ela poderia *muito bem* ficar sem aquele cabelo, ainda mais tendo em vista que Dimitri, eu bem sabia, adorava cabelos compridos.

— É mais fácil porque não precisa de tanta concentração. É disperso. Sua magia ficará mais forte a longo prazo se você puder aprender isso. E, como eu disse, o feitiço tem a sua utilidade.

Eu não queria concordar com ela, mas não consegui me conter.

— Pode ser muito útil se você estiver lutando lado a lado com um guardião — disse eu excitada. —

Principalmente se consome tanta energia incendiar um Strigoi de cima a baixo. Usando este tipo de feitiço, com um esforço pequeno e sem gastar toda a sua energia, você distrai um Strigoi. E certamente isso *irá* distraí-lo, porque os Strigoi têm pavor de fogo. E é esse o tempo exato que um guardião precisa para atacá-lo com a estaca. Daria para matar um bando inteiro de Strigoi usando essa tática.

Tasha abriu um largo sorriso para mim. Alguns Moroi, como Lissa e Adrian, sorriam sem mostrar os dentes. Tasha sempre mostrava os dela, inclusive os caninos.

— Exatamente. Você e eu ainda vamos sair juntas caçando Strigoi algum dia — provocou ela.

— Acho que não vamos, não — respondi.

As palavras em si não foram más, mas o tom que eu usei para di-zê-las certamente foi. Frio. Nada simpático. Tasha ficou momentaneamente surpresa com a minha mudança ab-rupta de atitude, mas deu de ombros. Lissa, no entanto, pareceu chocada, o que percebi através do laço.

Tasha não pareceu ter se incomodado. Conversou ainda mais um pouco conosco e combinou com Christian de encontrar-se com ele na hora do jantar. Lissa me lançou um olhar zangado quando ela, Christian e eu descemos a bela escada em espiral que nos levava até o saguão.

— O que foi *aquilo*? — perguntou ela.

— Aquilo o quê? — perguntei inocentemente.

— Rose — disse ela, séria. Era difícil bancar a tola quando sua amiga sabia que você podia ler a mente dela. Eu sabia exatamente do que ela estava falando. — Você foi rude com a Tasha.

— Não respondi tão mal assim.

— Foi grosseria — exclamou ela, dando espaço para que um grupo de crianças Moroi passasse correndo pelo saguão. Estavam todos embrulhados em parcas, e um instrutor de esqui Moroi os seguia tenso.

Coloquei as mãos na cintura.

— Olha, estou só um pouco rabugenta, está bem? Dormi pouco. E, além do mais, não sou como você. Não tenho que ser educadinha o tempo todo.

Como andava acontecendo com frequência ultimamente, não pude acreditar no que acabara de dizer. Lissa me encarou, mais abismada do que magoada. Christian ficou vermelho, prestes a sair em defesa dela e me dar um fora, quando, em boa hora, Mason chegou. Ele não precisou colocar gesso nem nada, mas estava mancando um pouco.

— Oi. Junte-se a nós — disse eu, escorregando a minha mão na dele. Christian segurou a raiva e se voltou para Mason.

— É verdade que aquelas manobras suicidas acabaram derrubando você, afinal? Os olhos de Mason estavam focados em mim.

— É verdade que você andou por aí com Adrian Ivashkov?

— Eu... o quê?

— Ouvi dizer que vocês tomaram um porre ontem à noite.

— É verdade? — perguntou Lissa, estarecida. Olhei para a cara dos dois.

— Não, é claro que não! Eu mal conheço esse cara.

— Mas você o *conhece* — me pressionou Mason.

— Conheço pouco.

— Ele tem uma péssima reputação — advertiu Lissa.

— Tem mesmo — disse Christian. — Ele pega todas as garotas. Eu não podia acreditar naquilo.

— Será que vocês podem me deixar em paz? Eu conversei com ele durante uns cinco minutos! E isso só aconteceu porque ele estava para-do bloqueando a minha passagem para entrar no hotel. De onde vocês

tiraram toda essa história? — Eu mesma respondi num segundo à minha própria pergunta: — Mia.

Mason balançou a cabeça em sinal afirmativo e me fez a delicadeza de ficar constrangido.

— Desde quando você fala com ela? — perguntei.

— Eu esbarrei com ela, só isso — me disse ele.

— E você acreditou nela? Você sabe que ela quase sempre está mentindo.

— Sei. Mas em geral existe alguma verdade no meio das mentiras. E você está me dizendo que *conversou* com ele.

— Isso. *Conversei*. Foi só isso.

Eu andava mesmo pensando seriamente na possibilidade de namorar Mason, então não achei a menor graça de ele não estar confiando em mim. No começo do ano, ele me ajudara a desvendar as mentiras de Mia na escola, por isso me surpreendia vê-lo tão paranoico com suas novas mentiras. A não ser que os sentimentos dele em relação a mim realmente tivessem se intensificado, e isso o estivesse deixando mais suscetível a sentimentos de ciúmes.

Surpreendentemente, foi Christian que me salvou mudando de assunto.

— Imagino que hoje não vão brincar de esqui, não é? — Apontou para o tornozelo de Mason, fazendo disparar nele uma resposta indignada e imediata:

— O quê? Você acha que isso aqui vai me impedir de alguma coisa?

A zanga comigo diminuiu e foi substituída por uma ardente necessidade de provar a própria capacidade. Uma necessidade que ambos partilhávamos. Lissa e Christian olharam para ele como se estivesse louco, mas eu sabia que nada do que disséssemos o impediria de agir de maneira insana.

— Vocês vão querer vir conosco? — perguntei a Lissa e a Christian. Lissa fez que não com a cabeça.

— Não podemos. Temos que ir a um almoço oferecido pelos Conta. Christian resmungou.

— Quer dizer, *você* tem que ir. Ela deu uma leve cotovelada nele.

— E você também. O convite dizia que eu podia levar um acompanhante. E, além do mais, isso vai ser só um aquecimento para o evento *principal*.

— Qual? — perguntou Mason.

— O grande jantar de Priscilla Voda — suspirou Christian. Sorri ao ver como ele sofria com todos aqueles compromissos sociais. — A melhor amiga da rainha. Toda a realeza esnobe vai estar lá, e eu ainda vou ter que usar um terno.

Mason abriu um sorriso largo para mim. A birra comigo passara.

— Esqui está parecendo um programa cada vez mais agradável, não é? E menos rigoroso no que diz respeito a exigências de vestuário.

Deixamos os Moroi para trás e saímos. Mason não pôde competir comigo no mesmo nível de dificuldade que enfrentáramos no dia anterior. Seus movimentos estavam mais lentos e um pouco desajeitados. Mesmo assim, ele se saiu muito bem, sobretudo levando em conta a torção. O machucado não fora tão feio quanto temíamos, mas ele teve a prudência de não ir além dos declives mais fáceis.

A Lua cheia despontava no vazio do céu, uma esfera brilhante de um branco prateado. As luzes elétricas iluminavam o terreno com mais potência do que ela, e, aqui e ali, nas sombras, o astro conseguia lançar um pouco do seu brilho. Desejei que ela estivesse clara o suficiente para revelar a cordilheira de montanhas ao nosso redor, mas os picos permaneciam imersos na escuridão. Eu esquecera de olhar para elas mais cedo, quando ainda estava claro.

As rampas eram simples demais para mim, mas fiquei com Mason e só de vez em quando o provocava, comentando o quanto o desempenho dele no esqui estava me deixando entediada. Mas não me importei de

os declives serem fáceis. Estar ao ar livre com os amigos e praticando uma atividade física que fazia circular o sangue dentro de mim e que me aquecia contra o ar gélido era uma alegria. A neve refletia a luz dos postes fazendo-a parecer um enorme oceano branco, com os flocos cristalinos faiscando ligeiramente. Quando eu me virava para o alto e bloqueava a luz que batia em meus olhos, conseguia ver as estrelas transbordando do céu. Elas se destacavam, inflexíveis e cristalinas, no ar claro e gelado. Passamos quase o dia inteiro ao ar livre novamente, mas desta vez pedi para pararmos mais cedo, fingindo estar cansada para que Mason não se esforçasse demais. Ele conseguia se sair bem nas rampas fáceis mesmo com o tornozelo torcido, mas pude notar que ele começava a sentir dor.

Mason e eu caminhávamos de volta para o alojamento bem juntos um do outro, rindo de alguma coisa que víamos um pouco antes. De repente, com minha visão periférica, vislumbrei um vulto branco, e uma bola de neve bateu e se desmanchou bem na cara de Mason. Eu imediatamente assumi uma atitude defensiva, perscrutando em volta e atrás de nós. Gritos e torcidas vieram de uma área do hotel onde ficavam os galpões de depósitos intercalados por madeiras de pinho entrelaçadas.

— Está lento demais, Ashford — gritou alguém. — Se este é o preço que se paga por estar apaixonado, então não vale a pena.

Mais risadas. O melhor amigo de Mason, Eddie Castile, e alguns outros aprendizes da escola se materializaram surgindo detrás de um amontoado de árvores. Ouvi mais gritos vindos de lá.

— Ainda assim aceitamos você se quiser fazer parte do nosso time — disse Eddie. — Mesmo com você se esquivando como uma garota.

— Time? — perguntei, animada.

Na Escola, guerra de bola de neve era estritamente proibido. Os diretores da escola tinham um medo inexplicável de que nós atirássemos bolas de neve com pedaços de vidro e lâminas dentro. Eu não fazia ideia, para início de conversa, de como eles achavam que nós conseguiríamos esse tipo de objeto.

Não que uma guerra de bola de neve fosse uma rebeldia tão absurda assim, mas, depois de todo o estresse pelo qual eu passara recentemente, jogar objetos em outras pessoas me pareceu a melhor ideia que eu tinha ouvido até então. Mason e eu nos juntamos aos outros. A hipótese de uma brincadeira proibida deu a ele novo ânimo e o fez esquecer a dor no tornozelo. Nós nos preparamos para a guerra com um entusiasmo avassalador.

A guerra logo se resumiu a acertar o máximo possível de pessoas e, ao mesmo tempo, se esquivar dos ataques. Eu tive um desempenho excepcional, tanto atacando quanto me esquivando, e ainda demonstrei imaturidade vaiando e gritando insultos tolos para as minhas vítimas.

Quando finalmente alguém percebeu o que estávamos fazendo e nos deu uma bronca, já estávamos todos às gargalhadas e cobertos de neve. Mason e eu mais uma vez fomos nos dirigindo para o alojamento, tão alegres que eu sabia que a história toda com Adrian fora inteiramente esquecida por ele.

E, de fato, Mason olhou para mim pouco antes de entrarmos no hotel e disse:

— Desculpe por ter brigado com você por causa do Adrian, hoje cedo. Eu apertei a mão dele.

— Tudo bem. Mia consegue inventar histórias bem convincentes.

— Eu sei... Mas, mesmo que você tivesse ficado com ele... Eu não tenho nenhum direito de...

Eu olhei bem para ele, surpresa ao ver em seu semblante, que geralmente exibia um ar atrevido, certa timidez.

— Não tem direito? — perguntei. Um sorriso começou a se abrir nos lábios dele.

— Tenho?

Sorri de volta, dei um passo à frente e o beijei. Os lábios dele estavam deliciosamente quentes em

contraste com o ar gelado. Não foi um daqueles beijos que fazem a terra tremer, como o que eu dera em Dimitri antes da viagem, mas foi um beijo doce e agradável. Mais um beijo de amigo, na verdade, mas que *talvez* pudesse evoluir para algo maior do que isso. Pelo menos foi assim que eu senti. Pela cara de Mason, parecia que o beijo virara o mundo dele de cabeça para baixo.

— Uau — disse ele, com os olhos arregalados. Sob a luz da lua, seus olhos assumiram uma cor azul prateada.

— Está vendo? — disse eu. — Não há nada com que se preocupar. Nem com Adrian, nem com ninguém.

Nós nos beijamos novamente. Foi um beijo mais longo desta vez. Por fim, nos arrastamos para longe um do outro. Mason estava visivelmente mais bem-humorado, e devia mesmo estar, e eu caí na cama com um sorriso no rosto. Não tinha plena certeza ainda de que Mason e eu éramos um casal; achei, no entanto, que estávamos bem perto disso.

Mas, quando dormi, foi com Adrian Ivashkov que sonhei.

Eu estava de pé na varanda com ele mais uma vez, só que era verão. O ar estava suave e morno, e o sol brilhava forte no céu, cobrindo tudo com uma luz dourada. Eu não estivera exposta a este sol tão intenso desde que vivera entre os humanos. Tudo em volta, as montanhas e vales, era verde e cheio de vida. Pássaros cantavam por toda parte.

Adrian, recostado contra o corrimão da varanda, levantou os olhos e, quando me avistou, parecia não acreditar.

— Ah, eu não esperava ver você aqui. — Sorriu. — Eu estava certo.

Você é devastadora quando está de banho tomado. Instintivamente eu toquei a pele ao redor do meu olho.

— Está curado — disse ele.

Mesmo sem poder ver meu próprio olho, eu sabia, de alguma forma, que ele dizia a verdade.

— Você não está fumando. — Mau hábito — disse ele. E acenou para mim com a cabeça. — Está com medo? Está usando tantas proteções...

Eu franzi as sobrancelhas. Não notara as minhas roupas. Vestia uma calça jeans bordada que eu vira um dia numa loja, mas não tivera dinheiro para comprar. Minha camiseta fora cortada, deixando a barriga à mostra, e eu usava um *piercing* no umbigo. Sempre quisera furar o umbigo, mas nunca tivera dinheiro para fazer o *piercing*. O que eu usava ali era um pequeno pingente de prata, e, no final, havia aquele estranho olho pendurado, o que minha mãe me dera. O *chotki* de Lissa estava amarrado ao meu pulso.

Olhei de volta para Adrian, estudando a maneira como o sol brilhava contra o seu cabelo castanho. À luz do dia, eu pude ver que os olhos dele eram de fato verdes, de um verde-esmeralda profundo, diferente do verde-claro, cor de jade, dos olhos de Lissa. Uma coisa espantosa me ocorreu de repente.

— Todo esse sol não está incomodando você? Ele deu de ombros preguiçosamente.

— Que nada. Isso é só um sonho meu.

— Não. O sonho é *meu*.

— Você tem certeza? — Ele voltou a sorrir. Fiquei confusa.

— Eu... Eu não sei.

Ele riu um pouco, mas logo depois parou. Pela primeira vez desde que o conhecera, ele pareceu estar falando sério.

— Por que há tanta escuridão à sua volta? Eu franzi o cenho.

— O quê?

— Você está rodeada de escuridão. — Os olhos dele me estudaram com sagacidade, mas não era como se ele estivesse avaliando meus atributos físicos. — Eu nunca vi uma pessoa como você. Rodeada de sombras. Nunca teria imaginado algo assim. Agora mesmo, enquanto você está aqui de pé, as sombras crescem ao seu redor.

Olhei para baixo, para minhas mãos, mas não vi nada de extraordinário. Olhei para ele novamente.

— Eu fui beijada pelas sombras...

— O que isso significa?

— Eu morri uma vez. — Eu nunca tinha contado isso para ninguém, além de Lissa e Victor Dashkov,

mas isso era um sonho. Não importava.

— E depois de morrer, eu voltei.

Ele ficou maravilhado.

— Ah, que interessante... Acordei. Alguém estava me sacudindo. Era Lissa. Os sentimentos dela me açoitaram com tanta força através do laço que eu fui brevemente sugada para dentro da cabeça dela e me vi olhando para mim mesma. A palavra “estranho” não dava conta nem de longe da sensação. Voltei a mim, tentando ver alguma coisa em meio ao terror e ao susto que vinham dela.

— O que aconteceu?

— Os Strigoi atacaram de novo.

Doze

Levantei da cama num pulo. Encontramos todos os hóspedes do hotel agitados com a notícia. As pessoas se reuniam em pequenos grupos pelos corredores. Familiares procuravam por seus parentes. Alguns, aterrorizados, conversavam aos sussurros; outros falavam mais alto e era possível ouvir o que diziam. Pedi informações a algumas pessoas tentando juntar os fios da história e entender exatamente o que acontecera. Mas cada um contava uma versão diferente, e alguns nem paravam para me dar atenção. Passavam apressados, procurando os seus parentes e amigos, ou correndo, em meio aos preparativos para deixar o hotel, convencidos de que deveria haver algum outro lugar mais seguro para ficar.

Frustrada com as diferentes versões da história, acabei por fim aceitando, com relutância, que a solução seria procurar uma das duas fontes capazes de me fornecer informações confiáveis. Minha mãe ou Dimitri. Era como tirar a sorte no palitinho. Eu não estava exatamente animada para ver nenhum dos dois naquele momento. Pensei rápido sobre o assunto e decidi afinal pela minha mãe, já que não era bem ela que andava se engraçando com Tasha Ozero.

A porta do quarto da minha mãe estava entreaberta, e, quando eu e Lissa entramos, vi que uma espécie de quartel-general improvisado se estabelecera ali. Vários guardiões procuravam remoer minuciosamente o assunto, andando para lá e para cá e discutindo estratégias. Alguns olharam em nossa direção, mas nenhum nos fez qualquer pergunta ou nos impediu de permanecer no quarto. Lissa e eu sentamos discretamente num pequeno sofá e ficamos ali, escutando a conversa.

Minha mãe estava de pé com um grupo de guardiões, um deles era Dimitri. De nada adiantou ter tentado evitar um encontro com ele. Os seus olhos castanhos voltaram-se brevemente para mim, e eu desviei o olhar. Não queria ter que lidar, naquele momento, com os sentimentos conturbados que eu nutria por ele.

Lissa e eu logo conseguimos discernir os detalhes do que acabara de ocorrer. Oito Moroi haviam sido assassinados com seus cinco guardiões. Três Moroi estavam desaparecidos, ou mortos, ou transformados em Strigoi. O ataque não acontecera perto de onde estávamos; fora em algum lugar no norte da Califórnia. Mesmo assim, uma tragédia como essa tinha mesmo que repercutir intensamente por todo o mundo dos Moroi, e, para alguns, dois estados de distância ainda eram perto demais. As pessoas estavam aterrorizadas, e eu logo soube o que fizera com que aquele ataque em especial tivesse tamanho impacto.

— Era um grupo maior do que o do último ataque — disse minha mãe.

— Maior? — exclamou um dos outros guardiões. — Aquele ataque já reunia um número jamais visto de Strigoi. Ainda não consigo acreditar que nove Strigoi tenham conseguido trabalhar em equipe. E você quer

que eu acredite que eles foram capazes de se organizar em número ainda maior?

— Sim — respondeu minha mãe com firmeza.

— Alguma evidência de presença humana? — perguntou alguém. Minha mãe hesitou:

— Sim. A magia dos escudos foi quebrada. E o jeito como a coisa toda foi conduzida... Tudo idêntico ao ataque aos Badica.

O tom de voz dela era duro, mas também demonstrava cansaço. Não era bem um esgotamento físico. Percebi tratar-se de uma exaustão mental. Tensão e dor causadas pelo que eles estavam conversando. Sempre imaginei minha mãe como uma espécie de máquina de matar sem sentimentos, mas aquilo estava sendo realmente doloroso para ela. Era um assunto duro e difícil de discutir, mas ao mesmo tempo ela parecia estar encarando os fatos de frente. Afinal, era este o seu trabalho.

Senti um bolo me subir à garganta e rapidamente o engoli. Humanos. Idêntico ao ataque aos Badica. Desde aquele massacre, vínhamos analisando exaustivamente a probabilidade de um grupo tão grande de Strigoi se organizar em conjunto e ainda recrutar humanos. Conversáramos de maneira vaga sobre a possibilidade de algo assim tornar a acontecer, mas ninguém chegou a discutir seriamente a probabilidade de *este* grupo, os mesmos assassinos dos Badica, voltar a atacar. Se tivesse sido só uma vez, seria um acontecimento isolado. Um bando de Strigoi que se reunira um dia, por acaso, e, num impulso, decidira fazer um ataque surpresa. Era terrível, mas podíamos riscar este tipo de atentado aleatório da lista.

Pois agora... agora parecia que aquela reunião de Strigoi não fora uma ocorrência casual. Eles tinham se agrupado com um propósito determinado, utilizaram os humanos de maneira estratégica e atacaram novamente. Nós agora lidávamos com algo que parecia seguir um padrão: Strigoi organizados e em plena atividade, buscando grandes grupos de presas. Assassinatos em série. Não podíamos mais confiar na proteção dos escudos mágicos. Não podíamos nem mais confiar na luz do sol. Humanos podiam agir durante o dia, podiam nos espionar e sabotar nossas proteções. A luz solar não era mais garantia de segurança.

Lembrei-me do que eu dissera a Dimitri na casa dos Badica: *Isso muda tudo, não muda?*

Minha mãe folheou alguns papéis presos a uma prancheta.

— Os detalhes forenses não estão disponíveis ainda, mas um número de Strigoi idêntico ao da investida contra os Badica não teria alcançado um resultado desses. Nenhum dos Drozdov nem ninguém que trabalhava para eles escapou. Com cinco guardiões no local, sete Strigoi se ocupariam lutando com eles, pelo menos temporariamente, dando margem para que algumas vítimas fugissem. Estamos lidando aqui com nove ou dez Strigoi, talvez.

— Janine está certa — disse Dimitri. — E se considerarmos o tamanho do local... é grande demais. Apenas sete não teriam conseguido dar conta de todo o lugar.

Os Drozdov eram uma das doze famílias reais. Eram muitos e prósperos, ao contrário do clã de Lissa, exterminado quase por completo. Havia ainda muitos membros da família vivos em outros lugares, mas obviamente uma ofensiva como aquela era, ainda assim, horrível. Além do mais, eu sabia algo sobre eles, mas não conseguia me lembrar o que era... havia alguma coisa que eu devia saber sobre os Drozdov.

Enquanto parte da minha mente lutava para tentar lembrar do que se tratava, eu observava, fascinada, minha mãe trabalhar. Eu a ouvira contar suas histórias. Eu vira e *sentira* na pele o seu estilo de luta. Mas eu nunca a vira de fato em ação, em meio a uma crise na vida real. Ela demonstrava ter todo o controle que exibía mesmo quando estava comigo, mas, naquele momento, eu pude perceber o quanto ele era necessário. Uma situação daquelas gerava pânico. Mesmo entre os guardiões, pude perceber que alguns estavam tão nervosos que só pensavam em tomar atitudes drásticas. Minha mãe era a voz da razão ali, sempre

lembrando-os de que eles tinham que manter o foco e avaliar toda a situação. Sua atitude acalmava a todos; a força que ela demonstrava os inspirava. Era assim, me dei conta, que um líder devia agir.

Dimitri se mantinha tão imperturbável quanto ela, mas se reportava a ela para coordenar as coisas. Eu precisava me lembrar às vezes de que, para um guardião, Dimitri ainda era jovem. Eles discutiram mais detalhes sobre o ataque e comentaram o fato de que, ao serem atacados, os Drozdov estavam oferecendo, com alguns dias de atraso, um jantar de Natal num salão de festas.

— Primeiro os Badica, agora os Drozdov — resmungou um dos guardiões. — Estão atrás dos membros da realeza.

— Estão atrás dos Moroi — disse Dimitri sem rodeios. — Membros da realeza ou não, isso pouco importa para eles.

Membros da realeza ou não. Lembrei de repente o que havia de tão importante relacionado aos Drozdov. Minha tendência instintiva à espontaneidade me impelia a levantar de um salto e lançar de imediato a pergunta que me viera à cabeça, mas eu aprendera a me controlar minimamente. Aquilo era coisa séria. Não era a hora de eu me comportar de maneira irracional. Eu queria ser tão forte quanto minha mãe e Dimitri, então esperei até que a discussão terminasse.

Quando o grupo começou a se dispersar, eu me levantei do sofá e me aproximei de minha mãe.

— Rose — disse ela, surpresa. Como acontecera na aula de Stan, ela ainda não notara a minha presença no quarto. — O que você está fazendo aqui?

Aquela era uma pergunta tão estúpida que eu nem tentei responder. O que ela achava que eu estava fazendo ali? Aquela era uma das maiores tragédias ocorrida no mundo dos Moroi.

Apontei para a prancheta dela.

— Quem mais foi assassinado? Irritada, ela franziu o cenho.

— Os Drozdov.

— E quem mais?

— Rose, nós não temos tempo...

— Eles tinham empregados, não tinham? Dimitri falou em vítimas que não eram da realeza. Quem eram eles?

Mais uma vez eu vi o cansaço no rosto dela. Ela estava sofrendo com aquelas mortes.

— Não sei todos os nomes. — Ela folheou algumas páginas e virou a prancheta para mim. — Estão aí. Passei os olhos na lista. Senti como se o meu coração tivesse parado.

— Está bem — disse a ela. — Obrigada.

Lissa e eu os deixamos tratar de seus afazeres. Eu queria ter ajudado, mas os guardiões trabalhavam com eficiência e cautela; aprendizes despreparados não teriam qualquer utilidade para eles naquele momento.

— O que foi aquilo? — perguntou Lissa, quando estávamos nos encaminhando para o saguão principal.

— Os empregados dos Drozdov — disse eu. — A mãe de Mia trabalhava para eles... Lissa ofegou.

— E? Eu suspirei.

— E o nome dela estava na lista.

— Ai, meu Deus. — Lissa parou de andar. Ela olhou para o nada e derramou lágrimas manchadas de rímel. — Ai, meu Deus.

Parei na frente dela e coloquei as mãos sobre seus ombros. Ela estava tremendo.

— Está tudo bem — disse eu. O medo dela me invadia em ondas, e era um medo paralisante. Ela estava em estado de choque. — Vai ficar tudo bem.

— Você ouviu o que eles disseram — disse ela. — Há um grupo de Strigoi se organizando e nos

atacando! Quantos são? Eles estão vindo para cá?

— Não — disse eu com firmeza. Eu não tinha nenhuma certeza dis-so, é claro. — Aqui nós estamos a salvo.

— Pobre Mia...

Não tive resposta. Achava que Mia era uma pessoa insuportável, mas não desejaria uma coisa dessas para ninguém, nem para o meu pior inimigo, que, na verdade, tecnicamente, era ela mesma. Corrigi depressa este pensamento. Mia não era o meu pior inimigo.

Não consegui sair de perto de Lissa durante o resto do dia. Eu sabia que não havia nenhum Strigoi de tocaia no hotel, mas meu instinto protetor se exacerbava. Guardiões protegem seus Moroi. Como sempre, eu também me preocupei com o estado emocional dela, com a possibilidade de ela fi car ansiosa e transtornada, então fi z o que pude para afastar esses sentimentos.

Os outros guardiões trabalhavam para que os Moroi se sentissem protegidos também. Eles não caminhavam ao lado dos Moroi, como eu fazia com Lissa, mas reforçaram a segurança do hotel e se mantinham em comunicação constante com os guardiões que estiveram na cena do crime. Informações sobre as medonhas singularidades do ataque não pararam de chegar ao longo de todo o dia, assim como as especulações sobre onde o grupo de Strigoi estaria naquele exato momento. Muito pouco daquelas informações era dividido com os aprendizes, é claro.

Enquanto os guardiões faziam o que sabiam fazer melhor, os Moroi também faziam o que, infelizmente, eles sabiam fazer melhor: falar.

Como havia tantos membros da realeza e outros Moroi importantes no hotel, uma reunião noturna foi organizada, na qual se discutiriam a tragédia e o que poderia ser feito para evitar investidas assim no futuro. Nada oficial seria decidido na reunião; os Moroi tinham uma rainha e um conselho governamental que funcionava em outro lugar, e caberia a eles tomar as decisões necessárias. Todos sabiam, no entanto, que as sugestões aprovadas na reunião chegariam de alguma forma aos comandantes. Nossa segurança no futuro podia depender do que fosse discutido no encontro marcado para aquela noite.

Ele aconteceu num enorme salão de banquete dentro do hotel, onde havia um pequeno palco e poltronas em número suficiente. Apesar da atmosfera de reunião de negócios, podia-se perceber que aquele salão fora construído para outros fi ns, e não para que ali se discutissem massacres e planos de defesa. O carpete tinha uma textura aveludada, decorado com motivos florais em tons de prata e negro. As poltronas, feitas de madeira polida de preto, tinham encostos altos e foram claramente idealizadas para jantares luxuosos. As paredes eram decoradas com retratos em aquarela de Moroi da realeza mortos há muito tempo. Olhei brevemente para o de uma rainha cujo nome eu não sabia. Ela usava um vestido fora de moda, muito cheio de laços para o meu gosto, e tinha cabelos tão claros quanto os de Lissa.

Um sujeito que eu não conhecia era o encarregado de servir como mediador do encontro e ficava de pé no palco. Todos os membros reais se juntaram na parte da frente do salão. Os outros, incluindo os estudantes, iam se sentando onde achavam lugar. Christian e Mason encontraram Lissa e eu, e nós fomos nos encaminhando para o fundo da sala, quando Lissa fez um sinal negativo com a cabeça:

— Eu vou lá para a frente.

Nós três a encaramos. Eu estava perplexa demais para investigar o que se passava pela mente dela.

— Olhem — apontou ela. — Os membros da realeza estão todos lá, organizados por famílias.

Era verdade. Cada clã se juntou aos seus parentes: os Badica, os Ivashkov, os Zeklose, e assim por diante. Tasha estava sentada lá também, mas sozinha. Christian era o único outro membro da família Ozer que estava ali.

— Eu preciso ir lá para a frente — disse Lissa.

— Ninguém está cobrando que você vá se sentar lá — disse eu a ela.

— Eu preciso representar os Dragomir. Christian debochou.

— Isso tudo é um monte de besteiras da realeza. Lissa estava determinada.

— Eu tenho que estar lá na frente.

Abri os meus sentidos para compreender os sentimentos de Lissa e gostei do que descobri. Ela passara a maior parte do dia em silêncio e com medo, exatamente como ficara quando soubera da morte da mãe de Mia. Aquele medo ainda estava dentro dela, mas fora superado por uma autoconfiança e uma determinação firmes. Ela reconhecia o fato de ser uma das Moroi capaz de contribuir nas tomadas de decisões e, por mais que a ideia de haver bandos de Strigoi perambulando por aí aterrorizasse, ela queria fazer a sua parte.

— Você deve ir — disse eu suavemente. Eu também gostava da ideia de ela desafiar Christian.

Lissa me olhou nos olhos e sorriu. Ela sabia que eu sentira o que se passava dentro dela. Virou-se, então, para Christian.

— Você devia se juntar a sua tia.

Christian abriu a boca para protestar. Se a situação não fosse tão aterrorizante, teria sido divertido ver Lissa dar ordens em Christian. Ele era sempre tão teimoso e difícil; todos os que tentavam modificar as opiniões dele não costumavam ter o menor sucesso. Observei o seu rosto e vi que ele percebera a importância de sua presença ali na frente, assim como Lissa. E, além do mais, ele gostava de vê-la fortalecida. Apertou os lábios fazendo uma pequena careta, mas consentiu.

— Está bem. — Segurou-a pela mão, e os dois caminharam até a frente do salão.

Mason e eu nos sentamos. Logo que começaram as discussões, Dimitri sentou-se do meu outro lado. Seus cabelos estavam presos atrás da nuca, e o casaco de couro se amarfanhou em volta dele quando se acomodou na cadeira. Lancei-lhe uma olhadela, surpresa por ele ter escolhido aquele lugar, mas não disse nada. Havia poucos guardiões na reunião; a maioria deles estava ocupada controlando os estragos. Era o que parecia. E lá estava eu, sentada entre os meus dois homens.

A reunião esquentou logo depois. Todos estavam ansiosos para falar sobre como achavam que os Moroi deveriam ser salvos, mas, de fato, duas teorias chamaram mais atenção.

— A solução está à nossa volta — disse um dos membros reais, quando lhe foi concedida a palavra. Ele ficou de pé ao lado de sua cadeira e correu os olhos pelo salão. — *Aqui*. Em lugares como este hotel. E como a Escola São Vladimir. Nós mandamos nossos filhos para lugares seguros, lugares onde eles usufruem de sólida proteção e onde podem ser facilmente resguardados. E vejam quantos de nós vieram para cá, crianças e adultos convivendo juntos. Por que não vivemos assim sempre?

— Muitos de nós já vivem assim — gritou alguém na plateia. O homem fez um gesto de desdém em resposta.

— Algumas poucas famílias aqui e ali. Ou em alguma cidade pequena com uma grande população Moroi. Mas mesmo estes Moroi estão dispersos. A maioria não une seus recursos: seus guardiões e sua magia. Se pudéssemos seguir este modelo... — Ele fez um gesto largo com as mãos. — ...nunca mais teríamos que nos preocupar com os Strigoi.

— E os Moroi nunca mais poderiam interagir com o resto do mundo — resmunguei. — Bem, pelo menos enquanto os humanos não descobrissem a existência de cidades vampiras secretas brotando em toda parte, no meio do nada. Porque, quando descobrissem, aí sim teria mos que interagir *bastante* com eles.

A outra teoria sobre como proteger os Moroi envolvia menos problemas logísticos, mas teve um enorme impacto, especialmente para mim.

— O problema é simplesmente o fato de nós não termos guardiões suficientes. — Quem defendia este plano era uma mulher do clã dos Szelsky. — De modo que a solução é simples: *precisamos de mais gente*. Os Drozdov tinham cinco guardiões, e esta quantidade não foi suficiente. Apenas seis para proteger mais de uma dúzia de Moroi! Isso é inaceitável. Não é de admirar que este tipo de coisa continue acontecendo.

— Onde você acha que podemos encontrar mais guardiões? — perguntou o homem a favor de os Moroi se juntarem para viver em comunidades. — São recursos em número limitado.

Ela apontou para onde eu e alguns outros aprendizes estávamos sentados.

— Nós já temos muitos. Eu os observei enquanto treinavam. Eles são letais. Por que estamos esperando que completem dezoito anos? Se acelerarmos os programas de treinamento e nos concentrarmos mais nos treinamentos de combate e menos em teorias, poderíamos começar a usar estes guardiões quando fizessem dezesseis anos.

Dimitri fez um som gutural que parecia desaprovador e nada empolgado com aquela proposta. Ele se debruçou para a frente, apoiou os cotovelos nos joelhos e o queixo nas mãos, o olhar mergulhado em seus pensamentos.

— E nós não temos só estes guardiões em potencial sendo desperdiçados; há também as mulheres dampirás. Onde estão todas elas? Nossas raças são interligadas. Os Moroi estão fazendo a sua parte no que diz respeito à sobrevivência da raça dos dambiros. E por que essas mulheres não estão fazendo a parte delas? Por que não estão aqui?

Uma longa e tórrida gargalhada soou em resposta. Todos os olhos se voltaram para Tasha Ozero. Ao contrário da maioria dos outros membros da realeza, vestidos como se fossem para uma festa, ela usava roupas casuais e confortáveis. A calça jeans de sempre, uma camiseta sem manga que exibia um pouco a barriga e um cardigã de tricô rendado azul que lhe caía até a altura dos joelhos.

Ela olhou para o mediador e perguntou:

— Posso?

Ele fez um sinal afirmativo com a cabeça. A mulher Szelsky sentou-se; Tasha se levantou. Diferente dos outros palestrantes, que permaneceram de pé ao lado de suas poltronas, ela caminhou direto para o palco, para que pudesse ser claramente vista e escutada por todos. O sedoso cabelo preto estava preso num rabo de cavalo, expondo tão completamente suas cicatrizes que eu cheguei a suspeitar que o penteado fosse intencional. Sua expressão facial era desafiadora e mostrava coragem. Linda.

— Essas mulheres não estão aqui, Monica, porque estão ocupadas demais criando seus filhos, sabe, estes que você quer começar a mandar para os campos de batalha assim que aprendem a andar. E, por favor, não nos insulte ao dizer que os Moroi fazem um grande favor aos dambiros ajudando-os a se reproduzir. Talvez seja diferente na sua família, mas, para nós todos aqui, sexo é uma coisa boa. Para os Moroi não é realmente sacrifício algum manter relações sexuais com os dambiros.

Dimitri endireitara a coluna na cadeira agora, e a expressão dele já não era mais de raiva. Provavelmente se excitara com o fato de sua nova namorada ter mencionado sexo. Fiquei tomada de irritação e torci para que, caso eu exibisse uma expressão homicida no meu rosto, as pessoas pensassem que ela era dirigida aos Strigoi e não à mulher que no momento se dirigia a nós.

Vislumbrei, de repente, sentada na mesma fileira que nós, porém um pouco mais distante de Dimitri, Mia, sozinha. Não tinha percebido que ela estava aqui. Estava afundada na poltrona, com os olhos vermelhos de choro e a pele mais pálida do que nunca. Senti uma estranha dor no peito por ela. Um sentimento que eu nunca pensei que ela pudesse despertar em mim.

— E o motivo pelo qual estamos esperando que estes guardiões façam dezoito anos é para permitir a eles

que aproveitem um pouco a vida, mesmo que seja uma vida de mentirinha, antes de os forçarmos a passar o resto de seus dias em constante perigo. Eles precisam de mais estes anos extra para se desenvolverem não só física, mas também intelectualmente. Tirem-nos das escolas antes de estarem prontos, tratem-nos como se fossem peças de uma linha de montagem, e estarão apenas criando alimento para os Strigoi.

Algumas pessoas engasgaram com as palavras duras de Tasha, mas ela conseguiu angariar a atenção de todos.

— E vocês estariam criando mais alimento ainda se tentassem obrigar essas outras vampiras a se tornarem guardiãs. Não podem forçá-las a viver uma vida que não desejam. Todo esse plano para conseguir mais guardiões se baseia em jogar crianças e pessoas que não têm nenhum desejo de ser guardiões em caminhos perigosos, somente para que vocês possam ficar um pouco mais distantes do inimigo. Eu diria que este é o plano mais estúpido que eu já ouvi, se não tivesse escutado antes o dele.

Ela apontou para o primeiro palestrante, o que sugerira comunidades de Moroi. O constrangimento pareceu tomar conta dele.

— Ilumine a todos nós, então, Natasha — disse ele. — Diga o que *você* acha que devemos fazer, já que tem tanta experiência com os Strigoi.

Um leve sorriso brincou nos lábios de Tasha, mas ela não respondeu ao insulto.

— O que eu acho? — Ela caminhou a passos largos até a frente do palco, olhando fixamente para nós enquanto respondia à pergunta dele.

— Acho que devíamos parar de inventar planos cujas premissas estão em confiar nossa própria proteção a outras pessoas ou coisas. Vocês acham que há poucos guardiões? Este não é o problema. O problema é que os Strigoi são muitos. E nós permitimos que se multipliquem e se tornem mais poderosos porque não fazemos nada para impedi-los, a não ser elaborar argumentos estúpidos como os que foram ouvidos aqui. Tudo o que fazemos é fugir e nos esconder atrás dos vampiros, enquanto deixamos que os Strigoi proliferem. A falha é nossa. Foi por *nossa* culpa que os Drozdov morreram. Vocês querem um exército?

Bem, ele está bem aqui. Vampiros não são os únicos capazes de aprender a lutar. A questão, Monica, não é que lugar as vampiras ocupam nesta guerra. A questão é: *qual é o nosso posicionamento nela?*

Tasha já estava aos berros a esta altura, e a exaltação enrubescu-lhe a face. Seus olhos brilhavam de paixão, tudo isso combinado com o resto de suas belas feições, até com as cicatrizes, criando uma figura fascinante. Muitos não conseguiam tirar os olhos dela. Lissa olhava Tasha maravilhada, inspirada por suas palavras. Mason parecia hipnotizado. Dimitri estava impressionado. E além dele...

Além dele havia Mia. Mia não estava mais afundada na poltrona. Estava sentada com a coluna ereta, tão ereta quanto uma vara, os olhos mais arregalados impossível. Ela fixava-os em Tasha como se ela sozinha tivesse as respostas para todas as perguntas da vida.

Monica Szelsky parecia menos maravilhada, e olhava fixamente para Tasha.

— Você não está sugerindo que os Moroi lutem lado a lado com os guardiões quando os Strigoi vierem até nós... Tasha olhou para ela de cima.

— Não. Estou sugerindo que os Moroi e os guardiões saiam para lutar contra os Strigoi *antes* que eles cheguem até nós...

Um cara, que devia ter uns vinte anos, e parecia um modelo da Ralph Lauren, se manifestou. Eu teria apostado uma fortuna que ele era da realeza. Ninguém mais teria dinheiro suficiente para manter aquelas mechas louras tão perfeitas. Ele soltou um suéter caro que estava amarrado à sua cintura e o colocou sobre o encosto da cadeira.

— Ah — disse ele, com um tom de deboche. — Quer dizer então que você vai simplesmente nos dar

estacas e bastões e nos mandar para o campo de batalha? Tasha deu de ombros.

— Se isso for preciso, Andrew, então com certeza é o que vou fazer.

— Um sorriso malicioso atravessou os belos lábios dela. — Mas existem outras armas que nós podemos aprender a usar também. Armas que os guardiões não podem manejar.

O olhar no rosto dele mostrava o quanto ele considerava a ideia insana. Ele revirou os olhos.

— Ah, é? Como o quê, por exemplo? O sorriso dela se abriu inteiramente.

— Como isso. Ela fez um aceno com a mão, e o suéter que ele colocara no encosto da cadeira pegou fogo instantaneamente. Ele deu um grito de susto e o lançou ao chão, apagando o fogo com os pés.

Por alguns segundos, a sala inteira ficou com a respiração suspensa. E depois... o caos tomou conta do lugar.

Treze

As pessoas se levantaram e gritaram, todos querendo se fazer ouvir. Como era de se esperar, a maioria tinha o mesmo ponto de vista: Tasha estava errada. Disseram a ela que estava louca. Disseram que, se mandassem Moroi e dapiros para lutar contra os Strigoi, como ela sugerira, estariam acelerando o processo de extinção de ambas as raças. Tiveram até a audácia de sugerir que este seria o verdadeiro plano de Tasha — que ela estaria de alguma maneira colaborando com os Strigoi em todos aqueles acontecimentos.

Dimitri levantou, e pude ver o desgosto estampado em seu rosto enquanto ele mapeava o caos com os olhos.

— Você devia ir embora também. Não há mais nada de útil para se ouvir aqui.

Mason e eu levantamos também, mas ele fez que não com a cabeça quando eu segui Dimitri para fora do salão.

— Pode ir — disse Mason —, eu quero ver uma coisa aqui. Olhei para as pessoas de pé discutindo. Dei de ombros.

— Boa sorte.

Eu não podia acreditar que falara com Dimitri pela última vez há apenas poucos dias. Quando saímos juntos do salão parecia que não nos víamos há anos. Passar os últimos dois dias com Mason fora fantástico, mas, assim que me vi com Dimitri mais uma vez, todos os meus velhos sentimentos por ele voltaram. De repente, Mason pareceu uma criança. Minha angústia por conta da relação entre Dimitri e Tasha também voltou a me incomodar, e palavras estúpidas saíram da minha boca sem que eu conseguisse detê-las.

— Você não deveria estar lá dentro protegendo Tasha? — perguntei. — Antes que a multidão a pegue? Ela vai ter sérios problemas por usar a magia daquele jeito.

Ele levantou uma das sobrancelhas.

— Ela sabe tomar conta de si mesma.

— Claro, claro, porque ela é uma fera no caratê e no manuseio da magia. Eu entendi isso tudo. Só imaginei que, já que você vai se tornar o guardião dela e tudo o mais...

— Onde você ouviu isso?

— Eu tenho as minhas fontes. — De alguma maneira me pareceu que dizer que minha mãe me contara não soaria tão bem. — Você já decidiu aceitar, não é? Quer dizer, parece um bom negócio, uma vez que ela vai dar a você benefícios adicionais...

Ele me lançou um olhar de cima.

— O que acontece entre mim e ela não é da sua conta — respondeu ríspidamente.

As palavras *entre mim e ela* doeram. Soaram como se Tasha e ele fossem de fato um casal. E, como acontecia frequentemente quando eu me sentia magoada, meu temperamento tempestuoso e minha atitude atrevida tomaram conta de mim.

— Bom, eu tenho certeza de que vocês dois vão ser muito felizes juntos. Ela faz bem o seu tipo também, eu sei o quanto você aprecia mulheres fora da sua faixa etária. Quer dizer, ela tem o quê? Uns seis anos a mais? Sete? E eu sou sete anos mais nova do que você.

— É isso — disse ele depois de vários minutos em silêncio. — Você é mesmo sete anos mais nova. E a cada segundo que passa nessa nossa conversa, você só prova o quanto é realmente jovem.

Uau. Meu queixo quase caiu no chão. Nem o soco que a minha própria mãe me dera doeu tanto quanto aquele fora. Por um milésimo de segundo, eu pensei ter visto arrependimento nos olhos dele, como se também tivesse percebido o quanto suas palavras tinham sido duras. Mas o momento passou, e ele voltou a exibir uma expressão insensível no rosto.

— Dampirinha — disse uma voz ali perto.

Lentamente, ainda abalada pela discussão, eu me virei para Adrian Ivashkov. Ele abriu um sorriso para mim e cumprimentou Dimitri com um pequeno gesto de cabeça. Senti meu rosto ficar vermelho. Será que Adrian ouvira a nossa conversa?

Levou as mãos ao alto num gesto casual.

— Não quero interromper nada. Só gostaria de conversar com você quando tiver um tempo.

Minha vontade foi responder que não, que eu não tinha tempo para entrar em nenhum jogo em que ele porventura estivesse querendo me incluir, mas as palavras de Dimitri ainda doíam. Ele lançava agora, em direção a Adrian, um olhar inteiramente desaprovador. Imaginei que ele, assim como toda gente, ouvira falar da má reputação de Adrian. “Ótimo”, pensei. De repente eu quis que ele sentisse ciúmes. Quis magoá-lo tanto quanto ele me magoara nos últimos dias.

Engolindo a dor, eu arranquei de dentro de mim o meu sorriso mais sensual, um sorriso que eu não usava com força total já há algum tempo. Fui até Adrian e coloquei a mão sobre o braço dele.

— Eu tenho tempo agora. — Acenei com a cabeça para Dimitri e tirei Adrian dali, caminhando bem junto dele. — Até mais tarde, guardião Belikov.

Estupefatos, os olhos escuros de Dimitri nos seguiram. Depois eu me virei de costas e não olhei mais para trás.

— Não gosta de caras mais velhos, não é? — perguntou Adrian quando ficamos sozinhos.

— Você está imaginando coisas — disse eu. — É evidente que a minha beleza estonteante deve ter embaçado as suas ideias. Ele deu uma de suas gostosas risadas características.

— Isso é perfeitamente possível.

Comecei a me afastar, mas ele passou o braço em volta de mim.

— Não, não, você quis bancar que éramos íntimos, agora não vai tirar o corpo fora, não.

Eu revirei os olhos para ele e deixei que seu braço ficasse ao redor do meu corpo. Senti o cheiro de álcool e o perpétuo cheiro de cravo que vinham dele. Perguntei-me se estaria bêbado. Eu tinha a sensação de que ele se comportava quase da mesma maneira estando sóbrio.

— O que você quer? — perguntei. Ele me estudou um momento.

— Quero que você chame Vasilisa e que as duas venham comigo. Vamos nos divertir um pouco. E vocês vão precisar de maiô ou biquíni também. — Ele pareceu desapontado por termos que levar roupas de banho. — A não ser que vocês prefiram ir nuas.

— O quê? Um monte de Moroi e dapiros acabaram de ser massacrados e você quer ir nadar e “se divertir”?

— Não é só para nadar — explicou ele, paciente. — E, além do mais, é exatamente por causa desse massacre que vocês deviam aceitar o meu convite.

Antes que eu pudesse argumentar, vi meus amigos virarem uma esquina: Lissa, Mason e Christian. Eddie Castile estava com eles, o que não me surpreendeu, mas Mia também estava, o que certamente foi uma surpresa para mim. Eles conversavam absortos, mas interromperam o assunto assim que me viram.

— Aí está você — disse Lissa com um olhar intrigado.

Lembrei que o braço de Adrian ainda estava em volta de mim. Dei um passo à frente e me libertei do enlace.

— Oi, pessoal — disse eu. Um instante de constrangimento se instalou entre nós, e eu tive certeza de ter ouvido uma risadinha discreta vinda de Adrian. Sorri para ele e depois para os meus amigos. — Adrian nos convidou para ir nadar.

Eles me encararam surpresos, e eu quase pude acompanhar o movimento especulativo revolvendo suas mentes. A expressão de Mason se fechou um pouco, mas, assim como os outros, ele não disse nada. Eu sufoquei um grunhido.

Adrian acabou me levando direitinho a fazer o que ele queria e convidar os outros para a sua festinha secreta. Com a atitude descontraída e sedutora típica dele, eu realmente não podia esperar resultado diferente. Quando já estávamos com os trajes de banho, nós o seguimos até uma porta numa das alas mais distantes do hotel. Atrás dela havia uma escada para baixo. Descemos, descemos e continuamos descendo. Eu quase fiquei tonta de tanto rodar pelas escadas abaixo. Havia luzes elétricas penduradas nas paredes, mas, conforme descíamos, as paredes pintadas foram se transformando em um túnel cavado na pedra.

Quando chegamos ao nosso destino, descobrimos que Adrian falara a verdade. Não íamos só nadar. Estávamos em uma área especial do hotel, um spa reservado apenas à mais alta elite dos Moroi. Naquele momento estava ocupado por um bando de membros da realeza que deviam ser todos amigos de Adrian. Havia uns trinta lá, todos da idade dele ou mais velhos, e todos ostentando sinais de riqueza e elitismo.

O spa consistia de uma série de piscinas de águas minerais quentes. Talvez aquele lugar fora, em algum momento, uma caverna ou algo do gênero, mas os arquitetos do hotel há muito se livraram de qualquer traço rústico que o local pudesse ter. As paredes e o teto eram feitos de pedra preta, tão polida e bonita quanto todo o resto do hotel. Era como estar dentro de uma caverna, mas uma caverna muito elegante e projetada por algum designer. Estantes de toalhas se alinhavam nas paredes, e mesas cheias de comidas exóticas se espalhavam pelo lugar. O balneário combinava com o resto da decoração lapidada na pedra: piscinas de pedras com águas aquecidas por alguma fonte térmica escondida no subsolo. O vapor tomava conta de todo o ambiente, e um perfume suave e metálico pairava no ar. O barulho de pessoas rindo e se divertindo com a água ecoava à nossa volta.

— Por que Mia está com você? — perguntei amenamente à Lissa. Estávamos atravessando o salão, procurando por uma piscina que não estivesse tão cheia.

— Ela estava conversando com Mason quando nos preparávamos para sair da reunião — respondeu ela. Ela manteve o tom de voz baixo.

— Pareceu maldade simplesmente... sabe... deixá-la...

Até eu concordei com isso. Sinais de dor eram visíveis em toda a expressão dela, mas Mia pareceu, ao menos naquele momento, distraída pelo que Mason estava lhe contando.

— Pensei que você não conhecesse Adrian — acrescentou Lissa. Pude perceber a desaprovação no seu

tom de voz e através do laço. Finalmente encontramos uma grande piscina, um pouco mais afastada das demais. Um rapaz e uma garota estavam namorando na outra extremidade, mas havia bastante espaço para nós também. Era fácil ignorá-los.

Coloquei um pé na água e o retirei na mesma hora.

— Eu não o conheço — disse a ela. Cautelosamente coloquei o pé de volta na água, e fui, devagar, deixando meu corpo escorregar para dentro da piscina. Quando a água chegou à altura da barriga, eu fiz uma careta. Estava de biquíni, e a água escaldante pegou minha barriga de surpresa.

— Ao menos um pouco você tem que conhecê-lo. Ele a convidou para uma festa.

— É, mas você está vendo ele aqui com a gente agora?

Ela seguiu o meu olhar. Adrian estava de pé do outro lado do salão com um grupo de garotas que usavam biquínis muito menores do que o meu. Um deles era um modelo da designer de moda nova-iorquina Betsey Johnson, que eu vira numa revista e cobiçara. Suspirei e desviei o olhar.

Nós todos estávamos na água a esta altura. Estava tão quente que eu me senti dentro de uma panela de sopa. Agora que Lissa parecia convencida da minha inocência com relação a Adrian, comecei a prestar atenção na conversa alheia.

— Sobre o que vocês estão falando? — interrompi. Era mais fácil do que ouvir e descobrir.

— Sobre a reunião — disse Mason, excitado. Aparentemente ele não estava mais se importando de ter me visto com Adrian.

Christian se acomodara num pequeno degrau dentro da piscina. Lissa se aninhara a seu lado. Colocando o braço em volta dela, como quem se apropria da namorada, ele recostou as costas na borda.

— O seu namorado quer liderar um exército contra os Strigoi — me informou ele. Percebi que ele estava dizendo aquilo para me provocar.

Com um olhar inquisidor, me virei para Mason. Resolvi não me dar ao trabalho de responder a provocação de Christian ao usar o termo “namorado” em seu comentário.

— Ei, foi a *sua* tia que sugeriu isso — lembrou Mason a Christian.

— Ela disse apenas que devíamos encontrar os Strigoi antes que eles nos encontrassem primeiro — contrapôs Christian. — Ela não estava estimulando os aprendizes a lutar. Quem fez isso foi Monica Szelsky.

Uma garçonete se aproximou com bebidas cor-de-rosa na bandeja, dentro de elegantes e compridos copos de cristal com bordas açucaradas. Suspeitei fortemente de que as bebidas fossem alcoólicas, mas duvidei que fossem pedir a identidade de qualquer um que estivesse na festa. Eu não fazia ideia do que elas eram feitas. A minha experiência com álcool mal passara de cerveja barata. Peguei um copo e me virei de volta para Mason.

— Você acha que é uma boa ideia? — perguntei a ele. Tomei cautelosamente um gole do drinque. Por ser uma guardiã em treinamento, achava que devia me manter sempre em estado de alerta, mas esta noite tive vontade, mais uma vez, de ser rebelde. O drinque tinha gosto de ponche. Gosto de suco de uva. Ou de alguma coisa doce, como morango. Estava ainda quase certa de que havia álcool ali, mas não pareceu forte o suficiente para me preocupar.

Outra garçonete logo apareceu com uma bandeja de comida. Olhei para ela e não reconheci quase nada. Tinha uma coisa que se parecia vagamente com cogumelos recheados de queijo, e uma outra coisa que parecia vagamente com *nuggets* redondos de carne ou linguiça. Como boa carnívora, escolhi um desses, pensando que não podiam ser ruins.

— É *foie gras* — disse Christian, com um meio sorriso desagradável no rosto.

Olhei para ele. Fiquei cautelosa.

— O que é isso?

— Você não sabe? — disse ele, com um tom petulante na voz, e pela primeira vez na vida ele soou como um verdadeiro membro real, divulgando, complacente, seu conhecimento privilegiado para nós, os laçaios. Ele deu de ombros. — Experimente. Descubra.

Lissa deu um suspiro impaciente e disse:

— É fígado de ganso. Num susto, devolvi o petisco imediatamente para a bandeja. A garçonete foi embora, e Christian gargalhou. Eu o fuzilei com os olhos.

Enquanto isso, Mason ainda insistia na minha pergunta sobre o envio de aprendizes para a luta antes de se graduarem, se essa era uma boa ideia ou não.

— O que mais estamos fazendo? — perguntou ele com indignação.

— O que *você* está fazendo? Você corre com Belikov toda manhã. De que isso adianta para você? E para os Moroi?

De que adianta para mim? Faz meu coração bater mais forte e minha cabeça produzir pensamentos indecentes.

— Nós não estamos prontos — disse eu, em vez de falar o que de fato me viera à cabeça.

— Só faltam seis meses para a nossa formatura. — Eddie entrou na conversa. Mason concordou com a cabeça.

— É. O que mais falta aprendermos?

— Muita coisa — disse eu, pensando em quanto eu aprendera em minhas sessões extras com Dimitri. Terminei o meu drinque. — Além do mais, onde isso vai parar? Digamos que encerrem nossas aulas um semestre antes. O que vai acontecer depois? Eles podem decidir cortar o nosso último ano escolar, ou até mesmo o primeiro ano do ensino médio.

Ele deu de ombros.

— Não tenho medo de lutar. Eu poderia ter encarado um Strigoi quando ainda estava no primeiro ano.

— Tá legal — disse eu secamente. — Do mesmo jeito que você encarou aquela rampa de esqui.

O rosto de Mason, que já estava rubro por causa do calor, ficou ainda mais vermelho. Eu me arrependi logo do que disse, especialmente quando Christian começou a rir.

— Nunca pensei que eu viveria para ver o dia em que concordaria com você, Rose. Mas, infelizmente, eu concordo. — A garçonete passou de novo com as bebidas, e Christian e eu pegamos uma taça cada um.

— Os Moroi precisam começar a nos ajudar a defendê-los.

— Com magia? — perguntou Mia subitamente.

Foi a primeira vez que ela falou desde que chegáramos ao spa. Todos ficaram em silêncio. Acho que Mason e Eddie não responderam porque não sabiam nada sobre o uso ofensivo da magia. Lissa, Christian e eu sabíamos, mas tentávamos com afínco agir como se não soubéssemos. Havia uma estranha faísca de esperança nos olhos de Mia, e eu nem pude imaginar a dor que ela passara ao longo daquele dia. Ela acordara e recebera a notícia de que a mãe estava morta e, depois, essa morte virou assunto de horas e horas de debates políticos e estratégias de guerra. O fato de ela estar sentada ali com uma aparência razoável era, por si só, um milagre. Imaginei que, numa situação como aquela, pessoas que realmente gostassem de suas mães mal conseguiriam pensar.

Já que parecia que ninguém iria responder à pergunta dela, eu resolvi finalmente fazê-lo:

— Acho que sim. Mas... não sei muito bem como isso funciona.

Bebi o resto do drinque e desviei o olhar dos outros, esperançosa de que alguém retomasse a conversa.

Mas eles permaneceram mudos. Mia pareceu decepcionada, e não disse mais nada depois que Mason voltou ao debate sobre os Strigoi.

Peguei um terceiro drinque e mergulhei o mais fundo que eu pude, mantendo o copo fora da água. Esta bebida era diferente. Parecia achocolatada e tinha chantili por cima. Provei um pouco e detectei um gosto inconfundível de álcool ali. Mesmo assim, achei que o chocolate diluiria os efeitos do álcool.

Quando eu estava pronta para um quarto copo de bebida, a garçonete desapareceu. Mason, de repente, pareceu muito, muito lindo aos meus olhos. Eu teria apreciado se ele me desse atenção e ficasse amoroso comigo, mas ele ainda estava falando sobre os Strigoi e sobre a possibilidade de se organizar um ataque em plena luz do dia. Mia e Eddie concordavam com ele ansiosamente, e eu tive a sensação de que, se ele decidisse sair à caça de Strigoi naquele exato momento, eles o seguiriam. Christian estava conversando também, mas as intervenções dele tinham o efeito de argumentos de um advogado do diabo. Típico. Ele achava que um ataque como aquele, que se antecipasse a qualquer movimento dos Strigoi, tinha necessariamente que contar com as forças unidas dos guardiões e dos Moroi, como Tasha dissera. Mason, Mia e Eddie argumentavam que, se os Moroi não estivessem dispostos a entrar na guerra com eles, os guardiões deveriam tomar a frente e sair à luta por conta própria.

Confesso que o entusiasmo deles era um tanto contagiante. Eu gostava muito da ideia de atacar os Strigoi antes que eles nos atacassem. Mas, nos massacres dos Badica e dos Drozdov, todos os guardiões haviam sido mortos. Tínhamos que admitir que os Strigoi estavam organizados em grupos grandes e contavam com ajuda extra. Tudo isso me levava a pensar que tínhamos que agir com mais cautela ainda.

Apesar de estar achando-o lindo, eu não tinha a menor vontade de continuar ouvindo Mason discorrer sobre seus atributos de combate. Queria outro drinque. Levantei e subi na borda da piscina. Para o meu espanto, o mundo começou a girar à minha volta. Eu já vira isso acontecer antes, quando levantava depressa demais de uma banheira quente, mas, ao perceber que a sensação não passara de imediato, eu me dei conta de que aqueles drinques deviam estar mais fortes do que me pareciam.

Decidi também que tomar um quarto copo não era uma ideia muito inteligente, mas não quis voltar para dentro da piscina e dar chance a todos de verem que eu estava bêbada. Saí andando na direção de uma sala anexa para onde eu vira a garçonete desaparecer. Tive esperança de encontrar algum depósito secreto de sobremesas. Musses de chocolate em vez de fígado de ganso. Enquanto caminhava dediquei especial atenção ao chão escorregadio, ciente de que levar um tombo, cair direto dentro de uma das piscinas e bater com a cabeça no fundo certamente me custariam alguns pontos no quesito popularidade.

Estava prestando tanta atenção aos meus pés, e tentando não cambalear, que esbarrei em uma pessoa. Para meu crédito, a culpa foi dele; ele estava andando de costas e bateu em mim.

— Ei, olhe por onde anda — disse eu, firmando o corpo. Mas ele não estava prestando atenção em mim. Seus olhos miravam fixamente um outro sujeito, um cara com o nariz sangrando. Eu estava bem no meio de uma briga.

Çatorze

Dois sujeitos que eu nunca vira antes brigavam feio um com o outro. Pareciam ter pouco mais de vinte anos, e nenhum dos dois percebeu a minha presença. O que topara comigo empurrou o outro com força, fazendo-o desequilibrar-se consideravelmente.

— Você está com medo! — gritou o sujeito ao meu lado. Ele vestia um short verde de surfista, e o cabelo preto estava todo repuxado para trás, molhado pela água da piscina. — Está com medo. Você só quer se esconder na sua mansão e deixar o trabalho sujo para os guardiões. O que vai fazer quando eles estiverem todos mortos? Quem vai proteger você?

O outro sujeito limpou o sangue do rosto com as costas da mão. Eu o reconheci, de repente, graças às mechas louras do cabelo dele. Era o membro da realeza que gritara com Tasha por ela querer levar os Moroi para o campo de batalha. Ela o chamara de Andrew. Ele tentou socar o outro, mas falhou; as técnicas de luta que ele usava estavam todas erradas.

— Esta é a maneira mais segura. Se forem atrás do que diz aquela amante de Strigoi, estaremos *todos* mortos. Ela está tentando acabar com a nossa raça de vez!

— Ela está tentando nos salvar!

— Ela está tentando nos fazer usar magia negra!

A “amante de Strigoi” só podia ser Tasha. O sujeito que não era da realeza era a primeira pessoa fora do meu pequeno círculo de amigos que eu vira falar a seu favor. Ponderei se não haveria muitos mais por lá que concordassem com o ponto de vista dela. Ele deu outro soco em Andrew, e meus instintos elementares, ou talvez a bebida, me fizeram entrar em ação.

Avancei e me meti entre os dois. Eu estava ainda tonta e um pouco cambaleante. Se eles não estivessem tão perto um do outro, eu teria me desequilibrado e caído para a frente. Os dois hesitaram, claramente surpreendidos pela minha intromissão.

— Saia daqui — rosnou Andrew para mim.

Por serem homens e Moroi, eles eram bem mais altos e mais pesados do que eu, mas eu provavelmente era mais forte do que qualquer um deles. Tentando tirar proveito disso, agarrei os dois pelos braços, puxei-os para junto de mim e depois os lancei para longe usando toda a minha força. Mais uma vez, surpreendidos pelo meu vigor, eles cambalearam. Eu também cambaleei um pouco.

O sujeito que não era da realeza me olhou de modo penetrante e veio caminhando na minha direção. Eu estava contando com a possibilidade de ele ser um cavalheiro à moda antiga, daqueles que se recusam a

bater numa garota.

— O que você está fazendo? — exclamou ele. Várias pessoas se aglomeraram para assistir à confusão. Eu devolvi a intensidade do olhar.

— Estou tentando impedir vocês de serem ainda mais imbecis do que já são! Querem ajudar? Parem de brigar uns com os outros! Arrancar as cabeças uns dos outros não vai salvar os Moroi, a não ser que estejam tentando escoar a estupidez de dentro da piscina. — Apontei para Andrew. — Tasha Ozero *não está* planejando matar a todos. Ela está tentando fazer vocês entenderem que não podem continuar na confortável posição de vítimas. — Virei para o outro sujeito. — E quanto a você, acho que ainda tem muito o que aprender se pensa que é desse jeito que irá convencer os outros do seu ponto de vista. Para manejar bem a magia, principalmente a magia ofensiva, é preciso ter muito autocontrole, e até onde eu pude ver, não fiquei nada impressionada com o de vocês. *Eu* tenho mais autocontrole do que vocês, e se vocês me conhecessem minimamente saberiam o quanto isso é pouco.

Os dois sujeitos me encararam estupefatos. Meu discurso fora mais eficaz do que provocador. Bom, a eficácia durou pelo menos alguns segundos. Porque assim que o choque que as minhas palavras provocaram se esvaneceu, eles partiram para cima um do outro mais uma vez. Eu acabei no meio do fogo cruzado e fui empurrada para fora dali. Quase caí. De repente, de trás de mim, Mason veio em minha defesa. Ele socou o primeiro cara que viu — aquele que não era da realeza.

O sujeito voou para trás e caiu dentro de uma piscina, levantando água para todos os lados. Eu soltei um grito agudo, recordando o meu medo anterior de bater com a cabeça no fundo, mas, no segundo seguinte, ele já estava de pé, tirando a água dos olhos.

Agarrei Mason pelo braço, para tentar impedi-lo de continuar a luta, mas ele se livrou de mim com uma sacudidela, e foi atrás de Andrew. Ele empurrou Andrew com força, lançando-o contra vários Moroi que deviam ser amigos dele e pareciam estar tentando apartar a briga. O cara que caíra na piscina subiu pela borda com uma expressão de fúria no rosto e foi se preparando para agredir Andrew de novo. Desta vez, tanto eu quanto Mason bloqueamos a passagem dele. Ele lançou um olhar furioso para todos nós.

— Nem tente — adverti.

O cara fechou os punhos e deu a entender que ele talvez resolvesse partir para cima de nós dois. Mas nós o intimidáramos, e ele aparentemente não tinha um grupo de amigos como Andrew, que, aliás, gritava obscenidades enquanto era levado para longe dali. Depois de murmurar algumas ameaças, o sujeito que não era da realeza recuou.

Assim que ele se foi, eu me virei para Mason.

— Você está louco?

— Por quê? — perguntou ele.

— Só louco para entrar assim no meio de uma briga dessas!

— Você também entrou — disse ele. Comecei a argumentar, e depois me dei conta de que ele tinha razão.

— É diferente — resmunguei. Ele se aproximou.

— Você está bêbada?

— *Não*. É claro que não. Estou só tentando impedir você de fazer alguma idiotice. Só porque você tem alucinações, achando que é capaz de matar um Strigoi, não significa que pode descontar sua raiva em cima de todo mundo.

— Eu tenho alucinações? — perguntou ele severamente. Comecei a me sentir meio enjoada nesse momento. Com a cabeça rodando, continuei andando até a sala anexa, tentando não tropeçar.

Mas, quando cheguei ao anexo, descobri que, afinal, não se tratava de nenhuma dispensa de sobremesas nem de bebidas; bem, não no sentido que eu imaginara. Era uma sala de fornecedores. Havia ali vários humanos recostados em espreguiçadeiras reclináveis forradas de cetim, com Moroi ao lado deles. Incensos de jasmim queimavam no ar. Espantada, eu fiquei observando, com fascínio horripilante, um sujeito Moroi se inclinar e morder o pescoço de uma moça ruiva excepcionalmente bela. De repente me dei conta de que todos aqueles fornecedores eram lindos. Pareciam atrizes ou modelos. Só o que havia de melhor era oferecido à realeza.

O sujeito bebeu longa e profundamente, e a garota fechou os olhos e entreabriu os lábios, seu rosto adquirindo uma expressão de puro prazer conforme a endorfina Moroi fluía para dentro de sua corrente sanguínea. Eu estremeci, com a lembrança de quando eu também experimentara aquele mesmo tipo de euforia. Na minha mente alcoolizada, aquela coisa toda subitamente pareceu bastante erótica. Na verdade, eu quase me senti como uma intrusa assistindo a outras pessoas fazendo sexo. Quando o Moroi terminou e lambeu o resto do sangue, ele roçou os lábios no rosto dela, dando-lhe um beijo suave.

— Quer se voluntariar?

Senti pontinhas de dedos escorregarem pelo meu pescoço, e dei um salto. Me virei e vi os olhos verdes de Adrian e seu sorriso afetado.

— Não faça isso — disse eu a ele, arrancado sua mão de cima de mim.

— Então o que você está fazendo aqui? — perguntou. Fiz um gesto largo mostrando onde estava.

— Estou perdida. Ele me observou com mais atenção.

— Você está bêbada?

— *Não*. É claro que não... Mas... — A náusea acalmara um pouco, mas eu ainda não me sentia muito bem. — Acho que devia me sentar. Ele me pegou pelo braço.

— Bem, não se sente aqui. Alguém pode entender de maneira errada. Vamos para algum lugar mais calmo.

Ele me levou para outra sala, e eu olhei em volta, interessada. Era uma sala de massagem. Vários Moroi estavam deitados em mesas e recebiam, dos massagistas do hotel, massagens nos pés e nas costas. O óleo que usavam exalava um perfume de alecrim e lavanda. Em qualquer outro momento, uma massagem teria soado como algo maravilhoso, mas deitar com a barriga para baixo naquele momento me pareceu ser a pior ideia possível.

Sentei no chão acarpetado e recostei contra a parede. Adrian saiu um instante e voltou com um copo d'água. Sentou-se e me deu o copo.

— Beba isso. Você vai se sentir melhor.

— Eu já disse a você. Não estou bêbada — resmunguei. Mas bebi toda a água.

— Hã-rã. — Ele sorriu para mim. — Você fez um bom trabalho apartando aquela briga. Quem era o outro cara que ajudou você?

— Meu namorado — disse eu. — Espécie de namorado.

— Mia estava certa. Você tem mesmo muitos homens na sua vida.

— Não é bem assim.

— Está bem. — Ele estava ainda sorrindo. — Onde está Vasilisa? Imaginei que ela estaria colada em você.

— Ela está com o namorado *dela*. — Eu o perscrutei.

— E por que esse tom? Você tem ciúme? Queria ele para você?

— Deus do céu. Não. É que eu não gosto dele.

— Ele a trata mal? — perguntou ele.

— Não — admiti. — Ele a adora. Só é meio babaca. Adrian estava evidentemente se deliciando com aquela conversa.

— Ah, você está com ciúme, *sim*. Ela passa mais tempo com ele do que com você? Eu ignorei a pergunta.

— Por que você está fazendo tantas perguntas sobre ela? Está interessado? Ele riu.

— Fique tranquila, meu interesse por ela é diferente do meu interesse por você.

— Mas está interessado.

— Só quero conversar com ela. Ele saiu para buscar mais água para mim.

— Está se sentindo melhor? — perguntou, entregando-me o copo. Era de cristal e todo trabalhado.

Parecia chique demais para servir apenas água.

— Estou... não imaginei que aqueles drinques fossem tão fortes.

— Esta é a beleza deles. — Ele deu uma risadinha. — E por falar em beleza... esta cor fica muito bem em você.

Mudei de posição. Eu não estava tão nua quanto aquelas outras garotas, mas, mesmo assim, estava mostrando a Adrian mais do que realmente gostaria. Ou será que eu queria mostrar? Havia alguma coisa estranha nele. O jeito arrogante me irritava... mas, ainda assim, eu gostava de estar perto dele. Talvez a garota convencida e metida a sabida que havia dentro de mim reconhecesse nele um semelhante.

Em algum lugar da minha mente alcoolizada, uma luz se acendeu. Mas eu ainda não conseguia enxergá-la direito. Bebi mais água.

— Você está sem fumar um cigarro há mais ou menos dez minutos — observei, num esforço para mudar o assunto. Ele fez uma careta.

— É proibido fumar aqui dentro.

— Tenho certeza de que você compensou o vício do cigarro com umas doses a mais de ponche.

Ele voltou a sorrir.

— Bem, *algumas pessoas* sabem beber sem cair pelas tabelas. Você não está com vontade de vomitar, está? Eu ainda estava meio tonta, mas não estava mais enjoada.

— Não.

— Que bom.

Lembrei do sonho que eu tivera com ele. Fora *somente* um sonho, mas volta e meia ele retornava à minha mente, principalmente a parte em que ele me dizia que eu estava envolta em sombras. Eu quis perguntar a ele o que aquilo significava... mesmo sabendo que seria uma pergunta absurda. O sonho era meu e não dele.

— Adrian... Ele voltou os olhos verdes para mim.

— Sim, querida? Não consegui fazer a pergunta.

— Não é nada, não.

Ele começou a contestar, e, de repente, virou a cabeça na direção da porta.

— Ah, aí vem ela.

— Quem...

Lissa entrou na sala, explorando tudo com os olhos. Quando nos viu percebi o alívio na expressão do seu rosto. Mas não consegui sentir as emoções dela. Substâncias intoxicantes, como o álcool, anestesiavam o laço. Esse era outro motivo pelo qual eu não deveria ter me arriscado tão estupidamente esta noite.

— Aí está você — disse ela, ajoelhando-se ao meu lado. Olhou para Adrian e cumprimentou-o com a cabeça. — Oi.

— Oi, prima — devolveu ele o cumprimento, usando o termo familiar que os membros da realeza às

vezes usam entre eles.

— Você está bem? — perguntou Lissa a mim. — Quando vi como você estava bêbada, pensei que pudesse ter caído em alguma piscina dessas e se afogado.

— Eu não estou... — Desisti de negar. — Eu estou bem.

A expressão normalmente brincalhona de Adrian fi cou séria ao estudar Lissa. E isso me fez lembrar mais uma vez o sonho.

— Como foi que você a encontrou? Lissa olhou para ele sem entender o motivo da pergunta.

— Eu procurei em todas as salas.

— Ah. — Ele pareceu decepcionado. — Pensei que tivesse usado o laço que há entre vocês. Eu e ela nos entreolhamos.

— Como é que você sabe disso? — perguntei. Apenas algumas pessoas da escola sabiam sobre o laço. E Adrian o mencionara de maneira tão casual, como se estivesse comentando sobre a cor do meu cabelo.

— Ei, você acha que vou revelar todos os meus segredos? — perguntou ele, fazendo suspense. — E, além do mais, eu percebo o jeito de vocês quando estão juntas... não sei explicar. Mas é muito interessante... todas as velhas lendas são verdadeiras.

Lissa olhou para ele e advertiu:

— O laço só funciona em mão única. Rose consegue captar os meus sentimentos e os meus pensamentos, mas eu não consigo captar os dela.

— Ah. — Ficamos calados ali durante alguns segundos, e eu bebi mais água. Adrian quebrou o silêncio.

— Você se especializou em quê mesmo, prima?

Ela pareceu constrangida. Nós duas sabíamos que era importante manter em segredo os poderes que o espírito dava a ela. Outras pessoas podiam querer abusar de sua capacidade de cura, mas ter que dizer às pessoas que ela não se especializara em nada sempre a incomodava.

— Não me especializei — disse ela.

— Eles pensam que você vai se especializar algum dia? Atingir uma maturidade tardia?

— Não.

— Mas você provavelmente consegue lidar com os outros elementos, não é? Não com poder suficiente para chegar a se especializar em algo, estou certo? — Ele esticou o braço e deu tapinhas no ombro dela, numa demonstração exagerada de consolo.

— É isso mesmo, como você...?

No mesmo instante em que os dedos dele a tocaram, ela perdeu a fala. Foi como se um raio a tivesse atingido. A expressão mais estranha tomou conta do seu rosto. Mesmo bêbada, eu pude sentir a onda de alegria que transbordou dela através do laço. Ela olhava maravilhada para Adrian. Os olhos dele estavam vidrados nos dela também. Eu não entendi por que eles estavam se olhando daquele jeito, mas aquilo me incomodou.

— Ei — disse eu. — Parem com isso. Eu disse a você, ela tem namorado.

— Eu sei — disse ele, ainda sem tirar os olhos dela. Um pequeno sorriso atravessou-lhe os lábios. — Precisamos bater um papo qualquer dia, prima.

— Precisamos — concordou ela.

— Ei. — Eu estava mais confusa do que nunca. — *Você* tem um namorado. E ele está bem ali.

Ela piscou os olhos e voltou à realidade. Nós três olhamos para a porta. Christian e os outros estavam lá de pé. Eu tive subitamente uma lembrança de quando eles me encontraram e Adrian estava com o braço ao redor de mim. O que estava acontecendo agora era quase a mesma coisa. Lissa e eu sentadas ao lado dele, e

nós três estávamos muito próximos.

Ela se levantou num pulo, sentindo-se levemente culpada. Christian a observava com curiosidade.

— Estamos nos arrumando para ir embora — disse ele.

— Está bem — respondeu ela. Olhou para baixo, chamando-me para ir. — Pronta?

Fiz que sim com a cabeça e comecei a me pôr de pé. Adrian me pegou pelo braço e me ajudou a levantar. Sorriu para Lissa.

— Foi um prazer conversar com você. — Para mim, ele sussurrou:

— Não se preocupe. Como já disse a você, meu interesse nela é de outra espécie. Ela não fica tão bem num biquíni. E provavelmente sem o biquíni também não.

Puxei o meu braço da mão dele.

— Bem, isso você nunca vai descobrir.

— Não tem problema — disse ele. — Eu tenho boa imaginação.

Juntei-me aos outros, e fomos nos encaminhando para o saguão principal do hotel. Mason me lançou um olhar tão estranho quanto o de Christian em direção a Lissa e manteve-se afastado de mim, caminhando na frente com Eddie. Para minha surpresa e desconforto, me vi caminhando ao lado de Mia. Ela parecia estar muito infeliz.

— Eu... eu sinto muito mesmo pelo que aconteceu — disse eu, finalmente.

— Você não precisa fingir que se importa, Rose.

— Não, não. Eu estou sendo sincera. Foi horrível... Eu sinto muito.

— Ela não olhou para mim. — O seu... quer dizer, você vai estar com o seu pai em breve?

— Vou estar com ele na cerimônia de enterro — disse ela, mantendo a frieza.

— Ah, claro.

Eu não sabia mais o que dizer, então desisti, fi xando a atenção nas escadas enquanto subíamos para o andar do saguão principal. Inesperadamente, Mia resolveu dar prosseguimento à conversa.

— Eu vi você apartar aquela briga... — disse ela devagar. — Você falou sobre magia ofensiva como se conhecesse o assunto.

Ah, que ótimo. Ela agora ia tentar me chantagear, ou será que não? Até este momento ela estava se comportando de maneira quase civilizada.

— Eu estava só imaginando como deve ser — disse eu. Nada me faria entregar Tasha e Christian. — Eu realmente não conheço bem o assunto. Só de ouvir algumas histórias.

— Ah. — Ela se desanimou. — Histórias de que tipo?

— Hum, bem... — Tentei pensar em alguma coisa que não fosse nem tão vago, nem tão específico. — Como o que eu disse para aqueles caras... a concentração é mesmo uma coisa importante. Porque, se você está em meio a uma batalha com os Strigoi, há um monte de coisas que podem distrair você, então você precisa manter o controle.

Isso era, na verdade, uma regra básica dos ensinamentos para guardiões, mas parecia ser uma informação nova para Mia. Seus olhos se arregalaram de ansiedade.

— O que mais? Que tipo de feitiços as pessoas usam? Eu balancei a cabeça em sinal negativo.

— Não sei. Não sei nem mesmo como esses feitiços funcionam e, como eu disse, são apenas... histórias que eu ouvi. Eu acho que cada um encontra um jeito de usar seu elemento como uma arma. Como por exemplo, os que manejam o fogo estão em grande vantagem porque o fogo mata os Strigoi, então para eles é fácil. E os que manejam o ar podem sufocar as pessoas. — Eu própria experimentara a sensação de estar sendo sufocada, indiretamente, através de Lissa. E fora horrível.

Os olhos de Mia se arregalaram ainda mais.

— E os que manejam a água? — perguntou ela. — De que maneira a água poderia ferir um Strigoi? Fiz uma pausa.

— Eu, bem, eu nunca ouvi nenhuma história sobre usuários de água. Desculpe.

— Mas você teria alguma ideia? De como alguém como eu poderia aprender a lutar?

Ah. Então era aí que ela queria chegar. Não era na verdade nada muito absurdo. Lembrei do quanto ela ficara empolgada na reunião quando Tasha falara sobre atacar os Strigoi. Mia queria vingar a morte da mãe lutando contra eles. Não era de admirar que ela e Mason estivessem se dando tão bem.

— Mia — disse eu suavemente, segurando a porta para ela passar. Estávamos quase no saguão. — Eu sei o quanto você quer... fazer algo. Mas acho que o melhor que você pode fazer agora é apenas viver o seu luto.

Ela ficou vermelha, e, de repente, voltou a parecer com a velha Mia raivosa.

— Não fale de cima comigo — disse ela.

— Ei, eu não estou fazendo isso. Estou falando sério. Só estou dizendo que você não deve tomar nenhuma atitude precipitada enquanto ainda estiver triste. Além do mais... — Eu engoli as palavras.

Ela me encarou.

— Além do mais o quê? Que se dane. Ela precisava saber.

— Bem, eu não sei qual seria a utilidade de um usuário de água numa luta contra os Strigoi. Este talvez seja o elemento menos útil para esta guerra.

Ela se sentiu inteiramente ultrajada.

— Você é mesmo uma cretina, sabia disso?

— Só estou dizendo a verdade.

— Bom, então me deixe dizer a verdade. *Você* é uma completa idiota quando se trata de garotos. Pensei em Dimitri. Ela não estava inteiramente sem razão.

— Mason é um cara superbacana — continuou ela. — Um dos caras mais legais que eu conheço, e você nem percebe isso! Ele faria qualquer coisa por você, e você estava lá se derretendo para cima de Adrian Ivashkov.

As palavras dela me surpreenderam. Será que Mia tinha uma paixão secreta por Mason? E apesar de eu certamente não estar me derretendo para cima de Adrian, eu concordava que pudesse ter passado tal impressão. E mesmo não sendo verdade, Mason devia estar se sentindo magoado e traído.

— Você está certa — admiti.

Mia me olhou fixamente, tão espantada de eu ter concordado com ela que não disse mais nada até o final da caminhada. Chegamos ao saguão onde tomaríamos caminhos diferentes, para a ala dos meninos e para a ala das meninas. Eu agarrei o braço de Mason enquanto os outros seguiram em frente.

— Espere um instante — disse a ele. Eu precisava desesperadamente assegurar a ele de que não havia nada entre mim e Adrian, mas uma pequena parte de mim se perguntava se eu estava querendo fazer aquilo porque gostava mesmo de Mason ou se porque gostava apenas da ideia de ele me querer e, por egoísmo, não queria perder isso. Ele parou e olhou para mim. Estava evidentemente cansado e com raiva. — Eu queria pedir desculpas a você. Eu não devia ter gritado com você depois da briga. Eu sei que você estava apenas tentando me ajudar. E com Adrian... não aconteceu nada. Nada mesmo.

— Não foi isso que pareceu — disse Mason. Mas a raiva que estava estampada no rosto dele foi se desfazendo.

— Eu sei, mas acredite em mim, é ele quem fi ca atrás de mim. Ele sente algum tipo de atração absurda por mim.

Meu tom de voz deve ter sido bastante convincente, porque Mason sorriu.

— Bom, é difícil não sentir.

— Eu não estou interessada nele — continuei. — E em mais ninguém.

— Menti só um pouquinho, mas achei que não tinha problema naquele momento. Eu logo superaria meus sentimentos por Dimitri, e Mia estava certa quanto a Mason. Ele era maravilhoso e gentil e bonito. Eu seria uma idiota se não corresse atrás para ficar mesmo com ele... não é?

Minha mão ainda estava no braço dele, e eu o puxei para perto de mim. Ele não precisou de mais nenhuma deixa. Aproximou-se mais e me beijou, e logo eu estava pressionada pelo corpo dele contra a parede, exatamente como Dimitri fi zera comigo na sala de treinamento. É claro que não senti nada tão forte como o que sentira com Dimitri, mas ainda assim foi bom. Coloquei os braços em volta de Mason e comecei a trazê-lo ainda mais para perto.

— A gente podia ir... para algum lugar — disse eu. Ele se afastou um pouco e riu.

— Com você bêbada, não.

— Eu não estou mais... tão... bêbada assim — disse eu, tentando puxá-lo de volta. Ele me deu um beijinho leve na boca e um passo para trás.

— Está bêbada o suficiente. Olha, isso não é fácil, acredite em mim. Mas, se você ainda quiser amanhã, quando estiver sóbria, então a gente conversa.

Ele se inclinou para frente e me beijou de novo. Eu tentei prendê-lo em meus braços, mas ele se afastou mais uma vez.

— Vai com calma, garota — me provocou ele, já se dirigindo para o corredor que levava até a sua ala.

Eu cravei os olhos nele, mas ele apenas riu e virou de costas. Enquanto ele caminhava, meu olhar sedutor se esvaneceu, e me encaminhei para o meu quarto com um sorriso no rosto.

Quinze

Na manhã seguinte, eu estava tentando passar esmalte nas unhas dos pés — tarefa difícil para quem acordou com uma ressaca violenta — quando ouvi alguém bater na porta. Lissa já tinha saído quando acordei, então atravessei o quarto com dificuldades, tentando não estragar o esmalte ainda fresco. Abri a porta e vi um dos funcionários do hotel do lado de fora com uma caixa enorme nos braços. Ele a desviou um pouco da frente do rosto para que pudesse me ver.

— Estou procurando por Rose Hathaway.

— Sou eu.

Peguei a caixa das mãos dele. Era grande, mas não muito pesada. Agradei depressa e fechei a porta do quarto, pensando que eu talvez devesse ter dado a ele alguma gorjeta. Mas agora já era.

Sentei no chão com a caixa. Não havia nenhuma identificação, nem etiqueta, e estava selada com fita adesiva. Encontrei uma caneta e comecei a furar a fita. Quando consegui rasgá-la o suficiente, abri a caixa e passei a investigar o que havia dentro dela.

Estava cheia de perfumes.

Devia conter pelo menos uns trinta e cinco frascos de perfume empacotados. Alguns eu conhecia de nome, outros nem isso. Variavam desde os absurdamente caros, usados por estrelas de cinema, até os mais baratos, desses que se veem nas prateleiras das farmácias. *Eternity*. *Angel*. *Vanilla Fields*. *Jade Blossom*. *Michael Kors*. *Poison*. *Hypnotic Poison*. *Pure Poison*. *Happy*. *Light Blue*. *Jōvan Musk*. *Pink Sugar*. *Vera Wang*. Peguei um por um, tirei-os das caixas, li as descrições e depois abri os frascos para sentir o cheiro.

Estava já quase na metade quando me dei conta. Aquela caixa fora enviada por Adrian.

Não entendi como ele conseguiu que todos aqueles perfumes fossem entregues no hotel com tanta rapidez, mas o dinheiro pode fazer com que quase tudo aconteça. Mesmo assim, eu não precisava da atenção de nenhum Moroi rico e mimado; eu dera a entender que não estava interessada, mas aparentemente ele não compreendera isso. Com pesar, fui devolvendo todos os frascos de volta para a caixa. Depois parei. É claro que eu os devolveria, mas achei que não faria mal algum sentir o cheiro dos outros antes disso.

Comecei novamente a tirar os frascos de dentro da caixa. Alguns eu cheirava só a tampa; outros eu borrifava no ar. *Serendipity*. *Dolce & Gabbana*. *Shalimar*. *Daisy*. Cada uma das essências me estimulava o olfato: rosa, violeta, sândalo, laranja, baunilha, orquídea...

Quando terminei, meu nariz já quase não conseguia sentir mais cheiro algum. Todos estes perfumes

foram feitos para humanos. Eles têm um olfato bem menos aguçado do que os vampiros e até mesmo do que os dampiros, então, para mim, as essências eram fortes demais. Passei a apreciar bem mais o que Adrian dissera sobre usar apenas a dose necessária de perfume, uma leve borrifada. Se todos aqueles frascos estavam me deixando tonta, eu bem podia imaginar o que um Moroí sentia ao cheirar tantas essências. A carga exagerada de perfumes não ajudara a melhorar a minha dor de cabeça, fruto da ressaca matinal — pelo contrário.

Guardei de volta todos os perfumes, desta vez para valer, mas me interrompi quando peguei um de que eu realmente gostara. Hesitei, segurando a pequena caixa na mão. Depois tirei de dentro dela o frasco vermelho e o cheirei uma vez mais. Tinha uma fragrância doce e revigorante. Identifiquei o cheiro de alguma fruta, mas não uma fruta doce ou açucarada. Tentei lembrar o nome de uma essência que eu sentira numa garota que eu conhecera no meu dormitório. Ela me dissera o nome. Parecia cereja... só que mais forte. Groselha, era isso. E, no perfume, este odor se misturava ainda a algumas essências florais: lírios do campo e outras que não consegui identificar. Mesmo sem saber bem qual era a mistura exata, alguma coisa nela me atraiu. Doce, mas não *demais*. Procurei o nome dele na caixa: *Amor Amor*.

— Bem adequado — resmunguei, pensando na quantidade de problemas amorosos em que eu andava envolvida ultimamente. Mas fiquei com o perfume mesmo assim e guardei os outros.

Levei a caixa até o saguão e pedi, na recepção, fita adesiva para se-lá-la de novo. Pedi indicações sobre onde ficava o quarto de Adrian. Os Ivashkov tinham praticamente uma ala inteira só para eles. Não era muito longe do quarto de Tasha.

Sentindo-me como uma garota de entregas, eu atravessei o corredor e parei na frente da porta dele. Antes que eu pudesse bater, ela se abriu e Adrian apareceu na minha frente. Ele pareceu tão surpreso quanto eu.

— Dampirinha — disse, cordial. — Eu não esperava vê-la aqui.

— Vim devolver isso. — Ergui a caixa na frente dele antes que ele pudesse protestar. Pego de surpresa, ele segurou a caixa desajeitadamente, e chegou a cambalear um pouco. Ajeitou a caixa nos braços, deu alguns passos para trás e a colocou no chão.

— Não gostou de nenhum deles? — perguntou. — Quer que eu mande buscar outros para você?

— Não me mande mais presentes.

— Não é um presente. Estou fazendo um serviço público. Como pode uma mulher não possuir um perfume?

— Não faça mais isso — disse eu com firmeza. De repente uma voz soou atrás dele:

— Rose? É você? Eu dei uma espiada no quarto. Lissa.

— O que você está fazendo aqui?

Por conta da minha dor de cabeça e das sensações que me vieram dela através do laço hoje de manhã, e que me pareceram ligadas a algum momento amoroso entre ela e Christian, usei toda a minha concentração para bloqueá-la da minha mente. Normalmente eu teria sentido a presença dela no instante em que me aproximara do quarto. Voltei a abrir meus sentidos para ela e deixei que o seu espanto me atingisse. Ela não esperava que eu aparecesse ali.

— O que é que *você* está fazendo aqui? — perguntou ela.

— Senhoritas, senhoritas — disse ele, nos provocando. — Não precisam brigar por minha causa. Olhei furiosa.

— Não estamos brigando. Eu só quero saber o que está acontecendo aqui.

Um cheiro de loção pós-barba me nocauteou, e em seguida ouvi uma voz atrás de mim:

— Eu também quero saber. Dei um salto de susto. Virei e dei de cara com Dimitri, de pé no corredor. Eu

não fazia ideia do que ele estava fazendo na ala dos Ivashkov. “Ele estava a caminho do quarto de Tasha”, sugeriu uma voz dentro de mim.

Eu não tinha a menor dúvida de que Dimitri estava sempre na expectativa de me apanhar enrolada em algum tipo de confusão, mas achei que a presença de Lissa ali o deixara confuso. Por essa ele não esperava. Ele passou por mim e entrou no quarto, olhando para nós três.

— Alunas e alunos não deviam frequentar os quartos uns dos outros.

Eu sabia que lembrá-lo naquele momento de que Adrian não era exatamente um aluno não ia nos ajudar em nada. Nós não devíamos estar no quarto de nenhum rapaz.

— Por que você continua fazendo isso? — perguntei frustrada a Adrian.

— Fazendo o quê?

— Fazendo parecer que nós duas estamos sempre metidas em confusão! Ele deu uma risadinha.

— Foram vocês que vieram até aqui.

— Você não deveria ter permitido que elas entrassem — ralhou Dimitri com ele. — Tenho certeza de que você conhece as regras da Escola São Vladimir.

Adrian deu de ombros.

— Conheço, mas não sou obrigado a obedecer a nenhuma regra estúpida de escola.

— Talvez não — disse Dimitri friamente. — Mas eu achava que você ainda assim respeitaria essas regras. Adrian revirou os olhos.

— Estou um pouco surpreso de ver *justo você* me dando sermão sobre garotas menores de idade.

Vi a raiva se acender nos olhos de Dimitri, e por um instante pensei que ele ia perder o controle ali mesmo. E que se provaria, assim, que eu estava certa ao provocá-lo, dizendo que ele vivia em constante luta consigo mesmo para manter a razão. Mas ele se recompôs, e apenas os punhos cerrados mostravam o quanto ele ficara furioso.

— Além do mais — continuou Adrian —, não aconteceu nada sórdido aqui. Estávamos só batendo um papo.

— Se você quer “bater um papo” com garotinhas, faça isso em lugares públicos.

Eu não gostei de Dimitri nos chamar de “garotinhas”, e tive a impressão de que a reação dele fora um pouco exagerada. Suspeitei também de que parte da agressividade dele tivesse a ver com o fato de *eu* estar ali.

Adrian soltou uma gargalhada nessa hora, uma gargalhada esquisita que me deu arrepios de medo.

— Garotinhas? *Garotinhas*? Com certeza. Tão jovens e tão velhas ao mesmo tempo. Elas mal conhecem as coisas da vida, e, no entanto, já viveram tanta coisa. Uma possui a marca da vida, e a outra a marca da morte... mas é com *elas* que você se preocupa? Preocupe-se com você, dampiro. Preocupe-se com você, e preocupe-se comigo. Nós é que somos jovens aqui.

Dimitri, Lissa e eu apenas o encaramos. Acho que nenhum de nós esperava que Adrian subitamente começasse a falar coisas sem sentido.

Adrian ficou calmo e pareceu perfeitamente normal de novo. Virou-se de costas, caminhou a passos largos até a janela e de lá ficou olhando para nós enquanto tirava um cigarro do maço.

— Vocês, senhoritas, talvez devam se retirar. Ele está certo. Eu sou má influência.

Lissa e eu nos entreolhamos. Rapidamente saímos do quarto e seguimos Dimitri até o saguão.

— Aquilo foi... estranho — disse eu, alguns minutos depois. Estava dizendo o óbvio, mas, bem, alguém tinha que comentar alguma coisa.

— Muito estranho — disse Dimitri. Ele não estava com raiva; estava, sim, intrigado.

Quando chegamos ao saguão, comecei a seguir Lissa em direção ao nosso quarto, mas Dimitri me chamou:

— Rose. Posso falar com você?

Senti uma onda de compaixão vindo de Lissa para mim através do laço. Virei para Dimitri e mudei de direção, esquivando-me para o canto da sala e liberando a passagem. Um grupo de Moroi cobertos de diamantes e casacos de pele passou por nós, com expressão de ansiedade nos rostos. Funcionários do hotel os seguiam carregando malas. As pessoas ainda estavam indo embora em busca de lugares mais seguros. A paranoia com os Strigoi ainda estava longe de acabar.

A voz de Dimitri chamou a minha atenção de volta para ele.

— Aquele é Adrian Ivashkov. — Ele disse o nome com o mesmo desdém com que todos o mencionavam.

— É, eu sei.

— Esta é a segunda vez que eu vejo você na companhia dele.

— É — respondi, de maneira casual. — A gente bate uns papos de vez em quando.

Dimitri arqueou uma sobrancelha, e depois virou a cabeça na direção da ala de Adrian.

— Você frequenta muito o quarto dele?

Várias respostas atravessadas passaram pela minha cabeça, e de repente a resposta perfeita me veio à mente.

— O que acontece entre mim e ele não é da sua conta. — Tentei usar um tom bastante parecido com o que ele usara quando fez um comentário idêntico a respeito dele e de Tasha.

— Na verdade, enquanto você for aluna da Escola, o que você faz é da minha conta, *sim*.

— Não o que eu faço com a minha vida pessoal. Você não tem nada com isso.

— Você não é uma adulta ainda.

— Estou bem perto disso. Além do mais, não é como se eu fosse me tornar adulta como num passe de mágica no dia dos meus dezoito anos.

— É o que estou vendo — disse ele. Enrubesci.

— Não foi isso que eu quis dizer. Estou dizendo...

— Eu sei o que você quis dizer. E isso não importa agora. Você é uma aluna da Escola. Eu sou seu instrutor. Faz parte do meu trabalho ajudá-la e mantê-la a salvo. Estar no quarto de alguém como *ele*... bem, não é seguro.

— Eu sei lidar com Adrian Ivashkov — resmunguei. — Ele é estranho, muito estranho, de fato, mas é inofensivo.

Pensei comigo mesma se o problema de Dimitri não seria o ciúme. Ele não chamara Lissa num canto para ralar com ela como estava fazendo comigo. O pensamento me deixou levemente feliz, mas, logo depois, me recordei da minha curiosidade anterior sobre o que Dimitri estaria fazendo ali por aquelas bandas do hotel.

— Falando em vidas pessoais... imagino que você estivesse por ali para visitar Tasha, não é?

Eu sabia que o comentário era maldoso, e esperei por uma resposta ríspida do tipo “não é da sua conta”. Em vez disso, ele respondeu:

— Eu, na verdade, estive visitando a sua mãe.

— Está dando em cima dela também? — Eu sabia, é claro, que ele não estava fazendo isso, mas ele me dera a deixa perfeita para aquela alfinetadinha. E eu não ia perder a oportunidade.

Ele pareceu entender isso e não deu a menor atenção ao comentário.

— Não, nós estávamos estudando alguns dados novos sobre os Strigoi que atacaram os Drozdov.

Minha raiva e minha atitude se diluíram. Os Drozdov. Os Badica. De repente tudo o que acontecera naquela manhã pareceu inacreditavelmente trivial. Como é que eu podia estar ali brigando com Dimitri por causa de pequenos romances que podiam ou não estar acontecendo quando ele e os outros guardiões estavam tentando nos proteger?

— O que foi que vocês descobriram? — perguntei com calma.

— Conseguimos rastrear alguns dos Strigoi — disse ele. — Ou, ao menos, os humanos que estavam com eles. Testemunhas que moravam por perto identificaram alguns dos carros usados pelo grupo. As placas eram cada uma de um estado diferente, e parecia que o grupo se dispersara, provavelmente para dificultar a nossa busca. Mas uma das testemunhas anotou o número de uma placa. Está registrada com um endereço em Spokane.

— Spokane? — perguntei incrédula. — Spokane, em *Washington*? Quem escolheria Spokane como refúgio? — Eu estivera lá certa vez. Era um lugar tão chato quanto qualquer outra cidade do noroeste do país, escondida por florestas.

— Os Strigoi, aparentemente — disse ele num tom inexpressivo.

— O endereço era falso, mas outras evidências provam que eles estão mesmo lá. Na cidade tem uma espécie de shopping com túneis subterrâneos. Alguns Strigoi foram vistos nessa área.

— Então... — Franzi o cenho. — Vocês vão atrás deles? Alguém vai atrás deles? Quer dizer, é sobre isso que Tasha tem falado o tempo todo... se sabemos onde eles estão...

Ele balançou a cabeça em sinal negativo.

— Os guardiões não podem fazer nada sem a permissão dos conselhos superiores. Isso não vai acontecer tão cedo. Suspirei.

— Porque os Moroi falam demais.

— Estão sendo cautelosos — disse ele. Me senti encorajada de repente.

— Espere aí. Não é possível. Nem você pode estar querendo ser cauteloso numa hora dessas. Vocês sabem mesmo onde os Strigoi estão se refugiando e não vão fazer nada? Strigoi que massacraram crianças. Você não tem vontade de ir atrás deles e pegá-los de surpresa? — Parecia Mason falando por mim.

— Não é tão fácil — disse ele. — Nós somos subordinados ao Conselho dos Guardiões e ao governo Moroi. Não podemos simplesmente fugir e agir de maneira impulsiva. E, de todo modo, não temos todas as informações ainda. Não devemos nunca entrar numa batalha sem conhecer a situação em todos os detalhes.

— Mais lições de vida zen — suspirei. Passei a mão no cabelo e coloquei uma mecha atrás da orelha. — Por que você me contou tudo isso, então? Isso é assunto de guardião. Não é o tipo de coisa que se conta aos aprendizes.

Ele mediu bem as palavras que iria dizer, e a expressão do rosto dele ficou mais suave. Ele era sempre lindo, mas eu o achava ainda mais lindo quando estava com essa expressão no rosto.

— Eu disse algumas coisas... outro dia e hoje... que eu não deveria ter dito. Coisas desrespeitosas com relação à sua idade. Você tem dezessete anos... mas é capaz de suportar e processar as mesmas coisas que pessoas bem mais velhas que você.

Senti o peito leve e palpitante.

— Mesmo? Ele fez que sim com a cabeça.

— Você é ainda muito jovem em alguns aspectos. Às vezes age de modo imaturo. Mas a única maneira de mudar isso é tratar você como uma adulta. Eu preciso fazer isso com mais frequência. Eu sei que você vai ouvir essa informação, entender a importância que ela tem e guardá-la com você.

Eu não adorava que me dissessem que eu agia de modo imaturo, mas gostei da ideia de ele passar a me tratar de igual para igual.

— Dimka — chamou uma voz. Tasha Ozero veio até nós. Sorriu ao me ver. — Olá, Rose. Lá se foi o meu bom humor.

— Oi — disse eu sem entusiasmo algum.

Ela colocou a mão no antebraço de Dimitri, escorregando os dedos pelo couro do casaco dele. Olhei com raiva para aqueles dedos. Como eles ousavam tocar em Dimitri?

— Você está com aquela cara — disse ela a ele.

— Que cara? — perguntou ele. A expressão séria que tomara o rosto dele enquanto conversava comigo desapareceu. Agora havia um pequeno sorriso tímido em seus lábios. Um sorriso quase brincalhão.

— Aquela cara de quem vai trabalhar o dia inteiro.

— É mesmo? Eu tenho uma cara para isso? — Havia um tom provocador e meio debochado na voz dele. Ela fez que sim com a cabeça.

— Quando é que o seu turno acaba oficialmente? Eu juro que Dimitri pareceu de fato envergonhado.

— Uma hora atrás.

— Você não pode continuar fazendo isso — reclamou ela. — Você precisa de lazer.

— Bem... se você levar em consideração que eu sou o guardião de Lissa vinte e quatro horas por dia...

— Por enquanto — disse ela, como quem sabe do que está falando. Senti um desconforto maior do que na noite anterior. — Tem um grande torneio de sinuca acontecendo lá em cima.

— Não posso — disse ele, mas o sorriso ainda continuava brincando em seus lábios. — E, além do mais, faz muito tempo que eu não jogo... Mas o que...? Dimitri joga *sinuca*? De repente, tudo o que conversáramos sobre ele me tratar como uma adulta perdeu a importância. Uma pequena parte de mim reconhecia que aquilo era um elogio e tanto, mas todo o resto do meu ser queria que ele me tratasse como ele tratava Tasha. De maneira brincalhona, provocadora, casual. Eles tinham tanta intimidade um com o outro, ficavam tão à vontade juntos...

— Venha, então — implorou ela. — Só uma rodada! Nós podemos ganhar de todos eles.

— Eu não posso — repetiu ele. Mas a resposta soou pesada. — Com tudo o que está acontecendo, eu não posso.

Ela ficou um pouco séria.

— Não. É verdade. Você tem razão. — Olhando para mim, ela disse, com ar provocador: — Eu espero que você tenha consciência do bom exemplo que você tem neste cara aqui. Ele nunca está de folga.

— Bem — disse eu, imitando o tom que ela usara um pouco antes —, eu tenho, pelo menos *por enquanto*.

Tasha pareceu não entender a minha resposta. Acho que não lhe ocorreu que eu estivesse debochando dela. Mas, pelo olhar reprovador que Dimitri me lançou, pude ver que ele, sim, compreendera exatamente o que eu estava fazendo. Imediatamente me dei conta de que acabara de matar qualquer progresso que fizera no sentido de me tornar uma adulta.

— Terminamos aqui, Rose. Lembre-se do que eu disse a você.

— Ok — disse eu, virando as costas para ele. Subitamente tive vontade de ir para o meu quarto e ficar lá olhando para o teto por um tempo. Aquele dia mal começara e já estava me deixando cansada. Muito cansada.

Não chegara nem perto do quarto quando encontrei Mason. Deus do céu. Homens em toda parte.

— Você está zangada — disse ele assim que me olhou de frente. Ele tinha um talento especial para

descobrir qual era o meu humor. — O que aconteceu?

— Problemas... com autoridades. Esta manhã está sendo estranha.

Suspirei sem conseguir tirar Dimitri da cabeça. Olhando para Mason, lembrei do quanto eu fora convincente sobre querer levar nosso relacionamento a sério na noite passada. Eu era um caso de hospício mesmo. Não conseguia decidir de quem eu gostava. Apostando na teoria de que a melhor maneira de tirar um cara da cabeça é voltar a atenção para outro, peguei Mason pela mão e o arrastei dali.

— Vamos. O nosso plano não era ir a algum lugar... reservado hoje?

— Achei que você já estaria sóbria — brincou ele. Mas seu olhar estava muito sério mesmo. E interessado. — Achei que tudo aquilo já teria passado.

— Ei, eu mantenho as minhas reivindicações, não importa o que aconteça. — Abri minha mente e procurei por Lissa. Ela não estava mais no nosso quarto. Saíra para ir a algum outro evento da realeza, sem dúvida ainda se preparando para o grande jantar de Priscilla Voda.

— Venha. Vamos para o meu quarto.

Com exceção da falta de sorte de Dimitri estar inconvenientemente passando pela porta de Adrian quando eu estava lá, ninguém mais levava a sério a regra de que rapazes e garotas não podiam frequentar os quartos uns dos outros. Era praticamente como se estivéssemos de volta ao nosso dormitório da Escola. Enquanto Mason e eu subíamos as escadas, eu relatei a ele o que Dimitri me contara sobre os Strigoi em Spokane. Dimitri me pedira para manter segredo, mas eu estava com raiva dele e não vi problema algum em contar para Mason. Eu sabia que ele se interessaria pelo assunto.

E eu estava certa. Mason ficou realmente estimulado. — O quê? — exclamou ele, enquanto entrávamos no quarto. — Eles não vão fazer *nada*? Eu dei de ombros e sentei na cama.

— Dimitri disse...

— Já sei, já sei... Ouvi o que você disse. Aquilo tudo sobre ser cauteloso etc. — Mason andava pelo quarto irritado. — Mas se esses Strigoi forem atrás de outros Moroi... de outra família... que droga! Eles vão se arrepender de terem sido tão cautelosos.

— Esqueça essa história — disse eu. Fiquei um pouco aborrecida com o fato de eu estar ali na frente dele, numa cama, e isso não ser o suficiente para fazer com que ele deixasse de lado os planos de batalha.

— Não há nada que possamos fazer. Ele parou de andar.

— *Nós* podíamos ir.

— Ir aonde? — fiz a pergunta estúpida.

— Para Spokane. Podemos pegar um ônibus na cidade.

— Eu... espere aí. Você quer me levar para Spokane caçar Strigoi?

— Claro. Eddie iria junto... iríamos direto até esse shopping. Eles não estariam organizados nem nada, então poderíamos ficar na espreita e ir matando um a um...

A única coisa que eu consegui fazer foi olhar fixamente para ele.

— Quando foi que você ficou tão burro?

— Ah, entendi. Obrigado pelo voto de confiança.

— Não se trata de confiança — argumentei, levantando e me aproximando dele. — Você é muito bom. Já vi você lutar. Mas isso... não é assim que se fazem as coisas. Não podemos buscar Eddie e sair os três para matar Strigoi. Precisamos de mais gente. Planejar melhor tudo. Precisamos de mais informações.

Descansei minhas mãos no peito dele. Ele colocou as dele sobre as minhas e sorriu. A sede de guerra ainda faiscava nos olhos dele, mas pude perceber que a cabeça dele passara a se ocupar de questões mais imediatas. Como de mim.

— Eu não quis chamar você de burro — disse a ele. — Desculpe.

— Você só está dizendo isso agora porque está interessada em namorar.

— É claro. É isso mesmo que eu estou fazendo. — Eu ri, feliz ao ver que ele relaxara. A natureza daquela conversa me lembrou um pouco da conversa que Lissa e Christian tiveram na capela.

— Bem — disse ele —, eu não sei se vou ser tão rigoroso a ponto de não me aproveitar disso.

— Ótimo. Porque tem *um monte* de coisas que eu quero fazer.

Eu escorreguei a minha mão para cima e a passei em volta do pescoço dele. Senti o calor de sua pele em contato com a minha mão, e me lembrei do quanto eu gostara de beijá-lo na noite anterior.

De repente, do nada, ele disse:

— Você é realmente uma aluna dele.

— De quem?

— De Belikov. Estava pensando em quando você falou que precisávamos de mais informações e tudo o mais. Você se comporta exatamente como ele. Ficou toda séria desde que passou a treinar com ele.

— Não fiquei, não.

Mason me puxara para perto dele, mas agora eu não estava mais me sentindo tão romântica. Eu só queria namorar e *esquecer* Dimitri durante algum tempo, não ficar conversando sobre ele. De onde Mason tirara aquele assunto de repente? Era para ele estar me distraindo...

Ele não percebeu que havia alguma coisa errada.

— Você só mudou. Só isso. Não é ruim... só diferente.

Alguna coisa naquele comentário me irritou, mas antes que eu pudesse responder, nossas bocas se encontraram num beijo. A possibilidade de uma discussão racional desapareceu. Um pouco daquele temperamento sombrio começou a surgir em mim, mas eu simplesmente canalizei a intensidade daqueles sentimentos para a atividade física, enquanto Mason e eu caíamos um em cima do outro. Eu o joguei na cama, tentando fazer isso sem interromper o beijo. Eu era boa em executar várias tarefas ao mesmo tempo. Cravei minhas unhas nas costas dele, enquanto as suas mãos escorregavam para cima da minha nuca e soltavam o rabo de cavalo que eu tinha feito minutos antes. Correndo os dedos pelo cabelo solto, ele desceu os lábios e passou a me beijar o pescoço.

— Você é... o máximo — me disse ele. E eu posso assegurar que ele estava sendo sincero. Todo o seu rosto se iluminou de afeto por mim.

Eu arqueei o corpo para cima, deixando os lábios dele pressionarem com mais força a minha pele, enquanto as suas mãos escorregavam sob a parte de baixo da minha blusa. Elas foram subindo pela minha barriga, quase tocando a borda do meu sutiã.

Levando em conta que nós acabáramos de ter uma discussão um minuto antes, fiquei surpresa com a rapidez com que as coisas estavam evoluindo. Mas honestamente... não me importei. Era assim que eu vi-via a minha vida. Tudo era sempre rápido e intenso comigo. Na noite em que Dimitri e eu fomos vítimas do feitiço de luxúria de Victor Dashkov, houve entre nós uma paixão bem furiosa também. Dimitri, no entanto, conseguia se controlar, então às vezes íamos mais devagar.... e aquilo fora maravilhoso também. Mas, na maior parte do tempo, nós não conseguíamos nos conter. Eu pude sentir tudo aquilo novamente. Os caminhos que as mãos dele traçavam pelo meu corpo. Os beijos poderosos e intensos.

Foi então que eu me dei conta de uma coisa.

Eu estava beijando Mason e a minha cabeça pensava em Dimitri. E não era apenas uma lembrança. Eu estava, de fato, imaginando que era com Dimitri que eu estava naquele exato momento, revivendo toda aquela noite mais uma vez. Com os olhos fechados, era fácil fingir.

Mas quando eu os abria e via os olhos de Mason, sabia que ele estava *comigo*. Ele me adorava e me queria há muito tempo. Para mim, fazer uma coisa dessas... estar com ele e fingir que estava com outra pessoa...

Não era justo.

Então me afastei.

— Não... não continue. Mason parou imediatamente, porque ele é cavalheiro a esse ponto. — Foi demais? — perguntou ele. Eu fi z que sim com a cabeça. —

Está bem. Nós não precisamos fazer isso. Ele chegou perto de mim novamente, e eu me afastei ainda mais.

— Não. Eu só não quero... Eu não sei. Vamos encerrar por agora, está bem?

— Eu... — Ele ficou sem palavras por um instante. — O que aconteceu com aquele “monte de coisas” que você queria fazer?

É... parecia bem estranho, mas o que eu ia dizer a ele? *Não posso me embolar com você porque, quando fazemos isso, eu penso em outro cara, no cara que realmente desejo. Você é apenas um substituto.*

Eu engoli em seco e me senti uma idiota.

— Me desculpe, Mase. Eu não posso. Ele se sentou e correu a mão pelo cabelo.

— Está bem. Tudo bem. — Pude sentir a frieza na voz dele. — Você é louca. Ele olhou para mim com uma expressão de fúria no rosto.

— Estou só confuso. Não estou sabendo entender os sinais que você dá. Uma hora você está quente, no minuto seguinte está gélida. Você me diz que me quer, depois diz que não quer. Se você escolhesse uma das duas coisas, tudo bem, mas você fica me fazendo pensar uma coisa e depois acaba indo numa direção totalmente oposta. Não é só agora. É o tempo todo.

Era verdade. Eu vinha fazendo isso com ele. Às vezes flertava, outras vezes o ignorava por completo.

— Tem alguma coisa que você quer que eu faça? — perguntou ele, já que eu não respondera nada. — Alguma coisa que... não sei... que faça com que você se sinta melhor com relação a mim?

— Eu não sei — respondi com um fio de voz. Ele suspirou.

— Então, o que é que você quer de maneira geral? “Dimitri”, pensei. Em vez disso, eu me repeti.

— Eu não sei. Ele bufou, levantou e se encaminhou para a porta.

— Rose, para alguém que diz que quer juntar o máximo de informação possível, você realmente tem muito o que aprender sobre si mesma.

A porta bateu atrás dele. O barulho me fez estremecer, e eu fixei os olhos onde Mason estivera. E me dei conta de que ele estava certo. Eu tinha mesmo muito o que aprender.

Dezesseis

Mais tarde, naquele mesmo dia, Lissa foi ao meu encontro no quarto. Eu caíra no sono depois da saída de Mason e estava me sentindo deprimida demais para deixar a cama. Quando Lissa entrou batendo com força a porta do quarto, eu acordei num pulo.

Fiquei feliz ao vê-la. Precisava desabafar sobre toda aquela confusão com Mason, mas, antes de começar a falar, eu li os sentimentos dela. Ela estava tão aborrecida quanto eu. Então, como sempre, eu deixei que ela tomasse a iniciativa.

— O que aconteceu?

Ela sentou na própria cama e afundou no edredom de penas. Estava furiosa e triste.

— Christian.

— Mesmo? — Eu nunca soubera de qualquer briga entre eles. Implicavam muito um com o outro, mas eram coisas sem importância, que nunca a fizeram chorar.

— Ele descobriu... que eu estive com Adrian hoje de manhã.

— Ai, caramba — disse eu. — É. Isso pode ser um problema. — Levantei, caminhei até o *closet* e apanhei a escova de cabelo. De pé em frente ao espelho de moldura trabalhada, comecei a desfazer os nós que o cochilo deixara nos meus cabelos. Ela gemeu.

— Mas não aconteceu nada! Christian está fazendo o maior alvoroço sem nenhum motivo. Não posso acreditar que ele não confie em mim.

— Ele confia em você. Mas essa história toda é muito esquisita. — Lembrei de Dimitri com Tasha. — O ciúme leva as pessoas a fazerem e dizerem coisas estúpidas.

— Mas não aconteceu nada — repetiu ela. — Você estava lá e tudo... e agora estou me dando conta de que acabei sem saber. O que afinal *você* estava fazendo lá?

— Adrian me mandou de presente uma caixa de perfumes.

— Ele... era aquela caixa enorme que você estava carregando? Fiz que sim com a cabeça.

— Uau!

— Pois é. Eu fui devolver — disse eu. — Agora eu quero saber o seguinte: o que é que você estava fazendo lá?

— Só estava conversando — disse ela. Ela foi ficando animada, louca para me contar alguma coisa, mas se deteve de repente. Eu senti que os pensamentos dela estiveram à beira de se transformarem em palavras e depois foram jogados de volta para o fundo de sua mente. — Eu tenho muita coisa para contar, mas antes

me diga o que está acontecendo com você.

— Comigo não está acontecendo nada.

— Ah, tá legal, Rose. Eu não sou mediúnica como você, mas sei muito bem quando você está chateada com alguma coisa. Você anda meio tristonha desde o Natal. O que está acontecendo?

Aquele não era o momento de falar sobre tudo o que acontecera no Natal, quando minha mãe me contou sobre Tasha e Dimitri. Mas eu comentei com Lissa a história com Mason. Não revelei a ela, é claro, o motivo que me levava a interromper o namoro. Conteí apenas que eu desistira de tudo no meio.

— Bom — disse ela quando eu terminei —, esse é um direito seu.

— Eu sei. Mas fui eu que comecei tudo. E de repente não quis mais. Ele tem motivo para estar chateado.

— Vocês dois provavelmente vão se entender de novo. Converse com ele. Ele é louco por você.

Fora mais do que um mero mal-entendido. Não ia ser fácil acertar as coisas com Mason.

— Não sei, não — disse a ela. — Nem todo mundo é como você e Christian. O rosto dela assumiu uma expressão sombria.

— Christian. Ainda não consigo acreditar que ele esteja sendo tão teimoso com relação a essa história. Eu não tive a intenção, mas acabei rindo.

— Liss, em menos de um dia vocês dois vão se beijar e fazer as pazes.

Vão fazer mais do que se beijar, provavelmente. Deixei escapulir sem querer. Ela arregalou os olhos.

— Você sabe. — Balançou a cabeça exasperada. — *É claro* que você sabe.

— Desculpe — disse eu. Não era minha intenção revelar a ela que eu sabia que eles tinham transado. Estava esperando que ela mesma me contasse.

Ela me olhou nos olhos.

— Até onde você sabe?

— Hã... não muito — menti. Eu já terminara de escovar o cabelo, mas comecei a brincar com o cabo da escova para evitar o olhar dela.

— Eu *tenho* que aprender a impedir você de entrar na minha cabeça — resmungou ela.

— Mas esse é o único meio que eu tenho para “conversar” com você ultimamente. — Deixei escapulir mais uma vez.

— O que é que você está querendo dizer com isso? — indagou ela.

— Nada... eu... — Ela estava me lançando um olhar enviesado. — Eu... eu não sei. É que eu acho que a gente não tem mais conversado muito.

— Nós duas temos que consertar isso juntas — disse ela usando um tom de voz mais suave.

— Você tem razão — disse eu, sem mencionar que achava difícil consertarmos isso juntas quando *ela* estava sempre acompanhada do namorado. É verdade que eu também tinha uma parcela de culpa, pois estava sempre ocultando coisas dela. Mas eu ao menos *tentara* conversar com ela diversas vezes nos últimos dias, sem nunca encontrar, no entanto, um bom momento para falar. Nem mesmo agora a ocasião parecia adequada. — Sabe de uma coisa? Nunca imaginei que você seria a primeira. Ou melhor, nunca imaginei que eu chegaria ao último ano do colegial ainda virgem.

— É — disse ela francamente. — Nem eu.

— Ei! O que você está querendo dizer com *isso*?

Ela abriu um sorriso largo, depois deu uma olhada no relógio e fechou o sorriso.

— Droga. Eu tenho que ir para o banquete da Priscilla. Christian de-via ir junto, mas resolveu bancar o idiota e brigar comigo... — Ela fixou os olhos em mim, cheia de esperanças.

— O quê? Não, por favor, Liss. Você sabe o quanto eu odeio esses eventos formais da realza.

— Ah, vamos — implorou. — Christian não quer mais ir. Você não pode me jogar aos lobos. E não foi você que acabou de dizer que nós precisamos conversar mais? — Eu dei um gemido. — Além do mais, quando você for minha guardiã, vai ter que fazer essas coisas o tempo todo.

— Eu sei — disse um pouco mal-humorada. — Pensei que talvez eu pudesse aproveitar meus últimos seis meses de liberdade. Ela, afinal, acabou conseguindo me convencer a ir também, como nós bem sabíamos que conseguiria.

Não tínhamos muito tempo, e eu tive que tomar uma chuveirada, secar o cabelo com o secador e me maquiar em tempo recorde. Eu levava na mala, só por capricho, o vestido que Tasha me dera. Ainda queria que ela sofresse horivelmente por ter se sentido atraída por Dimitri, mas, naquele momento, fiquei grata a ela pelo presente. Vesti a roupa de seda e fiquei feliz ao ver que o tom vermelho caíra tão bem em mim quanto eu imaginara que cairia. Era um vestido longo, de estilo asiático, com flores bordadas no tecido. O decote, que subia pelo pescoço, e a bainha comprida me cobriam quase toda, mas o tecido colava à minha pele e eu fi quei bastante sensual, mesmo sem mostrar muito o corpo.

Meu olho roxo praticamente sumira a esta altura. Eu definitivamente estava vestida para matar.

Lissa, como sempre, estava linda. Usava um vestido roxo de Johanna Raski, uma famosa modista Moroi. Era um vestido de cetim sem manga, decorado com tiras cravejadas de cristais cor de ametista, que brilhavam em contraste com a pele branca dela. O cabelo estava preso num coque meio solto, todo trabalhado.

Quando chegamos ao banquete, alguns pares de olhos se voltaram para nós. Acho que os membros da realeza não esperavam que a princesa Dragomir levasse a amiga dampir para aquela festa tão esperada e exclusiva, para a qual só se podia entrar com convite. Mas, vejam bem, no convite de Lissa estava escrito que ela podia levar “qualquer acompanhante”. Eu e ela nos sentamos nos lugares que tinham sido reservados para nós numa mesa junto com outros membros da realeza, cujos nomes eu logo esqueci. Eles desfrutaram o prazer de me ignorar, e eu estava feliz em ser ignorada.

Além do mais, havia muitas outras coisas para me distrair. O salão era todo decorado em tons de azul e prata. As mesas estavam cobertas por toalhas de seda azul, tão brilhantes e macias que eu fiquei apavorada de comer em cima delas. Ao longo das paredes, havia castiçais com velas de cera de abelha, e o fogo ardia numa lareira decorada com vitrais coloridos num dos cantos do salão. O efeito que ela criava era um espetacular panorama de luz e cor, estonteante para os olhos. Num outro canto, uma esbelta mulher Moroi tocava violoncelo. Concentrada em sua música, ela exibia uma expressão sonhadora no rosto. O som das taças de cristal, cheias de vinho, esbarrando levemente umas nas outras se ajustava às notas doces que saíam das cordas do instrumento.

O jantar estava igualmente maravilhoso. O menu era chique, mas eu pude reconhecer tudo o que foi servido no meu prato — de porcelana, é claro — e gostei de tudo. Nada de *foie gras* dessa vez. Em vez disso, salmão com molho de *shiitake*. Uma salada de peras e queijo de cabra. Como sobremesa, delicados folheados recheados de amêndoas. Minha única reclamação foi o tamanho das porções: mínimas. A comida parecia estar ali somente para decorar os pratos, e, juro, terminei de comer tudo em dez garfadas. Os Moroi precisam de algo além de sangue para viver, mas não de tanta comida quanto os humanos, ou quanto uma dampir em idade de crescimento.

Mesmo assim, concluí que só a comida já teria justifi cado a minha ida ao jantar. O problema é que, terminada a refeição, Lissa me disse que ainda não podíamos ir embora.

— Temos que circular — murmurou ela. Circular? Lissa riu do meu desconforto.

— Você é a mais sociável de nós duas.

Era verdade. Na maioria das vezes era eu que saía na frente e não tinha medo de interagir com as pessoas. Lissa era mais tímida. Só que desta vez a situação estava invertida. Aquele era o ambiente dela, não o meu, e eu fi quei espantada com a desenvoltura que ela manifestava, ali, em contato com a alta sociedade da realeza Moroi. Ela era perfeita, refinada e educada. Todos pareciam ansiosos para conversar com ela, e ela parecia encontrar sempre a coisa certa para dizer para cada uma daquelas pessoas. Ela não estava exatamente usando compulsão, mas era evidente que a presença dela era dotada de um magnetismo que atraía o interesse dos outros para ela. Pode ser um efeito inconsciente do espírito. Mesmo tomando a medicação, prevalecia ainda o carisma mágico e natural que ela possuía. Se, antes, interações sociais intensas eram algo forçado e estressante para ela, agora Lissa liderava com facilidade as conversas. Fiquei orgulhosa dela.

As conversas giravam, quase todas, em torno de assuntos bastante leves: moda, a vida amorosa dos membros da realeza e coisas do gênero. Ninguém parecia querer estragar o ambiente agradável da festa falando sobre um assunto tão sombrio quanto os ataques dos Strigoi.

Fiquei grudada nela durante toda a festa. Tentei me convencer de que estava apenas fazendo um treinamento para o futuro, quando eu teria mesmo que segui-la como uma sombra silenciosa. Mas a verdade era que eu me sentia desconfortável demais em meio àquele grupo social e sabia que os meus mecanismos sarcásticos de defesa habituais não teriam qualquer utilidade ali. Além do mais, eu estava dolorosamente consciente de ser a única dampira participando, como convidada, do jantar. Havia outros vampiros, sim, mas estes mantinham o comportamento formal de guardiões, circulando pelas periferias do salão.

Enquanto Lissa entretinha sua plateia, nós fomos nos encaminhando na direção de um grupo de Moroi cujas vozes soavam cada vez mais alto. Uma delas eu reconheci. Era o cara da briga que eu ajudara a apartar, só que desta vez ele estava vestindo um luxuoso smoking preto em vez de um calção de banho. Ele ergueu o olhar para nós quando nos aproximamos, avaliando-nos de maneira desagradavelmente aberta, mas pareceu não se lembrar de mim. Optou por nos ignorar e deu prosseguimento à conversa. Não me surpreendeu o fato de o assunto ser a proteção dos Moroi. Ele era o que estava a favor de os Moroi partirem para a ofensiva contra os Strigoi.

— Qual é a parte da palavra “suicídio” que você não entende? — perguntou um dos homens que participavam da conversa. Tinha o cabelo grisalho e um bigode cheio. Estava de smoking também, mas, no rapaz mais jovem, o traje caía melhor. — Se os Moroi começarem a ser treinados como soldados, isso será o fim da nossa raça.

— Não é suicídio — exclamou o sujeito mais jovem. — É a coisa certa a fazer. Nós temos que começar a nos preparar para nos defender. Aprender a lutar e a usar nossa magia é a maior vantagem que temos sobre o inimigo. Isso e a ajuda dos nossos guardiões.

— Sim, mas, se temos os guardiões, não precisamos de nenhuma outra arma — disse o senhor grisalho. — Você está dando ouvidos a Moroi que não são da realeza. Eles não têm os seus próprios guardiões, então é claro que estão com medo. Mas isso não é motivo para *nos* arrastar para a batalha e colocar as *nossas* vidas em risco.

— Então não o faça — disse Lissa, subitamente. Falou com um tom suave na voz, mas todos no pequeno grupo pararam e olharam para ela. — Quando o senhor fala sobre os Moroi aprenderem a lutar, faz parecer que serão todos ou nenhum. Não é assim. Se o senhor não quer lutar, então não deve lutar. Eu compreendo perfeitamente. — O homem pareceu levemente enternecido. — Mas isso é porque o senhor *pode* contar com a proteção dos guardiões. Muitos Moroi não podem. E, se eles querem aprender autodefesa, não vejo razão alguma para impedi-los de fazer isso por conta própria.

O rapaz mais jovem sorriu triunfante para o adversário.

— É isso aí. Está vendo?

— Não é assim tão fácil — contrapôs o senhor grisalho. — Se é apenas o caso de vocês, malucos, irem atrás da própria morte, por mim tudo bem. Vão em frente. Mas onde vocês vão aprender essas famosas técnicas de combate?

— Vamos descobrir sozinhos de que maneira exercitar a nossa magia. E os guardiões nos ensinarão a parte da luta física.

— Isso. Está vendo? Eu sabia que chegaríamos a isso. Mesmo que o resto de nós não queira tomar parte nessa missão suicida de vocês, ainda assim vocês vão tirar nossos guardiões para que possam treinar seu exército *de mentirinha*.

O rapaz jovem armou uma carranca ao ouvir a expressão “de mentirinha”, e eu tive medo de que mais socos comesçassem a surgir.

— Vocês nos devem isso.

— Não, eles não devem, não — disse Lissa.

Olhares intrigados se voltaram para ela agora. Desta vez foi o senhor grisalho que lançou um olhar triunfante na direção de Lissa. O rosto do rapaz ficou vermelho de ódio.

— Os guardiões são as melhores fontes de conhecimento para assuntos de guerra que nós temos.

— São mesmo — concordou ela —, mas isso não dá a você o direito de tirá-los do seu trabalho. — A expressão do senhor grisalho praticamente brilhou de felicidade.

— Então, como é que nós vamos aprender? — indagou o outro sujeito.

— Do mesmo jeito que os guardiões aprendem — informou Lissa a ele. — Se você quer aprender a lutar, vá para uma escola. Crie turmas e comece do início, como fazem os aprendizes. Assim você não vai estar impedindo os guardiões de cumprirem a função de proteger os Moroi. As escolas são ambientes seguros, e os guardiões que trabalham nelas são especializados em ensinar técnicas de defesa e combate aos alunos.

— Ela fez uma pausa pensativa. — Podiam, aliás, incluir desde já a autodefesa no currículo regular dos atuais alunos Moroi.

Olhares espantados se fixaram nela, inclusive o meu. Era uma solução extremamente elegante, e todos em volta se deram conta disso. Não solucionava de todo as questões de cada partido, mas satisfazia a ambos e de modo que nenhum dos lados saísse prejudicado. Era genial. Os outros Moroi a observaram maravilhados e fascinados.

Então todos começaram a falar ao mesmo tempo, excitados com a ideia. Levaram Lissa para o debate e logo uma conversa apaixonada sobre os planos dela tomou conta do grupo. Eu fiquei um pouco de fora e achei melhor assim. Depois me afastei um pouco mais e fui me encaminhando para um canto próximo a uma porta.

Ao longo do caminho, passei por uma garçonete que tinha nas mãos uma bandeja de petiscos. Ainda faminta, dei uma espiada neles, e não vi nada que se parecesse com o *foie gras* servido no outro dia. Fiz um gesto na direção de uma iguaria que parecia algum tipo de carne refogada de primeira qualidade.

— Isso é fígado de ganso? — perguntei. Ela fez que não com a cabeça.

— É timo de vitela. Não soava mal. Resolvi apanhar um.

— Isso quer dizer pâncreas — disse uma voz atrás de mim. Eu recolhi a mão imediatamente, num susto.

— O quê? — disse, com um gritinho agudo. A garçonete entendeu o meu susto como rejeição e saiu andando.

Adrian Ivashkov fi cou na minha frente. Parecia satisfeitíssimo consigo mesmo.

— Você está gozando com a minha cara? — perguntei. — “Timo de vitela” é *pâncreas*? — Não sei por que fiquei tão chocada com aquilo.

Os Moroi consumiam sangue. Por que não os órgãos internos? Mesmo assim, tentei evitar um arrepio.

Adrian deu de ombros.

— É muito bom. Eu balancei a cabeça desgostosa.

— Meu Deus, gente rica é um horror. Ele continuou se divertindo.

— O que você está fazendo aqui, dampirinha? Anda me seguindo por aí?

— É claro que não — zombei. Ele estava elegantemente vestido e bem-arrumado, como sempre. —

Ainda mais depois de toda a confusão em que você nos meteu.

Ele abriu um daqueles sorrisos tentadores dele, e apesar do quanto ele era capaz de me irritar, senti mais uma vez aquela urgência estupefata de ficar perto dele. Mas que diabos era aquilo?

— Não sei, não — me provocou ele. Parecia estar perfeitamente são, agora, sem o menor traço daquele comportamento estranho que eu testemunhara em seu quarto. E, sim, ele ficava *muito* mais bonito num smoking do que qualquer outro cara que eu vira ali naquela festa.

— Quantas vezes já nos encontramos? Esta é o quê, a quinta vez? Está começando a parecer suspeito. Mas não se preocupe. Não vou contar ao seu namorado. A nenhum dos dois.

Abri a boca para protestar, e então lembrei que ele me vira com Dimitri mais cedo. Recusei-me a enrubescer.

— Eu tenho só *um* namorado. Mais ou menos. Talvez não seja mais namorado. E, de qualquer maneira, não há nada para contar. Eu nem gosto de você.

— Não? — perguntou Adrian, ainda sorrindo. Ele se inclinou para bem perto do meu rosto, como se fosse me contar um segredo. — Então por que está usando o meu perfume?

Desta vez eu enrubesci mesmo. Dei um passo atrás.

— Não estou. Ele deu uma risada.

— É claro que está. Conte as caixas depois que você saiu. Além do mais, estou sentindo o perfume em você. É bom. Forte... mas ainda doce. Exatamente como eu acho que você deve ser, lá no fundo. E acertou na dose. Só um pouco, o suficiente para dar um toque a mais... sem ofuscar o seu próprio cheiro natural. — O jeito dele de dizer “cheiro” dava a impressão de que a palavra era obscena.

Moroi reais podem me deixar desconfortável, mas caras espertinhos dando em cima de mim, não. Eu estava acostumada a lidar com eles diariamente. Deixei de lado a vergonha e me lembrei de quem eu era.

— Ora — disse eu, jogando o cabelo para trás. — Eu tinha todo o direito de ficar com um frasco. Você me ofereceu os perfumes. O seu erro é achar que o fato de eu ter ficado com algum significa alguma coisa a mais. Não significa nada. Exceto que você talvez devesse ter mais cuidado na hora de escolher onde jogar fora todo o dinheiro que você tem.

— Rá, rá, Rose Hathaway está disposta a entrar no jogo, pessoal. — Ele fez uma pausa e apanhou uma taça, que parecia ser de champanhe, da bandeja de um garçom que passou por nós. — Quer uma?

— Eu não bebo.

— Ah, claro. — Adrian me deu uma taça mesmo assim, depois mandou o garçom embora e tomou um gole do champanhe. Tive a sensação de que não era o seu primeiro gole da noite. — Então. Parece que Vasilisa deu uma lição no meu pai.

— Seu... — Olhei de novo para o grupo em que eu deixara Lissa. O senhor grisalho ainda estava lá de pé, fazendo gestos largos. — Aquele cara é o seu pai?

— Segundo a minha mãe, é ele, sim.

— Você concorda com ele? De que é suicídio os Moroi partirem para a luta? Adrian deu de ombros e tomou mais um gole.

— Eu, na verdade, não tenho opinião formada sobre isso.

— Não é possível. Como você pode não sentir nada com relação a esse assunto?

— Não sei. É uma coisa sobre a qual eu simplesmente não penso, só isso. Tenho coisas melhores para fazer.

— Como me perseguir — sugeri. — A mim e a Lissa. — Eu ainda queria descobrir o que ela fora fazer no quarto dele. Ele sorriu mais uma vez.

— Eu já disse. É você que está me perseguindo.

— Sei, sei, sou eu, então. Cinco vezes... — me interrompi. — Cinco vezes?

Ele fez que sim com a cabeça.

— Não, foram só quatro. — Contei os encontros nos dedos. — Teve a primeira noite, a noite do spa, depois quando eu fui no seu quarto e agora. O sorriso dele tornou-se um mistério.

— Se você diz que são quatro...

— Eu digo *mesmo*... — Novamente minhas palavras perderam o rumo. Eu estivera com Adrian uma outra vez ainda. Se é que aquilo foi um encontro. — Você não está falando do...

— Falando do quê? — Uma expressão de curiosidade e ânsia se acendeu nos olhos dele. Ficara mais esperançoso do que presunçoso. Engoli em seco, lembrando do sonho.

— Nada. — Sem pensar no que estava fazendo, tomei um gole de champanhe. Do outro lado da sala, os sentimentos de Lissa vieram ardentes, pelo laço, para mim. Ela estava calma e contente. Bom.

— Por que você está sorrindo? — perguntou Adrian.

— Porque Lissa ainda está lá, dominando aquele grupo de pessoas.

— Não é de surpreender. Ela é uma dessas pessoas que consegue fascinar quem quiser, se tentar com afinco. Até mesmo pessoas que a odeiem.

Eu olhei para ele desconfiada.

— Eu sinto a mesma coisa quando converso com você.

— Mas você não me odeia — disse ele, terminando de tomar a taça de champanhe. — Não me odeia de verdade.

— Mas também não gosto de você.

— É o que você insiste em dizer. — Ele deu um passo para mais perto de mim, não como uma aproximação ameaçadora, apenas diminuindo o espaço que havia entre nós, tornando-o mais íntimo. — Mas por mim está bem assim.

— Rose!

O tom incisivo da voz da minha mãe cortou o ar. Algumas pessoas que estavam por perto olharam para nós. E lá estava ela, com todo o seu um metro e meio de altura tomado de raiva. Partiu como um trovão para cima de nós.

Dezessete

— O que você pensa que está fazendo? — ralhou ela. Seu tom de voz ainda estava alto demais para mim.

— Nada, eu...

— Com licença, lorde Ivashkov — rosnou ela. Então, como se eu tivesse cinco anos de idade, me agarrou pelo braço e me arrastou para fora do salão. O champanhe transbordou da taça e respingou na parte inferior do meu vestido.

— O que você pensa que está fazendo? — exclamei, quando chegamos ao corredor. Olhei com pesar para o vestido. — Isso aqui é *seda*. Você pode ter destruído o vestido.

Ela tirou a taça de champanhe da minha mão e a colocou sobre uma mesa próxima.

— Melhor assim. Talvez isso impeça você de se vestir como uma prostituta barata.

— Ei — disse eu, chocada. — Isso foi um pouco demais. E desde quando você passou a ser tão maternal? — Fiz um gesto mostrando o vestido. — Isso aqui não é exatamente barato. Você achou legal quando Tasha me deu de presente.

— Achei bom porque não esperava que você fosse usá-lo para ficar se exibindo para os Moroi.

— Não estou me exibindo. E, caso você não tenha reparado, o vestido cobre todo o meu corpo.

— Um vestido apertado desse jeito revela o seu corpo todo, isso sim — rebateu ela. Ela, evidentemente, estava vestida de preto, como é o dever de uma guardiã. Calça de linho preto e um blazer combinando. Seu corpo também tinha algumas curvas que ela bem poderia mostrar, mas as roupas escondiam todas elas. — Especialmente quando você está num meio social como este. Seu corpo é... chamativo. E flertar com um Moroi não é uma ideia nada boa.

— Eu não estava flertando com ele.

A acusação me deu raiva porque eu julgava andar me comportando muito bem ultimamente. Eu costumava flertar o tempo todo, e fazia outras coisas também, com garotos Moroi. Mas, depois de algumas conversas e de um incidente que me deixou constrangida diante de Dimitri, me dei conta da estupidez que era paquerar aqueles garotos. Dampirás tinham mesmo que ser cuidadosas com os homens Moroi, e eu me mantinha bem consciente disso o tempo todo.

Um comentário maldoso me ocorreu.

— Além do mais — disse eu com deboche —, não é isso que eu devo fazer? Envolver-me com um Moroi para dar continuidade à minha raça? Foi isso que *você* fez.

Ela faiscou de raiva.

— Não quando eu tinha a sua idade.

— Você era apenas alguns anos mais velha do que eu sou agora.

— Não faça nada estúpido, Rose — disse ela. — Você é nova demais para ter um bebê. Não tem experiência de vida para isso. Você ainda nem viveu a sua própria vida. Vai acabar não conseguindo realizar o trabalho que você deseja.

Eu rugii, mortificada:

— Nós estamos mesmo discutindo isso? Como é que nós saímos de uma conversa sobre eu talvez estar flertando para cairmos, de repente, nessa história de dar à luz uma ninhada? Eu não estou transando com ele nem com ninguém, e, mesmo que estivesse, conheço os métodos anticoncepcionais. Por que você está falando comigo como se eu fosse uma criança?

— Porque você se comporta como se fosse uma. — O comentário soou extraordinariamente parecido com o que Dimitri me dissera. Cravei os olhos nela.

— Você vai me mandar direto para o meu quarto agora?

— Não, Rose. — Ela pareceu exausta, de repente. — Você não precisa ir para o seu quarto, mas também não volte mais para o banquete. Espero que você não tenha chamado demasiada atenção.

— Do jeito que você fala, parece até que eu estava fazendo uma dança erótica lá dentro

— disse eu a ela. — Eu apenas vim jantar com Lissa.

— Você se surpreenderia com os boatos que podem surgir a partir de uma coisa à toa — me advertiu ela.

— Especialmente quando se trata de Adrian Ivashkov.

Ela disse isso, virou-se e saiu andando pelo corredor. Fiquei acompanhando-a com o olhar e senti raiva e ressentimento me queimando por dentro. A reação dela fora absurda. Eu não estava fazendo nada de errado. Eu sabia que ela tinha uma paranoia com essa história de prostituta de sangue, mas aquela reação fora severa demais, mesmo para uma pessoa como ela. E o pior de tudo é que ela me arrastara de lá e várias pessoas assistiram àquilo. Para quem não queria que eu chamasse atenção, ela acabou fazendo uma cena e tanto.

Dois Moroi, que estavam de pé perto de onde eu e Adrian conversávamos, saíram do salão. Olharam para mim e depois cochicharam alguma coisa enquanto passavam.

— Obrigada, mamãe — murmurei para mim mesma.

Humilhada, saí andando na direção oposta à deles, sem saber ao certo para onde estava indo. Fui em direção à parte de trás do hotel, para longe de onde estava todo o burburinho da festa.

Cheguei ao final do corredor e vislumbrei uma porta à esquerda que ia dar numa escada. A porta estava destrancada, então subi a escada até chegar a outra porta. Para minha alegria, esta segunda porta abria para uma pequena laje no topo do telhado que parecia não ser muito usada. Uma camada de neve cobria toda a superfície, mas o dia já avançara um pouco e o sol brilhava fazendo tudo reluzir.

Tirei a neve de cima de algo como uma grande caixa que parecia fazer parte do sistema de ventilação. Negligenciei o vestido e me sentei nela. Cruzei os braços sobre o peito e fiquei admirando a paisagem e sentindo o contato do sol, o que eu raramente tinha oportunidade de aproveitar.

Levei um susto quando a porta se abriu alguns minutos depois. Quando olhei para trás, levei um susto ainda maior ao ver Dimitri surgindo. Meu coração palpitou, e eu me virei de volta, sem saber ao certo o que pensar. As botas dele ressoavam, ao contato com a neve, a cada passo que ele dava na minha direção. Um pouco depois, ele tirou o casacão e o colocou sobre os meus ombros.

Sentou-se ao meu lado.

— Você deve estar morta de frio. Eu estava, mas não quis admitir.

— O sol está brilhando.

Ele reclinou a cabeça para trás e olhou para o céu perfeitamente azul. Eu sabia que ele às vezes sentia falta do sol tanto quanto eu.

— Está mesmo. Mas, ainda assim, nós estamos numa montanha em pleno inverno.

Não respondi. Ficamos lá em paz, sentados em silêncio durante algum tempo. Ocasionalmente, um vento fraco soprava nuvens de neve ao nosso redor. Era noite para os Moroi, e a maioria deles logo iria dormir, de modo que as pistas de esqui estavam inativas.

— A minha vida é um desastre — comentei, afinal.

— Não é um desastre — corrigiu ele depressa.

— Você me seguiu desde a festa?

— Segui.

— Eu nem sabia que você estava lá. — As roupas pretas dele indicavam que provavelmente estivera trabalhando na festa. — Então você viu a ilustre Janine fazer uma cena, me arrastando para fora do salão.

— Não foi uma cena. Quase ninguém percebeu. Eu vi porque estava observando você. Recusei-me a ficar animada com isso.

— Não foi o que ela disse — contei a ele. — Na opinião dela, era como se eu estivesse fazendo ponto e me oferecendo ali. Contei a ele a conversa que tivéramos no hall.

— Ela só está preocupada com você — disse Dimitri quando eu terminei.

— Ela teve uma reação exagerada.

— Mães, às vezes, são superprotetoras. Olhei bem para ele.

— Sei, mas estamos falando da *minha* mãe. E ela não parecia estar querendo me proteger. Na verdade, pareceu mais preocupada de eu a estar constrangendo ou algo assim. E todo aquele papo de eu ser nova demais para ter um bebê é bobagem. Eu não vou fazer nada disso.

— Talvez ela não estivesse falando de você — disse ele. Ficamos em silêncio mais uma vez. Meu queixo caiu.

Você é nova demais para ter um bebê. Não tem experiência de vida para isso. Você ainda nem viveu a sua própria vida. Vai acabar não conseguindo realizar o trabalho que você deseja.

Minha mãe tinha vinte anos quando eu nasci. Sempre costumei achar que vinte anos eram uma idade bem avançada. Mas... agora que eu estava a apenas alguns anos de chegar a esta idade, não me parecia mais tão avançada. Será que ela achava que era nova demais para ser mãe quando eu nasci? Será que ela não foi uma boa mãe simplesmente porque era mesmo muito jovem e não sabia nada da vida naquela época? Será que ela se arrependia de como as coisas se passaram entre nós? E será... será que, por alguma experiência pessoal dela com os homens Moroi, ela chegou a ser alvo de boatos? Eu herdara muitas das suas características. Quer dizer, eu até notara esta noite que ela tinha um corpo bem-feito. E um rosto bonito também, para uma mulher de quase quarenta anos. Ela provavelmente foi muito, muito bonita quando jovem...

Suspirei. Eu não queria pensar sobre isso. Se começasse a pensar, teria que reavaliar todo o meu relacionamento com ela e talvez até reconhecer que a minha mãe era uma pessoa de verdade. E, a essa altura, eu estava envolvida numa quantidade suficiente de relacionamentos que já me estressavam o suficiente. Lissa era uma preocupação constante, mesmo parecendo estar bem agora, para variar. Meu romance com Mason virara uma confusão. E havia também, é claro, Dimitri...

— Nós não estamos brigando agora — disse eu de repente. Ele me olhou de lado.

— Você quer brigar?

— Não. Eu odeio brigar com você. Quer dizer, verbalmente. No ginásio não importa.

Pensei ter detectado um sinal de sorriso nos lábios dele. Para mim, ele sempre tinha um meio sorriso.

Raramente um sorriso aberto.

— Eu também não gosto de brigar com você.

Sentada ali, ao lado dele, eu me impressionei com os sentimentos alegres e ternos que surgiam dentro de mim. Estar perto dele me fazia um bem tão grande, mexia comigo de um jeito que Mason não parecia conseguir. É impossível se forçar a amar alguém, eu me dei conta disso. O amor existe ou não existe. Se não existe, você precisa ser capaz de admitir isso. Se existe, você precisa fazer tudo o que puder para proteger quem você ama.

As palavras que saíram em seguida da minha boca me surpreenderam, não só porque eram inteiramente destituídas de egoísmo, mas porque eu estava sendo realmente sincera.

— Você devia aceitar. Ele se surpreendeu.

— O quê?

— A oferta de Tasha. Você devia se associar a ela. É uma ótima oportunidade mesmo.

Lembrei das palavras de minha mãe sobre a necessidade de se estar pronto para ter filhos. Eu não estava. Talvez ela não estivesse naquela época. Mas Tasha estava. E eu sabia que Dimitri também estava. Eles se davam muito bem mesmo. Ele podia ser o guardião dela, ter alguns filhos com ela... seria um bom acordo para ambos.

— Nunca imaginei que ouviria você dizer algo assim — disse ele, com a voz firme. — Principalmente depois...

— Depois de ter sido tão mesquinha? Eu sei. — Me encolhi mais um pouco no casaco de Dimitri para me proteger do frio. O casaco tinha o cheiro dele. Era intoxicante, e eu quase pude me imaginar aninhada com ele, num abraço. Adrian devia conhecer bem o poder das essências. — Bem. Como já disse, não quero mais brigar. Não quero que a gente se odeie. E... bem... — Eu apertei os olhos e os abri em seguida. — Não importa o que eu sinto com relação a nós... quero que você seja feliz.

Ficamos em silêncio mais uma vez. Percebi que meu peito doía. Dimitri esticou o braço e o colocou em volta de mim. Puxou-me para junto dele, e eu descansei a cabeça no seu peito.

— Roza — isso foi tudo o que ele disse.

Essa foi a primeira vez que ele realmente me tocou depois da noite do feitiço de luxúria. O beijo que acontecera na sala de treinamento fora algo diferente... mais selvagem. Mas esse abraço não tinha segundas intenções. Era apenas um gesto afetuoso. Quando se está junto de alguém de quem a gente gosta e com quem partilhamos uma ligação como aquela, as emoções transbordam.

Dimitri podia ir embora com Tasha, mas eu continuaria amando-o. Eu provavelmente nunca deixaria de amá-lo.

Eu gostava de Mason. Mas provavelmente nunca o amaria.

Suspirei com o rosto ainda próximo ao peito de Dimitri, desejando poder ficar para sempre envolta naquele abraço. Eu e ele juntos parecia ser a coisa certa. E, mesmo que doesse demais imaginá-lo com Tasha, fazer o que era o melhor para ele foi o que me pareceu certo. Agora, eu sabia, era o momento de deixar de ser covarde e ir fazer outra coisa certa. Mason dissera que eu tinha muito o que aprender sobre mim mesma. Eu acabara de aprender.

Com relutância, eu me afastei e entreguei a Dimitri o casaco. Levantei. Ele me olhou curioso, percebendo o meu desconforto.

— Onde você está indo? — perguntou.

— Partir o coração de uma pessoa — respondi.

Admirei Dimitri por mais um milésimo de segundo, seus olhos negros, sábios, e seu cabelo sedoso.

Depois me encaminhei para dentro do hotel. Eu tinha que pedir desculpas a Mason... e dizer a ele que nunca haveria nada entre nós.

Dezoito

Os saltos altos estavam começando a me incomodar, então tirei os sapatos quando entrei de volta no hotel e caminhei descalça pelo alojamento. Eu nunca estivera no quarto de Mason, mas me lembrava de ouvi-lo mencionar certa vez o número do apartamento, e o encontrei sem dificuldade.

Shane, o companheiro de quarto de Mason, abriu a porta pouco depois que eu bati.

— Oi, Rose.

Ele deu um passo atrás para que eu pudesse entrar. Olhei em volta. Ha-via um programa qualquer de venda de produtos passando na televisão.

— Uma das desvantagens de se viver à noite é que há poucos bons programas na televisão para nós. — O chão do quarto estava quase inteiramente coberto de latinhas de refrigerantes. E não havia sinal de Mason ali.

— Onde ele está? — perguntei. Shane interrompeu um bocejo para responder.

— Pensei que ele estivesse com você.

— Eu não o vi o dia inteiro. Ele bocejou mais uma vez e depois franziu as sobrancelhas pensativo.

— Ele estava jogando umas coisas dentro de uma mochila hoje cedo. Eu imaginei que vocês dois fossem se esconder em algum refúgio romântico. Fazer um piquenique ou algo do tipo. Puxa, que vestido lindo.

— Obrigada — murmurei, começando a me preocupar um pouco com aquela história.

Ele estava arrumando uma mochila? Aquilo não fazia o menor sentido. Não tínhamos nenhum lugar para ir. E nem *meios* para irmos a qualquer lugar. Aquele hotel era tão bem-vigiado quanto a Escola. Lissa e eu só tínhamos conseguido fugir da São Vladimir usando a compulsão e, mesmo assim, fora bastante difícil. E, além do mais, por que diabos Mason estaria arrumando uma mochila se ele não estava indo embora?

Fiz ainda algumas perguntas a Shane e decidi continuar questionando outras pessoas para tentar descobrir onde Mason teria ido, por mais absurda que a hipótese me parecesse. Encontrei o guardião encarregado de toda a segurança e da agenda de trabalho dos outros guardiões. Ele me disse os nomes dos guardiões que estiveram trabalhando nas fronteiras do hotel quando Mason foi visto pela última vez. Eu conhecia a maior parte deles, e a maioria estava de folga agora, o que fez com que eu os encontrasse com mais facilidade.

Infelizmente, os dois primeiros ainda não tinham visto Mason hoje. Quando me perguntaram por que eu queria saber, dei respostas vagas, disfarcei e segui andando. A terceira pessoa da minha lista era um cara chamado Alan, um guardião que costumava trabalhar na parte de baixo do campus da Escola. Ele acabara

de entrar no hotel, logo depois de esquiar, e estava guardando o equipamento perto da porta. Ele me reconheceu e sorriu quando me aproximei.

— Sim, claro que eu o vi — disse ele, curvando-se até a altura de suas botas.

Senti um alívio percorrer todo o meu corpo. Até aquele momento, eu ainda não me dera conta do quanto estava preocupada.

— Você sabe onde ele está?

— Não sei. Deixei que ele e Eddie Castile... e, como é mesmo o nome dela? A que tem o sobrenome Rinaldi? Bem, deixei-os sair pelo portão norte e não os vi mais depois disso.

Arregalei os olhos para ele. Alan continuou a retirar os esquis dos pés como se estivéssemos discutindo se os declives estavam em boas condições ou não.

— Você deixou Mason, Eddie... e *Mia* saírem?

— Deixei.

— Mas... por quê?

Ele terminou de retirar os esquis e olhou para mim com um ar alegre e divertido.

— Porque eles me pediram.

Um sentimento gélido começou a me subir pelo corpo. Descobri com Alan quem era o outro guardião que estivera tomando conta do portão norte e fui imediatamente procurá-lo. Este guardião me respondeu a mesma coisa. Ele deixara Mason, Eddie e Mia saírem sem nem perguntar nada. E, assim como Alan, ele também não pareceu achar que havia algo de errado nisso. Estava num estado de quase deslumbramento. Exibia um olhar que eu já vira antes... um olhar que fi cava estampado na cara das pessoas quando Lissa usava compulsão com elas.

Eu vira isso acontecer, especialmente quando Lissa não queria que as pessoas se lembrassem muito bem de alguma coisa. Ela conseguia enterrar a memória dentro delas, apagando a lembrança ou guardando-a para depois. Mas ela era tão boa na compulsão que conseguia fazer com que as pessoas deixassem totalmente de lado o que ela desejava que esquecessem. Se estes guardiões ainda se lembravam do que fizeram, então alguém que não era tão bom em compulsão quanto Lissa estivera enfeitiçando-os.

Alguém como, por exemplo, Mia.

Eu não era do tipo que costuma desmaiar em situações como essas, mas, por um breve instante, senti como se fosse cair dura ali mesmo. O mundo começou a rodar, eu fechei os olhos e respirei bem fundo. Quando voltei a abri-los, as coisas estavam estáveis ao meu redor. Tudo bem. Não tinha problema. Eu podia recapitular os fatos e entender o que estava acontecendo.

Mason, Eddie e Mia tinham saído do hotel hoje cedo. Mas não era só isso. Eles haviam usado compulsão para escapar, o que era inteiramente proibido. E não contaram nada a ninguém. Saíram pelo portão norte. Eu já vira um mapa do hotel. O portão norte dava para uma rua que se conectava com a única grande estrada que havia na região, uma rodovia que levava até uma cidadezinha a mais ou menos vinte quilômetros de distância. Era a tal cidade que Mason mencionara, onde havia ônibus.

Para Spokane.

Spokane, o local onde o grupo de viajantes Strigoi e seus comparsas humanos poderiam estar morando agora.

Spokane, onde Mason poderia realizar todos os seus sonhos absurdos de assassinar Strigoi.

Spokane, cidade cujas informações confidenciais sobre a presença de Strigoi ele só conseguira obter porque *eu* as revelara a ele.

— Não, não, não — resmunguei comigo mesma, enquanto subia correndo para o meu quarto.

Lá, tirei o vestido e me agasalhei com roupas quentes de inverno: botas, jeans e um suéter. Agarrei meu casaco e minhas luvas e saí correndo em direção à porta. Mas interrompi o movimento. Estava agindo sem pensar. O que exatamente eu iria fazer? Precisava contar a alguém, obviamente... mas, se eu fizesse isso, deixaria os três em maus lençóis. E Dimitri acabaria descobrindo que eu andara passando adiante informações que ele me confiara como prova de respeito pela minha maturidade.

Pensei na questão do tempo. Levaria algum tempo até que alguém no hotel percebesse nossa ausência. Isso se eu conseguisse sair do hotel. Alguns minutos depois, eu me vi batendo na porta de Christian. Ele abriu, parecendo sonolento e cínico como sempre.

— Se veio até aqui para pedir desculpas por ela — se antecipou ele, de maneira arrogante —, pode dar meia-volta e...

— Ah, cale a boca — dei logo um fora. — O que eu tenho para dizer não tem nada a ver com você.

Contei depressa todos os detalhes do que estava acontecendo. Nem Christian conseguiu encontrar uma resposta engraadinha aplicável a uma situação como aquela.

— Então... Mason, Eddie e Mia foram para Spokane caçar Strigoi?

— Exatamente.

— Mas que cilada! Por que você não foi com eles? Parece o tipo de coisa que você seria capaz de fazer. Resisti ao impulso de dar um soco nele.

— Porque eu não sou louca! Mas eu vou buscá-los antes que eles façam alguma estupidez maior ainda. Foi aí que Christian entendeu.

— E você precisa de mim para quê?

— Eu preciso ultrapassar as fronteiras das propriedades do hotel. Eles fizeram Mia usar compulsão com os guardas do portão. Preciso que você faça a mesma coisa. Eu sei que você já praticou compulsão.

— Pratiquei — concordou ele. — Mas... bem... — Pela primeira vez na vida, ele pareceu constrangido. — Não sou muito bom nisso. E usar compulsão em vampiros é quase impossível. Liss é mil vezes melhor do que eu. Melhor do que qualquer Moroi, provavelmente.

— Eu sei. Mas não quero metê-la em confusão. Ele bufou.

— Mas não se importa se eu me meter em confusão? Dei de ombros.

— É. Não me importo mesmo.

— Você é uma figura, sabia disso?

— É, de fato. Eu sei que sou.

Cinco minutos depois, ele e eu estávamos caminhando até o portão norte. O sol começava a se levantar, de modo que a maioria das pessoas estava dentro do hotel. Essa era uma coisa boa — achei que facilitaria a nossa fuga.

Burro, burro. Essa bomba ia explodir na nossa cara. Por que Mason foi fazer uma coisa dessas? Eu sabia daquela atitude maluca de justiceiro que ele vinha adotando... e ele evidentemente ficara chateado com o fato de os guardiões não terem feito nada com relação ao ataque recente. Mas, mesmo assim... Será que ele era assim tão sem noção? Ele *devia* saber o quanto isso era perigoso. Seria possível, seria possível que *eu* o tivesse magoado tanto com a nossa tentativa fracassada de transar que isso o levara a fazer algo tão radical? Magoado a ponto de arrastar Mia e Eddie com ele nessa loucura? Não que fosse difícil convencer aqueles dois: Eddie iria atrás de Mason aonde quer que ele fosse; e Mia estava quase tão fissurada quanto ele para partir para a guerra e sair matando todos os Strigoi do mundo.

No entanto, apesar de todas as minhas dúvidas com relação a essa história toda, uma coisa era certa. Eu contara a Mason que os Strigoi estavam em Spokane. Sem sombra de dúvida, aquilo era culpa minha, e se

não fosse por mim, nada disso estaria acontecendo.

— Lissa sempre olha bem nos olhos da pessoa — fui dando dicas para Christian enquanto nos aproximávamos do portão. — E fala com uma voz bem calma. Não há muito mais que eu possa dizer para ajudar. Mas, enfim, ela se concentra muito, então você deve tentar fazer isso. Mantenha o foco em persuadir as pessoas a agirem de acordo com o que você deseja.

— Eu sei — disse ele rispidamente. — Já a vi fazendo isso.

— Ótimo — respondi, também com aspereza. — Eu só estava tentando ajudar.

Espremi os olhos e vi que só havia um guarda no portão, um verdadeiro golpe de sorte. Estava na hora de trocarem de turno. Com o sol já brilhando, o risco de aparecerem Strigoi era nulo. Os guardiões continuavam a postos, mas podiam relaxar ao menos um pouco.

O cara que estava de plantão não pareceu particularmente alarmado com a nossa aproximação.

— O que jovens como vocês estão fazendo aqui fora? Christian engoliu em seco. Percebi sinais de tensão no rosto dele.

— Você vai nos deixar passar pelo portão — disse ele. O nervosismo fez a voz dele sair um pouco tremida, mas, de resto, ele conseguiu imitar bem o tom suave de voz que Lissa usava. Para o nosso azar, não teve o menor efeito no guardião. Como Christian mesmo observara, usar compulsão num guardião era algo quase impossível. Mia tivera sorte. O guardião abriu um largo sorriso para nós.

— Como é que é? — perguntou, claramente se divertindo com a nossa ousadia. Christian tentou de novo:

— Você vai nos deixar sair.

O sorriso do cara diminuiu só um pouco, e eu vi que ele piscou os olhos surpreso. Os olhos dele não ficaram vidrados como ficavam os das vítimas de Lissa, mas Christian ao menos conseguira deixá-lo enfeitiçado por um breve momento. Infelizmente, naquele exato momento, vi que aquilo não seria o suficiente para conseguirmos que nos deixasse sair e depois esquecesse do que fizera. Felizmente, eu fora treinada para levar as pessoas a fazerem o que eu quero sem precisar usar magia.

Ao lado do posto de vigilância, havia uma lanterna enorme, de sessenta centímetros de comprimento, que devia pesar uns três quilos, no mínimo. Agarrei a lanterna e bati com ela atrás da cabeça dele. Ele deu um gemido e desabou no chão. Ele mal notou a minha aproximação, e, apesar de ter acabado de fazer uma coisa horrível, eu meio que desejei que um dos meus instrutores estivesse ali para me dar uma nota pela espetacular performance.

— Céus — exclamou Christian. — Você acabou de atacar um guardião.

— É. — Foram por água abaixo os meus planos de trazer o pessoal de volta sem que ninguém se metesse em encrenca. — Eu não sabia o quanto você era ruim em compulsão. Depois eu resolvo isso. Obrigada pela ajuda. Você devia voltar logo para o quarto, antes que os próximos guardiões apareçam para a troca de turno.

Ele fez que não com a cabeça e deu um sorriso largo.

— Não, eu vou com você.

— Não — argumentei. — Eu só precisava da sua ajuda para passar pelo portão. Você não precisa se meter em confusão por causa dessa história.

— Eu já estou encrencado aqui! — Ele apontou para o guardião.

— Ele me viu. Já que estou ferrado, mesmo, é melhor que eu vá ajudar você a salvar a todos. Deixe de ser cretina, só para variar. Nós saímos depressa, e eu ainda lancei um último olhar culpado para o guardião. Eu tinha certeza absoluta de que não batera nele com força suficiente para causar algum ferimento grave, e, com

o sol começando a bater forte, ele também não iria congelar nem nada.

Depois de uns cinco minutos de caminhada pela estrada, vi que tínhamos problemas. Apesar de coberto de roupas quentes e usando óculos escuros, o sol estava castigando Christian. E isso tornava mais lento o nosso ritmo. Não demoraria muito até que alguém encontrasse o guardião que eu derrubara e viessem imediatamente em nosso encalço.

Um carro que não era da Escola passava atrás de nós, e eu tomei uma decisão. Eu não achava nada agradável pegar carona. Mesmo uma pessoa destemida como eu sabia reconhecer os perigos que envolviam esta prática. Mas nós precisávamos chegar *rápido* à cidade, e eu julguei que Christian e eu juntos poderíamos dar conta de qualquer psicopata maluco que pudesse querer se meter conosco.

Felizmente, quando o carro parou, vimos que se tratava apenas de um casal de meia-idade que parecia mais preocupado conosco do que com qualquer outra coisa.

— Vocês estão bem, meninos? Apontei para trás e disse:

— Nosso carro derrapou para fora da estrada. Vocês nos dariam uma carona até a cidade para que eu possa telefonar para o meu pai?

Funcionou. Quinze minutos depois eles nos deixaram num posto de gasolina. Na verdade, eu tive dificuldades para me livrar deles, porque eles ainda queriam ajudar mais. Afinal conseguimos convencê-los de que estávamos bem e caminhamos alguns quarteirões até a estação de ônibus. Como eu suspeitara, essa cidadezinha não era lá um primor para quem pretende viajar de verdade. Havia apenas três linhas de ônibus: duas iam para as outras estações de esqui, e uma levava até Lows-ton, em Idaho. De Lowston podia-se ir para outros lugares.

Eu tive alguma esperança de que talvez conseguíssemos chegar lá e pegar Mason e os outros dois ainda aguardando o ônibus. Poderíamos, então, arrastá-los de volta para o hotel sem maiores problemas. Mas infelizmente não havia sinal deles na estação. A animada senhora que trabalhava na bilheteria lembrava bem deles e nos confirmou que os três haviam comprado passagens para Spokane, fazendo baldeação em Lowston.

— Mas que droga! — disse eu. A senhora ergueu as sobrancelhas, assustada com o meu comentário inesperado. Voltei-me para Christian: — Você tem dinheiro para a passagem de ônibus?

Christian e eu não conversamos muito durante o caminho, apenas aproveitei a oportunidade para dizer que ele agira como um idiota com relação àquela história de Adrian e Lissa. Quando chegamos em Lows-ton, eu já conseguira por fim convencê-lo de que não havia nada entre os dois. O que foi um pequeno milagre. Ele dormiu durante o resto da viagem até Spokane, mas eu não consegui me entregar ao sono em momento algum. Continuei pensando o tempo todo que aquilo tudo era culpa minha.

Já estava entardecendo quando chegamos a Spokane. Perguntei a algumas pessoas, e finalmente encontrei alguém que conhecia o tal shopping que Dimitri mencionara. Era um pouco longe da estação de ônibus, mas dava para ir a pé. Meus músculos estavam meio enferrujados depois de cinco horas de viagem de ônibus, e eu gostei de poder me movimentar e esticar as pernas. Ainda faltava um pouco para o sol se pôr, mas ele estava mais baixo agora e menos prejudicial para vampiros, então Christian também não se incomodou de caminhar.

Como acontecia com frequência quando eu estava num ambiente calmo, me senti puxada para dentro da cabeça de Lissa. Deixei-me levar, então, para dentro dela, pois queria saber o que estava acontecendo no hotel.

— Eu sei que você quer protegê-los, mas precisamos saber onde eles estão.

Lissa estava sentada na cama, no nosso quarto, enquanto Dimitri e minha mãe olhavam fixamente para ela. Fora Dimitri que falara. Era interessante vê-lo através dos olhos dela. Ela tinha um respeito afetuoso por ele, muito diferente da intensa montanha-russa de emoções que eu sempre sentia.

— Eu já disse a vocês — disse Lissa —, eu não sei. Não sei o que aconteceu.

Frustração e medo por nós queimavam dentro dela. Fiquei triste de vê-la tão ansiosa, mas, ao mesmo tempo, senti certa alegria por não tê-la envolvido nessa confusão. Como ela não sabia mesmo de nada, não tinha o que revelar.

— Eu não consigo acreditar que eles não contaram a você para onde estavam indo — disse minha mãe. As palavras soaram inexpressivas, mas havia sinais de preocupação no rosto dela. — Especialmente quando vocês têm esse... laço.

— Ele só funciona numa via de mão única — disse Lissa com tristeza. — Você sabe disso.

Dimitri ajoelhou para que pudesse ficar da altura de Lissa e olhá-la nos olhos. Ele tinha mesmo que fazer algo assim para olhar qualquer pessoa nos olhos.

— Você tem certeza de que não há nada? Nada mesmo que você possa nos contar? Eles não estão na cidade mais próxima. O homem que trabalha na estação de ônibus não os viu... embora tenhamos quase certeza de que foi para lá que eles se encaminharam. Nós precisamos de alguma informação; *qualquer coisa* pode nos ajudar a continuar a busca.

Um homem na estação de ônibus? Aquele foi um outro golpe de sorte. A senhora que nos vendera as passagens deve ter ido para casa logo depois. Quem a substituiu realmente não nos viu.

Lissa rangeu os dentes e o encarou.

— Você não acha que, se soubesse de alguma coisa, eu contaria? Você acha que também não estou preocupada com eles? Eu não faço *a menor* ideia de onde eles possam estar. A menor ideia. E não sei nem por que eles saíram... Para mim também não faz sentido. Não entendo, especialmente, por que, dentre todas as pessoas, eles levariam justo Mia com eles. — Uma pontada de mágoa vibrou através do laço. Mágoa por ter sido deixada de fora do que quer que estivéssemos fazendo, não importava o quão errado fosse.

Dimitri suspirou desanimado e se pôs de pé novamente. Pela expressão do seu rosto pude ver que ele acreditara nela. Era também evidente que ele estava preocupado, de um jeito que extrapolava o profissionalismo. E vê-lo tão preocupado, tão preocupado *comigo*, me partiu o coração.

— Rose? — A voz de Christian me trouxe de volta a mim. — Chegamos, eu acho.

O shopping consistia de uma grande área aberta circundada por lojas. Havia uma lanchonete num canto do prédio principal, e suas mesas se espalhavam pela área aberta. Uma multidão de gente entrava e saía do complexo arquitetônico, que estava movimentado mesmo àquela hora do dia.

— Então, como fazemos para encontrá-los? — perguntou Christian. Eu dei de ombros.

— Talvez se a gente se comportar como Strigoi, eles tentem enfiar uma estaca no nosso peito. Um meio sorriso relutante brincou nos lábios dele. Ele não quis admitir, mas achara engraçada a minha piadinha.

Entramos. Como qualquer outro shopping, aquele também estava cheio de lojas conhecidas. E uma parte egoísta de mim pensou que, se os encontrássemos logo, talvez ainda tivéssemos tempo de fazer algumas compras.

Christian e eu atravessamos todo o shopping duas vezes, e não vimos o menor sinal dos nossos amigos, nem nada, por lá, que sequer parecesse com túneis.

— Talvez a gente esteja no lugar errado — disse eu, por fim. — Ou talvez *eles* estejam no lugar errado — sugeriu Christian. — Eles podem ter ido a algum outro... Espere aí.

Ele apontou em determinada direção, e meu olhar se voltou imediatamente para onde seu dedo indicava.

Os três fugitivos estavam sentados numa mesa bem no meio da praça de alimentação. Pareciam tão infelizes que quase senti pena deles.

— Eu seria capaz de matar alguém para conseguir uma câmera fotográfica neste momento — comentou Christian com sarcasmo.

— Isso não é engraçado — disse eu a ele, caminhando em direção ao grupo a passos largos. Senti um forte alívio dentro de mim. Eles evidentemente não tinham encontrado nenhum Strigoi, já que estavam todos vivos, e podiam ser levados de volta antes que nos envolvêssemos em confusões ainda maiores.

Eles só se deram conta da minha presença quando eu já estava bem ao lado deles. Eddie levantou a cabeça depressa.

— Rose? O que você está fazendo aqui?

— Vocês estão loucos? — gritei. Algumas pessoas em volta olharam surpresas. — Vocês têm noção do tamanho da encrenca em que se meteram? E do tamanho da encrenca em que *nos* meteram *também*?

— Como foi que vocês nos encontraram? — perguntou Mason, em tom de segredo e olhando nervosamente ao seu redor.

— Vocês não são exatamente o que se poderia chamar de gênios do crime — disse eu a eles. — A bilheteira da estação de ônibus, que deu as informações a vocês, também os entregou. E não foi só isso. Eu mesma pude imaginar o que acontecera, que vocês tinham decidido sair como doidos numa expedição insana à caça de Strigoi.

O olhar de Mason na minha direção revelou que ele ainda não estava exatamente de bem comigo. Foi Mia, no entanto, que respondeu:

— Não é insana.

— Ah, não? — perguntei. — Vocês mataram algum Strigoi? Encontraram algum?

— Não — admitiu Eddie.

— Que bom — disse eu. — Vocês tiveram sorte.

— Por que você está tão contra matar os Strigoi? — perguntou Mia veementemente. — Não é para isso que vocês são treinados?

— Eu treino para missões plausíveis, e não para participar de estratégias infantis como esta.

— Não é uma estratégia infantil — reclamou ela. — Eles mataram a minha mãe. E os guardiões não estão fazendo nada. Até as informações que eles têm são furadas. Não havia nenhum Strigoi nos túneis. E provavelmente nenhum nesta cidade inteira.

Christian pareceu impressionado.

— Vocês encontraram os túneis?

— Encontramos — disse Eddie. — Mas, como ela disse, não há nada lá.

— Nós devíamos ir vê-los antes de ir embora — me disse Christian. — Seria meio bacana. E se as informações estão erradas, então não há perigo.

— Não — respondi rispidamente. — Nós vamos para casa. Agora. Mason pareceu cansado.

— Vamos dar mais uma busca pela cidade. Nem você pode nos levar de volta, Rose.

— Não, mas os guardiões da escola podem, se eu ligar para eles e disser que vocês estão aqui.

Podem dizer que eu os estava chantageando ou bancando a dedo-duro, o efeito foi o mesmo. Os três me olharam como se eu tivesse acabado de dar um soco no estômago deles.

— Você faria mesmo isso? — perguntou Mason. — Você nos entregaria assim tão fácil?

Eu esfreguei os olhos, me perguntado desesperadamente por que coubera justo a mim ser a voz da razão

ali. Onde estava a garota que fugira da escola? Mason estava certo. Eu mudara.

— Não se trata de entregar ninguém. O que estou fazendo é tentar manter vocês vivos.

— Você acha que nós somos assim tão indefesos? — perguntou Mia. — Acha que seríamos mortos na mesma hora?

— Acho — disse eu. — A não ser que vocês tenham descoberto alguma maneira de usar a água como arma. Descobriram? Ela enrubesceu e não disse nada.

— Nós trouxemos estacas de prata — disse Eddie.

Que ótimo. Eles devem ter roubado as estacas. Lancei um olhar suplicante para Mason.

— Mason, por favor. Desista disso. Vamos voltar.

Ele me olhou durante um longo tempo. Finalmente deu um suspiro e disse:

— Está bem.

Eddie e Mia ficaram espantados, mas Mason assumira o papel de líder junto a eles, e eles não tinham iniciativa suficiente para prosseguir sem ele. Mia foi quem pareceu ficar mais decepcionada. E eu me senti mal por ela. Ela quase nem tivera tempo para sentir a perda da mãe; lançando-se depressa neste projeto de vingança, como uma maneira de lidar com a dor. Ela seria forçada a enfrentar todos esses sentimentos quando voltássemos.

Christian ainda estava animado com a ideia de conhecer os túneis subterrâneos. Levando em conta que ele tinha o hábito de passar todo o tempo possível num sótão, eu não devia me surpreender com o interesse dele pelos túneis.

— Eu vi o horário dos ônibus — me disse ele. — Temos ainda algum tempo antes do próximo.

— Não podemos sair por aí invadindo a toca de algum Strigoi — argumentei, caminhando na direção da entrada do shopping.

— Não tem Strigoi algum lá — disse Mason. — Só tem mesmo material de limpeza. Não vi nem sinal de nada estranho. Eu realmente acho que os guardiões estão com a informação errada.

— Rose — disse Christian —, vamos tentar extrair alguma diversão disso tudo.

Todos olharam para mim. Senti-me como uma mãe que se recusa a comprar balas para os filhos.

— Está bem, então. Mas vamos dar só uma olhada rápida.

Os outros levaram Christian e eu para a outra ponta do shopping, onde passamos por uma porta que dizia somente funcionários. Conseguimos nos esquivar de uns dois zeladores, depois atravessamos outra porta, que nos levou até uma escada para baixo. Por um breve momento, tive a sensação de já ter vivido algo semelhante, quando descemos aqueles degraus até o spa onde fora a festa de Adrian. Só que estas escadas eram mais sujas e tinham um cheiro bastante desagradável.

Chegamos, então. Não era bem um túnel. Parecia mais um corredor muito apertado, cujas paredes eram cobertas de cimento encardido. Havia algumas feias luzes fluorescentes embutidas nas paredes. A passagem tinha saídas para a nossa esquerda e para a nossa direita, onde havia caixas de materiais de limpeza e de eletricidade.

— Está vendo? — disse Mason. — Um tédio. Aponte para as duas direções.

— O que tem aí?

— Nada — suspirou Mia. — Vamos mostrar a você.

Descemos pela direita e encontramos mais mantimentos. Eu estava começando a concordar que o ambiente era mesmo tedioso e que não havia nada ali, quando passamos por uma parede onde distingui coisas escritas em preto. Parei e olhei para aquilo. Era uma lista de letras.

B
C
O
T
D
V
L
D
Z
S
I

Algumas tinham linhas e marcas em forma de xis ao lado delas, mas basicamente a mensagem era incoerente. Mia percebeu que eu examinava os escritos com atenção.

— É provavelmente alguma anotação dos zeladores — disse ela. — Ou talvez alguma gangue tenha feito isso.

— Provavelmente — disse eu, ainda estudando a lista. Os outros me observavam inquietos, sem entender meu fascínio pelo amontoado de letras. Eu também não entendi a princípio por que aquilo me fascinara, mas alguma coisa na minha cabeça me dizia que eu devia examinar bem aquelas letras.

E então eu consegui decifrar a lista.

B de Badica, Z de Zeklos, I de Ivashkov...

Fiquei estática. A primeira letra dos nomes de cada uma das famílias reais. Havia três nomes que começavam com a letra *D*, mas, tomando como base a ordem da lista, podia-se observar que na verdade as letras estavam organizadas pelo tamanho de cada clã. Começava com as famílias menores — Dragomir, Badica, Conta — e seguia adiante até chegar ao gigantesco clã dos Ivashkov. Não entendi os travessões e as linhas ao lado das letras, mas percebi rapidamente quais eram os nomes que tinham um xis ao lado: Badica e Drozdov.

Afastei-me um pouco da parede.

— Nós temos que sair daqui — disse. E me assustei um pouco com a minha própria voz.

— Agora. Os outros me olharam surpresos.

— Por quê? — perguntou Eddie. — O que está acontecendo?

— Depois eu explico. Agora nós temos que ir embora daqui. Mason apontou para a direção em que estávamos caminhando.

— Se formos por aqui, saímos alguns quarteirões mais na frente. É mais perto da estação. Olhei bem o corredor escuro e desconhecido.

— Não — disse. — Vamos voltar pelo mesmo caminho em que viemos.

Todos me olharam como se eu fosse louca, enquanto retomávamos nossos próprios passos de volta, sem me fazerem ainda nenhuma pergunta. Quando chegamos à entrada principal do shopping, respirei aliviada ao ver que o sol ainda estava brilhando, embora já começasse a se pôr no horizonte, lançando uma luminosidade alaranjada e vermelha nos prédios. A luz que ainda havia seria suficiente para que chegássemos até a estação de ônibus antes que pudéssemos esbarrar com algum Strigoi.

E agora eu sabia que havia, sim, Strigoi em Spokane. As informações de Dimitri estavam certas. Não sabia bem o que significava a lista, mas era evidente que tinha algo a ver com os ataques. Eu precisava relatar

isso aos outros guardiões o mais rápido possível, e não podia contar aos meus amigos o que eu percebera até que estivéssemos a salvo no hotel. Mason era capaz de querer voltar para dentro dos túneis se soubesse o que eu sabia.

Caminhamos em silêncio até a estação a maior parte do tempo. Acho que o meu humor sombrio intimidara os outros. Até Christian pareceu ter perdido o clima para expor seus deboches habituais. Dentro de mim, sentia as emoções num verdadeiro redemoinho, oscilando entre a raiva e a culpa, enquanto não parava de reavaliar o meu papel em toda aquela confusão.

À minha frente, Eddie parou de andar, e eu quase esbarrei nele. Ele olhou em volta.

— Onde nós estamos?

Saí dos meus próprios pensamentos e passei a explorar com os olhos a região. Não me lembrava de ter visto aqueles prédios antes.

— Droga! — exclamei. — Nós estamos perdidos? Ninguém prestou atenção no caminho de volta para a estação?

Era uma pergunta injusta, uma vez que eu claramente também não prestara atenção, mas o meu humor temperamental me tirara a razão. Mason olhou bem para mim, por um instante, e depois apontou.

— É por ali.

Nós nos viramos e entramos numa ruela espremida entre dois prédios. Eu achava que não estávamos no caminho certo, mas também não tive nenhuma ideia melhor. E não queria ficar parada ali discutindo.

Não tínhamos adentrado muito a rua ainda quando ouvi barulho de motor e de pneus derrapando. Mia estava andando bem no meio da rua, e meu condicionamento de protetora me impulsionou antes mesmo de eu ver o que estava vindo para cima de nós. Agarrei-a e a tirei da rua, encostando-a no muro de um dos prédios. Os meninos fizeram a mesma coisa.

Uma van grande e cinza, com vidros escurecidos, entrara na ruela e vinha, a toda velocidade, na nossa direção. Nós pressionamos nossos corpos contra o muro, esperando que o veículo passasse.

Mas ele não passou.

Freou de repente e parou bem na nossa frente. As portas de correr se abriram. Três homens grandalhões saíram de dentro dela, e, mais uma vez, meus instintos me guiaram. Eu não fazia ideia de quem eles eram nem do que queriam, mas claramente não eram figuras amigáveis. E isso era tudo que eu precisava saber.

Um deles partiu na direção de Christian, e eu me adiantei e dei-lhe um soco. O cara mal cambaleou, mas levou um susto ao receber o impacto do golpe, eu acho. Ele provavelmente não esperava que uma pessoa tão pequena quanto eu pudesse ser uma ameaça para ele. Ele ignorou, então, Christian e partiu para cima de mim. Com a minha visão periférica, vi que Mason e Eddie tentavam se virar com os outros dois. Mason já havia, inclusive, desembainhado sua estaca de prata. Mia e Christian ficaram paralisados.

Nossos agressores contavam apenas com massa muscular. Não possuíam as técnicas de luta que nós tínhamos. Além do mais, eles eram humanos, e nós tínhamos a força de vampiros. Infelizmente tínhamos também a desvantagem de estar encurralados contra um muro. Não tínhamos para onde recuar. E, o que era mais importante, tínhamos algo a perder.

Como Mia.

O cara que estava lutando com Mason pareceu perceber isso. Ele se esquivou de Mason e agarrou Mia. Eu mal vi o brilho da arma dele quando, de repente, o cano dela estava encostado no pescoço de Mia. Esquivei-me do meu próprio adversário e gritei para Eddie parar. Nós todos éramos treinados para reagir instantaneamente a comandos como aquele, e ele interrompeu o ataque, lançando um olhar interrogativo na minha direção. Quando olhou para Mia, empalideceu.

Eu só queria continuar esmurrando aqueles caras, mesmo sem saber quem eram eles, mas não podia correr o risco de aquele sujeito ferir Mia. E ele sabia disso também. Ele nem precisou verbalizar a ameaça. Era humano, mas conhecia o suficiente sobre nós para saber que mudaríamos inteiramente a estratégia apenas para resguardar um Moroi. Nós, aprendizes, tínhamos um bordão marcado em nós a ferro e fogo desde a mais tenra idade: *Tudo o que importa são eles*.

Todos pararam e olharam para ele e para mim. Aparentemente nós dois fomos reconhecidos como líderes ali.

— O que você quer? — perguntei secamente.

O sujeito pressionou ainda mais o cano da arma contra o pescoço de Mia, e ela choramingou. Apesar de toda a conversa dela sobre sair para lutar, ela era menor do que eu e muito menos forte. Além do mais, estava aterrorizada demais para se mover.

O homem inclinou a cabeça na direção da porta aberta da van.

— Quero que todos vocês entrem aí dentro. E não tentem fazer nada. Se tentarem, ela morre.

Eu olhei para Mia, para a van, para os meus amigos, e depois de novo para o sujeito. Droga!

Dezenove

Detesto ficar impotente. E detesto ter que me entregar sem lutar. Sim, porque aquilo que aconteceu na ruela não foi uma luta de verdade. Se tivesse sido, se eu tivesse apanhado até a derrota... bem, aí sim. Talvez eu pudesse aceitar isso. Talvez. Mas eu não apanhei. Eu mal sujei as mãos. Tive que me render sem reagir.

Uma vez acomodados forçosamente na van, eles nos ataram as mãos atrás das costas com algemas plásticas, tiras de plástico que aprisionam tanto quanto qualquer outra algema feita de metal.

Depois disso, o carro partiu e nós ficamos em silêncio quase total. Os homens, na frente do veículo, murmuravam uma ou outra coisa de vez em quando um para o outro, mas falavam tão baixo que não conseguíamos ouvir. Christian e Mia talvez pudessem entender o que diziam, mas não tinham condições de nos comunicar nada. Mia continuava aterrorizada como quando quando teve a arma apontada para o seu pescoço na rua, e Christian substituíra o medo inicial por um sentimento arrogante de raiva que lhe era bastante característico. Mas nem ele ousou lançar qualquer bravata diante daqueles homens.

Fiquei feliz por Christian ter se controlado. Não duvido que algum desses sujeitos simplesmente esmagasse o rosto dele, caso resolvesse fazer alguma besteira, e nem eu, nem os outros aprendizes teríamos condições de defendê-lo. E era isso que estava me deixando louca. O meu instinto protetor com relação aos Moroi estava tão profundamente arraigado em mim que eu não pude sequer parar para me preocupar um pouco comigo mesma. Minha concentração estava inteira em Mia e Christian. Eram eles que eu queria tirar daquela encrenca.

E como foi que aquela encrenca começou? Quem eram aqueles caras? Isso era um mistério. Eles eram humanos, mas eu não podia acreditar que um grupo de vampiros e Moroi fora vítima de algum sequestro-relâmpago. Nós fomos o alvo por algum motivo.

Nossos sequestradores não tentaram nos vender os olhos nem esconder a rota que estávamos seguindo, e eu achei que esse não era um bom sinal. Será que eles pensavam que nós não conhecíamos a cidade o suficiente para retrazar o caminho que estávamos fazendo? Ou será que pensavam que não fazia a menor diferença, uma vez que jamais sairíamos do lugar para onde eles estavam nos levando? Só o que pude perceber era que estávamos sendo levados para fora do centro da cidade, para alguma região mais suburbana. Spokane era uma cidade tão sem graça quanto eu a imaginara. Em vez de montinhos de neve branca cristalina, poças de neve cinzenta enlameada se alinhavam nos cantos das ruas, e pegadas sujas marcavam os gramados. Havia também, por lá, muito menos árvores como as que eu estava acostumada a ver, daquelas que permanecem com as copas carregadas de folhas mesmo durante o inverno. Em vez dessas,

as que se viam pela cidade pareciam esqueletos desfolhados de árvores caducas. Elas apenas contribuíam para piorar o desânimo com a fatalidade que nos acometera.

Depois de um tempo que pareceu pouco menos do que uma hora, a van virou numa rua sem saída e entrou numa casa comum, porém bastante grande. Havia outras casas, idênticas a que entramos, como são geralmente as casas de subúrbio, e isso me deu esperanças. Talvez pudéssemos conseguir ajuda com algum vizinho.

Estacionaram na garagem, e, quando o portão se fechou, os homens nos mandaram entrar depressa. Por dentro, a casa era bem mais interessante. Sofás antigos, com pés que se assemelhavam a patas de animais, e poltronas. Um enorme aquário com peixes de água salgada. Espadas cruzadas sobre a lareira. Uma dessas pinturas modernas, que eu acho estúpidas, que consistia de umas poucas linhas que atravessavam a tela.

A parte de mim que gostava de destruir coisas teria se divertido estudando cada espada, mas não ficamos no andar principal. Fomos levados, por uma escadaria estreita, até o porão, que era tão grande quanto o andar superior. Com a diferença de que, ao contrário do espaço aberto do andar de cima, o porão era dividido em uma série de corredores e portas fechadas. Parecia um labirinto de rato. Nossos sequestradores foram nos guiando, sem hesitação, por entre este labirinto, até uma sala pequena com chão de concreto e paredes sem pintura.

Os únicos móveis ali dentro eram cadeiras de madeira desconfortáveis com encostos de ripas. Encostos que logo se mostraram bastante convenientes para nos amarrarem novamente. Os homens nos organizaram na sala de modo que Mia e Christian ficassem sentados de um lado, e nós outros, os dampiros, sentados do outro. Um deles, que parecia ser o líder, observou com cuidado um dos seus capangas amarrar as mãos de Eddie com novas algemas plásticas.

— São estes que você precisa manter sob vigilância mais cerrada — advertiu ele, fazendo um gesto de cabeça na nossa direção. — Eles entram na briga. — Os olhos dele passearam pelo rosto de Eddie primeiro, depois pelo de Mason e por fim pelo meu. O sujeito e eu nos encaramos por um instante, e eu armei uma carranca. — Vigie especialmente *essa aqui*.

Depois que parecíamos estar suficientemente imobilizados, conforme desejava, ele latiu mais algumas ordens para os outros e saiu da sala batendo com força a porta atrás de si. Os passos dele ecoaram pela casa enquanto subia os degraus da escada. Pouco depois o silêncio tomou conta de tudo.

Ficamos ali sentados, olhando uns para os outros. Depois de alguns minutos, Mia choramingou e começou a falar.

— O que vocês vão...

— Cale a boca — rugiu um dos homens. Deu um ameaçador passo à frente na direção dela. Ela empalideceu, contraiu-se, mas ainda parecia prestes a dizer mais alguma coisa. Eu olhei bem para ela e balancei a cabeça em sinal negativo. Ela permaneceu em silêncio, com os olhos arregalados e um leve tremor nos lábios.

Não há nada pior do que esperar e não saber o que vai acontecer com você. Sua própria imaginação pode ser mais cruel do que qualquer carcereiro. Já que os nossos guardas não falavam conosco e não nos diziam o que viria a seguir, imaginei as piores possibilidades. Os revólveres eram a ameaça mais óbvia, então pensei no que eu sentiria se uma bala atravessasse o meu corpo. Dor, provavelmente. E em que parte do corpo eles me atingiriam? No coração ou na cabeça? Morte rápida. Mas será que atirariam em algum outro lugar, como o estômago? Então seria uma morte lenta e dolorosa. Estremeci ao imaginar a minha vida se esvaír com o sangue se derramando de mim. Ao pensar em todo esse sangue, me lembrei da casa dos Badica e na possibilidade de, em vez de balas de revólver, eles preferirem cortar nossas gargantas. Esses homens podiam

ter facas, também, além de armas de fogo.

Evidentemente, eu tive que ponderar também por que afinal ainda estávamos vivos. Certamente porque queriam algo de nós, mas o quê? Não estavam pedindo informações. E eram *humanos*. O que humanos podiam querer de nós? Em geral o que mais temíamos com relação aos humanos era esbarrar nos que fazem o tipo assassino, ou nos que gostam de nos usar para experimentos científicos. Esses caras não pareciam ser nem uma, nem outra.

Então o que eles queriam? Por que nós estávamos ali? Continuei imaginando sem parar destinos cada vez mais horríveis e sanguinolentos. Pelas caras dos meus amigos, pude ver que não era só eu que conseguia vislumbrar os mais criativos tormentos. O cheiro de suor e medo enchia a sala.

Perdi a noção da hora e fui subitamente apanhada de surpresa pelo rumor de passos que começaram a soar na escada. O líder dos sequestradores entrou na sala. Os outros dois homens empertigaram os corpos e se mantiveram em estado de tensão. Ai, meu Deus. Era agora, percebi. Era por isso que nós estivéramos esperando.

— Sim, senhor — ouvi o líder dizer. — Eles estão aqui dentro, exatamente como o senhor queria.

Afinal eu entendi. Ele estava falando com o sujeito por trás do nosso sequestro. O pânico me tomou inteira. Eu precisava escapar.

— Deixem-nos sair daqui! — gritei, forçando as algemas de plástico. Deixem-nos sair, seu filho da...

Parei. alguma coisa dentro de mim me paralisou. Minha garganta ficou seca. Senti como se meu coração fosse parar de bater. O guarda retornara acompanhado de um homem e uma mulher que eu não reconheci. Mas reconheci, no entanto, o que eles eram...

...Strigoi.

De verdade, vivos, quer dizer, falando de modo figurativo, é claro. Strigoi. Tudo de repente se juntou na minha mente. Não eram só as informações sobre Spokane que estavam corretas. O que nós mais temíamos, que os Strigoi estivessem trabalhando com humanos, era verdade. *Isso mudava tudo*. A luz do dia não era mais segura. Nenhum de nós estava seguro. E, o que era pior, vi que aqueles deviam ser os grandes vilões Strigoi, os que atacaram as duas famílias Moroi com a ajuda de humanos. E, mais uma vez, aquelas lembranças terríveis me vieram à mente: corpos e sangue por toda parte. A bile me subiu à garganta, e eu tentei afastar aqueles pensamentos do passado e me concentrar na situação presente. Não que ela fosse menos horripilante.

Os Moroi tinham a pele pálida, o tipo de pele que enrubesce e se inflama com facilidade. Mas estes vampiros... a pele deles era branca como giz, tão branca que parecia uma maquiagem malfeita. As pupilas de seus olhos eram circundadas por um anel vermelho, deixando claro que tipo de monstros eram eles.

A mulher, na verdade, me fez lembrar de Natalie, minha pobre amiga cujo pai a convencera a tornar-se Strigoi. Demorei alguns segundos até entender onde estava a semelhança, porque elas não se pareciam em nada. Esta mulher era baixa, fora provavelmente uma humana antes de se tornar Strigoi, e tinha cabelos castanhos com mechas louras muito malfeitas.

De repente eu entendi onde estava a semelhança. Aquela Strigoi tinha sido recém-transformada, assim como Natalie. Isso só ficou evidente para mim quando eu a comparei com o homem Strigoi. A mulher ainda tinha alguns traços de vida no rosto. Ele tinha o rosto da morte.

As feições dele eram inteiramente destituídas de qualquer indício de sentimento caloroso ou gentil. Tinha a expressão de uma pessoa fria e calculista, acrescentando-se a isso, ainda, um ar malicioso de quem está se divertindo com a situação. Ele era alto, tão alto quanto Dimitri, e tinha uma estrutura física esbelta, o que indicava que fora um Moroi antes de se transformar. Cabelos negros na altura dos ombros

emolduravam o seu rosto e se destacavam em contraste com a camisa social de um vermelho vivo. Seus olhos eram de um marrom tão escuro que, se não fosse o anel vermelho, teria sido quase impossível distinguir onde acabava a pupila e começava a íris.

Um dos guardas me empurrou com força para a frente, embora eu estivesse calada. Ele olhou para o homem Strigoi.

— Quer que eu a amordace?

De repente me dei conta de que eu estivera empurrando o meu corpo para o fundo da cadeira, inconscientemente tentando ficar o mais longe possível dele. Ele percebeu isso também, e um sorriso fino, sem mostrar os dentes, atravessou-lhe os lábios.

— Não — disse ele. A voz era baixa e sedosa. — Eu gostaria de ouvir o que tem a dizer. — Ele levantou uma sobrancelha para mim. — Continue, por favor.

Eu engoli em seco.

— Não? Não tem nada a acrescentar? Bem. Sinta-se à vontade para dizer o que quiser se mais alguma coisa lhe vier à mente.

— Isaiah — exclamou a mulher. — Por que você os está mantendo aqui? Por que você não avisou ainda os outros?

— Elena, Elena — murmurou Isaiah para ela. — Comporte-se. Eu não vou deixar passar a oportunidade de me divertir com dois Moroi e... — Ele caminhou por trás da minha cadeira e levantou-me o cabelo. Estremeci. Pouco depois ele examinou também os pescoços de Mason e de Eddie. — ...três dampiros sem sangue nas mãos — disse essas palavras com um suspiro quase alegre, e eu me dei conta de que ele estava procurando tatuagens de guardiões.

Em seguida, Isaiah deu passos largos na direção de Mia e Christian, colocou uma das mãos nos quadris e os estudou com o olhar. Mia só conseguiu manter o olhar firme por um breve segundo, depois desviou os olhos. O medo de Christian era palpável, mas ele conseguiu encarar o Strigoi. Fiquei orgulhosa por ele.

— Veja esses olhos, Elena. — Elena foi até ele e se pôs de pé ao lado de Isaiah enquanto ele falava. — Esse azul-claro. Cor de gelo. Cor de água -marinha. Quase impossível encontrar essa cor de olhos fora da realeza Moroi. Os Badica. Os Oзера. Ocasionalmente um Zeklos.

— Oзера — disse Christian, tentando com afínco parecer destemido. Isaiah inclinou um pouco a cabeça.

— É mesmo? Certamente não é... — Abaixou-se para examinar Christian mais de perto. — Mas a idade é esta... e o cabelo... — Ele sorriu. — É o filho de Lucas e Moira?

Christian não disse nada, mas a confirmação estava estampada na expressão do seu rosto.

— Conheci os seus pais. Ótimas pessoas. Incomparáveis. A morte deles foi uma grande perda... mas, bem... Eu ousaria dizer que eles buscaram isso. Eu *disse* a eles que não deviam voltar para buscar você. Seria um desperdício despertá-lo tão jovem. Eles disseram que queriam apenas ter você por perto, para despertá-lo quando estivesse mais velho. Eu os avisei que isso seria uma tragédia, mas, bem... — Ele encolheu levemente os ombros. “Despertar” era o termo que os Strigoi usavam entre eles para o momento da transformação. Soava como se fosse um ritual religioso. — Eles não me deram ouvidos, e a tragédia acabou se abatendo sobre eles de maneira diferente.

Um ódio sombrio e profundo ferveu nos olhos de Christian. Isaiah sorriu novamente.

— É um pouco tocante que você tenha vindo ao meu encontro depois de tanto tempo. Talvez eu possa realizar o sonho deles, afinal.

— Isaiah — repetiu Elena, a mulher Strigoi. Cada palavra que saía de sua boca soava como um lamento. — Chame os outros...

— Pare de me dar ordens! — Isaiah agarrou-a pelos ombros e a empurrou. Só que o empurrão lançou-a para o outro lado da sala, fazendo com que seu corpo quase atravessasse a parede. Ela só teve tempo de esticar os braços e impedir o impacto com as mãos. Os Strigoi tinham melhor reflexo do que os vampiros e os Moroi. Pelo jeito desengonçado com que ela se defendeu do empurrão, percebia-se que ele a pegara de surpresa. E, na verdade, ele mal tocara nela. O empurrão foi de leve e, no entanto, teve o impacto de um pequeno carro.

Isso reforçou ainda mais a minha crença de que ele pertencia a um outro patamar. A força dele era excepcionalmente maior do que a dela. Elena era como uma mosca na qual ele podia dar um peteleco e lançar longe. A força dos Strigoi aumentava com a idade, com o consumo de sangue Moroi, e, um pouco menos, com o consumo de sangue vampiro. Este cara não era apenas velho, eu percebi. Era ancestral. E bebera *muito* sangue ao longo dos anos. O terror tomou as feições de Elena, e eu pude compreender o seu medo. Os Strigoi se voltavam uns contra os outros o tempo todo. Ele podia ter arrancado a cabeça dela se quisesse.

Ela se acovardou, desviando os olhos.

— Eu... eu peço desculpas, Isaiah.

Isaiah passou as mãos pela camisa como se tentasse desamassar a própria roupa, não que esse fosse o caso. A voz dele assumiu o desprazer frio que ele utilizara antes.

— Você evidentemente tem sua opinião sobre isso aqui, Elena, e eu gostaria muito de ouvi-la se você a verbalizasse de modo civilizado. O que você acha que devemos fazer com estes novatos?

— Você devia, quero dizer, eu acho que nós devíamos bebê-los agora. Especialmente os Moroi. — Ela estava evidentemente tentando não soar lamentosa, para não aborrecê-lo. — A não ser... você não está pensando em dar outro jantar, está? É um desperdício total. Nós teríamos que dividi-los, e você sabe que os outros não ficarão gratos. Eles *nunca* ficam.

— Não vou usá-los para dar um jantar — declarou ele ao léu. Jantar? — Mas também não vou matá-los agora. Você é jovem, Elena. Só pensa em gratificação imediata. Quando você for tão velha quanto eu, não será tão... impaciente.

Ela revirou os olhos quando ele não estava olhando. Ele deu meia-volta e tornou a olhar para mim, Mason e Eddie.

— Vocês três terão que morrer. Não há como evitar isso. Eu gostaria de dizer que sinto muito, mas, bem, não sinto. O mundo é assim mesmo. Vocês, no entanto podem escolher como vão morrer, e isso será decidido pelo comportamento que adotarem. — Os olhos dele pousaram em mim durante algum tempo. Eu realmente não sabia por que todos pareciam estar me distinguindo como a encenqueira ali. Bem, talvez eu soubesse. — Alguns de vocês terão uma morte mais dolorosa do que os outros.

Eu não queria que Mason e Eddie soubessem que o medo deles se espelhava no meu. Eu estava quase certa de ter ouvido Eddie choramingar.

Isaiah virou-se abruptamente, como um militar, e fixou os olhos em Mia e Christian.

— Vocês dois, felizmente, poderão optar. Apenas um morrerá. O outro vai viver em gloriosa imortalidade. Vou até mesmo ser gentil a ponto de protegê-lo sob as minhas asas, até ficar um pouco mais velho. Minha caridade não tem limites.

Não pude me controlar e contive uma gargalhada.

Isaiah se virou e me encarou. Fiquei em silêncio e esperei que ele me atirasse contra a parede como fizera com Elena, mas ele não fez nada além de me encarar. Foi o suficiente. Meu coração disparou, e eu senti as lágrimas me chegarem aos olhos. Tive vergonha do meu medo. Que-ria ser como Dimitri. Talvez até como

minha mãe. Depois de vários segundos longos e agonizantes, Isaiah voltou-se para os Moroi.

— Então. Como eu ia dizendo, um de vocês será despertado e viverá para sempre. Mas não serei eu quem irá despertá-lo. Vocês escolherão ser despertados por vontade própria.

— Muito improvável — disse Christian. Ele juntou todo o sarcasmo provocador que pôde e o colocou naquelas duas palavras; ainda assim, era evidente, para todos ali naquela sala, que ele estava morto de medo.

— Ah, como eu adoro o humor dos Oзера — disse Isaiah em tom meditativo. Ele olhou para Mia, com os olhos vermelhos, brilhando. Ela se encolheu de medo. — Mas não deixe que ele ofusque o seu brilho, minha querida. Há força no sangue comum também. E a coisa toda será decidida da seguinte maneira. — Ele apontou para nós, os dapiros. O olhar dele me deu calafrios pelo corpo todo, e eu imaginei sentir cheiro de putrefação. — Se vocês quiserem viver, tudo o que precisam fazer é matar um destes três. — Ele se virou para os Moroi. — É só isso. Nem um pouco desagradável. Basta dizer a um destes cavalheiros aqui o que vocês querem fazer. Eles o libertarão. Então vocês deverão beber o sangue de um dos dapiros e despertarão como um de nós. O primeiro que fizer isso sairá com vida. O outro servirá de jantar para mim e para Elena.

O silêncio pesou sobre a sala.

— Não — disse Christian. — Não vou matar um dos meus amigos de jeito nenhum. Pouco me importa o que você faça. Prefiro morrer. Isaiah fez um gesto de desprezo com a mão.

— É fácil ser corajoso quando você não está com fome. Alguns dias sem alimento algum... e aí, sim, estes três vão lhes parecer *muito* apetitosos. E eles são. Dapiros são deliciosos. Alguns os preferem aos Moroi, eu não compartilho dessa opinião, mas certamente aprecio a variedade.

Christian fez uma carranca.

— Não acredita em mim? — perguntou Isaiah. — Então deixe-me provar isso a você. — Ele caminhou de volta até o meu lado da sala. Eu percebi o que ele ia fazer e falei sem raciocinar direito.

— Use a mim — deixei escapulir. — Beba do meu sangue.

A presunção de Isaiah desapareceu por um instante, e a sobrelheira dele se ergueu.

— Está se voluntariando?

— Eu já fiz isso antes. Deixar que Moroi se alimentassem do meu sangue. Não me importo. Deixe os outros em paz.

— Rose! — exclamou Mason.

Eu o ignorei e lancei um olhar suplicante para Isaiah. Eu não queria que ele se alimentasse de mim. Só a ideia me dava enjoo. Mas eu já *fornecera* sangue antes, e eu preferia que ele tomasse uma dose de mim antes que tocassem em Eddie ou Mason.

Não consegui entender o que a expressão do rosto dele significava enquanto ele me estudava. Por meio segundo, acreditei que ele viria para mim, mas, ao invés disso, ele balançou a cabeça em sinal negativo.

— Não. Você não. Ainda não.

Continuou andando e parou na frente de Eddie. Eu forcei as minhas algemas de plástico até entrarem dolorosamente pela minha pele. Mas não cederam.

— Não! Deixe-o em paz!

— Quieta — respondeu Isaiah, sem sequer olhar para mim. Pousou a mão no rosto de Eddie. Eddie estremeceu e ficou tão pálido que eu achei que fosse desmaiar. — Posso fazer isso de modo gentil, ou de modo que ele sinta dor. O seu silêncio me encorajará a escolher a primeira opção.

Eu quis gritar, quis xingar Isaiah de todos os palavrões que eu conhecia e fazer todo o tipo de ameaça. Mas eu não podia. Meus olhos perscrutaram a sala inteira em busca de alguma saída, como eu já fizera

tantas vezes antes. Mas não havia saída. Só paredes brancas e nuas. Nenhuma janela. A única porta preciosa estava sempre vigiada. Eu estava impotente, como estivera desde o momento em que nos colocaram dentro da van. Tive vontade de chorar, mais de frustração do que de medo. Que espécie de guardião eu seria se não era capaz de proteger os meus amigos?

Permaneci quieta, no entanto, e uma expressão de fascínio atravessou o rosto de Isaiah. A luz fluorescente dava à pele dele um tom acinzentado doentio, enfatizando as olheiras negras sob seus olhos. Tive vontade de dar um soco nele.

— Ótimo. — Ele sorriu para Eddie e segurou-lhe o rosto, forçando-o a manter contato visual direto. — Agora, você não vai oferecer resistência a mim, vai?

Como eu mencionara, Lissa era boa em compulsão. Mas ela não teria conseguido fazer algo assim: em questão de segundos, Eddie estava sorrindo.

— Não, eu não vou lutar.

— Ótimo — repetiu Isaiah. — E você vai me dar o seu pescoço por vontade própria, não vai?

— É claro — respondeu Eddie, tombando a cabeça para trás.

Isaiah levou a boca para baixo, e eu olhei para outro lado, tentando focar o olhar no carpete puído. Eu não queria ver aquilo. Ouvei Eddie emitir um gemido suave de prazer. O ato de beber em si foi relativamente silencioso, sem nenhum tipo de ruído audível.

— Aí está.

Olhei de novo quando ouvi Isaiah falar novamente. O sangue pingava de seus lábios, e ele passou a língua neles com prazer. Não pude ver a ferida no pescoço de Eddie, mas suspeitei que fosse sanguinolenta e também horrível. Mia e Christian observavam fixamente, com os olhos arregalados de medo e fascínio. Eddie olhava para o nada, envolto numa névoa de alegria e torpor, intoxicado tanto pela endorfina quanto pela compulsão.

Isaiah endireitou a postura e sorriu para os Moroi, lambendo o sangue dos lábios. — Estão vendo? — disse a eles, caminhando em direção à porta. — É fácil assim.

Vinte

Precisávamos de um plano de fuga. E rápido. Para o nosso azar, as únicas ideias que me ocorreram envolviam coisas que escapavam inteiramente ao meu controle. Como, por exemplo, nós sermos deixados sozinhos para sairmos de fininho. Ou que aqueles guardas fossem tão idiotas que conseguiríamos enganá-los como patos e fugir deles. Ou, ao menos, que estivéssemos mal-amarrados de modo que pudéssemos nos soltar com facilidade e nos libertar.

Nada disso estava acontecendo, no entanto. Depois de quase vinte e quatro horas, nossa situação não mudara em nada. Éramos ainda prisioneiros, ainda estávamos fortemente algemados. Nossos carcereiros nos mantinham sob vigilância, de modo quase tão eficiente quanto qualquer grupo de guardiões em ação. Quase.

O mais próximo que chegávamos da liberdade eram as idas ao banheiro, constrangedoras ao extremo e altamente supervisionadas. Os homens não nos deram comida nem água. Isso era penoso para mim. Mas a combinação genética entre vampiros e humanos fazia com que os dampiros fossem duros na queda. Eu suportava bem o desconforto, mesmo estando tão faminta a ponto de ser capaz de matar alguém por um cheesebúrguer e umas batatas fritas bem gordurosas.

Quanto a Mia e Christian... bom, as coisas estavam mais difíceis para eles. Os Moroi podiam passar semanas sem comida e sem água se estivessem se alimentando de sangue. Sem consumir sangue, eles conseguiam ficar alguns dias sem adoecer ou enfraquecer, se lhes fosse oferecido algum outro tipo de sustento. Foi assim que Lissa e eu nos viramos quando vivemos sozinhas, uma vez que eu não podia fornecer sangue para ela todos os dias.

Sem comida, sem água e sem sangue, os Moroi não sobrevivem por muito tempo. Eu estava com fome, mas Mia e Christian estavam vorazes. As feições deles já estavam abatidas, os olhos pareciam quase febris. Isaiah piorava ainda mais as coisas em suas visitas. Descia e fi cava vagando entre nós com o seu irritante jeito zombador. E depois, antes de ir embora, sempre bebia um pouco do sangue de Eddie. Lá pela terceira visita, pude ver Mia e Christian praticamente salivando. Drogado pela endorfina, e em total jejum, Eddie parecia já nem saber mais onde estávamos.

Não consegui dormir nessas condições, mas, durante o segundo dia, comecei a sentir que minha cabeça tombava para a frente de vez em quando. A fome e a exaustão enfraquecem uma pessoa. Em certo momento, eu cheguei a sonhar, o que foi surpreendente, pois não imaginava poder realmente me entregar a um sono profundo em condições tão insanas como aquela em que me encontrava.

No sonho — e eu sabia perfeitamente que se tratava de um sonho — eu estava numa praia. Demorei um tempo para reconhecer que praia era aquela. Ficava na costa do Oregon. Tinha uma grande faixa de areia, e o ar era morno, o oceano Pacífico se estendia ao longe. Lissa e eu tínhamos viajado até aquele lugar certa vez quando estávamos vivendo em Portland. Estava um dia lindo, mas ela não aguentava ficar exposta a tanto sol. Por causa disso, nossa visita acabou sendo curta, mas eu sempre desejei ter ficado mais tempo e me aquecer naquele sol todo. Agora, no sonho, eu tinha toda a luz e calor que desejara.

— Dampirinha — disse uma voz atrás de mim. — Já não era sem tempo.

Eu me virei surpresa e dei de cara com Adrian Ivashkov me observando. Ele estava vestindo uma calça cáqui e uma camisa larga, e, num estilo surpreendentemente casual para ele, estava sem sapatos. O vento bagunçava o seu cabelo castanho, e ele mantinha as mãos dentro dos bolsos enquanto me olhava com aquele sorriso malicioso que lhe era tão característico.

— Ainda usando a sua proteção — acrescentou ele.

Franzi as sobrancelhas, pensando por um instante que ele estava olhando para o meu peito. Depois me dei conta de que seus olhos fitavam a minha barriga. Eu estava de calça jeans e com a parte de cima de um biquíni, e, mais uma vez, o pequeno pingente de olho azul pendia do meu umbigo. O *chotki* estava no meu pulso.

— E você está no sol novamente — disse eu. — Então imagino que este seja o seu sonho.

— É o nosso sonho. Eu brinquei na areia com os dedos dos pés.

— Como é que duas pessoas podem sonhar o mesmo sonho?

— As pessoas sonham o mesmo sonho o tempo todo, Rose. Eu olhei para ele franzindo o cenho.

— Eu preciso saber o que significa aquilo. Aquilo que você disse sobre eu estar rodeada de trevas. O que significa?

— Sinceramente, eu não sei. Todo mundo tem luz em volta de si, exceto você. Você tem sombras. Elas vêm de Lissa. Fiquei ainda mais confusa.

— Eu não entendo.

— Não posso me aprofundar nesse assunto agora — me disse ele.

— Não é para isso que eu estou aqui.

— Você está aqui por algum motivo? — perguntei, meus olhos perdidos no mar azul acinzentado. Era hipnótico. — Você não está aqui apenas... por estar aqui?

Ele deu um passo à frente e pegou a minha mão, me forçando a olhar para ele. Toda a diversão desapareceu de seus olhos. Ele estava muito sério.

— Onde você está?

— Aqui — disse eu, intrigada. — Assim como você.

Adrian fez que não com a cabeça.

— Não, não é disso que eu estou falando. No mundo real. Onde você está?

Mundo real? À nossa volta, a praia de repente ficou embaçada, como um filme que sai de foco. Segundos depois tudo se estabilizou. Eu vasculhei a minha mente. O mundo real. Vieram-me imagens. Cadeiras. Guardas. Algemas.

— Num porão... — disse eu lentamente. A urgência, de repente, despedaçou a beleza do momento quando tudo me voltou à mente. — Ah, pelo amor de Deus, Adrian. Você precisa salvar Mia e Christian. Eu não posso...

Adrian apertou com mais força a minha mão.

— Onde? — O mundo estremeceu novamente, e desta vez o foco não se estabilizou. Ele xingou. —

Onde você está, Rose? O mundo começou a se desintegrar. Adrian começou a se desintegrar.

— Num porão. Numa casa. Em... Ele se foi. Eu acordei. O barulho da porta da sala abrindo me despertou de volta para a realidade.

Isaiah entrou varrido, com Elena a tiracolo. Eu tive que conter um sorriso sarcástico quando a vi. Ele era arrogante e mau e inteiramente venal. Mas ele era assim porque era um líder. Ele tinha força e poder para refrear a própria crueldade, mesmo não gostando de fazer isso. Mas Elena? Ela era uma lacaia. Ela nos ameaçava e fazia comentários ferinos, mas toda a sua habilidade nisso vinha do fato de ser um pau-mandado dele. Ela era uma total puxa-saco.

— Olá, crianças — disse ele. — Como vão vocês hoje? Olhares sombrios responderam a pergunta. Ele caminhou até Mia e Christian, com as mãos nas costas.

— Alguma mudança de sentimentos desde a minha última visita? Vocês estão demorando demais, e isso está deixando Elena aborrecida. Ela está com muita fome, sabem, mas imagino que não esteja tão faminta quanto vocês dois.

Christian focou bem o olhar.

— Que se dane — disse ele rangendo os dentes trincados. Elena rosnou e avançou para ele.

— Não ouse... Isaiah afastou-a com um gesto de mão.

— Deixe-o em paz. Isso significa apenas que iremos esperar um pouco mais, e na verdade é uma espera divertida. Os olhos de Elena lançaram adagas na direção de Christian.

— Sinceramente — continuou Isaiah, olhando para Christian —, não consigo decidir de qual das duas opções eu gosto mais: matar você ou vê-lo se juntar a nós. As duas alternativas oferecem prazeres diferentes.

— Você não se cansa de ouvir sua própria voz? — perguntou Christian. Isaiah pensou um pouco.

— Não. Não mesmo. E eu também não me canso *disso*.

Ele se virou e caminhou até Eddie. Pobre Eddie, mal conseguia sentar-se ereto na cadeira depois de ter fornecido tanto sangue. E o pior é que Isaiah nem precisava mais usar a compulsão. O rosto de Eddie simplesmente se acendia com um sorriso idiotado, ansioso pela próxima mordida. Ele estava tão viciado quanto um fornecedor qualquer.

Raiva e desgosto correram por dentro de mim.

— Droga! — gritei. — Deixe-o em paz! Isaiah voltou o olhar para mim.

— Fique quieta, garota. Você não me diverte nem um pouco, como o senhor Ozerá.

— Ah, é? — rosnei. — Se eu incomodo tanto você, então use a mim para mostrar o que quer. Morda a mim em vez de mordê-lo. Dê uma lição, e me mostre como você é poderoso e forte.

— Não! — exclamou Mason. — Use a mim. Isaiah revirou os olhos.

— Céus. Mas que grupo tão nobre. Vocês são todos como Espártaco aqui, é isso?

Ele se afastou de Eddie e colocou um dedo no queixo de Mason, inclinando a cabeça dele para cima.

— Mas você — disse Isaiah —, você não quer de verdade. Está se oferecendo apenas por causa *dela*. — Ele deixou Mason e se pôs na minha frente, olhando para baixo com aqueles olhos negros, bem negros. — E você... também não acreditei realmente em você de início. Mas agora? — Ele se ajoelhou e fi cou da minha altura. Recusei-me a desviar os olhos dos dele, mesmo sabendo que isso me colocava em risco de ser vítima de compulsão. — Acho que você está se oferecendo de verdade. E não se trata apenas de um gesto nobre. Você quer *mesmo*. Você já foi mordida antes. — A voz dele tinha um tom mágico. Hipnótico. Ele não estava bem usando compulsão, mas era definitivamente envolvido por um carisma fora do comum. Assim como Lissa e Adrian. Eu me fixei em cada palavra que ele dizia. — Mordida muitas vezes, eu creio.

Ele se inclinou na minha direção, senti a respiração quente dele no pescoço. Em algum lugar distante de

mim, pude distinguir a voz de Mason gritando alguma coisa, mas toda a minha mente se concentrava agora na proximidade dos dentes de Isaiah da minha pele. Nos últimos meses, eu fora mordida apenas uma vez, numa emergência, quando Lissa precisou. Antes disso, ela me mordera ao menos duas vezes por semana durante dois anos, e apenas recentemente eu me dera conta do quanto ficara viciada naquilo. Não há nada, *nada* no mundo que se compare à mordida de um Moroi, ao transbordamento de prazer que ela transmite a você. É claro que, por tudo o que se conta, as mordidas de Strigoi são ainda mais poderosas...

Eu engoli em seco, de repente consciente da minha própria respiração pesada e do ritmo acelerado do meu coração. Isaiah deu uma pequena risada de satisfação.

— Ah, sim. Você é uma prostituta de sangue em desenvolvimento. Infelizmente para você, pois não vou lhe dar o que quer.

Ele se afastou, e eu desmoronei para a frente na cadeira. Sem adiar muito, ele voltou para Eddie e bebeu dele. Não pude olhar, mas desta vez foi de inveja, e não de repulsa. A ânsia queimava dentro de mim. Eu desejei aquela mordida, desejei com cada nervo do meu corpo.

Quando Isaiah terminou, ia saindo da sala e de repente parou. Dirigiu suas palavras para Mia e Christian.

— Não demorem — advertiu ele. — Aproveitem a oportunidade que têm para se salvar. — Fez um gesto de cabeça na minha direção. — Vocês têm, inclusive, uma vítima desejosa.

Ele saiu. Do outro lado da sala, os olhos de Christian se encontraram com os meus. O rosto dele me pareceu de algum modo ainda mais abatido do que algumas horas antes. A fome queimava no seu olhar, e eu sabia que o meu olhar complementava o dele: um desejo de matar aquela fome. Meu Deus. Estávamos ferrados. Acho que Christian se deu conta disso ao mesmo tempo que eu. Os lábios dele se contorceram num sorriso amargo.

— Você nunca pareceu tão gostosa, Rose — conseguiu dizer, pouco antes de os guardas mandarem que calasse a boca.

Cochilei algumas vezes durante o resto do dia, mas Adrian não apareceu mais nos meus sonhos. Em vez disso, enquanto vagava no limite da consciência, me vi escorregando para dentro de um território familiar: a cabeça de Lissa. Depois de todos os acontecimentos bizarros daqueles últimos dois dias, estar na cabeça dela me deu a sensação de estar de volta em casa.

Ela estava num dos salões de banquete do hotel, só que o salão estava vazio. Ela estava sentada no chão no fundo do salão, tentando passar despercebida. O nervosismo tomava conta dela. Estava esperando por algo, ou melhor, por alguém. Alguns minutos depois, Adrian entrou sorrateiramente.

— Prima — disse ele, cumprimentando-a. Sentou-se ao lado dela e trouxe os joelhos para perto do peito, sem se preocupar com a calça cara que usava. — Desculpe-me pelo atraso.

— Não tem problema — disse ela.

— Você não sabia que eu estava aqui antes de me ver, sabia?

Ela fez que não com a cabeça, decepcionada. Eu fiquei mais confusa do que nunca.

— E sentada aqui comigo... você não consegue notar mesmo nada?

— Não. Ele encolheu os ombros.

— Bem. Esperemos que você consiga em breve.

— Como elas aparecem para você? — perguntou ela, seca de curiosidade.

— Você sabe o que são auras?

— São como faixas de luz em volta de uma pessoa, não é isso? Uma coisa meio *new age*?

— Mais ou menos isso. Todos têm uma espécie de energia espiritual que irradia deles. Quer dizer, quase

tudo mundo. — Quando ele hesitou, achei que pudesse estar se lembrando de mim e das trevas que supostamente me acompanhavam. — Tendo por base a cor e a aparência da aura, pode-se dizer muita coisa sobre uma pessoa... bem, se alguém pode mesmo *ver* auras, é assim.

— E você pode — disse ela. — E você pode ver que eu uso a magia do espírito pela minha aura?

— A sua é quase toda dourada. Como a minha. Outras cores podem aparecer também, dependendo da situação em que você se encontre, mas o dourado sempre prevalece.

— Quantas outras pessoas você conhece por aí que são como nós?

— Não muitas. Eu só as vejo de vez em quando. Elas tendem a se preservar. Você, na verdade, é a primeira com quem eu converso. Eu nem sabia que isso se chamava “espírito”. Bem que eu queria ter descoberto isso quando estava na idade de me especializar e não me especializei. Fiquei achando simplesmente que eu era algum tipo de aberração.

Lissa ergueu os braços à sua frente e olhou para eles, tentando ver a luz brilhando em torno deles. Nada. Ela deu um suspiro e deixou os braços caírem.

E foi aí que eu entendi tudo.

Adrian manejava o espírito também. Por isso ele tinha tanta curiosidade com relação à Lissa. Por isso ele estava querendo conversar com ela e perguntar sobre o laço e sobre ela ter ou não se especializado. Isso explicava também um monte de outras coisas, como o carisma do qual eu não conseguia escapar quando estava perto dele. Ele usara compulsão naquele dia em que eu e Lissa estivéramos no quarto dele. Foi assim que ele forçou Dimitri a liberá-lo.

— Então, eles por fim deixaram você em paz? — perguntou Adrian a ela.

— Deixaram. Por fim acreditaram que eu realmente não sei de nada.

— Que bom — disse ele. Ele franziu as sobrancelhas, e eu pude perceber que estava sóbrio, para variar.

— E você tem *certeza* de que não sabe de nada?

— Eu já disse isso a você. Não sei como fazer o laço funcionar em mão dupla.

— Hum. Bem. Você vai ter que aprender a fazer isso. Ela o encarou fixamente.

— O que é? Você pensa que eu estou me refreando? Se eu pudesse fazer isso, eu já a teria encontrado!

— Eu sei, é que, se esse laço de vocês existe, então isso significa que a conexão entre as duas é muito forte. Use o laço para falar com ela em sonhos. Eu tentei, mas não consegui ficar no sonho o tempo suficiente...

— O que foi que você disse? — exclamou Lissa. — Falar com ela nos *sonhos* dela? Desta vez ele pareceu intrigado.

— Claro. Você não sabe fazer isso?

— Não! Você está me gozando? Como pode ser possível fazer uma coisa dessas?

Nos meus sonhos...

Lembrei que Lissa me falara de fenômenos inexplicáveis entre os Moroi, de que devia haver poderes do espírito que fossem além do poder da cura, coisas que ninguém nunca descobrira antes. Parecia que a presença de Adrian nos meus sonhos não era uma coincidência. Ele entrara de propósito dentro da minha cabeça, talvez de um jeito semelhante ao meu de entrar na mente de Lissa. Eu me senti desconfortável com essa ideia. Lissa estava longe de compreender isso.

Ele passou a mão no cabelo e inclinou a cabeça para trás, olhando para o lustre de cristais enquanto ponderava.

— Está bem. Então. Você não vê auras, você não fala com as pessoas em sonhos. O que é que você faz, *então*?

— Eu... eu posso curar pessoas. Animais. Plantas também. Posso trazer coisas mortas de volta à vida.

— É mesmo? — Ele ficou impressionado. — Está bem. Você ganhou pontos por isso. O que mais?

— Bem, eu posso usar compulsão.

— Isso todos nós podemos.

— Não, eu posso *mesmo*. Não é nada difícil para mim. Eu consigo fazer com que as pessoas façam qualquer coisa que eu queira, até coisas ruins.

— Eu também. — Os olhos dele se iluminaram. — O que será que aconteceria se você tentasse usar compulsão em mim?

Ela hesitou e, de maneira absorta, passou os dedos pelo carpete vermelho.

— Bem... eu não posso.

— Mas você acabou de dizer que podia.

— Eu posso. É que exatamente agora eu não posso. Estou tomando remédios... para depressão e outras coisas... e eles me impedem de usar a magia.

Ele jogou os braços para cima.

— Como é que eu vou ensinar você a andar pelos sonhos dos outros, então? De que outra maneira nós vamos encontrar Rose?

— Olhe aqui — disse ela com raiva. — Eu não tomo os remédios porque eu *quero*. Eu tomo porque quando eu não tomava... eu fazia coisas muito absurdas. Coisas perigosas. O espírito faz isso com a gente.

— Eu não tomo nada. E estou muito bem — disse ele. Não, ele não estava muito bem, eu sabia. Lissa sabia também.

— Você ficou muito estranho naquele dia em que Dimitri apareceu no seu quarto — observou ela. — Você começou a divagar, e o que você disse não fazia nenhum sentido.

— Ah, aquilo? É... acontece de vez em quando. Mas não é frequente, estou falando sério. Uma vez por mês, se tanto. — Ele pareceu estar sendo sincero.

Lissa o encarou, e subitamente começou a reavaliar tudo. E se Adrian conseguira encontrar um jeito? E se ele conseguira usar o espírito sem tomar comprimidos nem sofrer qualquer efeito colateral perigoso? Isso era tudo o que ela queria. Além do mais, ela nem tinha certeza de que os comprimidos continuariam funcionando...

Ele sorriu, adivinhando os pensamentos dela.

— O que você acha, prima? — perguntou. Ele não precisou usar compulsão. A oferta dele era tentadora demais por si só. — Posso ensinar a você tudo o que eu sei se você puder manejar a sua magia. Vai demorar um pouco até que as substâncias dos comprimidos saiam completamente do seu sistema, mas assim que elas saírem...

Vinte e um

Não era bem *isso* que iria me ajudar agora. Eu podia suportar qua-se qualquer coisa que Adrian fizesse: dar em cima dela, fazê-la fumar aqueles cigarros ridículos dele, qualquer coisa. Mas não isso. O que eu justamente andava querendo evitar era que Lissa parasse de tomar os comprimidos.

Saí, com relutância, da cabeça dela e voltei para a minha lúgubre situação. Queria ter acompanhado de que maneira a conversa entre Lissa e Adrian se desenrolaria, mas não me adiantaria de nada continuar observando-os. Está bem. Eu agora *realmente* precisava de um plano. Eu precisava agir. Precisava imaginar um jeito de nos tirar dali. Mas olhei ao meu redor e vi que não estava nem perto de conseguir escapar, e passei as poucas horas seguintes raciocinando e especulando.

Tínhamos três guardas nos vigiando. Eles pareciam meio entediados, mas não a ponto de afrouxarem a vigilância. Perto de mim, Eddie parecia estar inconsciente, e Mason olhava para o chão de modo inexpressivo. Do outro lado da sala, Christian olhava para o nada, e eu acho que Mia estava dormindo. Dolorosamente consciente do quanto minha garganta estava seca, quase ri ao me lembrar de quando dissera a ela que a magia da água era inútil. Talvez não fosse de grande utilidade numa luta, mas eu daria tudo para que ela conseguisse juntar um pouco de...

Magia.

Por que isso não me ocorrera antes? Nós não estávamos impotentes. Não inteiramente impotentes.

Um plano de fuga começou a tomar forma na minha mente, um plano provavelmente insano, mas era o melhor que nós tínhamos. Meu coração galopou de ansiedade, mas eu logo me controlei para impedir que o nervosismo se estampasse em meu rosto, e pude aparentar calma antes que os guardas percebessem que eu subitamente tivera uma ideia. Do outro lado da sala, Christian estava olhando para mim agora. Ele vira o breve lampejo de excitação no meu olhar e percebeu que eu bolara alguma estratégia. Ele me observava curioso, tão pronto para agir quanto eu.

Meu Deus, como é que nós executaríamos o plano? Eu precisava da ajuda dele, mas não tinha meios para fazê-lo entender o que eu tinha em mente. Na verdade eu nem tinha certeza de que ele poderia de fato me ajudar. Ele estava fraco demais.

Mantive o olhar dele preso ao meu, desejando que entendesse que alguma coisa estava prestes a acontecer. Ele pareceu confuso, mas também determinado. Depois de me certificar de que nenhum dos guardas estava me observando, mudei sutilmente de posição, e dei um pequeno puxão com os meus pulsos. Olhei para trás de mim o máximo que pude, depois olhei de novo para Christian. Ele franziu as

sobrancelhas, e eu repeti o gesto.

— Ei — disse alto. Mia e Mason ergueram surpresos as cabeças. — Vocês aí vão mesmo continuar nos mantendo esfomeados? Será que não podemos ao menos tomar um pouco de água, ou algo do tipo?

— Cale a boca — disse um dos guardas. Essa era a resposta padrão deles sempre que algum de nós falava alguma coisa.

— Vamos lá. — Fiz a minha voz mais cretina. — Nem mesmo um gole de alguma coisa? A minha garganta está *queimando*. Está praticamente pegando fogo. — Olhei rapidamente para Christian enquanto dizia essas últimas palavras, depois voltei o olhar para o guarda que me respondera.

Como eu esperava, ele se levantou de sua cadeira e veio caminhando até mim.

— *Não* me obrigue a repetir — rugiu. Eu não sabia se ele ia mesmo fazer alguma coisa violenta, mas eu não tinha o menor interesse em descobrir. Além do mais, eu já conseguira o que queria. Se Christian não tivesse entendido a dica, não havia mais nada que eu pudesse fazer. Tentando mostrar medo, calei a boca.

O guarda voltou para a cadeira, e, depois de algum tempo, parou de olhar para mim. Olhei significativamente para Christian de novo e dei outro puxão nos meus pulsos. “Vamos lá, vamos lá”, pensei. “Tente entender o que eu estou pensando, Christian.”

De repente ele franziu as sobrancelhas, e olhou maravilhado para mim. Bom. Pelo jeito ele entendera alguma coisa. Minha esperança era de que fosse exatamente o que eu queria que entendesse. Lançou-me, então, um olhar inquisidor, como se me perguntasse se eu estava realmente falando sério. Fiz que sim enfaticamente com a cabeça. Ele franziu de novo o cenho, pensativo, desta vez. Depois respirou fundo, preparando-se para agir.

— Está bem — disse. Todos voltaram a atenção para ele, surpresos.

— Cale a boca — disse automaticamente um dos guardas, já cansado.

— Não — disse Christian. — Estou pronto. Pronto para beber. Todos na sala congelaram por alguns segundos, inclusive eu. Não era bem isso que eu imaginara. O líder dos guardas se levantou.

— Não *tente* nos enrolar.

— Não estou enrolando — disse Christian. A expressão do rosto dele era frenética, e eu achei que não era apenas fingimento. — Estou cansado disso. Quero sair daqui, e não quero morrer. Vou beber. E quero o sangue *dela*. — Apontou para mim com a cabeça. Mia soltou um gritinho agudo de medo. Mason xingou Christian de uma coisa que, se estivéssemos na escola, o teria levado direto para a sala de detenção.

Aquilo *definitivamente* não era o que eu imaginara como plano de fuga. Os outros dois guardas olharam para o seu líder, indecisos.

— Devemos chamar Isaiah? — perguntou um deles.

— Acho que ele não está aqui — respondeu o líder. Ele estudou Christian durante alguns segundos e tomou uma decisão. — E eu não quero incomodá-lo antes de ter certeza de que isso não é algum tipo de brincadeirinha. Deixem-no ir até ela e vamos ver.

Um dos homens apanhou um alicate bem afiado. Caminhou até Christian. Ouvi o som do plástico partindo quando as algemas abriram. Agarrando um dos braços de Christian, o guarda o levantou da cadeira num puxão e o trouxe até mim.

— Christian — exclamou Mason com a voz cheia de fúria. Lutou contra as algemas, sacudindo um pouco a cadeira. — Você enlouqueceu? Não deixe que eles façam isso!

— Vocês vão ter que morrer, mas eu não — respondeu Christian ríspidamente, jogando a cabeça para tirar os cabelos negros dos olhos.

— Não existe outra maneira de sair desse buraco. Eu não sabia bem o que estava acontecendo agora, mas

sabia que o esperável, se estava prestes a morrer, era que eu demonstrasse muito mais dramaticidade. Dois guardas ladearam Christian, observando com cautela o que ele estava fazendo enquanto se inclinava para mim.

— Christian — sussurrei, surpresa, ao perceber como fora fácil fazer a minha voz soar temerosa. — Não faça isso.

Os lábios dele se contorceram num daqueles sorrisos sarcásticos que ele fazia tão bem.

— Nós nunca gostamos um do outro, Rose. Se eu tenho que matar alguém, é melhor que seja você. — As palavras dele soaram gélidas, precisas. Críveis. — Além do mais, eu achei que você desejava isso.

— *Isso não. Por favor, não...* Um dos guardas empurrou Christian.

— Acabe logo com isso, ou volte para a sua cadeira. Ainda com um sorriso sombrio no rosto, Christian deu de ombros.

— Sinto muito, Rose. Você vai morrer de qualquer maneira, mesmo. Por que não morrer, então, por uma boa causa? — Ele trouxe o rosto para perto do meu pescoço. — Isso provavelmente vai doer.

Eu na verdade duvidei que fosse doer... se é que ele ia mesmo me morder. Porque ele não ia... certo? Eu me mexi na cadeira, apreensiva. Pelo que se conta, quando o sangue é todo sugado de você por um vampiro, ao longo do processo, a pessoa também recebe uma dose tão grande de endorfina que a dor é quase inteiramente amortecida. Então era como adormecer. É claro que tudo isso é especulação. Pois as pessoas que morreram de mordidas de vampiros nunca voltaram para relatar a experiência.

Christian encostou o nariz no meu pescoço, e foi aninhando a cabeça sob o meu cabelo, de modo a que ele encobrisse parte do rosto. Seus lábios roçaram a minha pele, de maneira tão suave que me fez lembrar de quando ele e Lissa se beijaram. Um instante depois, as pontas dos caninos dele tocaram-me a pele.

E eu senti dor. Dor de verdade.

Mas não estava vindo da mordida. Os dentes dele apenas me pressionaram a pele; não chegaram a rasgá-la. Sua língua roçava o meu pescoço em movimentos ondulantes, mas não havia sangue algum para sugar. Aquilo mais parecia alguma forma esquisita e excêntrica de beijo.

Não, a dor me vinha dos pulsos. Uma dor de queimadura. Christian estava usando a magia para canalizar calor para as algemas de plástico, exatamente como eu queria que ele fizesse. Ele entendera a mensagem. O plástico ia ficando cada vez mais quente enquanto ele continuava bebendo quase nada do meu sangue. Qualquer um que olhasse de perto veria que a sucção era em parte fingimento, mas o meu cabelo bloqueava bem a visão dos guardas.

Eu sabia que era difícil derreter plástico, mas só naquele momento me dei conta da real dificuldade. A temperatura necessária para se conseguir algum resultado era alta demais. Senti como se as minhas mãos estivessem mergulhadas em lavas de vulcão. As algemas plásticas queimavam-me a pele, o calor era intenso e terrível. Eu me contorci, na esperança de aliviar assim a dor. Não adiantou. Mas percebi que as algemas cederam um pouco quando eu me movimenteiei. O plástico estava amolecendo. Tudo bem. Isso já era alguma coisa. Eu precisava aguentar apenas um pouco mais. Desesperada, tentei me concentrar na mordida de Christian e me distrair com isso. Funcionou por uns cinco segundos. Ele não estava me passando muita endorfina, certamente não o suficiente para combater a dor cada vez mais horrível das queimaduras. Eu gemi, provavelmente tornando a coisa toda mais convincente.

— Custo a acreditar — murmurou um dos guardas. — Ele está mesmo bebendo. — A alguma distância, para além deles, pensei ter ouvido Mia chorar.

As algemas queimaram ainda mais. Eu nunca sentira uma dor tão forte em toda a minha vida, e olha que eu já passara por muita coisa. Rapidamente a possibilidade de desmaiar tornou-se bastante real.

— Ei — disse o guarda de repente. — Que cheiro é esse?

Era cheiro de plástico derretendo. Ou talvez a minha própria carne derretendo. Para ser sincera, isso não importava, pois, quando movi novamente os pulsos, eles romperam o plástico escaldante e viscoso das algemas.

Eu tinha uns dez segundos para pegar os guardas de surpresa, então os usei. Saltei da cadeira, empurrando Christian para trás. Havia um guarda de cada lado dele, e um deles ainda segurava na mão o alicate. Num só movimento, arranquei o alicate da mão do cara e o enfi ei em seu rosto. Ele deu um grito abafado, mas não esperei para ver o que ia acontecer. Meus dez segundos de surpresa estavam acabando, e eu não podia perder tempo. Assim que larguei o alicate, dei um soco no outro guarda. Geralmente meus chutes são mais fortes do que os socos; mesmo assim eu bati nele com força suficiente para que ele levasse um susto e cambaleasse.

A essa altura, o guarda líder entrara em ação. Como eu temia, ele ainda estava armado e sacou o revólver.

— Não se mova! — gritou, apontando a arma para mim.

Eu congelei. O guarda que eu socara avançou e agarrou meu braço. Ali perto, o cara em quem eu metera o alicate no rosto estava gemendo no chão. Ainda apontando o revólver para mim, o líder começou a dizer alguma coisa e de repente soltou um grito de medo. O revólver adquiriu um brilho alaranjado e caiu-lhe da mão. Sua pele estava vermelha da queimadura. Christian aquecera o metal, isso eu percebi. Era isso. Nós definitivamente devíamos ter usado a magia desde o início do sequestro. Se saíssemos vivos dali, eu passaria a defender a causa de Tasha. O costume Moroi de não usar a magia como arma estava tão enraizado em nossas mentes que nem cogitáramos usá-la mais cedo. Foi uma estupidez da nossa parte.

Voltei-me para o sujeito que agarrara o meu braço. Acho que não esperava que uma garota como eu fosse capaz de enfrentar uma luta daquelas, e ele ainda estava meio pasmo com o que acontecera com o outro guarda e o revólver que ele empunhava. Consegui abrir espaço para dar um chute no estômago dele, um chute que teria me valido nota A na aula de combate. Ele gemeu com o golpe, e o impacto o projetou contra a parede. Rápida como um raio, eu me lancei sobre ele, agarrando-lhe os cabelos e batendo com a cabeça dele contra o chão, com força suficiente para deixá-lo inconsciente, mas não para matá-lo.

Levantei-me sem demora e me surpreendi de o líder ainda não ter partido para cima de mim. Já dera tempo de ele se recuperar do susto com o revólver fervendo. Mas, quando me virei, a sala estava calma. O líder estava inconsciente no chão, e Mason, recém-liberto, se encontrava de pé perto dele. Christian segurava numa das mãos o alicate e na outra o revólver. Devia estar quente ainda, mas os poderes dele provavelmente o deixavam imune contra o calor. Ele apontava para o homem que eu acertara com o alicate. O cara não estava inconsciente, quase não sangrava, mas, assim como eu o fizera, ele também ficara petrificado diante do cano do revólver apontado para ele.

— Mas que droga — murmurei, ao ver a cena. Fui cambaleando até Christian e estendi a mão. — Me dê isso antes que você machuque alguém.

Esperei que ele me desse uma resposta sarcástica, mas ele simplesmente entregou a arma com as mãos trêmulas. Coloquei-a no cinto. Observando-o um pouco melhor, vi como estava pálido. Parecia prestes a desmaiar a qualquer momento. Usara muita magia, para alguém que estava há dois dias sem comer.

— Mase, pegue as algemas — disse eu. Sem virar as costas para nós, Mason deu alguns passos até a caixa onde os carcereiros guardavam o estoque de algemas plásticas. Ele apanhou três delas e mais alguma coisa. Com um olhar de indagação, dirigido a mim, ele apanhou uma fita adesiva.

— Perfeito — disse eu.

Amarramos os carcereiros às cadeiras. Um deles ainda estava consciente, mas nós o nocauteamos e

colocamos fita adesiva na boca de todos. Logo voltariam a si, e eu não queria que fizessem barulho.

Depois de soltarmos Mia e Eddie, nós nos juntamos e planejamos o próximo passo. Christian e Eddie mal podiam ficar de pé, mas ao me-nos Christian estava ciente do que se passava ao seu redor. O rosto de Mia estava coberto de lágrimas, mas eu suspeitava que ela seria capaz de acatar ordens. Mason e eu éramos, então, os mais ativos do grupo.

— Pelo relógio daquele cara está de manhã — disse ele. — O que temos a fazer é simplesmente sair, e eles não vão nos tocar. Se não houver mais nenhum humano, pelo menos.

— Eles disseram que Isaiah não estava na casa — disse Mia com um fiapo de voz. — Vamos conseguir sair, não vamos?

— Aqueles homens estavam aqui conosco há horas sem sair — dis-se eu. — Eles podiam estar enganados. Não podemos fazer nada sem nos certificarmos primeiro.

Mason abriu cuidadosamente a porta da sala e examinou o corredor vazio.

— Você acha que há alguma saída para a rua, daqui de baixo?

— Isso facilitaria a nossa vida — murmurei. Olhei de volta para os outros. — Fiquem aqui. Nós vamos investigar o resto do porão.

— E se aparecer alguém? — exclamou Mia.

— Não vai aparecer — assegurei-a. Eu estava mesmo quase certa de que não havia mais ninguém no porão; eles teriam surgido imediatamente, com todo o barulho que fizéramos durante a luta com os guardas. E, se alguém tentasse descer as escadas, nós ouviríamos os passos antes.

Mesmo assim, Mason e eu nos movimentamos com cuidado enquanto explorávamos o porão, tomando conta um do outro e examinando cada canto do lugar. Era mesmo como um labirinto de rato, exatamente como eu me recordava de quando nos trouxeram para dentro da sala. Corredores tortuosos e várias salas. Abrimos cada uma das portas. Todas as salas estavam inteiramente vazias, com exceção de uma ou outra cadeira em algumas delas. Estremeci pensando que todos aqueles cômodos deviam ser utilizados como prisão, exatamente como aquela em que ficáramos.

— Não tem nenhuma janela em todo esse porão — murmurei, quando terminamos nossa varredura. — Vamos ter que subir as escadas.

Encaminhamo-nos de volta para a nossa sala, mas, antes de chegarmos lá, Mason pegou a minha mão.

— Rose... Eu parei e olhei para ele.

— O quê?

Os olhos azuis dele, mais sérios do que nunca, olharam para mim cheios de arrependimento.

— Eu realmente fiz tudo errado. Eu pensei em todos os eventos que nos levaram àquilo.

— *Nós* fizemos tudo errado, Mason. Ele deu um suspiro.

— Eu espero... espero que, quando tudo isso acabar, a gente possa sentar e conversar e se entender. Eu não devia ter ficado zangado com você.

Eu quis dizer a ele que isso não ia acontecer, que quando ele desapareceu do hotel, eu estava indo procurá-lo para dizer-lhe que as coisas não iam se ajeitar para nós. Já que esta não parecia ser a hora nem o lugar certo para terminar um namoro, eu menti.

Apertei a mão dele.

— Eu também espero. Ele sorriu, e nós voltamos para buscar os outros.

— Bom — comecei a explicar a eles —, vamos fazer o seguinte.

Rapidamente bolamos um plano e depois subimos cuidadosamente as escadas. Eu guiei o grupo, seguida por Mia, que tentava ajudar Christian a subir os degraus. Mason veio quase arrastando Eddie no

final da fila.

— Eu devia ir na frente — murmurou Mason quando chegamos ao topo da escada.

— Não devia, não — respondi secamente, colocando a mão na maçaneta.

— É, mas se alguma coisa acontecer...

— Mason — o interrompi, lançando-lhe um olhar firme, e, subitamente, me lembrei da minha mãe no dia em que chegou a notícia do ataque aos Drozdov. Calma e controlada, mesmo diante de algo tão terrível. Eles precisaram de um líder, assim como este grupo precisava agora, e eu tentei o mais que pude espelhar a atitude dela. — Se alguma coisa acontecer, você os tira daqui. Corra rápido e vá para bem longe. E não volte sem uma horda de guardiões.

— Você vai ser a primeira a ser atacada! O que você pretende que eu faça? — disse ele rispidamente. — Que deixe você para trás?

— Isso mesmo. Esqueça de mim se puder tirá-los daqui.

— Rose, eu não vou...

— Mason. — Mais uma vez, vislumbrei a minha mãe, lutando para manter esta força e o poder de liderar os outros. — Você acha que pode fazer o que estou dizendo ou não?

Nós nos encaramos durante alguns lentos e pesados segundos, enquanto os outros prendiam a respiração.

— Posso, sim — disse ele com firmeza. Fiz um sinal afirmativo com a cabeça e me virei de volta.

A porta do porão rangeu quando eu a abri, e eu fiz uma careta ao ouvir o barulho. Mal ousando respirar, fiquei completamente parada no topo da escada, esperando e ouvindo. A casa e sua decoração excêntrica pareciam iguais a quando fôramos trazidos para dentro. Persianas escuras cobriam todas as janelas, mas, pelas beiradas, eu pude ver que havia luz espreitando lá fora. A luz do sol nunca me pareceu tão agradável quanto naquele momento. Chegar até ela significava a liberdade.

Não havia nenhum som, nem qualquer movimento. Olhei em volta tentando me lembrar onde ficava a porta de entrada. Ficava do outro lado da casa. Não era longe, na realidade, mas, numa situação daquelas, a distância parecia um abismo.

— Venha explorar o lugar comigo — sussurrei para Mason, esperando que ele estivesse menos desconfortável por estar na retaguarda.

Ele recostou momentaneamente Eddie em Mia e seguiu comigo para uma rápida varredura pela sala de estar principal. Nada. O caminho parecia estar livre dali até a porta da frente. Respirei aliviada. Mason pegou Eddie mais uma vez, e nós fomos caminhando, todos tensos e nervosos. Meu Deus. Nós íamos conseguir escapar. Nós íamos mesmo conseguir escapar. Eu não podia acreditar na sorte que tivéramos. Estivéramos tão perto do desastre, e conseguíramos com muita dificuldade superar aquilo tudo. Este era um daqueles momentos que fazem com que a gente aprecie a vida e queira mudar as coisas para melhor. Quando nos é dada uma segunda chance e a gente jura que não vai desperdiçá-la. Uma constatação que...

Eu percebi o movimento deles quase ao mesmo tempo em que os vi de pé na nossa frente. Foi como se Isaiah e Elena num passe de mágica surgissem do nada. Só que eu sabia que não havia mágica nenhuma desta vez. Os Strigoi são capazes de se movimentar com uma rapidez absurda. Eles deviam estar em algum cômodo do andar principal que nós imaginamos estar vazio. Preferimos não perder mais tempo examinando o andar. Eu me condenei internamente por não ter checado cada centímetro quadrado daquele andar inteiro. Em algum lugar no fundo da minha memória ouvi minha própria voz caçoando de minha mãe na aula de Stan: *Está parecendo que vocês deram uma mancada. Por que não examinaram minuciosamente o lugar logo de início para se certificarem de que não havia nenhum Strigoi à espreita. Acho que isso os teria*

poupado de todo esse trabalho.

O destino é uma praga mesmo.

— Crianças, crianças — cantarolou Isaiah. — Não é assim que o jogo funciona. Vocês estão burlando as regras. — Um sorriso cruel brincou nos lábios dele. Ele se divertia conosco, não via em nós nenhuma ameaça real. E sinceramente? Ele estava certo.

— Rápido e para longe, Mason — disse eu em voz baixa, sem tirar os olhos dos Strigoi.

— Oh, minha nossa... se um olhar pudesse matar... — Isaiah arqueou a sobrancelha quando alguma coisa lhe ocorreu. — Vocês acham que podem, sozinhos, dar conta de nós dois? — Ele riu. Elena riu. Eu rangi os dentes.

Não, eu não achava que podia dar conta dos dois. Na verdade, eu estava certa de que ia morrer. Mas eu também estava certa de que poderia fornecer uma bela distração a eles antes disso.

Avancei como se fosse atacar Isaiah, mas atirei em Elena. É possível atacar de surpresa guardas humanos, mas não Strigoi. Eles viram o meu ataque praticamente antes de eu começar a me movimentar. Mas eles não esperavam que eu tivesse um revólver. E enquanto Isaiah bloqueava o meu golpe físico quase sem nenhum esforço, eu ainda consegui acertar Elena antes que ele agarrasse o meu braço para me impedir. O barulho do tiro soou alto nos meus ouvidos, e ela gritou de dor e de susto. Eu mirara no estômago, mas fui empurrada e acabei atingindo-a na coxa. Não que isso fizesse alguma diferença. O tiro não a teria matado mesmo, não importava o lugar do corpo atingido, mas se tivesse sido no estômago o estrago teria sido muito maior.

Isaiah segurou-me o pulso com tanta força que eu pensei que os meus ossos seriam quebrados. Deixei o revólver cair. Ele bateu no chão, quicou e escorregou na direção da porta. Elena deu um grito agudo de raiva e partiu com as garras dela para cima de mim. Isaiah mandou que ela se controlasse e me empurrou para longe do seu alcance. Durante todo o tempo eu me debati o máximo que pude, mas não foi o suficiente para escapar, apenas para me tornar um aborrecimento para eles.

Então, ouvi o som mais agradável.

O da porta da frente se abrindo.

Mason aproveitara o fato de eles estarem distraídos comigo. Deixou Eddie com Mia e passou ao largo, por mim e pela briga entre os Strigoi, para abrir a porta. Isaiah se virou com uma agilidade mais veloz do que a luz e gritou quando o sol se derramou sobre ele. Mesmo sofrendo, seus reflexos eram ainda bem rápidos. Ele lançou o próprio corpo para longe do caminho que a luz do sol traçara dentro da sala, arrastando com ele Elena e eu. Ela pelo braço e eu pelo pescoço.

— Tire-os daqui! — gritei.

— Isaiah... — começou a falar Elena, libertando-se dele.

Ele me jogou no chão e virou para a porta, olhando as vítimas que escapavam. Eu arfei procurando respirar, já que ele soltara o meu pescoço, e olhei para a porta por entre um emaranhado de cabelo que me caía na cara. Foi o tempo de ver Mason arrastar Eddie pelo limiar da porta, para fora e para a segurança oferecida pela luz. Mia e Christian já tinham escapado. Quase chorei de alívio.

Isaiah se virou de volta para mim com a fúria de uma tempestade, os olhos negros e terríveis me fitavam enquanto ele pairava sobre mim do alto de sua altura gigantesca. O rosto dele, que sempre parecera temível, se transformou em algo que ia além da compreensão. “Monstruoso” era pouco para descrever aquilo.

Ele me ergueu no ar pelos cabelos. Gritei de dor, e ele aproximou a cabeça da minha de modo que nossos rostos se pressionaram um contra o outro.

— Você quer uma mordida, garota? — perguntou. — Quer ser uma prostituta de sangue? Podemos dar um jeito nisso. Em todos os sentidos da palavra. E *não* vai ser agradável. E *não* vai ser entorpecedor. Vai ser

doloroso. A compulsão pode funcionar das duas maneiras, sabe disso? E eu vou me certificar de que você acredite que está sofrendo a pior dor da sua vida. E eu também vou me certificar de que a sua morte demore muito, muito tempo. Você vai gritar. Você vai chorar. Você vai me implorar para terminar de uma vez e deixar que você morra...

— Isaiah — gritou Elena, exasperada. — Mate-a de uma vez. Se você tivesse feito isso mais cedo, como eu sugeri, nada disso teria acontecido.

Ele me manteve suspensa pelos cabelos, mas lançou um rápido olhar para ela.

— Não me interrompa.

— Você está sendo melodramático — continuou ela. E tinha mesmo razão; a voz dele soava de fato como um lamento. Nunca imaginei que um Strigoi pudesse fazer isso. Era algo quase cômico. E um desperdício.

— E também não me responda — disse ele.

— Estou com *fome*. Estou só dizendo que você deveria...

— Solte-a, ou eu vou matar você.

Todos nos viramos em direção à voz que falara por último, uma voz sombria e raivosa. Mason estava de pé na porta, emoldurado pela luz do sol, segurando o revólver que eu deixara cair. Isaiah o avaliou por algum tempo.

— Claro — disse finalmente o Strigoi. Ele pareceu entediado. — Tente.

Mason não hesitou. Atirou e continuou atirando até descarregar toda a arma no peito de Isaiah. Cada bala fazia o Strigoi vacilar só um pouco, mas continuava de pé e não me soltava. Era isso o que significava ser um Strigoi velho e poderoso, percebi. Uma bala na coxa conseguira desestabilizar uma vampira jovem, como Elena. Mas para Isaiah? Levar vários tiros no peito era apenas uma chateação.

Mason percebeu isso também, e seu rosto endureceu quando ele jogou a arma no chão.

— Vá embora! — gritei. Ele ainda estava sob o sol, a salvo.

Mas ele não me ouviu. Correu em nossa direção, para fora da luz protetora. Eu me debati mais ainda, esperançosa de poder atrair a atenção de Isaiah para mim e para longe de Mason. Não consegui. Isaiah me lançou para Elena antes que Mason chegasse na metade do caminho até nós. Como um raio, ele bloqueou a passagem de Mason e o agarrou pelo braço, exatamente como fizera comigo antes.

Só que, ao contrário do que fizera comigo, Isaiah não refreou os gestos de Mason, não o ergueu no ar nem divagou em longas ameaças sobre uma possível agonia mortal. Isaiah simplesmente interrompeu o ataque, agarrou a cabeça de Mason com ambas as mãos e deu-lhe uma rápida torcida. Ouviu-se um estalo tremendo. Os olhos de Mason se arregalaram. E depois perderam o brilho.

Com um suspiro impaciente, Isaiah jogou o corpo sem vida de Mason para Elena, que me segurava. Ele aterrissou na nossa frente. A náusea e a tontura me embaçaram a visão e tomaram conta de mim.

— Está aí — disse Isaiah para Elena. — Veja se isso acalma a sua fome. E guarde um pouco para mim.

Vinte e dois

Fui inteiramente tomada pelo horror e pelo choque, de tal modo que cheguei a pensar que minha alma fosse secar e o mundo fosse acabar bem ali e naquele momento, pois com certeza, *com certeza*, o mundo não poderia seguir em frente depois daquilo. Ninguém poderia seguir em frente depois daquilo. Eu quis gritar até que todo o Universo pudesse ouvir a minha dor. Quis chorar até me dissolver inteira. Quis me afundar ao lado de Mason e morrer com ele.

Elena me soltou, aparentemente concluindo que eu não representaria mais qualquer ameaça já que me encontrava entre ela e Isaiah. Voltou-se, nesse momento, para o corpo de Mason.

Então eu parei de sentir. E simplesmente entrei em ação.

— Não. Toque. Nele. — Não pude reconhecer a minha própria voz. Ela revirou os olhos com impaciência.

— Deus do céu, como você é chata. Estou começando a entender Isaiah: você realmente precisa sofrer bastante antes de morrer. — Desviou a atenção de mim, ajoelhou-se no chão e virou o corpo de Mason de modo a que ele ficasse deitado de costas.

— Não toque nele! — gritei. Empurrei-a, mas foi em vão. Ela me empurrou de volta, e quase me nocauteou. Tudo o que eu consegui fazer foi ficar de pé, estabilizar o corpo e me manter ereta.

Isaiah observava a cena divertido e interessado; subitamente o olhar dele se voltou, no entanto, para o chão. O *chotki* de Lissa caíra do bolso do meu casaco. Ele o apanhou. Os Strigoi podiam tocar em objetos sagrados — as histórias que se contam sobre vampiros Strigoi terem medo de cruzes não são verdadeiras. Eles apenas não podem pisar em solo sagrado. Ele virou a cruz ao contrário e correu os dedos sobre o dragão gravado ali.

— Ah, os Dragomir — refletiu ele. — Eu havia me esquecido deles. Fácil esquecer. Restam quantos agora, um? Dois apenas? Nem vale a pena lembrar. — Aqueles terríveis olhos vermelhos pousaram em mim. — Você conhece algum deles? Vou precisar fazer-lhes uma visita qualquer dia desses. Não vai ser muito difícil...

De repente eu ouvi uma explosão. A água do aquário forçou as paredes de vidro do recipiente e foi estilhaçando-o completamente, transformando em cacos toda a superfície vítrea. Um pouco da água voou na minha direção, mas eu mal percebi. Logo o líquido se aglutinou no ar, formando uma esfera assimétrica. E começou a flutuar. Na direção de Isaiah. Fiquei boquiaberta observando aquele fenômeno.

Ele também parou para observar, mais intrigado do que amedrontado. Até que a esfera d'água, de

repente, envolveu o seu rosto e começou a sufocá-lo.

Assim como as balas de revólver não eram capazes de matá-lo, ele também não morreria sufocado. Mas a sensação de afogamento causou-lhe forte desconforto.

As mãos dele voaram em direção ao seu rosto. E ele tentou desesperadamente “arrancar” a água de cima dele. Não conseguiu. Seus dedos simplesmente escorregavam por ela. Elena esqueceu Mason e se pôs de pé imediatamente.

— O que é isso? — gritou ela. Ela o sacudiu, então, num esforço igualmente inútil para livrá-lo da asfixia. — O que está acontecendo?

Mais uma vez eu não senti. Eu agi. Minha mão agarrou um enorme pedaço de vidro do aquário quebrado. Era pontudo e afiado, cortando a minha mão.

Lancei-me para frente e cravei o caco de vidro no peito de Isaiah, tendo como alvo o coração, que eu praticara com tanto afínco para encontrar durante os treinamentos. Isaiah emitiu um grito abafado através da água e caiu no chão. Seus olhos se reviraram para dentro da sua cabeça, e ele desmaiou de dor.

Elena observou tão perplexa quanto eu ficara quando Isaiah matou Mason. Isaiah não estava morto, é claro, mas ficaria fora de combate por um tempo. A expressão do rosto dela indicava claramente que jamais imaginara que algo assim pudesse acontecer.

A coisa mais inteligente a fazer naquele momento teria sido correr para a porta, para o sol, para a segurança oferecida pela luz. Em vez dis-so, eu corri na direção oposta, para a lareira. Agarreí uma das espadas e me volvei para Elena. Não precisei andar muito, porque ela já se recuperara do choque e partira para cima de mim.

Rosnando de ódio, ela tentou me agarrar. Eu nunca treinara com uma espada, mas aprendera a lutar com qualquer arma improvisada que pudesse encontrar. Usei a espada para manter a distância entre nós duas, meus movimentos desajeitados, mas eficientes naquele momento.

Caninos brancos brilharam na boca de Elena.

— Eu vou fazer você...

— Sofrer, pagar, me arrepender de ter nascido? — sugeri a ela possíveis expressões.

Lembrei da luta com a minha mãe, de ter permanecido na defensiva todo o tempo. Isso não iria funcionar daquela vez. Eu tinha que atacar. Lancei-me à frente e tentei acertá-la com a espada. Não tive sorte. Ela antecipava cada movimento meu.

Subitamente, detrás dela, Isaiah gemeu, começando a voltar a si. Ela olhou para trás, num movimento rápido e sutil, mas que me permitiu cruzar o seu peito com a espada. A lâmina cortou o tecido da blusa dela e arranhou-lhe a pele, mas nada além disso. Mesmo assim, ela recuou e olhou, em pânico, para baixo. Acho que a visão do vidro atravessando o coração de Isaiah ainda estava fresca em sua memória.

E era só *disso* que eu precisava.

Reuni toda a força que eu tinha, recuei e balancei a espada.

A lâmina bateu no pescoço dela com força, fazendo um corte profundo. Ela soltou um terrível grito agudo estridente que fez a minha pele arrepiar. Tentou avançar para cima de mim. Eu recuei e a ataquei novamente. Ela levou as mãos à garganta, e seus joelhos cederam. Continuei atacando e atacando várias vezes. A espada cavava cada vez mais fundo o pescoço dela. Cortar fora a cabeça de alguém era mais difícil do que eu imaginara. A espada antiga, e pouco afiada, provavelmente também não estava ajudando muito.

Recuperei afinal a razão e vi que ela já não se movia mais. A cabeça estava lá, jogada, separada do corpo, seus olhos mortos olhando para mim como se não acreditassem no que acabara de acontecer. Na verdade nem eu acreditava.

Alguém gritava, e, por um segundo surreal, achei que ainda fosse Elena. Então levantei os olhos e vi, do outro lado da sala, Mia de pé na porta, com os olhos esbugalhados e a pele esverdeada como se ela fosse vomitar. Bem longe, no fundo da minha mente, eu me dei conta de que fora ela quem explodira o aquário. A magia da água não era completamente inútil, afinal de contas.

Ainda um pouco abalado, Isaiah tentou se erguer. Antes que conseguisse se pôr inteiramente de pé, no entanto, eu já partira para cima dele com a espada. A espada cantou alto, descarregando sangue e dor a cada ataque de vingança. Desta vez me senti como uma profissional experiente. Isaiah caiu no chão mais uma vez. Na minha mente, eu continuava vendo-o quebrar o pescoço de Mason, então o golpeei e golpeei o máximo que pude, como se atacar com muita força pudesse de alguma maneira arrancar aquela visão da minha memória.

— Rose! *Rose!*

Através da névoa de ódio que me invadira, eu mal consegui distinguir a voz de Mia.

— Rose, ele está morto!

Lentamente, com o corpo trêmulo, eu refreei o golpe seguinte e olhei para o corpo dele, e para a cabeça já destacada do corpo. Ela estava certa. Isaiah estava morto. Bem morto mesmo.

Olhei para o resto da sala. Havia sangue em toda a parte, mas o horror de todo aquele cenário não me atingiu. O meu mundo parecera se restringir, se restringir na realidade a duas tarefas muito simples. Matar os Strigoi. Proteger Mason. Eu não conseguia processar mais nada.

— Rose — sussurrou Mia. Ela estava tremendo, e suas palavras estavam cheias de medo. Medo de mim, não dos Strigoi. — Rose, nós temos que ir. Vamos.

Arrastei o olhar para longe dela e direcionei-o para os restos de Isaiah. Depois de algum tempo, ainda agarrada à espada, rastejei até o corpo de Mason.

— Não — disse com a voz rouca. — Não posso deixá-lo. Outros Strigoi podem aparecer...

Meus olhos queimavam como se eu quisesse desesperadamente chorar. Não sei com certeza se era isso. A fúria de matar ainda pulsava em mim, violência e ódio eram as únicas emoções que eu era capaz de sentir então.

— Rose, nós vamos voltar para buscá-lo. Se outros Strigoi estão vindo mesmo, nós temos que ir embora.

— Não — repeti, sem nem olhar para ela. — Não vou deixá-lo sozinho. — Com a minha mão que estava livre, agarrei o cabelo de Mason.

— Rose... Ergui a cabeça com fúria.

— Vá embora! — gritei para ela. — Vá embora e nos deixe em paz.

Ela deu alguns passos adiante, e eu levantei a espada. Ela ficou paralisada.

— Vá embora — repeti. — Vá procurar os outros. Lentamente, Mia recuou em direção à porta. E lançou-me ainda um último olhar desesperado antes de correr para fora.

O silêncio tomou conta de tudo, e eu afrouxei a espada na mão, recusando-me porém a soltá-la. Meu corpo vergou para a frente, e eu descansei a cabeça no peito de Mason. Obliterei tudo à minha volta: o mundo, o tempo. Segundos podiam ter passado. Horas podiam ter passado. Eu não saberia dizer. Eu não sabia de nada, a não ser que eu não podia deixar Mason sozinho. Eu me senti como se existisse num universo paralelo, num estado em que mal conseguia manter à margem, da minha consciência, o terror e o luto. Não dava para acreditar que Mason estivesse morto. Era incrível que eu tivesse acabado de mencionar a sua morte. Pois, enquanto eu pudesse me recusar a reconhecer o horror daquilo, podia fingir para mim mesma que nada daquilo realmente acontecera.

Então ouvi rumores de vozes e de passos, e ergui a cabeça. Pessoas entraram pela porta, muitas pessoas.

Eu, na verdade, não fui capaz de reconhecer nenhuma delas. E nem precisava. Elas significavam ameaças, ameaças das quais eu tinha que proteger Mason. Duas delas se aproximaram de mim, e eu me levantei rapidamente, empunhando a espada e segurando-a de modo protetor sobre o corpo dele.

— Não se aproximem — adverti. — Não se aproximem dele. As pessoas continuaram vindo na minha direção.

— Não se aproximem! — gritei. Todos pararam. Exceto um deles.

— Rose — disse, numa voz suave. — Largue a espada. Minhas mãos tremiam. Engoli em seco.

— Afaste-se de nós — retruquei.

— Rose.

A voz soou novamente, era uma voz que a minha alma reconheceria em qualquer lugar. Ainda hesitante, eu afinal me permiti tomar consciência do mundo ao meu redor, e apreender de fato os detalhes de tudo o que acontecera. Deixei que meus olhos focalizassem as feições do homem de pé à minha frente. Os olhos castanhos de Dimitri, doces e firmes, olhavam para mim.

— Está tudo bem — disse ele. — Vai ficar tudo bem. Você pode soltar a espada. Minhas mãos tremeram mais ainda enquanto eu tentava soltar o punho.

— Não consigo. — As palavras doíam ao sair de mim. — Não posso deixá-lo sozinho. Tenho que protegê-lo.

— Sim, eu sei — disse Dimitri.

A espada me escapou das mãos, retinindo alto ao tombar sobre o chão de madeira. Eu acompanhei a sua queda, despencando também, de quatro, com uma vontade imensa de chorar, mas ainda sem conseguir fazê-lo.

Os braços de Dimitri me envolveram e me ajudaram a levantar. As vozes voltaram a soar à nossa volta, e, uma a uma, fui reconhecendo as pessoas que faziam parte da minha vida e nas quais eu confiava. Ele começou a me puxar para a porta, mas eu ainda me recusava a me mover. Não conseguia me afastar dali. Minhas mãos se agarraram à camisa dele, amassando o tecido. Ainda mantendo um braço ao redor do meu corpo, ele puxou suavemente o meu cabelo para trás, afastando-o do meu rosto. Recostei a cabeça nele, e ele continuou mexendo no meu cabelo e murmurando alguma coisa em russo. Não entendi uma só palavra, mas o tom suave com que ele falava acabou me acalmando.

Guardiões se espalharam por toda a casa, examinando-a centímetro por centímetro. Dois deles se aproximaram de nós e ajoelharam ao lado dos corpos em direção aos quais eu me recusava a olhar.

— Ela fez isso? Matou os dois?

— Aquela espada não era afiada há anos!

Um som estranho me chegou à garganta. Dimitri apertou-me o ombro, procurando me confortar.

— Tire-a daqui, Belikov — ouvi uma mulher dizer atrás dele. A voz dela soou familiar. Dimitri apertou novamente o meu ombro.

— Vamos, Roza. Está na hora de você sair daqui.

Desta vez eu fui, sim. Ele me guiou para fora da casa, sustentando-me a cada passo claudicante que eu dava. Minha cabeça ainda se recusava a processar o que acontecera. Naquele momento, não me restava muito mais do que seguir as instruções simples que me eram dadas por outros.

Acabei embarcando num dos aviões da Escola. Ouvi o barulho das turbinas do jato quando começamos a decolar. Dimitri murmurou alguma coisa, avisando que teria que sair um pouco e logo voltaria e me deixou sentada sozinha na poltrona da aeronave. Eu olhei bem para frente e estudei minuciosamente os detalhes da poltrona à minha frente.

Alguém se sentou ao meu lado e colocou um cobertor sobre os meus ombros. Só então me dei conta do quanto eu tremia. Agarrei-me às pontas do cobertor.

— Estou com frio — disse. — Por que estou sentindo tanto frio?

— Está em estado de choque — respondeu Mia.

Virei-me e olhei para ela, observando seus cachos louros e seus grandes olhos azuis. As lembranças foram voltando à minha mente enquanto eu olhava para ela. Tudo voltou mais uma vez. Fechei os olhos e os apertei bem.

— Ai, meu Deus — suspirei. Abri os olhos e concentrei-me nela novamente. — Você me salvou. Me salvou quando fez o aquário explodir. Não devia ter feito isso. Não devia ter voltado lá.

Ela deu de ombros.

— E você não devia ter ido pegar a espada. Mia estava certa.

— Obrigada — disse a ela. — O que você fez... eu nunca teria essa ideia. Foi brilhante. — Isso eu não sei — ponderou ela, sorrindo pesarosamente. — Água não é bem uma arma, lembra?

Ri um pouco, mesmo não achando as minhas velhas palavras assim tão engraçadas. Não mais.

— Água é uma excelente arma — comentei, afi nal. — Quando eu voltar, vamos ter que praticar novas maneiras de usá-la.

O rosto dela se iluminou de animação. A determinação brilhou em seus olhos.

— Eu adoraria. Mais do que qualquer coisa.

— Sinto muito... Sinto muito pelo que aconteceu à sua mãe. Mia fez apenas um sinal afirmativo com a cabeça.

— Você tem sorte de ainda ter a sua. Não sabe a sorte que tem.

Virei-me e olhei para a poltrona à minha frente de novo. As palavras que eu disse em seguida me espantaram.

— Eu queria que ela estivesse aqui.

— Ela está — disse Mia, parecendo surpresa. — Ela estava com o grupo que vasculhou a casa. Você não a viu?

Balancei a cabeça em sinal negativo.

Ficamos em silêncio. Mia levantou e saiu. Um instante depois, outra pessoa sentou ao meu lado. Eu não precisei olhar para ver quem era. Eu simplesmente *sabia*.

— Rose — disse minha mãe. Pela primeira vez na minha vida, a voz dela me pareceu insegura. Temerosa, talvez. — Mia disse que você que-ria me ver. — Não respondi. Não olhei para ela. — Você... você está precisando de alguma coisa?

Eu não tinha ideia do que eu precisava. Não sabia o que fazer. A ardência em meus olhos tornou-se insuportável, e, antes que eu pudesse perceber, estava chorando. Enormes e dolorosos soluços me tomaram todo o corpo. As lágrimas que eu segurara por tanto tempo rolavam pelo meu rosto. O medo e a dor que eu me recusara a sentir por fim foram liberados, queimando-me o peito. Eu mal podia respirar.

Minha mãe me abraçou, e eu afundei o rosto em seu peito, soluçando ainda mais.

— Eu sei — disse ela suavemente, estreitando o abraço. — Eu compreendo.

Vinte e três

A temperatura esquentou no dia da minha cerimônia *molnija*. Na verdade, esquentou tanto que boa parte da neve que cobria o campus começou a derreter, escorrendo pelas laterais dos prédios de pedra da Escola em delgados e prateados veios de água. O inverno estava longe de acabar, então eu sabia que tudo voltaria a congelar em poucos dias. Por ora, no entanto, parecia que o mundo inteiro estava se desmanchando em lágrimas.

Eu escapara do incidente em Spokane com apenas poucos e pequenos cortes e algumas contusões. As queimaduras causadas pelo derretimento das algemas plásticas foram os meus piores ferimentos. Mas eu ainda estava encontrando dificuldades para lidar com as mortes que eu causara e com as mortes que eu vira. Só tinha vontade de ficar quieta, enrolada como uma bola em algum lugar, sem falar com ninguém, com exceção de Lissa, talvez. No quarto dia, já de volta à Escola, porém, minha mãe veio ao meu encontro para me dizer que chegara a hora de eu receber as minhas marcas.

Demorei algum tempo para entender do que ela estava falando. Então me ocorreu que, por decapitar dois Strigoi, eu merecia duas tatuagens *molnija*. As minhas primeiras. Fiquei perplexa quando me dei conta disso. Ao longo de toda a minha vida até então, enquanto imaginava minha futura carreira como guardiã, eu ansiei merecer aquelas marcas.

Eu as encarava como medalhas de honra. Mas agora? Elas só me fariam lembrar de uma coisa que eu queria apenas esquecer.

A cerimônia aconteceu no prédio dos guardiões, num enorme salão que eles usavam para reuniões e banquetes. Não se parecia em nada com o grande salão de jantar que eu conhecera no hotel. Era eficiente e prático, exatamente como são os próprios guardiões. O chão era coberto por um tapete de tom azul acinzentado, baixo e tecido de modo justo, sem espaços. Nas paredes brancas, nuas, havia retratos emoldurados, em preto e branco, da vida de São Vladimir ao longo dos anos. Não havia qualquer outro tipo de decoração ou de atrativos, no entanto a solenidade e o poder do momento eram palpáveis. Todos os guardiões do campus, exceto os aprendizes, compareceram. Eles circulavam em pequenos grupos pelo salão principal do prédio, mas não conversavam. Quando a cerimônia teve início, eles se enfileiraram em ordem, sem que ninguém os tivesse mandado fazer tal coisa, e me observaram.

Fiquei sentada num dos cantos do salão, com o corpo inclinado para a frente e os cabelos caindo no rosto. Atrás de mim, um guardião chamado Lionel empunhava uma agulha de tatuagem direcionada à minha nuca. Eu o conhecia desde que entrara na Escola, mas nunca soubera que ele fora treinado para

desenhar marcas *molnija*.

Antes de começar, ele falou num tom de voz baixo com minha mãe e Alberta.

— Ela não vai ter a marca do juramento — disse ele. — Não se graduou ainda.

— Isso acontece — disse Alberta. — Ela executou os Strigoi. Faça apenas as marcas *molnija*, e posteriormente ela receberá a do juramento.

Considerando a dor que eu regularmente estava acostumada a suportar, não imaginei que fazer tatuagens doesse tanto. Mas mordi o lábio e fiquei em silêncio enquanto Lionel fazia as marcas. O processo pareceu levar horas. Quando ele terminou, me deram dois espelhos, e, com alguma manobra, pude enxergar a minha nuca. Duas pequeninas marcas estavam desenhadas ali, uma ao lado da outra, contra a minha pele avermelhada e sensível. *Molnija* significava “raio” em russo e era isso que o formato pontiagudo do desenho simbolizava. Duas marcas. Uma para Isaiah, outra para Elena.

Depois que eu as vi, ele fez um curativo para elas e me deu algumas instruções sobre como tratar das tatuagens até que elas cicatrizassem. Não memorizei grande parte das instruções, mas imaginei que pudesse perguntar outra vez mais tarde. Eu ainda estava um pouco em choque com tudo o que acontecera.

Depois de terminada a cerimônia, todos os guardiões vieram, um por um, me cumprimentar. Cada um demonstrou o seu afeto de um jeito: abraços, beijos no rosto e palavras gentis.

— Bem-vinda à ordem — disse Alberta, e suas feições desgastadas adquiriram uma expressão doce quando ela me puxou para um abraço apertado.

Dimitri não disse nada quando chegou a vez dele, mas, como sempre, seus olhos falaram por ele. Orgulho e ternura tomaram a expressão do seu rosto, e eu engoli as lágrimas que me encheram os olhos d’água. Ele pousou uma das mãos gentilmente no meu rosto, fez um cumprimento com a cabeça e seguiu andando.

Quando Stan — o professor com quem eu mais brigara desde o meu primeiro dia na Escola — me abraçou e disse “Agora você é uma de nós. Eu sempre soube que você seria uma das melhores”, achei que fosse desmaiar.

E, quando minha mãe se aproximou de mim, não consegui segurar a lágrima que correu pelo meu rosto. Ela a enxugou e depois passou os dedos na minha nuca.

— Nunca se esqueça — me disse. Ninguém disse “parabéns”, e eu gostei disso. A morte não é uma coisa que deixe as pessoas animadas.

Depois dos cumprimentos, foram servidos drinks e comida. Eu fui até a mesa do bufê e fiz um prato de miniquiches de queijo *feta* e uma fatia de *cheesecake* de manga. Comi sem sentir o gosto da comida e respondi a perguntas feitas pelos outros sem nem saber direito o que eu estava dizendo, na maior parte do tempo. Era como se eu fosse uma “robô Rose”, executando as ações que eram esperadas de mim. Na minha nuca, a pele ardia no lugar das tatuagens, e, na minha mente, eu continuava vendo os olhos azuis de Mason e os olhos vermelhos de Isaiah.

Senti certa culpa por não estar aproveitando melhor o meu grande dia, mas fiquei aliviada quando o grupo começou a se dispersar. Minha mãe se aproximou de mim enquanto os outros se despediam sem alvoroço. Além das palavras trocadas durante a cerimônia, nós não conversáramos muito desde a minha crise de choro no avião. Eu ainda me sentia um pouco estranha por conta daquela explosão de desespero, e um pouco envergonhada também. Ela nunca mencionou nada, mas algo mudara minimamente na natureza do nosso relacionamento. Não estávamos nem perto de sermos amigas... mas também não éramos mais propriamente inimigas.

— Lorde Szelsky partirá em breve — disse-me ela quando estávamos de pé perto da porta de entrada do

prédio, não muito longe de onde eu gritara por ela no primeiro dia em que conversáramos. — Vou partir com ele.

— Eu sei — respondi. Não havia qualquer dúvida de que ela iria partir. Era assim que as coisas funcionavam. Os guardiões seguiam seus Moroi. Eles vinham em primeiro lugar sempre.

Ela ficou olhando para mim durante algum tempo com os olhos castanhos pensativos. Pela primeira vez em muito tempo, eu senti que estávamos nos olhando de igual para igual, em vez de ela ficar me observando de cima. Já não era sem tempo, aliás, pois eu era bem mais alta do que ela.

— Você se saiu muito bem — disse ela, afinal. — Considerando as circunstâncias.

Era apenas um meio elogio, mas eu não merecia mais do que isso. Eu compreendia agora os erros e as avaliações equivocadas que culminaram nos eventos na casa de Isaiah. Alguns foram culpa minha; outros não. Eu gostaria de poder mudar algumas das coisas que fiz, mas eu sabia que ela estava certa. Eu fiz o melhor que pude no final para consertar toda a encrenca em que nós nos metêramos.

— Não há glamour algum em matar Strigoi, como eu pensei que houvesse — comentei com ela. Ela abriu um sorriso triste para mim.

— Não. Não há mesmo. Nunca há.

Pensei depois em todas as marcas que ela tinha na nuca. Em todas as mortes que elas simbolizavam. Estremeci.

— Ah, escute. — Desesperada para mudar de assunto, meti a mão no bolso e tirei de lá o pequeno pingente azul, com um olho, que ela me dera. — Isso que você me deu. É um *n-nazar*? — gaguejei ao pronunciar a palavra. Ela pareceu surpresa.

— É, sim. Como você descobriu? Eu não quis explicar a ela sobre os meus sonhos com Adrian.

— Contaram para mim. É uma proteção, não é? Uma espécie de amuleto?

Um olhar pensativo tomou-lhe a expressão; ela deu, então, um suspiro e fez que sim com a cabeça.

— É isso mesmo. Vem de uma superstição do Oriente Médio... Acre-dita-se que as pessoas que querem o seu mal são capazes de amaldiçoar você ou lançar sobre você alguma forma de “mau olhado”. O *nazar* é feito para proteger você do “mau olhado”... e também para proteger de modo geral aqueles que os usam.

Passsei os dedos sobre o amuleto de vidro.

— Oriente Médio... lugares como a Turquia, por exemplo? Os lábios da minha mãe se tensionaram.

— Lugares exatamente como a Turquia. — Ela hesitou. — Foi um... um presente. Um presente que eu ganhei há muito tempo... — Seu olhar pareceu perder-se em suas próprias lembranças. — Os homens prestavam muita... muita atenção em mim quando eu tinha a sua idade. Atenção que, de início, pode passar por galanteio sincero, mas que, ao fim e ao cabo, pode não ser nada disso. Às vezes é difícil distinguir entre o que é afeto verdadeiro e o que é apenas alguém tentando tirar vantagem de você. Mas, quando for para valer, você vai sentir que é... e vai saber diferenciar.

Eu entendi então por que ela fora tão superprotetora com relação à minha reputação. Ela arriscara a dela quando jovem. Talvez mais do que a tenha de fato prejudicado.

Entendi também por que ela me dera o *nazar*. Fora um presente do meu pai a ela. Percebi que ela não queria aprofundar o assunto, então não perguntei mais nada. Já era o bastante saber afinal que talvez houvesse a possibilidade de o relacionamento deles ao menos não ter sido algo apenas profissional ou algum tipo de questão genética.

Nós nos despedimos, então, e eu voltei para as minhas aulas. Todos sabiam onde eu estivera naquela manhã, e os meus companheiros aprendizes quiseram ver as minhas marcas *molnija*. Não os culpei por isso. Se eu estivesse no lugar deles, também estaria extremamente excitada para vê-las.

— Por favor, Rose — implorou Shane Reyes. Estávamos saindo do nosso treinamento matutino, e ele ficara levantando o meu rabo de cavalo para tentar ver melhor. Resolvi, então, que no dia seguinte usaria o cabelo solto. Vários outros nos seguiam e ecoavam as súplicas dele.

— É, por favor. Deixe-nos ver as tatuagens que você ganhou graças à sua grande habilidade como espadachim!

Os olhos deles brilhavam de ansiedade e excitação. Eu era uma heroína, a colega de classe deles que despachara os líderes do bando errante de Strigoi que nos aterrorizara durante o feriado. Meus olhos vislumbraram, subitamente, uma pessoa que estava de pé, na retaguarda do grupo, uma pessoa que não parecia estar nem ansiosa, nem excitada. Eddie. Ao cruzar o seu olhar com o meu, ele me abriu um pequeno e triste sorriso. Ele compreendia.

— Desculpe, pessoal — disse eu, dirigindo-me aos outros. — Não posso tirar o curativo. Ordens médicas.

Eles resmungaram decepcionados e em seguida começaram a fazer perguntas sobre como eu tinha realmente matado os Strigoi. Decapitação era uma das maneiras mais raras e difíceis de matar um vampiro; e, além do mais, sair carregando uma espada por aí não era algo muito usual. Tentei, então, da melhor maneira que eu pude, contar o que aconteceu, me atendo exclusivamente aos fatos, sem glorificar as matanças.

O fim do dia escolar não poderia ter sido mais bem-vindo, e Lissa caminhou comigo até o meu dormitório. Ela e eu não tivéramos oportunidade de conversar desde todas as coisas horríveis que aconteceram em Spokane. Eu passara por uma série de interrogatórios, e depois houve o funeral de Mason. Lissa também esteve ocupada com todos os membros da realeza que agora deixavam o campus, então ela teve tão pouco tempo livre quanto eu.

Estar perto dela fez com que eu me sentisse bem. Apesar de eu poder entrar na cabeça dela quando quisesse, isso não era a mesma coisa que estar de fato, fisicamente, ao lado de uma pessoa que se importava com você.

Quando chegamos perto do meu quarto, vi um buquê de frésias no chão ao pé da porta. Suspirando eu apanhei as flores perfumadas do chão sem nem olhar para o cartão preso a elas.

— O que é isso? — perguntou Lissa, enquanto eu destrancava a porta.

— São de Adrian — disse a ela. Entramos, e eu apontei para a minha escrivaninha, onde estavam alguns outros buquês. Coloquei as frésias ao lado delas. — Vou ficar feliz quando ele for embora do campus. Não sei até quando vou aguentar isso.

Ela virou-se surpresa para mim.

— Ah... você não sabe.

Senti uma pontada de tensão vinda dela pelo laço, indicando que eu não ia gostar do que ouviria em seguida.

— Não sei o quê?

— Bem, ele não vai embora. Ele vai ficar aqui algum tempo ainda.

— Ele tem que ir embora — argumentei. Até onde eu sabia, ele só viera para o campus por causa do funeral de Mason, e eu ainda não entendera bem por que ele fizera questão de vir, já que mal conhecia Mason. Talvez ele tivesse vindo só para se mostrar. Ou talvez para continuar perseguindo a mim e a Lissa. — Ele está na faculdade. Ou talvez no reformatório. Eu sei lá, mas ele faz alguma coisa.

— Ele vai trancar o semestre. Fiquei pasma. Divertindo-se com o estado de choque em que fiquei diante daquela informação, ela fez um sinal afirmativo com a cabeça.

— Ele vai ficar e trabalhar comigo... e com a professora Carmack. Durante todo esse tempo, ele nunca soube o que era o espírito. Só sabia que não conseguira se especializar, mas que tinha aquelas estranhas habilidades. Ele apenas as mantinha em segredo, exceto quando encontrava ocasionalmente algum outro usuário do espírito. Mas esses outros também não tinham qualquer conhecimento sobre a magia do espírito.

— Eu devia ter imaginado isso antes — ponderei. — Eu sentia alguma coisa estranha quando estava perto dele... sempre me dava vontade de conversar com ele, sabe? Ele tem uma espécie de... carisma. Como você. Acho que isso tem a ver com o espírito e com a forte habilidade para a compulsão que vocês têm, ou sei lá. Sei que isso faz com que eu goste dele... mesmo não gostando dele.

— E você não gosta dele? — provocou ela.

— Não — respondi com determinação. — E também não gosto dessa história de ele entrar nos sonhos dos outros. Os olhos verdes dela se arregalaram maravilhados.

— Mas isso é um *barato* — disse. — Você sempre pôde saber o que estava acontecendo comigo, mas eu nunca pude me comunicar com você numa via de mão dupla. Fiquei feliz quando vocês conseguiram escapar em Spokane... mas eu gostaria de poder ter entrado no seu sonho e assim ajudar os guardiões a encontrar você.

— Eu, não — disse. — Aliás, fiquei muito feliz de Adrian não ter conseguido convencer você a parar de tomar os remédios.

Eu só descobrira isso alguns dias depois dos eventos em Spokane. Lissa teria rejeitado a sugestão inicial de Adrian de que interromper a medicação a ajudaria a aprender mais sobre o espírito. Ela admitira para mim depois, no entanto, que, se Christian e eu permanecêssemos desaparecidos por mais tempo, ela talvez tivesse cedido à proposta dele.

— Como você vem se sentindo ultimamente? — perguntei, lembrando-me das preocupações dela com a medicação. — Continua achando que os comprimidos não estão mais funcionando?

— Hum... Bem, é difícil explicar. Eu ainda me sinto mais perto da magia, acho que os comprimidos não estão mais bloqueando inteiramente o meu acesso a ela. Mas eu não estou sentindo nenhum dos outros efeitos psicológicos colaterais... não tenho andado deprimida nem nada.

— Puxa, isso é ótimo. Um belo sorriso iluminou o rosto dela.

— Eu sei. Isso me faz pensar que pode haver esperança de eu afinal ser capaz de usar a magia algum dia.

Ao vê-la tão contente, sorri de volta. Eu não gostara de ver aqueles sentimentos sombrios ameaçando voltar e fiquei feliz que eles tivessem desaparecido. Eu não entendia como nem por que eles subitamente desapareceram, mas enquanto ela estivesse se sentindo bem...

Todo mundo tem luz em volta de si, exceto você. Você tem sombras. Elas vêm de Lissa.

As palavras de Adrian me voltaram à mente como um soco. Nervosamente, eu pensei no meu comportamento durante as duas últimas semanas. Algumas das explosões de raiva. Minha rebeldia exacerbada, incomum mesmo para uma pessoa como eu. Minha própria, e sombria, montanha-russa de emoções revirando no meu peito...

Não, concluí. Não havia semelhança alguma. Os sentimentos sombrios de Lissa eram consequência da sua magia. Os meus eram consequência do estresse. Além do mais, naquele exato momento, eu estava me sentindo bem.

Percebi que ela me observava e tentei me lembrar onde a nossa conversa se interrompera.

— Talvez você, em algum momento, encontre uma maneira de usar a magia. Quero dizer, se Adrian conseguiu achar um meio de usar o espírito sem precisar tomar medicamentos...

Ela riu de repente.

— Você não sabe, não é?

— O que é que eu não sei?

— Que Adrian se medica, sim, de certo modo.

— É mesmo? Mas ele disse... — Compreendi de repente. — É claro que ele se medica. Os cigarros. A bebida. E Deus sabe o que mais ele usa. Ela balançou a cabeça em sinal afirmativo.

— Exatamente. Ele está quase sempre sob o efeito de alguma coisa.

— Mas não durante a noite... e é por isso que ele consegue se meter nos meus sonhos.

— Caramba, eu adoraria conseguir fazer isso — suspirou ela.

— Talvez algum dia você aprenda. Só peço que você não se torne uma alcoólatra durante o processo de aprendizado.

— Não vou fazer isso — me assegurou Lissa. — Mas eu *vou* aprender. Nenhum outro usuário do espírito conseguia fazer isso, Rose. Com exceção de São Vladimir. Vou descobrir como ele aprendeu. Vou aprender a usar a magia e não vou deixar que ela me faça mal.

Sorri e segurei a sua mão. Eu confiava inteiramente nela.

— Eu sei.

Conversamos durante quase toda a noite. Quando chegou a hora do meu treinamento matinal com Dimitri, nós tomamos caminhos diferentes. Enquanto eu caminhava, ponderei sobre uma coisa que estava me incomodando. Embora houvesse muitos outros membros no grupo de Strigoi que armara os ataques, os guardiões estavam confiantes de que Isaiah era o líder. Isso não significava que não haveria *outras* ameaças no futuro, mas eles acharam que demoraria algum tempo até que os seguidores dele se reorganizassem.

Eu não conseguia parar de pensar, entretanto, naquela lista que eu vira no túnel em Spokane, a que enumerava as famílias reais por quantidade de membros em cada clã. E Isaiah mencionara os Dragomir pelo nome. Ele sabia que era uma família quase extinta, e demonstrara vontade de acabar com o clã por conta própria. É claro que agora Isaiah estava morto... mas será que não havia outros Strigoi por aí com a mesma ideia?

Balancei a cabeça numa tentativa de espantar aqueles pensamentos. Não podia me preocupar com isso. Não hoje. Ainda precisava me recuperar de todo o resto. Em breve, no entanto, teria que voltar a isso. Em breve eu teria que lidar com aquelas indagações.

Eu nem sabia ainda se as sessões de treinamento continuariam a acontecer, mas, de todo modo, fui me encaminhando para o vestiário. Depois de vestir as roupas de ginástica, desci para o ginásio e encontrei Dimitri numa das despensas de mantimentos, lendo um daqueles romances de faroeste que ele adorava. Ele levantou o olhar quando eu entrei. Eu o vira pouco nos últimos dias e imaginara que estaria ocupado com Tasha.

— Eu achei que você talvez aparecesse — disse ele, colocando um marcador de livro entre as páginas.

— Está na hora do treinamento. Ele fez que não com a cabeça.

— Não. Não tem treinamento hoje. Você ainda precisa se recuperar.

— Estou com meu atestado de saúde em ordem. Estou pronta para outra. — Tentei colocar naquelas palavras o máximo de bravata que uma Rose Hathaway agora laureada e tudo era capaz de reunir.

Mas Dimitri não caiu na minha tentativa de demonstrar força. Fez um gesto indicando a cadeira ao lado dele.

— Sente-se, Rose.

Hesitei um pouco antes de consentir. Ele aproximou a própria cadeira da minha, de modo que nos

sentamos um em frente ao outro. Meu coração palpitou quando olhei para aqueles belos olhos escuros.

— Ninguém se recupera... tão facilmente... depois de matar... de ma-tar duas vezes... pela primeira vez. Mesmo as vítimas sendo Strigoi... Ainda assim, tecnicamente, é como tirar a vida de alguém. E é difícil se reconciliar consigo mesmo depois de uma experiência dessas. E depois de tudo que você passou... — Ele suspirou e depois pegou a minha mão. Seus dedos eram exatamente como eu me lembrava deles, longos e fortes, cheios de calos por conta dos anos de treinamento. — Quando eu vi o seu rosto... quando encontramos você naquela casa... você não imagina o que eu senti.

Eu engoli em seco.

— O que... o que foi que você sentiu?

— Eu me senti devastado... senti uma tristeza profunda. Você estava viva, mas estava de um jeito... Eu achei que você jamais se recuperaria. E isso me quebrou por dentro, pensar que isso podia acontecer com você ainda tão jovem. — Ele apertou minha mão. — Você vai se recuperar. Eu sei disso agora, e estou feliz com isso. Mas você ainda não se recuperou inteiramente. Ainda não. Perder alguém de quem você gosta muito nunca é fácil.

Meus olhos se desviaram dos dele e passaram a fitar o chão.

— A culpa foi minha — disse eu num fiapo de voz.

— Hein?

— Mason. A morte de Mason.

Não precisei olhar para o rosto de Dimitri para saber que estava tomado de compaixão.

— Ah, Roza. Não. Você tomou algumas decisões erradas... Você de-via ter contado a alguém quando soube que ele saíra do hotel... mas não pode se culpar. Você não o matou.

As lágrimas chegaram aos meus olhos quando o encarei de volta.

— Eu acho que o matei, sim. Ele só foi para lá... por culpa minha. Nós tivemos uma briga... e eu contei a ele sobre os Strigoi estarem em Spokane, mesmo você tendo me pedido para manter segredo...

Uma lágrima acabou escapulindo pelo canto do meu olho. Eu precisava aprender a desligar isso. Exatamente como minha mãe fizera comigo antes, Dimitri a enxugou do meu rosto.

— Você não pode se culpar por isso — me disse ele. — Você pode se arrepender das decisões que tomou e desejar ter feito as coisas de maneira diferente, mas, na verdade, Mason também tomou suas próprias decisões. Essas foram as escolhas que ele fez. A decisão, afinal, foi dele, não importa o papel que você desempenhou no início de tudo. — Eu me dei conta, então, de que quando Mason voltou para me salvar foi porque deixara os sentimentos dele por mim interferirem em suas decisões. Era isso que Dimitri sempre temera, que, se ele e eu nos envolvêssemos em algum tipo de relacionamento amoroso, isso colocaria a nós e a qualquer Moroí que estivéssemos protegendo em risco.

— Eu só queria ter conseguido... não sei... fazer alguma coisa...

Engolindo mais lágrimas que tentavam me saltar dos olhos, puxei minhas mãos das dele e me levantei antes que viesse a dizer alguma besteira.

— É melhor eu ir — disse com firmeza. — Avise quando quiser retomar os treinamentos. E obrigada por... pela conversa. Comecei a me virar; depois o ouvi dizer de maneira abrupta:

— Não. Olhei de volta para ele.

— O quê?

Ele prendeu o meu olhar no dele, e algo quente, maravilhoso e poderoso tomou conta de nós dois.

— Não — repetiu ele. — Eu disse não. Para Tasha.

— Eu... — Fechei a boca antes que meu queixo batesse no chão.

— Mas... por quê? Era uma oportunidade única na sua vida. Você poderia ter um filho. E ela... ela estava, você sabe, totalmente apaixonada por você...

Um fantasma de sorriso surgiu e desapareceu, logo depois, do rosto dele.

— É, ela estava. E está. E foi por isso que eu tive que dizer não. Eu não podia corresponder aos sentimentos dela... não podia dar a ela o que ela queria. Não quando...

— Ele deu um passo na minha direção.

— Não quando o meu coração está em outro lugar. Eu quase comecei a chorar de novo.

— Mas você parecia estar gostando dela também. E ficava repetindo para mim como eu agia de maneira imatura.

— Você age de maneira imatura — disse ele —, porque é *jovem*. Mas você sabe coisas, Roza. Coisas de que pessoas mais velhas que você não fazem a menor ideia. Naquele dia... — Eu sabia exatamente de que dia ele estava falando. Do dia em que nos beijáramos contra a parede. — Você estava certa quando disse o quanto eu lutava para manter o controle. Ninguém jamais percebera isso antes. E eu fiquei assustado. *Você* me deixa assustado.

— Por quê? Você não quer que ninguém saiba?

Ele deu de ombros.

— As pessoas saberem ou não deste detalhe a meu respeito, não é isso o que importa. O que importa é que alguém, que você, me conheça tão bem a ponto de perceber algo assim. Quando uma pessoa consegue ver a sua alma, é difícil lidar com isso. Força você a se abrir. Você se torna vulnerável. É muito mais fácil estar com alguém que é apenas pouco mais do que uma boa amiga.

— Como Tasha.

— Tasha Ozerá é uma mulher admirável. É linda e corajosa. Mas ela não...

— Ela não *saca* você — terminei a frase dele. Ele fez um sinal afirmativo com a cabeça.

— Eu sabia disso. Ainda assim eu tentei insistir naquele relacionamento. Eu sabia que não seria difícil e que ela poderia me tirar de perto de você. Eu pensei que ela talvez pudesse me fazer esquecer você.

Eu pensara a mesma coisa com relação a Mason.

— Mas ela não pôde.

— É. Não pôde. E, então... isso é um problema.

— Porque nós não devemos nos envolver um com o outro.

— É isso.

— Por causa da diferença de idade.

— É. Mas principalmente porque vamos ser os guardiões de Lissa e temos que nos concentrar nela, e não um no outro.

— Eu sei. Pensei nisso durante um tempo e depois olhei bem nos olhos dele.

— Bem — disse eu afinal. — Mas, do meu ponto de vista, nós não somos os guardiões de Lissa. Não *ainda*.

Preparei-me para a reação dele. Eu sabia que viria por aí mais uma daquelas lições de vida zen. Algum discurso sobre a força de vontade interior e a perseverança, sobre como as escolhas que fazemos hoje são padrões que estamos estabelecendo para escolhas futuras ou alguma outra coisa sem sentido.

Em vez disso ele me beijou.

O tempo parou quando ele se aproximou e segurou o meu rosto nas mãos. Trouxe sua boca até a minha e roçou-a contra os meus lábios. O gesto, no início, era um quase beijo, mas logo se intensificou, tornando-se inebriante e profundo. Quando ele finalmente se afastou, foi para beijar minha testa. Deixou os lábios lá

durante vários segundos enquanto seus braços me enlaçavam o corpo num abraço apertado.

Eu queria que aquele beijo não terminasse nunca. Ele afrouxou o abraço, correu os dedos pelo meu cabelo e pelo meu queixo. Recuou em direção à porta.

— Nós nos vemos mais tarde, Roza.

— No nosso próximo treino? — perguntei. — Nós *vamos* retomar o treinamento, não vamos? Quero dizer, você ainda tem coisas para me ensinar. De pé no espaldar da porta, ele olhou para mim e sorriu.

— Tenho, sim. Muitas coisas.

Agradecimentos

Como sempre, este livro não poderia ter sido escrito sem a ajuda e o apoio dos meus amigos e da minha família. Preciso agradecer, em especial, ao meu time de conselheiros via mensagem instantânea: Caitlin, David, Jay, Jackie e Kat. Vocês se mantiveram conectados on-line por horas e horas ao longo das noites. Eu não teria conseguido terminar este livro e chegar ao final da loucura que foi este ano sem vocês.

Agradeço também ao meu agente, Jim McCarthy, que moveu céus e terras e prazos de entrega para me ajudar a terminar o que eu precisava terminar. Fico feliz por você ter cuidado de mim. E, finalmente, agradeço muito a Jessica Rothenberg e Ben Schrank, da Razorbill, por seu constante apoio e trabalho duro.

EDITORA RESPONSÁVEL
Gabriela Javier

PRODUÇÃO EDITORIAL
Daniele Cajueiro
Guilherme Bernardo

REVISÃO DE TRADUÇÃO
Priscila de Figueiredo

REVISÃO
Gabriel Machado
Guilherme Bernardo
Maria Clara Jeronimo

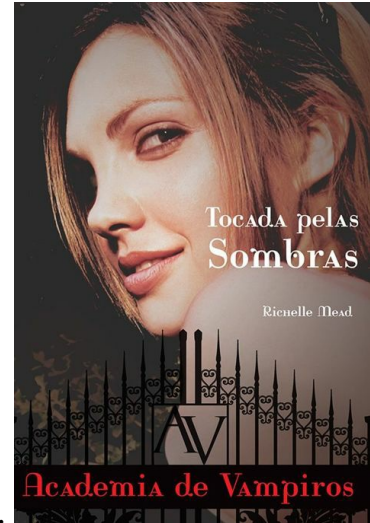
DIAGRAMAÇÃO
Filigrana

MÍDIAS DIGITAIS
Letícia Lira
Mariana Mello e Souza

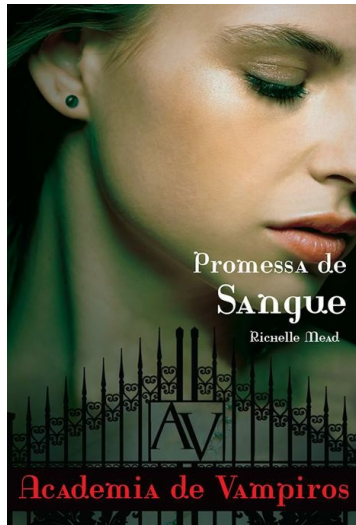
Çoleção Academia de Vampiros



1.



3.



4.



5.



6.